

EMBARGO

**até 11:30 (hora de Roma)
25 de junho de 2020**

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO
DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

***DIRETÓRIO
PARA A CATEQUESE***

SUB SECRETO PONTIFÍCIO

SIGLAS E ABREVIATURAS*

SAGRADA ESCRITURA

Am	Amós
Ap	Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
Br	Baruc
Cl	Colossenses
1Cor	1 Coríntios
Dt	Deuteronómio
Ef	Efésios
Es	Êxodo
Fl	Filipenses
Gl	Gálatas
Gn	Génesis
Heb	Hebreus
Is	Isaías
Jo	João
1Jo	1 João
Jr	Jeremias
Js	Josué
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Mt	Mateus
Os	Oseias
1Pd	1 Pedro
2Pd	2 Pedro
Pr	Provérbios
Rm	Romanos
1Rs	1 Reis
Sb	Sabedoria
Sf	Sofonias
Sl	Salmos
1Tm	1 Timóteo
2Tm	2 Timóteo
1Ts	1 Tessalonicenses

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II

AA	<i>Apostolicam actuositatem</i>
AG	<i>Ad gentes</i>
CD	<i>Christus Dominus</i>
DV	<i>Dei Verbum</i>
GE	<i>Gravissimum educationis</i>
GS	<i>Gaudium et spes</i>
LG	<i>Lumen gentium</i>
NA	<i>Nostra aetate</i>
OE	<i>Orientalium ecclesiarum</i>
OT	<i>Optatam totius</i>
PO	<i>Presbyterorum ordinis</i>
SC	<i>Sacrosanctum concilium</i>
UR	<i>Unitatis redintegratio</i>

OUTRAS ABREVIATURAS

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
AL	<i>Amoris laetitia</i> (Francisco)
ASS	<i>Acta Sanctae Sedis</i>
c.	cânone
cc.	cânones
CCE	Catechismus Catholicae Ecclesiae [= <i>Catecismo da Igreja Católica</i>]
CCEO	<i>Codex Canonum Ecclesiarum Orientalium</i> [= Código dos Cânones das Igrejas Orientais]
CCL	<i>Corpus Christianorum – Series Latina</i>
Cf.	Confere
ChV	<i>Christus vivit</i> (Francisco)
CIC	<i>Codex Iuris Canonici</i> [= Código de Direito Canónico]
CT	<i>Catechesi tradendae</i> (João Paulo II)
DGC	<i>Diretório Geral para a Catequese</i> (1997)
EG	<i>Evangelii gaudium</i> (Francisco)
EN	<i>Evangelii nuntiandi</i> (Paulo VI)
Id.	Idem
Loc. cit.	Lugar citado
n.	número
nn.	números
op. cit.	obra citada
PG	<i>Patrologia graeca</i> (J. P. Migne)
PL	<i>Patrologia latina</i> (J. P. Migne)
RICA	<i>Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos</i>

* Além das siglas dos livros da Sagrada Escritura e dos documentos do Concílio Vaticano II citados no texto deste *Diretório*, referem-se outras abreviaturas e as siglas dos documentos mais citados nas notas. Para uma visão completa de todos os documentos, veja-se o *índice dos documentos*.

APRESENTAÇÃO

O caminho da catequese destas últimas décadas ficou marcado pela Exortação apostólica *Catechesi tradendae*. Este texto não representa só o percurso feito a partir da renovação do Concílio Ecuménico Vaticano II, pois constitui também a síntese do contributo de numerosos Bispos do mundo reunidos no Sínodo de 1977. Usando palavras daquele documento, a catequese «visa o duplo objetivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo»¹. Uma tarefa árdua que não permite que se especifique de forma demasiado rígida as diferentes fases que o processo catequético comporta. No entanto, o objetivo, ainda que **desafiador**, permanece inalterado sobretudo no contexto cultural destas décadas. Tendo sempre como referência o que escrevia São João Paulo II, a catequese pretende «desenvolver, com a ajuda de Deus, uma fé ainda inicial, promover em plenitude e alimentar quotidianamente a vida cristã dos fiéis de todas as idades. Trata-se, com efeito, de fazer crescer, no plano do conhecimento e da vida, o germen de fé semeado pelo Espírito Santo, com o primeiro anúncio do Evangelho, e transmitido eficazmente pelo Batismo»². Deste modo, a catequese permanece enxertada na sólida tradição que caracterizou a história do cristianismo desde as suas origens. Ela permanece como uma peculiar atividade formativa da Igreja que, no respeito pelas diversas faixas etárias dos crentes, se esforça por tornar o Evangelho de Jesus Cristo sempre atual, para que sirva de amparo a um testemunho coerente.

Este *Diretório para a Catequese* posiciona-se numa dinâmica de continuidade com os dois que o precederam. A 18 de março de 1971, São Paulo VI aprovava o *Diretório Catequístico Geral*, redigido pela Congregação para o Clero. Aquele Diretório caracterizava-se por dar uma primeira sistematização ao ensinamento que tinha emergido do Vaticano II (cf. CD 44). Não se pode esquecer que São Paulo VI considerava todo o ensinamento conciliar como o «grande catecismo dos tempos modernos»³. Contudo, no Decreto *Christus Dominus*, ofereciam-se indicações pontuais e clarividentes a propósito da catequese. Os Padres conciliares diziam: «[Os Bispos] ensinem a doutrina cristã com métodos adaptados às necessidades do tempo em que vivemos, isto é, que respondam às dificuldades e problemas que mais preocupam e angustiam os homens. [...] Procurem aproveitar os diversos meios de que se dispõe atualmente: primeiramente, a pregação e a formação catequética, que ocupam sempre o primeiro lugar [...]. Vigiem para que a instrução catequética, que se destina a fazer com que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e ativa nos homens, seja ministrada com todo o

¹ CT 19.

² CT 20.

³ PAULO VI, *Discurso aos membros da I Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana* (23 de junho de 1966): *Insegnamenti di Paolo VI*, IV (1967).

cuidado quer às crianças e adolescentes, quer aos jovens, quer até mesmo aos adultos. Procurem que esta instrução seja ministrada segundo a ordem e o método mais convenientes, não só quanto à matéria a ser tratada, mas também à natureza, faculdades, idade e condições de vida dos ouvintes, e que se fundamente na Sagrada Escritura, na Tradição, na liturgia, no magistério e na vida da Igreja. Procurem, além disso, que os catequistas se preparem convenientemente para esta tarefa, conheçam plenamente a doutrina da Igreja e aprendam teórica e praticamente as leis psicológicas e as ciências pedagógicas. Esforcem-se também por restabelecer ou adaptar melhor a formação dos catecúmenos adultos» (CD 13-14).

Como se vê, este ensinamento possui critérios normativos para a constante renovação da catequese que não pode ser uma atividade isolada do contexto histórico e cultural em que se realiza. Um sinal palpável disso mesmo está no facto de, como primeira consequência, ter sido instituído a 7 de junho de 1973, o Conselho Internacional para a Catequese, órgão mediante o qual vários especialistas do mundo ajudam o Dicastério competente a dar a conhecer as instâncias presentes nas diversas Igrejas, para que a catequese seja cada vez mais conforme ao tecido eclesial, cultural e histórico.

No trigésimo aniversário do Concílio, a 11 de outubro de 1992, São João Paulo II publicava o *Catecismo da Igreja Católica*. Segundo as suas palavras, «este Catecismo não se destina a substituir os Catecismos locais [...]. Destina-se a encorajar e ajudar a redação de novos catecismos locais, que tenham em conta as diversas situações e culturas»⁴. Por conseguinte, a 15 de agosto de 1997, vinha à luz o *Diretório Geral para a Catequese*. Está ao alcance dos nossos olhos o grande trabalho que foi realizado no seguimento desta publicação. O vasto e diversificado mundo da catequese encontrou mais um impulso positivo para dar vida a novos estudos que permitissem uma melhor compreensão da exigência pedagógica e formativa da catequese, sobretudo à luz de uma renovada interpretação do catecumenato. Muitas Conferências episcopais, através das instâncias que emergiam, deram vida a novos itinerários de catequese para as várias faixas etárias. Das crianças aos adultos, dos jovens às famílias, assistiu-se a uma ulterior renovação da catequese.

A 23 de março de 2020, o Papa Francisco aprovou o novo *Diretório para a Catequese* que temos a honra e a responsabilidade de apresentar à Igreja. Ele representa uma etapa ulterior na renovação dinâmica que a catequese está a realizar. Por outro lado, os estudos catequéticos e o esforço constante de tantas Conferências episcopais permitiram alcançar objetivos altamente significativos para a vida da Igreja e o amadurecimento dos crentes, que requerem uma nova sistematização.

⁴ JOÃO PAULO II, Constituição apostólica *Fidei depositum* (11 de outubro 1992), IV.

A breve panorâmica histórica mostra que cada Diretório foi redigido no seguimento de alguns documentos importantes do Magistério. O primeiro teve como referência o ensinamento conciliar; o segundo, o *Catecismo da Igreja Católica*; e o nosso, o Sínodo sobre *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*, juntamente com a Exortação apostólica do Papa Francisco *Evangelii gaudium*. Nos três textos, permanecem exigências comuns, que são a finalidade e as tarefas da catequese, enquanto cada um deles se caracteriza pelo contexto histórico transformado e pela atualização do Magistério. Entre o primeiro e o segundo Diretório passaram vinte e seis anos; entre o segundo e o nosso, vinte e três anos. Em alguns aspetos, a cronologia mostra a exigência da dinâmica histórica a ser enfrentada. De um olhar mais aprofundado pelo contexto cultural, podem emergir as novas problemáticas que a Igreja é chamada a viver. Particularmente duas. A primeira é o fenómeno da *cultura digital* que traz consigo a segunda conotação, a *globalização da cultura*. Tanto uma como outra estão tão relacionadas entre si que determinam reciprocamente e produzem fenómenos que evidenciam uma transformação radical na existência das pessoas. A exigência de uma formação que esteja atenta a cada pessoa parece muitas vezes ensombrada diante dos modelos globais que se impõem. A tentação de se adequar a formas de homologação internacional é um risco que não deve ser subestimado, sobretudo no contexto da formação para a vida de fé. Com efeito, esta transmite-se com o encontro interpessoal e alimenta-se na esfera da comunidade. A exigência de exprimir a fé com a oração litúrgica e de a testemunhar com a força da caridade obriga a saber ultrapassar o carácter fragmentário das propostas para recuperar a unidade originária do ser cristão. Ela encontra o seu fundamento na Palavra de Deus anunciada e transmitida pela Igreja através de uma Tradição viva, que sabe acolher em si o antigo e o novo (cf. *Mt 13,52*) de gerações de crentes espalhadas por toda parte no mundo.

Nas décadas que se seguiram ao Vaticano II, a Igreja pôde voltar várias vezes a refletir sobre a grande missão que Cristo lhe confiou. São dois os documentos que marcam particularmente esta exigência de evangelização. São Paulo VI com a *Evangelii nuntiandi* e o Papa Francisco com a *Evangelii gaudium* traçam o percurso que não pode encontrar desculpas no compromisso quotidiano dos crentes para a evangelização. «A Igreja existe para evangelizar»⁵, afirmava com força São Paulo VI; «Eu sou uma missão»⁶, reitera com clareza semelhante o Papa Francisco. Não há alibis que possam desviar o olhar de uma responsabilidade que associa cada crente e toda a Igreja. Portanto, a estreita relação entre evangelização e catequese torna-se a peculiaridade deste Diretório. Ele tenciona propor um percurso em que o anúncio do *querigma* e o seu amadurecimento estão intimamente unidos.

⁵ EN 14.

⁶ EG 273.

O critério que motivou a reflexão e a redação deste Diretório encontra o seu ponto fundamental nas palavras do Papa Francisco: «Voltámos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. [...] Ao designar-se como «primeiro» este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. [...] Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano»⁷.

O primado dado ao *querigma*, a ponto de nos levar a propor uma *catequese querigmática*, não tira nada ao valor da mistagogia, nem ao testemunho da caridade. Só uma visão extrinsequista poderia levar a pensar no primeiro anúncio como um discurso articulado para convencer o interlocutor. O anúncio do Evangelho é o testemunho de um encontro que permite que se tenha os olhos fitos em Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado na história dos homens, para consumir a revelação do amor salvífico do Pai. Partindo deste núcleo da fé, a *lex credendi* abandona-se à *lex orandi* e, juntas, realizam o estilo de vida do crente como testemunho de amor que torna o anúncio credível. Com efeito, cada um sente-se envolvido num processo de realização de si mesmo, que leva a dar a resposta última e definitiva à procura de sentido.

As três partes deste *Diretório para a catequese* concebem, portanto, o percurso catequético sob o primado da evangelização. Os Bispos, que são os primeiros destinatários deste documento, em união com as Conferências episcopais, as Comissões para a catequese e os numerosos catequistas, terão a possibilidade de verificar a elaboração sistemática que se quis compor de modo a tornar mais evidente a finalidade da catequese, que é o encontro vivo com o Senhor, que transforma a vida. O processo da catequese foi descrito com insistência no tecido existencial que envolve as várias categorias de pessoas no seu ambiente vital. Deu-se amplo espaço ao tema da formação dos catequistas, porque parece urgente que se recupere o seu ministério na comunidade cristã. Por outro lado, só catequistas que vivem o seu ministério como vocação contribuem para a eficácia da catequese. Por fim,

⁷ EG 164-165.

precisamente por se realizar à luz do encontro, a catequese tem a grande responsabilidade de colaborar na inculturação da fé. Mediante este processo encontra espaço a criação de novas linguagens e metodologias que, na pluralidade das suas expressões, tornam ainda mais evidente a riqueza da Igreja universal.

O Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, ao qual cabe a competência da catequese desde 16 de janeiro de 2013, com a publicação do *Motu proprio Fides per doctrinam*, está consciente de que o *Diretório para a Catequese* é um instrumento que pode ser aperfeiçoado. Não tem qualquer pretensão de estar completo, porque, por sua natureza, se destina às Igrejas particulares, de modo que estas sejam estimuladas e auxiliadas na redação do seu próprio Diretório. A elaboração deste *Diretório* envolveu diversos especialistas, expressão da universalidade da Igreja. Além disso, nas várias fases de redação, foi submetido à consideração de vários Bispos, presbíteros e catequetas. Homens e mulheres estiveram envolvidos neste delicado trabalho que desejamos que possa constituir um contributo válido para o momento atual. Para todos eles, sem retórica, vai o nosso agradecimento pessoal e a nossa gratidão pelo grande trabalho que desenvolveram com competência, paixão e gratuidade.

Por um acaso totalmente fortuito, a aprovação deste Diretório aconteceu na memória litúrgica de São Turíbio de Mogrovejo (1538-1606). Um santo que talvez não seja muito conhecido, mas que, no entanto, deu um forte impulso à evangelização e à catequese. Voltando a percorrer os passos de Santo Ambrósio, este leigo e insigne jurista, nascido em Maiorca de uma família nobre – formado nas Universidades de Valladolid e Salamanca, onde foi docente enquanto presidente do tribunal de Granada – foi consagrado bispo e enviado pelo Papa Gregório XIII para Lima, no Peru. Compreendeu o seu ministério episcopal como evangelizador e catequista. Fazendo eco a Tertuliano, gostava de repetir: «Cristo é verdade, não costume». Reiterava-o sobretudo em relação aos *conquistadores* que oprimiam os índios em nome de uma superioridade cultural e aos sacerdotes que não tinham coragem de defender a sorte dos mais pobres. Missionário incansável, percorria os territórios da sua Igreja, procurando sobretudo os indígenas para lhes anunciar a Palavra de Deus com uma linguagem simples e facilmente acessível. Nos seus vinte e cinco anos de episcopado organizou Sínodos diocesanos e provinciais, fez-se catequista, com a produção dos primeiros catecismos para os indígenas da América do Sul, em língua espanhola, em *quéchua* e em *aymara*. A sua obra de evangelização deu frutos inesperados com milhares de índios que chegaram à fé, tendo encontrado Cristo na caridade do Bispo. Foi ele a conferir o sacramento da Confirmação a dois santos daquela Igreja: Martinho de Porres e Rosa de Lima. Em 1983, São João Paulo II proclamou-o patrono do Episcopado latino-americano. Assim, é sob a proteção deste grande catequista que se coloca também o novo *Diretório para a Catequese*.

O Papa Francisco escreveu que «o Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus. [...] Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade “ao pé da porta”, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus. [...] Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido de autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais»⁸.

A santidade é a palavra decisiva que se pode pronunciar ao apresentar um novo *Diretório para a Catequese*. Ela constitui-se como portadora de um programa de vida que os catequistas também são chamados a seguir com constância e fidelidade. Não estão sozinhos neste caminho difícil. Por toda a parte, em toda terra, a Igreja pode apresentar modelos de catequistas que alcançaram a santidade e até mesmo o martírio, vivendo todos os dias o seu ministério. O seu testemunho é fecundo e permite que, ainda nos nossos dias, se pense que cada um de nós pode seguir esta aventura mesmo na dedicação silenciosa, difícil e, por vezes, ingrata de *ser* catequista.

Vaticano, 23 de março de 2020

Memória litúrgica de São Turíbio de Mogrovejo

✠ Rino Fisichella

Arcebispo titular de Voghenza

Presidente

✠ Octavio Ruiz Arenas

Arcebispo emérito de Villavicencio

Secretário

⁸ FRANCISCO, Exortação apostólica *Gaudete et exultate* (19 de março de 2018), 6-7.14.

INTRODUÇÃO

1. A catequese pertence, de pleno direito, ao mais amplo processo de renovação que a Igreja é chamada a fazer para ser fiel ao mandato de Jesus Cristo de anunciar sempre e em toda a parte o seu Evangelho (cf. *Mt 28,19*). A catequese participa no compromisso de evangelização, de acordo com a sua natureza própria, para que a fé possa ser sustentada por um amadurecimento permanente para se exprimir num estilo de vida que deve caracterizar a existência dos discípulos de Cristo. Por esta razão, ela relaciona-se com a liturgia e a caridade, para tornar evidente a unidade constitutiva da vida nova que brotou do Batismo.

2. Tendo em conta esta renovação, o Papa Francisco indicou, na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, algumas características peculiares da catequese que a ligam mais diretamente ao anúncio do Evangelho no mundo atual.

A *catequese querigmática*¹, que vai ao âmago da fé e colhe o essencial da mensagem cristã, é uma catequese que manifesta a ação do Espírito Santo, que comunica o amor salvífico de Deus em Jesus Cristo e que continua a dar-se para a plenitude de vida de todos os homens. As diversas formulações do *querigma*, que se abrem necessariamente a percursos de aprofundamento, são outras tantas portas existenciais de acesso ao mistério.

A *catequese como iniciação mistagógica*² insere o crente na experiência viva da comunidade cristã, verdadeiro lugar da vida de fé. Esta experiência de formação é progressiva e dinâmica, rica em sinais e linguagens, favorável para uma integração de todas as dimensões da pessoa. Tudo isto remete diretamente para a conhecida intuição, bem radicada na reflexão catequética e na pastoral eclesial, da *inspiração catecumenal da catequese*, que se torna cada vez mais urgente.

3. À luz destas linhas que caracterizam a catequese em perspectiva missionária, relê-se também a finalidade do processo catequético. A atual compreensão dos dinamismos formativos da pessoa requer que a *comunhão íntima com Cristo*, que já no Magistério anterior era indicada como fim último da proposta catequética, não seja apenas indicada como valor, mas seja também realizada mediante um processo de acompanhamento³. Com efeito, o complexo processo de interiorização do Evangelho envolve a pessoa toda na singularidade da sua experiência de vida. Só uma catequese que se esforça para que cada pessoa amadureça a sua *resposta de fé* original pode atingir a finalidade indicada. É por este motivo que o presente *Diretório* reitera a importância de a catequese acompanhar o amadurecimento de uma *mentalidade de fé* numa dinâmica de *transformação*, que é afinal uma *ação espiritual*. Esta é uma forma original e necessária de *inculturação da fé*.

4. Como consequência, relendo a natureza e a finalidade da catequese, o *Diretório* oferece algumas perspectivas, fruto do discernimento realizado no contexto eclesial destas décadas, que estão transversalmente presentes em todo o documento, quase como se fossem a sua teia principal.

- Reitera-se a firme *confiança no Espírito Santo*, que está presente e age na Igreja, no mundo e no coração dos homens. Isto confere ao compromisso catequético uma nota de alegria, serenidade e responsabilidade.
- O ato de fé nasce do *amor que deseja conhecer cada vez mais o Senhor Jesus*, que vive na Igreja; por esta razão, iniciar os crentes na vida cristã equivale a introduzi-los no encontro vivo com Ele.
- A Igreja, mistério de comunhão, é animada pelo Espírito e torna-se fecunda para gerar para uma vida nova. Com este olhar de fé, reafirma-se o *papel da comunidade cristã* enquanto lugar natural onde se gera e amadurece a vida cristã.

¹ Cf. EG 164-165.

² Cf. EG 166.

³ Cf. EG 169-173.

- O processo da evangelização, e nele a catequese, é antes de mais uma *ação espiritual*. Isto exige que os catequistas sejam verdadeiros «evangelizadores com Espírito»⁴ e fiéis colaboradores dos pastores.
- Reconhece-se o papel fundamental dos batizados. Na sua dignidade de filhos de Deus, todos os crentes são *sujeitos ativos* da proposta catequética, não recetores passivos ou destinatários de um serviço; por esta razão, são chamados a tornar-se autênticos discípulos missionários.
- Viver o mistério da fé em termos de relação com o Senhor tem implicações para o anúncio do Evangelho. Com efeito, requer a *superação de todas as contraposições entre conteúdo e método*, entre fé e vida.

5. O critério que guiou a redação deste *Diretório para a Catequese* identifica-se com o desejo de aprofundar o papel da catequese na dinâmica da evangelização. A renovação teológica da primeira metade do século passado tinha feito emergir a necessidade de uma compreensão missionária da catequese. O Concílio Ecuménico Vaticano II e o Magistério subsequente recuperaram e reintegraram o vínculo essencial entre evangelização e catequese, adaptando-o em cada circunstância às exigências históricas. Portanto, a Igreja, que é, «por sua natureza, missionária» (AG 2), está uma vez mais disponível para levar a cabo, com confiança, esta nova etapa da evangelização à qual o Espírito Santo a chama. Isto requer compromisso e responsabilidade para identificar as novas linguagens com as quais comunicar a fé. No momento em que se modificaram as formas de transmissão da fé, a Igreja está a esforçar-se por decifrar alguns sinais dos tempos com os quais o Senhor lhe indica o caminho a seguir. Entre estes múltiplos sinais, podem reconhecer-se: a centralidade do crente e da sua experiência de vida, o papel relevante das relações e dos afetos, o interesse por aquilo que oferece significados verdadeiros, a redescoberta daquilo que é belo e que eleva a alma. Nestes e noutros movimentos da cultura contemporânea, a Igreja vê possibilidades de encontro e de anúncio da novidade da fé. Este é o fulcro da sua *transformação missionária*, que motiva a *conversão pastoral*.

6. Como o *Diretório Geral para a Catequese* (1997) se posicionava em linha de continuidade com o *Diretório Catequístico Geral* (1971), também este *Diretório para a Catequese* se posiciona na mesma dinâmica de continuidade e desenvolvimento com os documentos que o precederam. Não se pode esquecer que nestas duas décadas a Igreja viveu alguns acontecimentos importantes que, mesmo com ênfases diferentes, se tornaram momentos significativos para o caminho eclesial, para uma compreensão mais profunda dos mistérios da fé e da evangelização.

Vale a pena recordar, antes de mais, o fecundo pontificado de São João Paulo II que, com a sua Exortação apostólica *Catechesi tradendae* (1979), deu um verdadeiro impulso inovador à catequese. Bento XVI reiterou várias vezes a importância da catequese no processo da nova evangelização e, com a Carta apostólica *Fides per doctrinam* (2013), deu uma aplicação concreta a este compromisso. Por último, o Papa Francisco, com a sua Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (2013), quis reiterar o nexu indissociável entre evangelização e catequese à luz da cultura do encontro.

Outros grandes acontecimentos marcaram a renovação da catequese. Entre eles, não se pode esquecer o *Grande Jubileu do ano 2000*, o *Ano da fé* (2012-2013), o *Jubileu extraordinário da misericórdia* (2015-2016) e os recentes Sínodos dos bispos sobre alguns conteúdos importantes para a vida da Igreja. Recordam-se, de modo particular, os sínodos sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja* (2008), sobre *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã* (2012), sobre *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo* (2015), e sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (2018). É forçoso mencionar, por fim, a publicação do *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (2005), instrumento simples e imediato para o conhecimento da fé.

7. O *Diretório para a Catequese* articula os seus conteúdos numa estrutura renovada e sistemática. A organização das temáticas procurou considerar as diversas e legítimas sensibilidades eclesiais. A *Primeira parte (A catequese na missão evangelizadora da Igreja)* oferece os fundamentos de todo o percurso. A Revelação de Deus e a sua transmissão na Igreja abrem a reflexão sobre a dinâmica da evangelização no mundo contemporâneo, recuperando o desafio da conversão missionária, que incide

⁴ Cf. EG 259-283.

sobre a catequese (*Capítulo I*). Esta é delineada, descrevendo em traços largos a sua natureza, a sua finalidade, as suas tarefas e as suas fontes (*Capítulo II*). O catequista – cuja identidade (*Capítulo III*) e formação (*Capítulo IV*) se apresenta – torna visível e operativo o ministério eclesial da catequese. Nesta primeira parte, além de uma atualização das questões de fundo já evidenciadas, há que assinalar o capítulo sobre a formação que acolhe perspectivas importantes em ordem à renovação da catequese.

8. Com a *Segunda parte (O processo da catequese)* entra-se no cerne da dinâmica catequética. Apresenta-se, antes de mais, o paradigma de referência que é a pedagogia de Deus na história da salvação, que inspira a pedagogia da Igreja e a catequese enquanto ação educativa (*Capítulo V*). À luz deste paradigma, os critérios teológicos para o anúncio da mensagem evangélica são reorganizados, tornando-os mais adequados às exigências da cultura contemporânea. Além disso, o *Catecismo da Igreja Católica* é apresentado no seu significado teológico-catequético (*Capítulo VI*). O *Capítulo VII* apresenta algumas questões acerca do método na catequese com referências, entre outras coisas, ao tema das linguagens. A segunda parte encerra com a apresentação da catequese com os diversos interlocutores (*Capítulo VIII*). Mesmo com a consciência de que as condições culturais no mundo são muito diferentes e que, portanto, é necessário fazer pesquisas a nível local, pretendeu-se, no entanto, fornecer uma análise das características gerais desta ampla temática, acolhendo o eco dos Sínodos sobre a família e sobre os jovens. Por fim, o *Diretório* convida as Igrejas particulares a prestar atenção à catequese com as pessoas com deficiência, com os imigrantes e os emigrantes, com os reclusos.

9. A *Terceira parte (A catequese nas Igrejas particulares)* mostra como o ministério da Palavra de Deus toma corpo no concreto da vida eclesial. As Igrejas particulares, em todas as suas articulações, realizam a tarefa do anúncio do Evangelho nos diversos contextos em que estão radicadas (*Capítulo IX*). Nesta parte, reconhece-se a peculiaridade das Igrejas Orientais, que têm uma tradição catequética própria. Cada comunidade cristã é convidada a confrontar-se com a complexidade do mundo contemporâneo, no qual se fundem elementos muito diferentes (*Capítulo X*). Contextos geográficos diferentes, cenários de natureza religiosa, tendências culturais – mesmo se não são de interesse direto para a catequese eclesial – plasman a fisionomia interior do homem nosso contemporâneo, ao serviço do qual a Igreja se coloca e, portanto, não podem deixar de ser objeto de discernimento em vista da proposta catequética. Há que assinalar a reflexão sobre a cultura digital e sobre algumas questões de bioética, que fazem parte do grande debate dos nossos tempos. O *Capítulo XI*, voltando à questão da ação da Igreja particular, indica a natureza e os critérios teológicos da inculturação da fé, que se exprime também mediante a redação dos catecismos locais. O *Diretório* encerra com a apresentação dos organismos que estão ao serviço da catequese, nos diversos níveis (*Capítulo XII*).

10. O novo *Diretório para a Catequese* oferece os princípios teológico-pastorais fundamentais e algumas orientações gerais que são relevantes para a prática da catequese no nosso tempo. É natural que a sua aplicação e as indicações operativas sejam uma tarefa para as Igrejas particulares, chamadas a prover a uma elaboração destes princípios comuns para que sejam inculturados no seu contexto eclesial. Portanto, este *Diretório* é um instrumento para a elaboração do diretório nacional ou local, emanado pela autoridade competente e capaz de traduzir as indicações gerais na linguagem das respetivas comunidades eclesiais. Este *Diretório* está, assim, ao serviço dos Bispos, das Conferências episcopais, dos organismos pastorais e académicos comprometidos na catequese e na evangelização. Os catequistas poderão encontrar apoio e provocação no seu ministério quotidiano para o amadurecimento na fé dos seus irmãos.

PRIMEIRA PARTE

A catequese na missão evangelizadora da Igreja

CAPÍTULO I

A Revelação e a sua transmissão

1. JESUS CRISTO, REVELADOR E REVELAÇÃO DO PAI

A Revelação do desígnio providencial de Deus

11. Tudo o que a Igreja é, tudo o que a Igreja faz, encontra o seu fundamento último no facto de, na sua bondade e sabedoria, Deus ter desejado revelar o mistério da sua vontade, comunicando-se a si mesmo aos homens. São Paulo descreve este mistério com estas palavras: em Cristo, Deus «escolheu-nos, antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, em caridade, na sua presença, predestinando-nos a fim de sermos seus filhos adotivos, por Jesus Cristo» (*Ef* 1,4-5). Desde o princípio da criação, Deus nunca cessou de comunicar ao homem este desígnio de salvação e de lhe mostrar sinais do seu amor; e mesmo «se o homem pode esquecer ou rejeitar Deus, Deus nunca deixa de chamar todo o homem a que o procure, para que encontre a vida e a felicidade»¹.

12. Deus manifesta e realiza o seu desígnio de maneira nova e definitiva na pessoa do Filho, enviado na nossa carne, mediante o qual os homens «têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina» (DV 2). A Revelação é iniciativa do amor de Deus e está orientada para a comunhão: «Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. *Cl* 1,15; *1Tm* 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como a amigos (cf. *Ex* 33,11; *Jo* 15,14-15) e dialoga com eles (cf. *Br* 3,38), para os convidar à comunhão com Ele e nela os receber» (DV 2). Além disso, a economia da Revelação «concretiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal modo que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras, ao passo que as palavras proclamam as obras e esclarecem o mistério nelas contido» (DV 2). Vivendo como homem entre os homens, Jesus não só revela os segredos de Deus, mas leva a cabo a obra da salvação. Com efeito, «Ele – que quem O vê, vê o Pai (cf. *Jo* 14,9) –, com a sua presença e manifestação pessoal, com as suas palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, isto é, que Deus está connosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna» (DV 4).

13. Deus revelou o seu amor e do íntimo do desígnio divino surge a novidade do anúncio cristão, «a possibilidade de dizer a todos os povos: «Ele mostrou-Se. Ele pessoalmente. E agora está aberto o caminho para Ele»². Precisamente pelo facto de desvelar uma vida nova – vida sem pecado, vida de filhos, vida em abundância, vida eterna –, este anúncio é belo: «O perdão dos pecados, a justiça, a santificação, a redenção, a adoção de filhos de Deus, a herança do céu, o parentesco com o Filho de Deus. Que notícia mais bela que esta? Deus na terra e o homem no céu!»³.

14. O anúncio cristão comunica o desígnio divino, que é:

- um mistério de amor: os homens, amados por Deus, são chamados a responder-lhe, tornando-se sinal de amor para os irmãos;
- a revelação da verdade íntima de Deus como Trindade e da vocação do homem a uma vida filial em Cristo, fonte da sua dignidade;
- a oferta da salvação a todos os homens, através do mistério pascal de Jesus Cristo, dom da graça e da misericórdia de Deus, que implica a libertação do mal, do pecado e da morte;
- o chamamento definitivo a reunir na Igreja a humanidade dispersa, realizando a comunhão com Deus e a união fraterna entre os homens já hoje, mas plenamente realizada no fim dos tempos.

¹ CCE 30.

² BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 92.

³ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Mattheum*, homilia 1, 2: PG 57, 15.

Jesus anuncia o Evangelho da salvação

15. No início do seu ministério, Jesus anuncia o advento do Reino de Deus, fazendo-o acompanhar com os sinais; «proclama que foi enviado a anunciar aos pobres a alegre mensagem (cf. *Lc* 4,18), fazendo transparecer, e confirmando-o depois, com a sua vida, que o Reino de Deus é destinado a todos os homens»⁴, a começar pelos mais pobres e pecadores, e pede a conversão (cf. *Mc* 1,15). Ele inaugura e anuncia o Reino de Deus para todas as pessoas. Com a sua vida, Jesus Cristo é a plenitude da Revelação: é a manifestação plena da misericórdia de Deus e, ao mesmo tempo, do chamamento ao amor que está no coração do homem. «Ele revela-nos que “Deus é amor” (*1Jo* 4,8) e ensina-nos ao mesmo tempo que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo é o novo mandamento do amor» (GS 38). Entrar em comunhão com Ele e segui-lo confere plenitude e verdade à vida humana: «Todo aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se cada vez mais homem» (GS 41).

16. Depois da sua morte e ressurreição, o Senhor ofereceu o Espírito Santo para realizar a obra da salvação e enviou os discípulos para continuarem a sua missão no mundo. É do mandato missionário do Ressuscitado que emergem os verbos da evangelização, intimamente relacionados entre si: «proclamai» (*Mc* 16,15), «fazei discípulos, batizando e ensinado» (*Mt* 28,19-20), «sereis testemunhas» (*At* 1,8), «fazei isto em memória de mim» (*Lc* 22,19), «que vos ameis uns aos outros» (*Jo* 15,12). São assim configuradas as linhas de uma dinâmica do anúncio, em que se conjugam estreitamente o reconhecimento de ação de Deus no coração de cada homem, o primado do Espírito Santo e a abertura universal a todos os homens. A evangelização é, portanto, uma realidade «rica, complexa e dinâmica»⁵ e, conforme se desenvolve, incorpora diversas possibilidades: testemunho e anúncio, palavra e sacramento, mudança interior e transformação social. Todas estas ações são complementares e enriquecem-se reciprocamente. A Igreja continua a realizar esta tarefa com uma imensa variedade de experiências de anúncio, continuamente solicitada pelo Espírito Santo.

2. A FÉ EM JESUS CRISTO: A RESPOSTA A DEUS QUE SE REVELA

17. Partindo da inquietude que habita no seu coração, através da procura sincera do sentido da própria existência, em Cristo cada pessoa consegue compreender-se plenamente a si mesma; na familiaridade com Ele, sente que está a caminhar por sendas de verdade. A Palavra de Deus manifesta a natureza relacional de cada um e a sua vocação filial para se configurar a Cristo: «Fizeste-nos para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousa em ti»⁶. Quando o homem é alcançado por Deus, é chamado a responder com a obediência da fé e a aderir com o pleno consentimento do intelecto e da vontade, acolhendo livremente o «evangelho da graça de Deus» (*At* 20,24). Deste modo, o crente «encontra o que sempre procurou e encontra-o em abundância. A fé responde àquela ânsia, muitas vezes inconsciente e sempre limitada, de conhecer a verdade sobre Deus, sobre o próprio homem e sobre o destino que o espera»⁷.

18. A fé cristã é, antes de mais, acolhimento do amor de Deus que se revelou em Jesus Cristo, adesão sincera à sua pessoa e decisão livre de o seguir no seu caminho. Este *sim* a Jesus Cristo encerra em si duas dimensões: o abandono confiante em Deus (*fides qua*) e o consentimento de amor a tudo aquilo que Ele nos revelou (*fides quae*). Na verdade, «São João exprimiu a importância da relação pessoal com Jesus para a nossa fé, através de vários usos do verbo *crer*. Juntamente com o “crer que” é verdade o que Jesus nos diz (cf. *Jo* 14,10; 20,31), João usa mais duas expressões: “crer” Jesus (como sinónimo de dar crédito a) Jesus e “crer em” Jesus. “Cremos Jesus [i.e., damos crédito a Jesus], quando aceitamos a sua palavra, o seu testemunho, porque ele é verdadeiro (cf. *Jo* 6,30). “Cremos em” Jesus, quando o acolhemos pessoalmente na nossa vida e nos confiamos a Ele, aderindo a Ele no amor e seguindo-o ao

⁴ DGC 163.

⁵ EN 17.

⁶ AGOSTINHO DE HIPONA, *Confessiones*, 1, 1, 1: CCL 27, 1 (PL 32, 661).

⁷ DGC 55.

longo do caminho (cf. *Jo* 2,11; 6,47; 12,44)»⁸, num caminho dinâmico que dura toda a vida. Então, o *crer* comporta uma dupla adesão: «à pessoa e à verdade; à verdade, pela confiança na pessoa que a atesta»⁹, e à pessoa, porque ela mesma é a verdade que atesta. É uma adesão do coração, da mente e do agir.

19. A fé é um dom de Deus e uma virtude sobrenatural, que pode nascer no íntimo como fruto da graça e como resposta livre ao Espírito Santo, que provoca a conversão do coração e o leva a voltar-se para Deus, dando-lhe «a mansidão para aceitar e acreditar na verdade» (DV 5). Guiado pela fé, o homem chega a contemplar e a saborear Deus como amor (cf. *1Jo* 4,7-16). A fé, como acolhimento pessoal do dom de Deus, não é irracional ou cega. «A luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus, [...] por isso, não se podem contradizer entre si»¹⁰. Com efeito, a fé e a razão são complementares entre si: se a razão não permite que a fé caia no fideísmo ou no fundamentalismo, «somente a fé permite entrar dentro do mistério, proporcionando a sua compreensão coerente»¹¹.

20. A fé implica uma transformação existencial profunda realizada pelo Espírito, uma *metanoia* que «se manifesta em todos os níveis da existência do cristão: na sua vida interior de adoração e de acolhimento da vontade divina; na sua participação ativa na missão da Igreja; na sua vida matrimonial e familiar; no exercício da vida profissional; no cumprimento das atividades económicas e sociais»¹². Aceitando o dom da fé, o crente «é transformado numa nova criatura, recebe um novo ser, um ser filial, torna-se filho no Filho»¹³.

21. A fé é certamente um ato pessoal e, todavia, não é uma escolha individual e privada; tem um carácter relacional e comunitário. O cristão nasce do seio materno da Igreja; a sua fé é uma participação na fé eclesial que sempre o precede. Com efeito, o seu ato de fé pessoal representa a resposta à memória viva de um acontecimento que a Igreja lhe transmitiu. Por isso, a fé do discípulo de Cristo é acesa, sustentada e transmitida apenas na comunhão da fé eclesial, onde o «eu creio» do Batismo se conjuga com o «nós acreditamos» de toda a Igreja¹⁴. Portanto, todo o crente se une à comunidade dos discípulos e faz sua a fé da Igreja. Com a Igreja, povo de Deus a caminho na história e sacramento universal de salvação, participa da sua missão.

3. A TRANSMISSÃO DA REVELAÇÃO NA FÉ DA IGREJA

22. A Revelação é para toda a humanidade: «[Deus] quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (*1Tm* 2,4). Devido a esta vontade salvífica universal, «Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos» (DV 7). Por esta mesma razão, Jesus Cristo instituiu a Igreja sobre o fundamento dos Apóstolos. Ela realiza na história a mesma missão que Jesus tinha recebido do Pai. A Igreja é inseparável da *missão do Filho* (cf. AG 3) e da *missão do Espírito Santo* (cf. AG 4), porque constituem uma só economia da salvação.

23. O Espírito Santo, verdadeiro protagonista de toda a missão eclesial, age tanto na Igreja como naqueles que ela deve alcançar e pelos quais, de certo modo, deve também deixar-se alcançar, uma vez que Deus trabalha no coração de cada homem. O Espírito Santo continua a fecundar a Igreja que vive da Palavra de Deus e sempre a faz crescer na compreensão do Evangelho, enviando-a e apoiando-a na obra de evangelização do mundo. O próprio Espírito, a partir do coração da humanidade, semeia a

⁸ FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013), 18; cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, II-II, q. 2, a. 2.

⁹ CCE 177.

¹⁰ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et ratio* (14 de setembro de 1998), 43.

¹¹ *Ibidem*, 13.

¹² DGC 55.

¹³ FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013), 19.

¹⁴ Cf. CCE 166-167.

semente da Palavra; suscita desejo e obras de bem; prepara o acolhimento do Evangelho e concede a fé, para que, através do testemunho da Igreja, os homens possam reconhecer a presença e a comunicação amorosa de Deus. A Igreja acolhe com obediência e gratidão esta ação misteriosa do Espírito; age como seu instrumento vivo e dócil para guiar à verdade completa (cf. *Jo* 16,13) e enriquece-se a si mesma no encontro com aqueles a quem oferece o Evangelho.

24. Fiéis ao mandato divino, mediante o testemunho e as obras, a pregação oral, as instituições e os escritos inspirados pelo Espírito Santo, os apóstolos transmitiram tudo o que tinham recebido e, «para que o Evangelho permanecesse sempre íntegro e vivo na Igreja, deixaram os Bispos como seus sucessores, “entregando-lhes o seu próprio ofício de mestres”» (DV 7). Esta Tradição apostólica «progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo: com efeito, tanto a percepção das coisas como das palavras transmitidas, cresce, quer pela reflexão e estudo dos crentes que as meditam no seu coração (cf. *Lc* 2,19.51), quer pela íntima compreensão que experimentam das coisas espirituais, quer pela pregação» (DV 8).

25. A transmissão do Evangelho segundo o mandato do Senhor foi realizada de dois modos: «mediante a transmissão viva da Palavra de Deus (chamada também simplesmente a Tradição) e através da Sagrada Escritura que é o próprio anúncio da salvação transmitido por escrito»¹⁵. Por isso, a Tradição e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas e derivam da mesma fonte, a Revelação de Jesus Cristo. Estas unem-se numa única corrente, a vida de fé eclesial, e participam da mesma finalidade, ou seja, fazer com que todo o mistério de Jesus Cristo seja ativo e dinâmico na Igreja.

26. A Tradição não é, primeiramente, um conjunto de doutrinas, mas uma vida de fé que se renova em cada dia. Ela progride, «consolidando-se com os anos, desenvolvendo-se com o tempo, aprofundando-se com a idade»¹⁶. O Magistério da Igreja, sustentado pelo Espírito Santo e dotado do carisma da verdade, exerce o seu ministério de interpretar de forma autêntica a Palavra de Deus, ao serviço da qual se encontra. Portanto, o Magistério desempenha o ministério de conservar a integridade da Revelação, Palavra de Deus contida na Tradição e na Sagrada Escritura, e a sua contínua transmissão. É este Magistério vivo que a interpreta de maneira coerente e que está ao seu serviço (cf. DV 10).

27. Em última análise, «através da obra do Espírito Santo e sob a guia do Magistério, a Igreja transmite a todas as gerações aquilo que foi revelado em Cristo. A Igreja vive na certeza de que o seu Senhor, tendo falado outrora, não cessa de comunicar hoje a sua Palavra na Tradição viva da Igreja e na Sagrada Escritura. De facto, a Palavra de Deus dá-se a nós na Sagrada Escritura, enquanto testemunho inspirado da revelação, que, juntamente com a Tradição viva da Igreja, constitui a regra suprema da fé»¹⁷ e a fonte principal da evangelização. Todas as outras fontes estão ordenadas à Palavra de Deus.

Revelação e evangelização

28. A Igreja, sacramento universal de salvação, obediente às indicações do Espírito Santo e na escuta da Revelação, transmite-a e sustenta a resposta de fé; «na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo aquilo em que acredita» (DV 8). Por esta razão, o mandato de evangelizar todos os homens constitui a sua missão essencial. «Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar»¹⁸. No entanto, nesta missão «a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que deve acreditar, as razões da sua

¹⁵ COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 13.

¹⁶ VICENTE DE LÉRINS, *Commonitorium primum*, 23, 9: CCL 64, 178 (PL 50, 668).

¹⁷ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 18.

¹⁸ EN 14.

esperança e o mandamento novo do amor. [...] Ela precisa de ser sempre evangelizada, se quiser conservar frescura, alento e força para anunciar o Evangelho»¹⁹.

29. Evangelizar não é, primeiramente, transmitir uma doutrina. É antes tornar Jesus presente e anunciá-lo. A missão de evangelização da Igreja exprime da melhor maneira a economia da Revelação. De facto, o Filho de Deus encarna, entra na história e torna-se homem entre os homens. A evangelização torna concreta esta presença perene de Cristo, de modo que aqueles que se aproximam da Igreja possam encontrar na sua pessoa o caminho para «salvar a própria vida» (Mt 16,25) e abrir-se a um novo horizonte.

30. A evangelização tem como finalidade última a realização plena da vida humana. Ao apresentar este ensinamento, o Ocidente cristão utilizou a categoria de *salvação*, ao passo que o Oriente cristão preferiu falar de *divinização*. Porque é que Deus se fez homem? «Para nos salvar», repete o Ocidente²⁰. «Para que o homem se torne Deus», afirma o Oriente²¹. As duas expressões são, na realidade, complementares: Deus fez-se homem para que o homem se torne verdadeiramente homem como Ele o quis e o criou: homem cuja imagem é o Filho; homem que é salvo do mal e da morte, para participar da própria natureza divina. Os crentes podem experimentar já aqui e agora esta salvação, mas ela encontrará a sua plenitude na ressurreição.

O processo da evangelização

31. A evangelização é um processo eclesial, inspirado e sustentado pelo Espírito Santo, através do qual o Evangelho é anunciado e se difunde em todo o mundo. No processo da evangelização²², a Igreja:

- impelida pela *caridade*, impregna e transforma toda a ordem temporal, assumindo as culturas e oferecendo o contributo do Evangelho para que se renovem a partir de dentro;
- faz-se próxima de todos com atitudes de solidariedade, partilha e diálogo, dando assim *testemunho* da novidade de vida dos cristãos, para que todos aqueles que os encontram sejam provocados a interrogar-se acerca do sentido da existência e das razões da sua fraternidade e esperança;
- proclama de forma explícita o Evangelho mediante o *primeiro anúncio*, chamando à *conversão*;
- inicia à fé e à vida cristã, mediante o *itinerário catecumenal* (catequese, sacramentos, testemunho de caridade, experiência de fraternidade), aqueles que se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que retomam o caminho do seu seguimento, incorporando uns e reconduzindo outros à comunidade cristã;
- mediante a educação permanente da fé, a celebração dos sacramentos e o exercício da caridade, alimenta nos fiéis o dom da *comunhão* e suscita a *missão*, enviando todos os discípulos de Cristo a anunciar o Evangelho no mundo, com obras e palavras.

32. A evangelização compreende várias etapas e momentos, que podem repetir-se, se necessário, de modo a dar o alimento evangélico mais adequado ao crescimento espiritual de cada pessoa ou comunidade. Tenha-se em conta que estas não são apenas fases sucessivas, mas também dimensões do processo.

33. A *ação missionária* é o primeiro momento da evangelização.

- a. O *testemunho*²³ engloba a abertura do coração, a capacidade de diálogo e de relações de reciprocidade, a disponibilidade para reconhecer os sinais de bem e de presença de Deus nas pessoas que se encontram. Com efeito, Deus vem ao encontro do próprio coração das pessoas a quem quer comunicar o Evangelho: Ele chega sempre primeiro. O reconhecimento do primado

¹⁹ EN 15.

²⁰ Cf., por exemplo, ANSELMO DE AOSTA, *Cur Deus homo*, 2, 18: PL 158, 425: «Deus fez-Se homem para salvar o homem».

²¹ Cf., por exemplo, GREGÓRIO DE NISSA, *Oratio catechetica*, 37: *Gregorii Nysseni Opera* 3/4, 97-98 (PG 45, 97): «Manifestando-Se, Deus uniu-Se à natureza mortal, para que a humanidade fosse com Ele divinizada, participando na divindade».

²² Cf. DGC 48.

²³ Cf. EN 21.

da graça é fundamental na evangelização, a partir do primeiro momento. Por isso, ao partilhar a vida com todos, os discípulos de Jesus testemunham, mesmo sem palavras, a alegria do Evangelho que suscita interrogações. O testemunho, que se exprime também como diálogo respeitoso, no momento oportuno transforma-se em anúncio.

- b. *A sensibilização para a fé e para a conversão inicial* tem como objetivo suscitar o interesse pelo Evangelho mediante o *primeiro anúncio*. Este é a mediação de que o Espírito pode servir-Se para tocar o coração dos homens: à procura de Deus, não crentes, indiferentes, membros de outras religiões, pessoas que têm um conhecimento superficial ou distorcido da fé cristã, cristãos com uma fé enfraquecida ou que se afastaram da Igreja. O interesse despertado, sem ser ainda uma decisão estável, cria as disposições para o acolhimento da fé. «Aquele primeiro movimento do espírito humano para a fé, que já é fruto da graça, recebe diversos nomes: propensão para a fé, preparação evangélica, inclinação para acreditar, procura religiosa. A Igreja denomina *simpatizantes* aqueles que mostram essa inquietação»²⁴.
- c. *O tempo de procura e de amadurecimento*²⁵ é necessário para poder transformar o primeiro interesse pelo Evangelho numa escolha consciente. A comunidade cristã, secundando a obra do Espírito Santo, acolhe o pedido de quem procura o Senhor e, durante o tempo que for necessário, através daqueles que designa, realiza uma primeira forma de evangelização e de discernimento, através do acompanhamento e da explicitação do *querigma*. Este tempo, também chamado *pré-catecumenato*²⁶ no itinerário catecumenal, é importante para o acolhimento do anúncio, para uma *resposta* e uma *conversão* inicial. Na verdade, ele já traz consigo o desejo de se afastar do pecado e de caminhar nos passos de Cristo.

34. *A ação catequético-iniciática* está ao serviço da *profissão de fé*. Aqueles que já encontraram Jesus Cristo sentem crescer o desejo de o conhecer mais intimamente, explicitando uma primeira opção pelo Evangelho. Na comunidade cristã, a catequese, juntamente com os ritos litúrgicos, as obras de caridade e a experiência de fraternidade, «inicia ao conhecimento da fé e à aprendizagem da vida cristã, favorecendo um caminho espiritual que provoca uma “progressiva transformação de mentalidade e costumes” (AG 13), feita de renúncias e de lutas, mas também de alegrias que Deus concede sem medida»²⁷. Nesse momento, o discípulo de Jesus Cristo está pronto para a profissão de fé quando, através da celebração dos sacramentos de iniciação, é enxertado em Cristo. Esta etapa corresponde ao tempo do *catecumenato* e ao da *purificação e iluminação* do itinerário catecumenal²⁸.

35. *A ação pastoral* nutre a fé dos batizados e ajuda-os no processo permanente de conversão da vida cristã. Na Igreja, «o batizado, sempre impulsionado pelo Espírito Santo, alimentado pelos sacramentos, pela oração e pelo exercício da caridade, e ajudado pelas múltiplas formas de educação permanente da fé, procura fazer seu o desejo de Cristo: “Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48)»²⁹. Nisto consiste o chamamento à santidade para entrar na vida eterna. O início desta etapa corresponde ao tempo da *mistagogia* no itinerário catecumenal³⁰.

36. Ao longo deste processo de evangelização realiza-se o *ministério da Palavra de Deus*, para que a mensagem evangélica chegue a todos. Este ministério ou serviço da Palavra (cf. At 6,4) transmite a Revelação: efetivamente, Deus, que fala «por meio dos homens e à maneira humana» (DV 12), serve-Se da palavra da Igreja. Através dela, o Espírito Santo alcança toda a humanidade: Ele é Aquele pelo qual «a voz do Evangelho ressoa viva na Igreja e, através dela, no mundo» (DV 8).

²⁴ DGC 56a; cf. também RICA 12 e 111.

²⁵ Cf. DGC 56b.

²⁶ Cf. RICA 7. 9-13.

²⁷ DGC 56 c.

²⁸ Cf. RICA 7. 14-36.

²⁹ DGC 56 d.

³⁰ Cf. RICA 7. 37-40.

37. Uma vez que «não há evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados»³¹, a Igreja, desde os tempos apostólicos, no seu desejo de difundir a Palavra de Deus entre os não-crentes e de oferecer aos crentes uma compreensão mais profunda dessa mesma Palavra, serviu-se de várias *formas*, para que este ministério se pudesse realizar nos diversos âmbitos e expressões de vida. Entre estas formas, evidenciam-se:

- o primeiro anúncio;
- as várias tipologias de catequese;
- a homilia e a pregação;
- a leitura orante, também sob a forma de *lectio divina*;
- a piedade popular;
- o apostolado bíblico;
- o ensino da teologia;
- o ensino da religião nas escolas;
- estudos e encontros que colocam em relação a Palavra de Deus e a cultura contemporânea, também num confronto inter-religioso e intercultural.

4. A EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Uma nova etapa evangelizadora

38. A Igreja encontra-se diante de uma «nova etapa evangelizadora»³² porque também nesta mudança de época o Senhor ressuscitado continua a fazer novas todas as coisas (cf. *Ap* 21,5). O nosso tempo é complexo, atravessado por alterações profundas e, nas Igrejas de antiga tradição, fica muitas vezes marcado por fenómenos de afastamento da experiência de fé e da experiência eclesial. O próprio caminho eclesial fica marcado por dificuldades e por exigências de renovação espiritual, moral e pastoral. Ainda assim, o Espírito Santo continua a suscitar nos homens a sede de Deus e, na Igreja, um novo fervor, novos métodos e novas expressões para o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo.

39. O Espírito Santo é a alma da Igreja evangelizadora. Por este motivo, o apelo a uma *nova evangelização*³³ não coincide tanto com uma dimensão temporal, mas sobretudo com o facto de tornar todos os momentos do processo da evangelização ainda mais abertos à ação renovadora do Espírito do Ressuscitado. Os desafios que os novos tempos lançam à Igreja podem ser enfrentados, em primeiro lugar, com um dinamismo de renovação; e, do mesmo modo, este dinamismo é possível, se se mantiver uma confiança firme no Espírito Santo: «Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciar a calcular e controlar tudo, e permitir que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde Ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento»³⁴.

40. De modo particular, a espiritualidade da nova evangelização concretiza-se hoje numa *conversão pastoral*, por meio da qual a Igreja é chamada a realizar-se *em saída* segundo um dinamismo que atravessa toda a Revelação e se coloca num *estado permanente de missão*³⁵. Este impulso missionário leva também a uma verdadeira *reforma das estruturas* e das dinâmicas eclesiais, de modo que todas elas se tornem mais missionárias, ou seja, capazes de vivificar com audácia e criatividade tanto o

³¹ EN 22.

³² EG 1.17.

³³ Cf. EN 2; JOÃO PAULO II, *Homilia durante a Santa Missa no Santuário da Santa Cruz em Mogila, Nowa Huta* (9 de junho de 1979); ID., Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988), 34; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Enchiridion della nuova evangelizzazione. Testi del Magistero pontificio e conciliare 1939-2012* (2012); EG 14-18.

³⁴ EG 280.

³⁵ Cf. EG 20-33.

panorama cultural e religioso como o horizonte pessoal de cada homem. Enquanto «discípulo missionário»³⁶, cada discípulo é um sujeito ativo desta missão eclesial.

41. Esta nova etapa da evangelização diz respeito a toda a vida da Igreja e concretiza-se fundamentalmente em três âmbitos.

- a. Em primeiro lugar, está o âmbito da *pastoral ordinária*, que se realiza nas «comunidades cristãs que possuem estruturas eclesiais sólidas e adequadas e são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal»³⁷. «Devem ser incluídos também neste âmbito os fiéis que conservam uma fé católica intensa e sincera, exprimindo-a de diversos modos, embora não participem frequentemente no culto. Esta pastoral está orientada para o crescimento dos crentes, a fim de corresponderem cada vez melhor e com toda a sua vida ao amor de Deus»³⁸.
- b. Em segundo lugar, está «o âmbito das *peças batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo*, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé»³⁹. Neste grupo, há muitas pessoas que concluíram o itinerário da iniciação cristã e já participaram nos caminhos de catequese ou de educação religiosa na escola, aos quais, «para além dos métodos tradicionais de pastoral, sempre válidos, a Igreja procura lançar mão de novos métodos, valendo-se também de novas linguagens, apropriadas às diversas culturas do mundo, propondo a verdade de Cristo com uma atitude de diálogo e amizade»⁴⁰.
- c. Em terceiro lugar, está o âmbito «*daqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o rejeitaram*. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela saudade do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte maravilhoso, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração”»⁴¹. Este impulso missionário espontâneo deve ser apoiado por uma verdadeira *pastoral do primeiro anúncio*, capaz de levar a cabo iniciativas para propor de forma explícita a boa nova da fé, manifestando concretamente a força da misericórdia, verdadeiro centro do Evangelho, e favorecendo a inserção de quem se converte na comunidade eclesial.

Evangelização das culturas e inculturação da fé

42. Para estar ao serviço da Revelação, a Igreja é chamada a ver a história com os próprios olhos de Deus, para reconhecer a ação do Espírito Santo que, soprando onde quer (cf. *Jo* 3,8), «suscita na experiência humana universal, não obstante as suas múltiplas contradições, sinais da sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo a compreenderem mais profundamente a mensagem de que são portadores»⁴². Torna-se assim possível que a Igreja reconheça os *sinais dos tempos* (cf. GS 4) no coração de cada pessoa e de cada cultura, em tudo aquilo que é autenticamente humano e o promove. «Apesar de ter efetuado um discernimento diligente e cuidadoso para identificar os “verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus” (GS 11), a Igreja reconhece que não se limitou a dar, mas também “recebeu da história e evolução do género humano” (GS 44)»⁴³.

³⁶ EG 120; cf. também V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (30 de maio de 2007), 129-346.

³⁷ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 33.

³⁸ EG 14.

³⁹ EG 14.

⁴⁰ BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa de conclusão da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos* (28 de outubro de 2012).

⁴¹ EG 14; cf. também BENTO XVI, *Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe* (13 de maio de 2007).

⁴² JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Novo millennio ineunte* (6 de janeiro de 2001), 56.

⁴³ *Loc. cit.*

43. Evangelizar não significa ocupar um território, mas suscitar *processos espirituais* na vida das pessoas, para que a fé lance raízes e seja significativa. A evangelização da cultura exige que se chegue ao coração da própria cultura, esse lugar onde nascem novos temas e paradigmas, atingindo assim os núcleos mais profundos dos indivíduos e das sociedades, para as iluminar a partir de dentro com a luz do Evangelho. «Há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho. Nos países de tradição católica, tratar-se-á de acompanhar, cuidar e fortalecer a riqueza que já existe e, nos países de outras tradições religiosas ou profundamente secularizados, há que procurar novos processos de evangelização da cultura, ainda que suponham projetos a longo prazo»⁴⁴.

44. A relação entre o Evangelho e a cultura interpela desde sempre a vida da Igreja. A sua tarefa é conservar fielmente o depósito da fé, mas ao mesmo tempo «é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências dos nossos tempos»⁴⁵. Na situação atual, marcada por uma grande distância entre a fé e a cultura, é urgente repensar a obra de evangelização com novas categorias e novas linguagens que sublinhem a sua dimensão missionária.

45. Cada cultura tem a sua própria peculiaridade, mas hoje muitas expressões culturais difundem-se com o fenómeno da *globalização*. Esta vê-se reforçada pelos meios de comunicação social e pelos movimentos populares. «As transformações sociais a que assistimos nas últimas décadas têm causas complexas, que têm as suas raízes profundas no tempo longínquo e modificaram profundamente a perceção do nosso mundo. Considere-se os gigantescos progressos da ciência e da técnica, o ampliar-se das possibilidades de vida e dos espaços de liberdade individual, as profundas mudanças no âmbito económico, o processo de mistura de etnias e culturas causado por maciços fenómenos migratórios, a crescente interdependência entre os povos».⁴⁶

46. Apesar das diversas oportunidades que se apresentam neste novo cenário global, não se pode deixar de reconhecer as ambiguidades e, muitas vezes, também as dificuldades que acompanham as transformações em curso. A par de uma preocupante *desigualdade social* que, muitas vezes, desemboca em alarmantes *tensões planetárias*, está a alterar-se profundamente o *horizonte de significado* da própria experiência humana. «Na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório»⁴⁷. Um papel central é hoje confiado à *ciência* e à *técnica*, como se elas, por si sós, pudessem dar respostas às questões mais profundas. Alguns processos formativos são organizados com base em promessas desse género, em detrimento de uma formação integral, que explique as aspirações mais autênticas do espírito humano. Está em curso uma verdadeira *revolução antropológica*, que tem consequências também na experiência religiosa e que interpela vivamente a comunidade eclesial.

47. Na formação de um contexto cultural deste género, é inegável o papel dos meios de comunicação social, que redefiniram as coordenadas humanas de base, muito para além das finalidades mais estreitamente relacionadas com as exigências da comunicação. «As novas tecnologias não mudam só o modo de comunicar, mas levam a cabo uma vasta transformação cultural. Desenvolve-se um novo modo de aprender e de pensar, com oportunidades inéditas de estabelecer relações e construir a comunhão»⁴⁸. Portanto, a transformação toca a esfera da identidade e da liberdade da pessoa, como também as capacidades cognitivas e os sistemas de aprendizagem; provoca inevitavelmente o interesse das suas modalidades relacionais e, finalmente, modifica a própria abordagem da experiência fé. Portanto, para a Igreja, «a revolução nos meios de comunicação e de informação

⁴⁴ EG 69.

⁴⁵ João XXIII, *Discurso de abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II* (11 de outubro de 1962).

⁴⁶ BENTO XVI, Carta apostólica *Ubicumque et semper* (21 de setembro de 2010).

⁴⁷ EG 62.

⁴⁸ BENTO XVI, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais* (28 de fevereiro de 2011).

constitui um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus»⁴⁹.

A catequese ao serviço da nova evangelização

48. No contexto do renovado anúncio do Evangelho nos cenários alterados da cultura contemporânea, a Igreja esforça-se para que cada uma das suas atividades tenha uma intrínseca conotação evangelizadora e missionária. Uma vez que «a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja»⁵⁰, é necessário que também a catequese esteja ao serviço da nova evangelização e que, a partir dela, a catequese desenvolva algumas atenções fundamentais, de modo que o acesso pessoal ao encontro com Cristo esteja aberto de forma inequívoca a todos os homens. Em diversos contextos eclesiais, até com linguagens diferentes, vai-se assinalando alguns *acentos* da catequese, qual testemunho de um sentir comum, no qual se reconhece a ação do Senhor.

A catequese «em saída missionária»

49. A missão que Jesus Ressuscitado confiou à sua Igreja é única, mas é multiforme no seu exercício, de acordo com as pessoas e os âmbitos a quem se dirige. A missão *ad gentes* é o paradigma da ação pastoral da Igreja. Ela dirige-se a «povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos»⁵¹. Tendo por base este paradigma, a Igreja é hoje chamada a colocar-se em estado de missão permanente em todo o mundo e a transformar todas as suas ações em perspetiva missionária.

50. Nesta consciência renovada da sua vocação, a Igreja repensa também a catequese como uma das suas obras *em saída missionária*. Por este motivo, ela deverá estar disponível para se pôr à procura das notas de verdade que já estão presentes em diversas atividades humanas, confiando que Deus já está em ação no coração do homem ainda antes de ser alcançado de forma explícita pelo Evangelho. Neste sentido, deverá saber como se tornar próxima dos homens do nosso tempo, caminhando com eles lado a lado no lugar onde eles se encontram. Além disso, a catequese forma para a missão, acompanhando os cristãos no amadurecimento de atitudes de fé e tornando-os conscientes de serem *discípulos missionários*, chamados a participar ativamente no anúncio do Evangelho e a tornar presente o Reino de Deus no mundo: «A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária”»⁵².

A catequese sob o sinal da misericórdia

51. O mistério da fé cristã encontra a sua síntese na misericórdia, que se tornou visível em Jesus de Nazaré. A misericórdia, centro da Revelação de Jesus Cristo, revela o próprio mistério da Trindade. Ela é o ideal evangélico de vida, verdadeiro critério de credibilidade da fé, a trama mais profunda da vivência eclesial. A Igreja é chamada a anunciar a sua primeira verdade que é o amor de Cristo⁵³. Compreende-se cada vez melhor que não há anúncio da fé, se esse anúncio não for sinal da misericórdia de Deus. A prática da misericórdia é já uma autêntica catequese: é catequese em ação, testemunho eloquente para crentes e não-crentes, manifestação da relação entre ortodoxia e ortopraxis: «A nova evangelização não pode deixar de recorrer à linguagem da misericórdia, feita de gestos e de atitudes, antes ainda que de palavras»⁵⁴.

52. Além disso, a catequese pode ser considerada uma realização da obra de misericórdia espiritual «ensinar os ignorantes». De facto, a ação catequética consiste em dar a possibilidade de sair da

⁴⁹ FRANCISCO, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais* (24 de janeiro de 2014).

⁵⁰ EG 15.

⁵¹ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 33.

⁵² EG 23; cf. também JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988), 32.

⁵³ Cf. FRANCISCO, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus* (11 de abril de 2015), 12.

⁵⁴ FRANCISCO, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* (14 de outubro de 2013).

ignorância maior, que impede as pessoas de conhecer a sua identidade e a sua vocação. Com efeito, no *De catechizandis rudibus*, a primeira obra cristã de pedagogia catequética, Santo Agostinho afirma que a catequese se torna uma «ocasião de obra de misericórdia» na medida em que sacia «com a Palavra de Deus a inteligência de quem tem fome dela»⁵⁵. Para este santo Bispo, toda a ação catequética é sustentada pela misericórdia que, em Cristo, Deus teve para com a miséria humana. Além disso, se a misericórdia é o núcleo da Revelação, há de ser também a condição do anúncio e o estilo da sua pedagogia. Enfim, a catequese há de educar para ser «misericordiosos como o Pai» (Lc 6,36), seja favorecendo o conhecimento e a prática das *obras de misericórdia* espirituais e corporais, seja convidando a procurar novas obras [de misericórdia], que respondam às necessidades atuais.

A catequese como «laboratório» de diálogo

53. Na escola do admirável *diálogo da salvação* que é a Revelação, a Igreja compreende-se cada vez mais como sendo chamada ao diálogo com os homens do seu tempo. «A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio»⁵⁶. Esta vocação, que tem a sua raiz no mistério de Deus que, em Jesus, entra em íntimo diálogo com o homem, toma forma justamente a partir deste diálogo, assumindo as suas características. Tal diálogo é uma iniciativa livre e gratuita, começa pelo amor, não é proporcional aos méritos dos interlocutores, não obriga, destina-se a todos sem distinções, cresce com gradualidade⁵⁷. No tempo atual, este diálogo – com a sociedade, com as culturas e as ciências, com todos os outros crentes – é particularmente requerido enquanto precioso contributo para a paz⁵⁸.

54. No tempo da nova evangelização, a Igreja deseja que também a catequese acentue este *estilo dialógico*, para que seja mais facilmente manifesto o rosto do Filho que, como com a Samaritana junto ao poço, fica a dialogar com cada homem, para o conduzir com suavidade à descoberta da água viva (cf. Jo 4,5-42). Neste sentido, a catequese eclesial é um autêntico «laboratório» de diálogo, porque, na profundidade de cada pessoa, encontra a vivacidade e a complexidade, os desejos e as procuras, os limites e, por vezes, também os erros da sociedade e das culturas do mundo contemporâneo. Mesmo para a catequese, «trata-se, então, de manter um diálogo pastoral sem relativismos, que não negoceia a própria identidade cristã, mas que deseja alcançar o coração do próximo, dos outros que são diferentes de nós, e ali semear o Evangelho»⁵⁹.

⁵⁵ AGOSTINHO DE HIPONA, *De catechizandis rudibus*, 1, 14, 22: CCL 46, 146 (PL 40, 327).

⁵⁶ PAULO VI, Carta encíclica *Ecclesiam suam* (6 de agosto de 1964), 67.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 73-79.

⁵⁸ Cf. EG 238-258.

⁵⁹ FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades* (27 de novembro de 2014).

CAPÍTULO II

A identidade da catequese

1. NATUREZA DA CATEQUESE

55. A catequese é um ato de natureza eclesial, que brotou do mandato missionário do Senhor (cf. *Mt* 28,19-20) e que, como indica o seu próprio nome¹, tende a fazer *ressoar* continuamente o anúncio da sua Páscoa no coração de cada homem, para que a sua vida seja transformada. Sendo uma realidade dinâmica e complexa ao serviço da Palavra de Deus, ela acompanha, educa e forma na fé e para a fé, introduz à celebração do Mistério, ilumina e interpreta a vida e a história humana. Integrando harmonicamente estas características, a catequese exprime a riqueza da sua essência e dá o seu contributo específico para a missão pastoral da Igreja.

56. A catequese, etapa privilegiada do processo de evangelização, destina-se geralmente às pessoas que já receberam o primeiro anúncio, e em cujo íntimo ela promove os processos de iniciação, crescimento e amadurecimento na fé. No entanto, é verdade que, se ainda é útil a distinção concetual entre *pré-evangelização*, *primeiro anúncio*, *catequese* e *formação permanente*, no contexto atual já não é possível assinalar essa diferença. De facto, por um lado, quem hoje pede os sacramentos ou já os recebeu, muitas vezes não tem uma experiência de fé explícita ou não conhece a sua força e o seu calor. Por outro lado, um anúncio formal que se limite à crua enunciação dos conceitos da fé não permite uma compreensão dessa mesma fé, que consiste pelo contrário num novo horizonte de vida que se abre a partir do encontro com o Senhor Jesus.

Relação íntima entre *querigma* e catequese

57. Esta exigência, à qual a Igreja deve responder no tempo presente, coloca em evidência a necessidade de uma catequese que, de modo coerente, pode ser definida como *querigmática*: uma catequese que seja um «aprofundamento do *querigma* que, cada vez mais e melhor, se vai fazendo carne»². A catequese, que nem sempre se pode distinguir do primeiro anúncio, é chamada a ser, antes de mais, um anúncio da fé e não deve remeter para outras ações eclesiais a tarefa de ajudar a descobrir a beleza do Evangelho. É importante que cada pessoa descubra, precisamente através da catequese, que vale a pena acreditar. Deste modo, ela já não se limita a ser um mero momento de crescimento mais harmonioso da fé, mas contribui para *gerar* a própria fé e permite que se descubra a sua grandeza e a sua credibilidade. Portanto, o anúncio já não pode ser considerado simplesmente como a primeira etapa da fé, prévia à catequese, mas como a dimensão constitutiva de cada momento da catequese.

58. O *querigma*, «fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz acreditar em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai»³, é simultaneamente um *ato de anúncio* e o próprio *conteúdo* do anúncio, que desvela e torna presente o Evangelho⁴. No *querigma*, o sujeito da ação é o Senhor Jesus que se manifesta no testemunho de quem o anuncia. A vida da testemunha que experimentou a salvação torna-se, portanto, aquilo que toca e

¹ O verbo grego *katechein* significa «ressoar», «fazer ressoar».

² EG 165.

³ EG 164.

⁴ Sobre o termo «Evangelho»: cf. BENTO XVI, *Meditação durante a primeira Congregação Geral do Sínodo dos Bispos* (8 de outubro de 2012): «*Evangelho* significa: Deus interrompeu o seu silêncio, Deus falou, Deus existe. Este facto enquanto tal é salvação: Deus conhece-nos, Deus ama-nos, entrou na história. Jesus é a sua Palavra, o Deus conosco, o Deus que nos mostra que nos ama, que sofre conosco até à morte e ressuscita. Este é o próprio Evangelho. Deus falou, já não é o maior desconhecido, mas mostrou-se a si mesmo e isto é salvação».

move o interlocutor. No Novo Testamento estão presentes diversas formulações do *querigma*⁵ que correspondem às várias compreensões da salvação, que ressoa com acentos particulares nas várias culturas e para pessoas diversas. De igual modo, a Igreja deve poder encarnar o *querigma* para as exigências dos seus contemporâneos, favorecendo e incentivando que, nos lábios dos catequistas (cf. *Rm* 10,8-10), da abundância do seu coração (cf. *Mt* 12,34), numa dinâmica recíproca de escuta e diálogo (cf. *Lc* 24,13-35), floresçam *anúncios* credíveis, *confissões de fé* vitais, novos *hinos cristológicos* para narrar a cada um a boa nova: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar»⁶.

59. Desta centralidade do *querigma* para o anúncio derivam alguns sublinhados também para a catequese: «que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas»⁷. Os elementos que a catequese, como eco do *querigma*, é convidada a valorizar são: o carácter de proposta; a qualidade narrativa, afetiva e existencial; a dimensão de testemunho da fé; a atitude relacional; a tonalidade salvífica. Na verdade, tudo isto interroga a própria Igreja, chamada a ser a primeira a redescobrir o Evangelho que anuncia: o novo *anúncio* do Evangelho pede à Igreja uma *escuta* renovada do Evangelho, juntamente com os seus interlocutores.

60. Uma vez que «o *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social»⁸, é importante que se exponha inequivocamente a dimensão social da evangelização de modo a captar a sua abertura sobre toda a existência. Isto quer dizer que a eficácia da catequese é visível não apenas através do anúncio direto da Páscoa do Senhor, mas também mostrando que nova visão da vida, do homem, da justiça, da vivência social e de todo o cosmos emerge da fé, mesmo através da realização de sinais concretos. Por esta razão, a apresentação da luz com a qual o Evangelho ilumina a sociedade não é um segundo momento cronologicamente distinto do anúncio da fé em si mesmo. A catequese é um anúncio da fé, que deve forçosamente causar interesse, ainda que em germe, em todas as dimensões da vida humana.

O catecumenato, fonte de inspiração para a catequese

61. A exigência de «não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos, ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho»⁹ é razão quer para afirmar a natureza *querigmática* da catequese, quer para considerar a sua inspiração catecumenal. O catecumenato é uma prática eclesial antiga, restaurada depois do Concílio Vaticano II (cf. SC 64-66; CD 14; AG 14), oferecida aos convertidos não batizados. Tem, portanto, uma explícita intenção missionária e estrutura-se como um complexo orgânico e gradual para iniciar à fé e à vida cristã. Precisamente pelo seu carácter missionário, o catecumenato pode também inspirar a catequese daqueles que, apesar de já terem recebido o dom da graça batismal, não saboreiam efetivamente a sua riqueza¹⁰: neste sentido, fala-se de *inspiração catecumenal da catequese* ou de *catecumenato pós-batismal* ou de *catequese de iniciação à vida cristã*¹¹. Esta inspiração não esquece que os batizados «já foram introduzidos na Igreja e se tornaram filhos de Deus pelo Batismo.

⁵ Entre as numerosas fórmulas do *querigma*, a título de exemplo, cf. as seguintes: «Jesus é o Filho de Deus, o Emanuel, o Deus conosco» (cf. *Mt* 1,23); «O Reino de Deus está aqui: convertei-vos e acreditai no Evangelho» (*Mc* 1,15); «Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Filho unigénito, para que todo aquele que acredita n'Ele não se perca, mas tenha a vida eterna» (*Jo* 3,16); «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (*Jo* 10,10); «Jesus de Nazaré passou fazendo o bem e curando a todos» (*At* 10,38); «Jesus, Nosso Senhor, ressuscitou para nossa justificação» (*Rm* 4,25); «Jesus é Senhor» (*1Cor* 12,3); «Cristo morreu pelos nossos pecados» (*1Cor* 15,3); «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se a Si mesmo por mim» (*Gal* 2,20).

⁶ EG 164.

⁷ EG 165.

⁸ EG 177.

⁹ EG 34.

¹⁰ Estas pessoas podem ser chamadas *quase catecúmenos*: cf. CT 44.

¹¹ Cf. CCE 1231 e V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (30 de maio de 2007), 286-288.

A sua conversão fundamenta-se, portanto, no Batismo que já receberam e cuja força de vida eles devem fazer desabrochar»¹².

62. Por referência aos sujeitos, pode-se falar de três propostas catecumenais:

- um *catecumenato em sentido estrito* para os não batizados, quer sejam jovens e adultos, quer sejam crianças em idade escolar e adolescentes;
- um *catecumenato em sentido analógico* para os batizados que não completaram os sacramentos da iniciação cristã;
- uma *catequese de inspiração catecumenal* para todos os que receberam os sacramentos da iniciação, mas ainda não estão suficientemente evangelizados ou catequizados, ou para todos os que desejam retomar o caminho da fé.

63. A restauração do catecumenato, favorecido pelo Concílio Vaticano II, foi feita através da publicação do *Ritual da iniciação cristã dos adultos*. O catecumenato, «uma verdadeira formação de toda a vida cristã» (AG 14), é um processo estruturado em quatro tempos ou períodos, com o objetivo de guiar o catecúmeno para o encontro pleno com o mistério de Cristo na vida da comunidade, e é, portanto, considerado um *lugar típico* de iniciação, catequese e mistagogia. Os ritos de passagem¹³ entre os períodos evidenciam a gradualidade do itinerário formativo do catecúmeno:

- no *pré-catecumenato* tem lugar a primeira evangelização em ordem à conversão e explicita-se o *querigma* do primeiro anúncio;
- o tempo do *catecumenato*, propriamente dito, destina-se à catequese integral; acede-se a ele com o *Rito da admissão*, no qual pode ter lugar a “entrega dos Evangelhos”¹⁴;
- O tempo da *purificação e iluminação* fornece uma preparação mais intensa para os sacramentos de iniciação. Este período, no qual se entra pelo *Rito da eleição ou da inscrição do nome*, prevê a “tradição do Símbolo” e a “tradição da oração dominical”¹⁵;
- com a *Celebração dos sacramentos de iniciação*, na Vigília pascal, abre-se o tempo da *mistagogia*, caracterizado por uma experiência cada vez mais profunda dos mistérios da fé e da inserção na vida da comunidade¹⁶.

64. A *inspiração catecumenal da catequese* não significa reproduzir de maneira servil o catecumenato, mas assumir o seu estilo e o seu dinamismo formativo, respondendo também à «necessidade dum *renovação mistagógica*, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa»¹⁷. O catecumenato tem um tom missionário conatural que, com o tempo, se foi enfraquecendo na catequese. São repropostos os elementos de base do catecumenato que, depois do necessário discernimento, devem ser hoje compreendidos de novo, valorizados e atualizados com coragem e criatividade, num esforço de verdadeira inculturação. Esses elementos são:

- a. o *carácter pascal*: no catecumenato, tudo se orienta para o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo. A catequese comunica o coração da fé de maneira essencial e existencialmente compreensível, colocando cada pessoa em contacto com o Ressuscitado, ajudando-a a reler e a viver os momentos mais intensos da sua vida como passagens pascais;
- b. o *carácter iniciático*: o catecumenato é uma iniciação à fé que leva os catecúmenos a descobrir o mistério de Cristo e da Igreja. A catequese introduz a todas as dimensões da vida cristã, ajudando cada pessoa a iniciar, na comunidade, o seu caminho pessoal de resposta a Deus que a procurou;

¹² RICA 295.

¹³ RICA 6: «Temos assim três *degraus, passos ou portas*, que devem ser tidos como momentos maiores ou mais densos da iniciação. Estes degraus são assinalados por três ritos litúrgicos: o primeiro pelo *rito da instituição dos catecúmenos*; o segundo pela *eleição*; e o terceiro pela *celebração dos sacramentos*».

¹⁴ Este tempo prevê celebrações da Palavra de Deus, exorcismos, bênçãos e outros ritos. Cf. RICA 68-132.

¹⁵ Juntamente com as *traditiones* referidas, durante este período o catecúmeno vive os escrutínios e outros ritos de preparação imediata para a celebração dos sacramentos. Cf. RICA 133-207.

¹⁶ Cf. RICA 208-239.

¹⁷ EG 166.

- c. o *carácter litúrgico, ritual e simbólico*: o catecumenato está cheio de símbolos, ritos e celebrações, que tocam os sentidos e os afetos. Precisamente graças ao «uso de símbolos eloquentes» e através de uma «renovada valorização dos sinais litúrgicos»¹⁸, a catequese pode responder deste modo às exigências do homem contemporâneo, que habitualmente considera significativas somente as experiências que o tocam na sua corporeidade e afetividade;
- d. o *carácter comunitário*: o catecumenato é um processo que se realiza numa comunidade concreta, que faz experiência da comunhão oferecida por Deus e que, portanto, está consciente da sua responsabilidade em relação ao anúncio da fé. A catequese inspirada no catecumenato integra o contributo de diversos carismas e ministérios (catequistas, agentes da liturgia e da caridade, responsáveis dos grupos eclesiais, juntamente com os ministros ordenados...), mostrando que o seio que gera para a fé é toda a comunidade;
- e. o *carácter de conversão permanente e de testemunho*: o catecumenato, no seu todo, é imaginado como um caminho de conversão e de purificação gradual, enriquecido por ritos que marcam a aquisição de um novo modo de existir e de pensar. Consciente de que a conversão nunca está plenamente realizada, mas que dura toda a vida, a catequese educa para descobrir que somos pecadores perdoados e, valorizando o rico património da Igreja, prepara também itinerários penitenciais e formativos apropriados, que favoreçam a conversão do coração e da mente num novo estilo de vida, que seja perceptível, mesmo a partir do exterior;
- f. o *carácter de progressividade da experiência formativa*¹⁹: o catecumenato é um processo dinâmico estruturado em períodos que se sucedem de forma gradual e progressiva. Este carácter evolutivo corresponde à própria biografia da pessoa, que cresce e amadurece no tempo. Acompanhando com paciência e respeitando os tempos reais do amadurecimento dos seus filhos, a Igreja manifesta a sua maternidade através desta atenção.

65. A catequese em chave *querigmática* e missionária requer que se realize uma pedagogia de iniciação inspirada no itinerário catecumenal, respondendo com sabedoria pastoral à pluralidade de situações. Por outras palavras, segundo uma escolha amadurecida em diversas Igrejas, trata-se da *catequese de iniciação à vida cristã*. É um itinerário pedagógico oferecido na comunidade eclesial que conduz o crente ao encontro pessoal com Jesus Cristo através da Palavra de Deus, da ação litúrgica e da caridade, integrando todas as dimensões da pessoa, para que esta cresça na mentalidade de fé e seja testemunha de vida nova no mundo.

2. A CATEQUESE NO PROCESSO DA EVANGELIZAÇÃO

Primeiro anúncio e catequese

66. Com o primeiro anúncio, a Igreja proclama o Evangelho e suscita a conversão. Na prática pastoral ordinária, este momento do processo evangelizador é fundamental. Na missão *ad gentes*, este momento realiza-se no período chamado pré-catecumenato. No momento atual da nova evangelização, fala-se preferencialmente, como já foi referido, de catequese *querigmática*.

67. No contexto da missão *ad gentes*, o primeiro anúncio deve ser entendido principalmente no sentido cronológico. De facto, «revelar Jesus Cristo e o seu Evangelho àqueles que não os conhecem, a partir da manhã do Pentecostes, é precisamente o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu Fundador». Ela realiza o primeiro anúncio «por meio de uma atividade complexa e diversificada, que algumas vezes se designa com o nome de *pré-evangelização*, mas que, em bom rigor, já é evangelização, embora no seu estágio inicial e ainda incompleto»²⁰. A catequese desenvolve e faz amadurecer este momento inicial. Por isso, mesmo que distintos, o primeiro anúncio e a catequese são complementares.

¹⁸ EG 166.

¹⁹ EG 166; cf. também RICA 4-6.

²⁰ EN 51.

68. Em muitos contextos eclesiais, o primeiro anúncio tem também um segundo significado. «Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos»²¹. O primeiro anúncio, tarefa de cada cristão, fundamenta-se naquele “*ide*” (*Mc* 16,15; *Mt* 28,19) que Jesus indicou aos seus discípulos e implica sair, apressar-se, fazer-se acompanhar, tornando-nos assim verdadeiros discípulos missionários. Portanto, ele não pode ser reduzido ao ensino de uma mensagem, mas é, antes de mais, partilha da vida que vem de Deus e comunicação da alegria de ter encontrado o Senhor. «No início do ser cristão, não está uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»²².

Catequese de iniciação cristã

69. A catequese de iniciação cristã une a ação *missionária*, que chama à fé, à ação *pastoral*, que alimenta continuamente. A catequese é parte integrante da iniciação cristã e está estreitamente unida com os sacramentos da iniciação, especialmente com o Batismo. «O elo que une a catequese com o Batismo é a profissão de fé que é, ao mesmo tempo, o elemento interior a este sacramento e a meta da catequese»²³. «A missão de batizar, portanto a missão sacramental, está implicada na missão de evangelizar»²⁴; por isso, não se pode separar a missão sacramental do processo da evangelização. De facto, o itinerário ritual da iniciação cristã é uma forma consumada da doutrina que não só se realiza na Igreja, mas a constitui. Na iniciação cristã não nos limitamos a uma enunciação, mas realizamos o Evangelho.

70. Os sacramentos da iniciação cristã constituem uma unidade porque «lançam os *alicerces* da vida cristã: os fiéis, renascidos pelo Batismo, são fortalecidos pela Confirmação e alimentados pela Eucaristia»²⁵. De facto, há que reiterar que «somos batizados e crismados em ordem à Eucaristia. Este dado implica o compromisso de favorecer na ação pastoral uma compreensão mais unitária do percurso de iniciação cristã»²⁶. Assim, é oportuno que se avalie e se considere a ordem teológica dos sacramentos – Batismo, Confirmação, Eucaristia – para «verificar qual será a prática que melhor pode, efetivamente, ajudar os fiéis a colocarem no centro o sacramento da Eucaristia, como realidade para a qual tende toda a iniciação»²⁷. É desejável que nos lugares onde se fazem experiências, estas não sejam casos isolados, mas fruto de uma reflexão de toda a Conferência episcopal que confirma as escolhas de ação para todo o território da sua competência.

71. A catequese de iniciação cristã é uma *formação de base, essencial, orgânica, sistemática e integral* da fé:

- a. *de base e essencial*, enquanto aprofundamento inicial do *querigma* que explicita os mistérios fundamentais da fé e dos valores evangélicos de base. «A catequese lança os fundamentos do edifício espiritual do cristão, alimenta as raízes da sua vida de fé, habilitando-o a receber o sucessivo alimento sólido, na vida ordinária da comunidade cristã»²⁸;
- b. *orgânica*, enquanto coerente e bem ordenada; *sistemática*, ou seja, não improvisada ou ocasional. A exposição orgânica e sistemática do mistério cristão distingue a catequese das outras formas de anúncio da Palavra de Deus;
- c. *integral*, por ser uma aprendizagem aberta a todas as componentes da vida cristã. A catequese

²¹ EG 164.

²² BENTO XVI, Carta encíclica *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005), 1.

²³ DGC 66.

²⁴ CCE 1122.

²⁵ COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 251.

²⁶ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis* (22 de fevereiro de 2007), 17.

²⁷ *Ibidem*, 18.

²⁸ DGC 67.

favorece gradualmente a interiorização e a integração destas componentes, provocando uma transformação do homem velho e a formação de uma mentalidade cristã.

72. Estas características da catequese de iniciação estão expressas de forma exemplar nas *sínteses* da fé elaboradas já pela Escritura (como a tríade fé, esperança e caridade) e depois na Tradição (a fé acreditada, celebrada, vivida e rezada). Estas sínteses são um modo de compreender de forma harmoniosa a vida e a história, porque não enunciam posições teológicas interessantes, mas sempre parciais, mas proclamam a própria fé da Igreja.

Catequese e formação permanente para a vida cristã

73. A catequese coloca-se ao serviço de uma resposta de fé do crente, habilitando-o para viver a vida cristã num estado de conversão. Trata-se substancialmente de favorecer a interiorização da mensagem cristã, através daquele dinamismo catequético que, na progressão, sabe integrar escuta, discernimento e purificação. Uma ação catequética deste género não fica limitada a cada crente, mas destina-se a toda a comunidade cristã para sustentar o compromisso missionário da evangelização. A catequese estimula também a inserção dos indivíduos e da comunidade no contexto social e cultural, ajudando a uma leitura cristã da história e favorecendo o compromisso social dos cristãos.

74. Estando ao serviço da educação permanente para a fé, a catequese está em relação com as diversas dimensões da vida cristã.

- a. *Catequese e Sagrada Escritura:* a Sagrada Escritura é essencial para progredir na vida de fé; a sua centralidade na catequese permite que se transmita de modo vital a história da salvação e que «se estimule o conhecimento das figuras, acontecimentos e expressões fundamentais do texto sagrado»²⁹.
- b. *Catequese, liturgia e sacramentos:* a catequese está orientada para a celebração litúrgica. É necessária tanto uma catequese que prepara para os sacramentos como uma catequese mistagógica que favoreça uma compreensão e uma experiência mais profunda da liturgia.
- c. *Catequese, caridade e testemunho:* se, por um lado, na medida em que faz eco do Evangelho, a catequese plasma para a caridade, por outro lado, o agir caritativo é parte integrante do anúncio catequético. A caridade não só é sinal de acolhimento do Evangelho, mas é também via privilegiada de acesso ao Evangelho: «todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus» (1Jo 4,7).

3. FINALIDADE DA CATEQUESE

75. No centro de cada processo de catequese está o encontro vivo com Cristo. «A finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade»³⁰. A comunhão com Cristo é o centro da vida cristã e, por conseguinte, o centro da ação catequética. A catequese está orientada para formar pessoas que conheçam cada vez melhor Jesus Cristo e o seu Evangelho de salvação libertadora, que vivam um encontro profundo com Ele e que escolham o seu estilo de vida e os seus próprios sentimentos (cf. Fl 2,5), comprometendo-se a realizar a missão de Cristo, ou seja, o anúncio do Reino de Deus, nas situações históricas em que vivem.

76. O encontro com Cristo envolve a pessoa na sua totalidade: coração, mente, sentidos. Não tem a ver apenas com a mente, mas também com o corpo e sobretudo com o coração. Neste sentido, a catequese, que ajuda à interiorização da fé e, com isto, dá um contributo insubstituível para o encontro com

²⁹ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 74. Devem ser valorizadas todas as iniciativas que reconhecem à Sagrada Escritura o seu primado pastoral, como o *Domingo da Palavra de Deus*: cf. FRANCISCO, Carta apostólica *Aperuit illis* (30 de setembro de 2019).

³⁰ CT 5.

Cristo, não é a única a favorecer a prossecução desta finalidade, convergindo com as outras dimensões da vida de fé: na experiência litúrgico-sacramental, nas relações afetivas, na vida comunitária e no serviço aos irmãos, acontece efetivamente algo de essencial para o *nascimento do homem novo* (cf. *Ef* 4,24) e para a *transformação* espiritual pessoal (cf. *Rm* 12,2).

77. A catequese amadurece a conversão inicial e ajuda os cristãos a dar um significado pleno à sua existência, educando para uma *mentalidade de fé* conforme ao Evangelho³¹, até chegar gradualmente a sentir, pensar e agir como Cristo. Neste caminho, em que intervém de forma decisiva o próprio sujeito com a sua personalidade, a capacidade de acolher o Evangelho é proporcional à situação existencial e à fase de crescimento da pessoa³². Reitera-se, no entanto, que «a *catequese dos adultos*, uma vez que é dirigida a pessoas capazes de uma adesão e de um empenho realmente responsáveis, deve ser considerada como a *principal forma de catequese*, para a qual todas as outras, não por isso menos necessárias, estão orientadas. Isso implica que a catequese das demais idades deve tê-la como ponto de referência»³³.

78. A comunhão com Cristo implica a confissão de fé no Deus único: Pai, Filho e Espírito Santo. «A profissão de fé, intrínseca ao Batismo, é eminentemente trinitária. A Igreja batiza “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (*Mt* 28,19), Deus uno e trino, ao qual o cristão confia a sua vida. [...] É importante que a catequese saiba unir bem a confissão de fé cristológica, “Jesus é o Senhor”, com a confissão trinitária, “Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo”, uma vez que são tão somente duas modalidades para se exprimir a mesma fé cristã. Aquele que, pelo *primeiro anúncio*, se converte a Jesus Cristo e o reconhece como Senhor, inicia um processo, ajudado pela catequese, que desemboca necessariamente na confissão explícita da Trindade»³⁴. Tal confissão é com certeza um ato pessoal do indivíduo, mas só atinge a sua plenitude se for feita na Igreja.

4. TAREFAS DA CATEQUESE

79. Para realizar a sua finalidade, a catequese leva a cabo algumas tarefas, interligadas entre si, que se inspiram no modo como Jesus formava os seus discípulos: dava a *conhecer* os mistérios do Reino, ensinava a *rezar*, propunha as *atitudes evangélicas*, iniciava-os à vida de *comunhão* com Ele e entre si e à *missão*. Esta pedagogia de Jesus plasmou, depois, a vida da comunidade cristã: «Eram assíduos ao *ensino dos Apóstolos*, à *comunhão fraterna*, à *fração do pão* e às *orações*» (*At* 2,42). De facto, a fé exige que as pessoas a conheçam, celebrem, vivam e façam dela oração. Para formar para uma vida cristã integral, a catequese leva a cabo, portanto, as seguintes tarefas: leva ao conhecimento da fé; inicia à celebração do Mistério; forma para a vida em Cristo; ensina a rezar e introduz à vida comunitária.

Levar ao conhecimento da fé

80. A catequese tem a missão de favorecer o conhecimento e o aprofundamento da mensagem cristã. Deste modo ajuda a conhecer as verdades da fé cristã, introduz ao conhecimento da Sagrada Escritura e da Tradição viva da Igreja, favorece o conhecimento do *Credo* (*Símbolo da fé*) e a criação de uma visão doutrinal coerente, que seja um ponto de referência na vida. É importante não subestimar esta dimensão cognitiva da fé e estar atentos a integrá-la no processo educativo de amadurecimento cristão integral. Com efeito, uma catequese que opusesse conteúdos e experiência de fé acabaria por se revelar como desastrosa. Sem a experiência de fé, ficar-se-ia privados de um verdadeiro encontro com Deus e com os irmãos; sem conteúdos impedir-se-ia o amadurecimento da fé, capaz de introduzir ao sentido da Igreja e de viver o encontro e o confronto com os outros.

³¹ Em EN 44, a finalidade da catequese é de «formar para *hábitos* de vida cristã».

³² Acerca do processo de receção pessoal da fé, cf. n. 396 deste *Diretório*.

³³ DGC 59; cf. também CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Catequístico Geral* (11 de abril de 1971), 20 e CT 43.

³⁴ DGC 82.

Iniciar à celebração do Mistério

81. Além de favorecer o conhecimento vivo do mistério de Cristo, a catequese tem também a missão de ajudar à compreensão e à experiência das celebrações litúrgicas. Através desta missão, a catequese ajuda a compreender a importância da liturgia na vida da Igreja, inicia ao conhecimento dos sacramentos e à vida sacramental, especialmente ao sacramento da Eucaristia, fonte e cume da vida e da missão da Igreja. Os sacramentos, celebrados na liturgia, são um meio especial, que comunicam plenamente Aquele que é anunciado pela Igreja.

82. Além disso, a catequese educa para as atitudes que as celebrações da Igreja exigem: alegria para o carácter festivo das celebrações, sentido de comunidade, escuta atenta da Palavra de Deus, oração confiante, louvor e ação de graças, sensibilidade aos símbolos e aos sinais. Através da participação consciente e ativa nas celebrações litúrgicas, a catequese educa para a compreensão do ano litúrgico, verdadeiro mestre da fé, e do significado do domingo, dia do Senhor e da comunidade cristã. A catequese ajuda também a valorizar as expressões de fé da piedade popular.

Formar para a vida em Cristo

83. A catequese tem a missão de fazer ressoar no coração de cada cristão o chamamento a viver uma vida nova, que corresponda à dignidade de filhos de Deus, recebida no Batismo, e à vida do Ressuscitado, que se comunica mediante os sacramentos. Esta missão consiste em mostrar que à altíssima vocação à santidade (cf. LG 40)³⁵ corresponde a resposta de um estilo de vida filial, capaz de reconduzir todas as situações à via da verdade e da felicidade que é Cristo. Neste sentido, a catequese educa para o seguimento do Senhor, de acordo com as disposições descritas nas *Bem-aventuranças* (Mt 5,1-12), que manifestam a sua própria vida. «Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-12; Lc 6,20-23). Estas são como que o bilhete de identidade do cristão»³⁶.

84. Na mesma linha, a missão catequética de educar para a vida boa segundo o Evangelho inclui a formação cristã da consciência moral, para que, em cada circunstância, o crente possa pôr-se em atitude de escuta da vontade do Pai para discernir, sob a orientação do Espírito e em consonância com a lei de Cristo (cf. Gl 6,2), o mal que deve evitar e o bem que deve fazer, realizando-o mediante uma caridade ativa. Em vista deste objetivo, é importante ensinar a tirar do mandamento da caridade desenvolvido no *Decálogo* (cf. Ex 20,1-17; Dt 5,6-21) e das virtudes, humanas e cristãs, as indicações para agir como cristãos nos diversos âmbitos da vida. Não esquecendo que o Senhor veio para dar a vida em abundância (cf. Jo 10,10), a catequese saiba indicar «o bem desejável, a proposta de vida, de maturidade, de realização, de fecundidade» para fazer dos crentes «mensageiros alegres de propostas elevadas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho»³⁷.

85. Além disso, tenha-se em conta que a resposta à vocação cristã comum se realiza de forma encarnada, porque cada filho de Deus, de acordo com a medida da sua liberdade, escutando Deus e reconhecendo os carismas por Ele confiados, tem a responsabilidade de descobrir o seu próprio papel no plano da salvação. Portanto, a educação moral na catequese exerce-se sempre num *pano de fundo vocacional*, olhando antes de mais para a vida como vocação primeira e fundamental. Todas as formas de catequese procurarão ilustrar a dignidade da vocação cristã, para acompanhar no discernimento da vocação específica, para ajudar a consolidar o próprio estado de vida. É competência da ação catequética mostrar que a fé, traduzida numa vida que se compromete a amar como Cristo, é o caminho para favorecer o advento do Reino de Deus no mundo e para esperar na promessa da bem-aventurança eterna.

³⁵ Sobre o chamamento à santidade no mundo contemporâneo, veja-se: FRANCISCO, Exortação apostólica *Gaudete et exsultate* (19 de março de 2018).

³⁶ *Ibidem*, 63.

³⁷ EG 168.

Ensinar a rezar

86. A oração é, antes de mais, dom de Deus. Na verdade, em cada batizado «o próprio Espírito intercede com gemidos inefáveis» (Rm 8,26). A catequese tem a missão de educar para a oração e na oração, desenvolvendo a dimensão contemplativa da experiência cristã. É necessário educar para rezar *com* Jesus Cristo e *como* ele: «Aprender a rezar com Jesus é rezar com os mesmos sentimentos com que Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da sua glória. Estes sentimentos refletem-se no *Pai Nosso*, a oração que Jesus ensinou aos discípulos e que é modelo de toda a oração cristã. [...] Quando a catequese é permeada por um clima de oração, a aprendizagem de toda a vida cristã alcança a sua profundidade»³⁸.

87. Esta missão implica a educação tanto para a oração pessoal como para a oração litúrgica e comunitária, iniciando às *formas permanentes de oração*: bênção e adoração, súplica, intercessão, ação de graças e louvor³⁹. Para atingir estes objetivos, há alguns caminhos consolidados: a leitura orante da Sagrada Escritura, de modo particular através da liturgia das horas e da *lectio divina*; a oração do coração, chamada *oração de Jesus*⁴⁰, a veneração da Bem-Aventurada Virgem Maria, através de exercícios de piedade como o santo Rosário, as súplicas, as procissões, etc.

Introduzir à vida comunitária

88. A fé professa-se, celebra-se, exprime-se e vive-se sobretudo na comunidade: «A dimensão comunitária não é apenas uma “moldura”, um “contorno”, mas constitui uma parte integrante da vida cristã, do testemunho e da evangelização»⁴¹. Ela está bem expressa no princípio clássico: «*Idem velle atque idem nolle* – querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar»⁴². Isto é possível através do cultivo de uma *espiritualidade da comunhão*. Esta leva a alcançar a luz da Trindade também no rosto do irmão, sentindo-o na unidade profunda do Corpo místico como parte de si, partilhando as suas alegrias e sofrimentos para descobrir os seus desejos, cuidando das suas necessidades, oferecendo-lhe uma amizade profunda e verdadeira. Ver no outro sobretudo o que é positivo para o valorizar como dom de Deus ajuda a rejeitar as tentações egoístas que provocam competição, carreirismo, desconfiança e invejas.

89. Quanto à educação para a vida comunitária, a catequese tem, por isso, a missão de: desenvolver o sentido de *pertença* à Igreja; educar para o sentido de *comunhão* eclesial, promovendo o acolhimento do Magistério, a comunhão com os pastores, o diálogo fraterno; formar para o sentido de *corresponsabilidade* eclesial, contribuindo como sujeitos ativos para a edificação da comunidade e como discípulos missionários para o seu crescimento.

5. FONTES DA CATEQUESE

90. As fontes de onde a catequese bebe devem ser consideradas em inter-correlação: uma remete para a outra, mas todas elas se referem à Palavra de Deus, da qual são expressão. A catequese pode acentuar, conforme os sujeitos e os contextos, uma das fontes em relação às outras. Isto deve ser feito com equilíbrio e sem praticar catequeses unilaterais (por exemplo, uma catequese apenas bíblica ou apenas litúrgica ou só experiencial...). Entre as fontes é evidente que a Sagrada Escritura tem a preeminência pela sua relação peculiar com a Palavra de Deus. Em certo sentido, as fontes podem ser também *vias* da catequese.

³⁸ DGC 85.

³⁹ Cf. CCE 2626-2649.

⁴⁰ CCE 435: «A oração do coração dos Orientais, chamada *oração de Jesus*, diz: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador”. A fórmula pronunciada com a boca é progressivamente acolhida pelo intelecto para descer depois ao coração e criar um *coração inteligente*, unificando o homem interior e tornando-o íntegro.

⁴¹ FRANCISCO, *Audiência geral* (15 de janeiro de 2014).

⁴² BENTO XVI, Carta encíclica *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005), 17.

A Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição

91. A catequese retira a sua mensagem da Palavra de Deus, que é a sua fonte principal. Por isso, «é fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé»⁴³. A Sagrada Escritura, que Deus inspirou, chega ao mais profundo do espírito humano, mais que qualquer outra palavra. A Palavra de Deus não se esgota na Sagrada Escritura, porque é uma realidade viva, em ação, eficaz (cf. *Is* 55,10-11; *Heb* 4,12-13). Deus fala e a sua Palavra manifesta-se na criação (cf. *Gn* 1,3ss.; *Sl* 33,6.9; *Sb* 9,1) e na história. Nos últimos dias, «falou-nos por seu Filho» (*Heb* 1,2). O Unigénito do Pai é a Palavra definitiva de Deus, que no princípio estava junto de Deus, era Deus, presidiu à criação (cf. *Jo* 1,1ss.) e se fez carne (cf. *Jo* 1,14) nascendo de mulher (cf. *Gl* 4,4) pelo poder do Espírito Santo (cf. *Lc* 1,35) para habitar entre os seus (cf. *Jo* 1,14). Voltando para o Pai (cf. *At* 1,9), leva consigo a criação por Ele redimida, que n'Ele e para Ele foi criada (cf. *Cl* 1,18-20).

92. A Igreja vive a sua missão na expectativa da manifestação escatológica do Senhor. «Esta expectativa nunca é passiva, mas tensão missionária de anúncio da Palavra de Deus que cura e redime todo o homem; ainda hoje Jesus ressuscitado nos diz: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a criatura” (*Mc* 16,15)»⁴⁴. De facto, «a fé, portanto, vem da escuta e a escuta é o anúncio da palavra de Cristo» (*Rm* 10,17). Através da pregação e da catequese, o próprio Espírito Santo ensina, dando vida a um encontro com a Palavra de Deus, viva e eficaz (cf. *Heb* 4,12). Na esteira da Tradição, o pensamento e os escritos dos Padres da Igreja têm um papel relevante. Enquanto expressão da experiência eclesial do passado e da continuidade dinâmica que existe entre o anúncio dos primeiros discípulos e o nosso⁴⁵, é bom que a vida e as obras dos Padres da Igreja sejam adequadamente colocadas entre os conteúdos da catequese.

O Magistério

93. Cristo deu aos Apóstolos e aos seus sucessores o mandato permanente de anunciar o Evangelho até aos confins da terra, prometendo-lhes a assistência do Espírito Santo (cf. *Mt* 28,20; *Mc* 16,15; *Jo* 20,21-22; *At* 1,8) que haveria de fazer deles mestres da humanidade em relação à salvação, transmitindo oralmente (Tradição) e por escrito (Sagrada Escritura) a Palavra de Deus. O Magistério conserva, interpreta e transmite o depósito da fé, ou seja, o conteúdo da Revelação. Fundamentalmente, todo o Povo de Deus tem a obrigação de conservar e de propagar o depósito da fé, uma vez que é competência de toda a Igreja anunciar o Evangelho a todos os povos. Mas a autoridade de ensinar a mensagem salvífica em nome de Jesus Cristo, oficialmente e com autoridade, pertence ao colégio dos bispos. Portanto, o Romano Pontífice e os bispos em comunhão com ele são os sujeitos do Magistério eclesial. Eles têm a responsabilidade primária de instruir o Povo de Deus acerca dos conteúdos da fé e da moral cristã, bem como de promover o seu anúncio em todo o mundo (cf. LG 25).

94. A verdade salvífica enquanto tal permanece sempre a mesma e imutável. Todavia, ao longo do tempo, a Igreja vai conhecendo cada vez melhor o depósito da Revelação. Verifica-se, portanto, um aprofundamento e um desenvolvimento homogêneo, em continuidade com a própria Palavra de Deus. Por isso, o Magistério presta serviço à Palavra e ao Povo de Deus ao lembrar as verdades salvíficas de Cristo, esclarecendo-as e aplicando-as diante dos novos desafios das várias épocas e situações, fazendo a ponte entre a Escritura e a Tradição. O Magistério é uma instituição desejada positivamente por Cristo enquanto elemento constitutivo da Igreja. Portanto, Escritura, Tradição e Magistério estão estreitamente unidos entre si e nenhum deles existe sem os outros. Juntos contribuem de maneira eficaz, cada um à sua maneira, para a salvação dos homens (cf. DV 10). A catequese, nomeadamente, é uma mediação dos pronunciamentos do Magistério.

⁴³ EG 175.

⁴⁴ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 121.

⁴⁵ Cf. BENTO XVI, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* (30 de maio de 2011).

A liturgia

95. A liturgia é uma das fontes essenciais e indispensáveis da catequese da Igreja, não apenas porque a catequese pode obter da liturgia conteúdos, linguagens, gestos e palavra da fé, mas principalmente porque elas pertencem reciprocamente uma à outra no próprio ato de acreditar. Compreendidas à luz da Tradição da Igreja, a liturgia e a catequese, mesmo tendo cada uma a sua especificidade, não devem ser justapostas, mas devem ser entendidas no contexto da vida cristã e eclesial e ambas se orientam para fazer viver a experiência do amor de Deus. O antigo princípio *lex credendi lex orandi* recorda, efetivamente, que a liturgia é um elemento constitutivo da Tradição.

96. A liturgia é «o lugar privilegiado da catequese do Povo de Deus»⁴⁶. Não se deve entender isto no sentido de que a liturgia deve perder o seu carácter celebrativo e ser transformada em catequese ou que a catequese é supérflua. Apesar de estar correto que estes dois contributos mantenham a sua especificidade, há que reconhecer que a liturgia é o cume e a fonte da vida cristã. De facto, a catequese parte de um primeiro encontro efetivo do catequizando com a comunidade que celebra o mistério, e isto equivale a dizer que a catequese se realiza plenamente quando ele toma parte na vida litúrgica da comunidade. Portanto, não se pode pensar a catequese apenas como preparação para os sacramentos, mas deve ser compreendida em relação com a experiência litúrgica. «A catequese está intrinsecamente ligada a toda a ação litúrgica e sacramental, pois é nos Sacramentos, sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude na transformação dos homens»⁴⁷. Por isso, a liturgia e a catequese são inseparáveis e alimentam-se mutuamente.

97. Como é atestado pelas *Catequeses mistagógicas* dos Padres da Igreja, o caminho formativo do cristão tinha sempre um carácter experiencial, não descurando, porém, a inteligência da fé. O encontro vivo e persuasivo com Cristo anunciado por testemunhas autênticas era determinante. Por isso, aquele que introduz aos mistérios é antes de mais uma testemunha. Esse encontro tem na celebração da Eucaristia a sua fonte e o seu cume, e aprofunda-se na catequese.

98. A exigência de um itinerário mistagógico parte desta estrutura fundamental da experiência cristã, da qual emergem três elementos essenciais⁴⁸:

- a. a interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos, em conformidade com a Tradição da Igreja, relendo os mistérios da vida de Jesus, e particularmente o seu mistério pascal, em relação com todo o percurso do Antigo Testamento;
- b. a introdução ao sentido dos sinais litúrgicos, para que a catequese mistagógica possa despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito;
- c. a apresentação do significado dos ritos em relação à vida cristã, para pôr em evidência a ligação da liturgia com a responsabilidade missionária dos fiéis e para fazer crescer a consciência de que a existência dos crentes vai sendo progressivamente transformada pelos mistérios celebrados.

No entanto, a dimensão mistagógica da catequese não se reduz apenas ao aprofundamento da iniciação cristã *depois* de ter recebido os sacramentos, mas compreende também a inserção na liturgia dominical e nas festas do ano litúrgico, com a qual a Igreja já nutre os catecúmenos e as crianças batizadas muito antes de poderem receber a Eucaristia ou de terem acesso a uma catequese orgânica e estruturada.

O testemunho dos santos e dos mártires

99. Desde os primeiros séculos que o exemplo da Virgem Maria e as vidas dos santos e dos mártires foram parte integrante e eficaz da catequese: das *acta martyrum* [atas dos mártires] às *passiones* [paixões], dos frescos nas igrejas e dos ícones às histórias edificantes para os pequeninos e as pessoas iletradas. Os testemunhos de vida e de morte pelo Senhor, dados pelos santos e pelos mártires, foram

⁴⁶ CIgC 1074.

⁴⁷ CT 23.

⁴⁸ Cf. BENTO XVI, Exortação apostólica *Sacramentum caritatis* (22 de fevereiro de 2007), 64.

autênticas *sequentiae sancti Evangelii*, trechos de Evangelho capazes de anunciar Cristo e de suscitar e alimentar a fé n'Ele.

100. A Igreja considera os mártires como mestres ilustres da fé, que, com as canseiras e os sofrimentos do seu apostolado, permitiram a primeira expansão e formulação da própria fé. Nos mártires, a Igreja encontra o seu germe de vida: «*semen est sanguis Christianorum*» [«o sangue (dos mártires) é semente de cristãos»]⁴⁹. Esta lei não pertence apenas ao cristianismo das origens, mas é válida para toda a história da Igreja até aos nossos dias. Precisamente o século XX, também chamado o *século do martírio*, demonstrou ser um século particularmente rico de testemunhas que souberam viver o Evangelho até à prova suprema do amor. O seu testemunho de fé precisa de ser conservado e transmitido na pregação e na catequese, alimentando o crescimento dos discípulos de Cristo. As aparições da Virgem Maria reconhecidas pela Igreja, as vidas e os escritos dos santos e dos mártires de todas as culturas e povos são uma verdadeira fonte de catequese.

A teologia

101. A Revelação de Deus, que está para além da capacidade de conhecimento do homem, nem por isso se opõe à razão humana, mas penetra-a e eleva-a. A investigação crente da inteligência da fé – ou seja, a teologia – é, por isso, uma exigência irrenunciável da Igreja. «O trabalho teológico está, primariamente, ao serviço do anúncio da fé e da catequese»⁵⁰. Ele penetra com inteligência crítica os conteúdos da fé, aprofunda-os e ordena-os sistematicamente, com o contributo da razão. Contudo, Cristo não é apenas uma realidade a explorar na reflexão sistemática, somente com a racionalidade, mas, enquanto verdade viva e «sabedoria de Deus» (*1Cor 1,24*), é uma presença que ilumina. A abordagem sapiencial permite que a teologia integre aspetos diferentes da fé. Além disso, a teologia «oferece o seu contributo para que a fé se torne comunicável, e a inteligência daqueles que não conhecem ainda Cristo possa procurá-la e encontrá-la»⁵¹. A ciência teológica dá o seu contributo à catequese e à prática catequética de modo mais genérico através das diversas especializações que a caracterizam: a teologia fundamental, a teologia bíblica, a teologia dogmática, a teologia moral, a teologia espiritual...; e de modo mais específico através da catequética, a teologia pastoral, a teologia da evangelização, a teologia da educação e da comunicação.

A cultura cristã

102. A cultura cristã nasce da consciência da centralidade de Jesus Cristo e do seu Evangelho, que transforma a vida dos homens. Penetrando lentamente nas diversas culturas, a fé cristã assume-as, purificadas e transformadas a partir de dentro, fazendo do estilo evangélico a sua característica essencial, contribuindo para a criação de uma cultura nova e original, a cultura cristã, que no decorrer dos séculos produziu verdadeiras obras-primas em todos os ramos do saber. Ela serviu de suporte e de veículo ao anúncio do Evangelho e, ao longo das transformações históricas, por vezes marcadas por conflitos ideológicos e culturais, conseguiu conservar valores evangélicos genuínos, como por exemplo a originalidade da pessoa humana, a dignidade da vida, a liberdade como condição da vida humana, a igualdade entre o homem e a mulher, a exigência de «rejeitar o mal e escolher o bem» (*Is 7,15*), a importância da compaixão e da solidariedade, a relevância do perdão e da misericórdia, a necessidade da abertura à transcendência.

103. Ao longo dos séculos, todavia, sobretudo nas sociedades modeladas pela cultura cristã, chegou-se a uma crise cultural, fruto de uma exasperada secularização que levou a um falso conceito de autonomia. Acolheu-se como critérios apenas os que se fundamentassem no consenso social ou nas opiniões subjetivas, muitas vezes em contraste com a ética natural. Esta «rotura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época»⁵². É evidente, portanto, a exigência de voltar a

⁴⁹ TERTULIANO, *Apologeticum*, 50, 13: CCL 1, 171 (PL 1, 603).

⁵⁰ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et ratio* (14 de setembro de 1998), 99.

⁵¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Instrução *Donum veritatis* (24 de maio de 1990), 7.

⁵² EN 20.

compreender a capacidade unificante da cultura cristã⁵³, permitindo que o Evangelho exale energias de verdadeira humanidade, paz, justiça e cultura do encontro. Estas energias que estão na base da cultura cristã tornam a fé mais compreensível e desejável.

104. A cultura cristã desempenhou um papel determinante na conservação de culturas anteriores e no progresso da cultura internacional. Por exemplo, ela foi capaz de interpretar de acordo com um espírito novo as grandes conquistas feitas pela filosofia grega e pela jurisprudência romana para fazer delas património de toda a humanidade. Além disso, modelou a percepção do bem, do justo, do verdadeiro e do belo, suscitando a criação de obras – textos literários e científicos, composições musicais, obras primas de arquitetura e pintura – que permanecerão no tempo como testemunho do contributo da fé cristã, constituindo o seu património intelectual, moral e estético.

105. Esse património, de grande valor histórico e artístico, é uma fonte que inspira e fecunda a catequese, na medida em que transmite a visão cristã do mundo com a força criadora da beleza. A catequese deverá saber valer-se do património cultural cristão na sua tentativa de «conservar no homem as capacidades de contemplação e admiração que levam à sabedoria» (GS 56) e, no tempo da fragmentação, educar para a visão da «integridade de toda a pessoa humana, na qual sobressaem os valores da inteligência, da vontade, da consciência e da fraternidade, valores que têm o seu fundamento em Deus Criador e que foram admiravelmente sanados e dignificados por Cristo» (GS 61). O considerável património cultural cristão, apresentado segundo o pensamento dos seus autores, pode mediar de forma eficaz a interiorização dos elementos centrais da mensagem evangélica.

A beleza

106. A Sagrada Escritura apresenta, de forma inequívoca, Deus como fonte de todo o esplendor e beleza. O Antigo Testamento mostra a criação, com o homem no seu vértice, como boa e bela, não tanto no sentido da ordem e da harmonia, mas da gratuidade, livre do funcionalismo. Diante da criação, que deve ser admirada e contemplada por aquilo que é, experimenta-se o encanto, o êxtase, e a reação emotiva e afetiva. As obras do homem, como o esplêndido templo de Salomão (cf. *1Rs* 7-8), são merecedoras de admiração na medida em que estão ligadas ao Criador.

107. No Novo Testamento, toda a beleza se concentra na pessoa de Jesus Cristo, revelador de Deus e «esplendor da sua glória e imagem da sua substância» (*Heb* 1,3). O seu Evangelho é fascinante porque é uma notícia bela, boa, alegre, cheia de esperança. Ele, «cheio de graça e de verdade» (*Jo* 1,14) assumindo sobre si a humanidade, narrou a beleza do agir de Deus por meio das parábolas. Na relação com os homens disse *palavras belas* que com a sua eficácia dão remédio às profundezas da alma: «Os teus pecados estão perdoados» (*Mc* 2,5), «Nem eu te condeno» (*Jo* 8,11), «Deus amou tanto o mundo» (*Jo* 3,16), «Vinde a mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei» (*Mt* 11,28). Ele realizou *ações belas*: curou, libertou, acompanhou tocando as feridas da humanidade. Suportando a crueldade da condenação à morte como aquele que «não tinha aparência de beleza» (*Is* 53,2), foi reconhecido como o «mais belo dos filhos dos homens» (*Sl* 45,3). Assim, levou a humanidade, purificada, até à glória do Pai, onde Ele mesmo se encontra «à direita da Majestade no alto dos céus» (*Heb* 1,3) e, deste modo, revelou todo o poder transformador da sua Páscoa.

108. Por isso, a Igreja tem em conta que o anúncio do Ressuscitado, para chegar ao coração humano, deve resplandecer de bondade, de verdade e de beleza. Neste sentido, é necessário «que toda a catequese preste especial atenção à *via da beleza (via pulchritudinis)*»⁵⁴. Toda a beleza pode ser um caminho que ajuda ao encontro com Deus, mas o critério da sua autenticidade não pode ser apenas o critério estético. É necessário discernir entre a beleza verdadeira e as formas aparentemente belas, mas vazias, ou até mesmo nocivas, como o fruto proibido no paraíso terrestre (cf. *Gn* 3,6). Os critérios encontram-se na exortação paulina: «tudo o que é verdadeiro e nobre, tudo o que é justo e puro, tudo o

⁵³ Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et ratio* (14 de setembro de 1998), 85.

⁵⁴ EG 167; cf. CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA, *A Via pulchritudinis*, caminho privilegiado de evangelização e de diálogo (2006).

que é amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor é o que deveis ter no pensamento» (Fl 4,8).

109. A beleza está sempre e inseparavelmente impregnada de bondade e de verdade. Por isso, contemplar a beleza provoca no homem sentimentos de alegria, prazer, ternura, plenitude, sentido, abrindo-o assim ao transcendente. A via da evangelização é a *via da beleza* e, portanto, toda a forma de beleza é fonte da catequese. Mostrando o primado da graça, especialmente manifesto na Bem-aventurada Virgem Maria, dando a conhecer a vida dos santos, enquanto verdadeiras testemunhas da beleza da fé, colocando em evidência a beleza e a carácter misterioso da criação, descobrindo e apreciando o incrível e imenso património litúrgico e artístico da Igreja, valorizando as formas mais altas da arte contemporânea, a catequese mostra de forma concreta a beleza infinita de Deus, que se exprime também nas obras humanas (cf. SC 122), e guia os catequizandos em direção ao *belo* dom que o Pai ofereceu no seu Filho.

CAPÍTULO III *O catequista*

1. A IDENTIDADE E A VOCAÇÃO DO CATEQUISTA

110. «Na edificação do Corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Único é o Espírito que, para o bem da Igreja, distribui os seus vários dons conforme a sua riqueza e as necessidades dos ministérios» (LG 7). Em virtude do Batismo e da Confirmação, os cristãos são incorporados em Cristo e participam do seu múnus sacerdotal, profético e real (cf. LG 31, AA 2); são testemunhas do anúncio evangélico pela palavra e pelo exemplo de vida cristã; mas alguns deles «podem também ser chamados a cooperar com o Bispo e os presbíteros no exercício do ministério da Palavra»¹. No conjunto dos ministérios e serviços, com os quais a Igreja realiza a sua missão evangelizadora, o «ministério da catequese»² ocupa um lugar significativo, indispensável para o crescimento da fé. Este ministério introduz à fé e, juntamente com o ministério litúrgico, gera os filhos de Deus no seio da Igreja. Por este motivo, a vocação específica do catequista tem a sua raiz na vocação comum do Povo de Deus, chamado a servir o desígnio salvífico de Deus a favor da humanidade.

111. Toda a comunidade cristã é responsável pelo ministério da catequese, mas cada um conforme a sua condição particular na Igreja: ministros ordenados, pessoas consagradas, fiéis leigos. «Através deles, na diferença das funções de cada um, o ministério catequético oferece, de modo completo, a Palavra e o testemunho da realidade eclesial. Se faltasse qualquer uma dessas formas de presença, a catequese perderia parte da própria riqueza e do próprio significado»³. O catequista pertence a uma comunidade cristã e é dela expressão. O seu serviço é vivido dentro de uma comunidade que é o sujeito primeiro do acompanhamento na fé.

112. O catequista é um cristão que recebe este chamamento particular de Deus, que, acolhido na fé, o habilita para o serviço da transmissão da fé e para a tarefa de iniciar à vida cristã. As causas imediatas para que um catequista seja chamado a servir a Palavra de Deus são muito variadas, mas todas elas são mediações das quais Deus se serve, através da Igreja, para chamar ao seu serviço. Através deste chamamento, o catequista torna-se participante da missão de Jesus de introduzir os discípulos na sua relação filial com o Pai. No entanto, o verdadeiro protagonista de toda a catequese autêntica é o Espírito Santo que, mediante uma profunda união que o catequista nutre com Jesus Cristo, torna eficazes os esforços humanos na atividade catequética. Esta atividade realiza-se no seio da Igreja: o catequista é testemunha da sua Tradição viva e mediador que facilita a inserção dos novos discípulos de Cristo no seu Corpo eclesial.

113. Em virtude da fé e da unção batismal, em colaboração com o Magistério de Cristo e como servo da ação do Espírito Santo, o catequista é:

- a. *testemunha da fé e guardião da memória de Deus*; experimentando a bondade e a verdade do Evangelho no seu encontro com a pessoa de Jesus, o catequista preserva, nutre e testemunha a vida nova que daí deriva e torna-se sinal para os outros. A fé contém a memória da história de Deus com os homens. Preservar esta memória, despertá-la nos outros e colocá-la ao serviço do anúncio é a vocação específica do catequista. O testemunho da vida é necessário para a credibilidade da missão. Reconhecendo as próprias fragilidades diante da misericórdia de Deus, o catequista não deixa de ser sinal de esperança para os irmãos⁴;

¹ CIC c. 759; cf. também CCEO c. 624 § 3.

² CT 13.

³ DGC 219a.

⁴ Cf. FRANCISCO, *Homilia na Santa Missa para a Jornada dos Catequistas por ocasião do Ano da Fé* (29 de setembro de 2013).

- b. *mestre e mistagogo* que introduz no mistério de Deus, revelado na Páscoa de Cristo; enquanto imagem de Jesus Mestre, o catequista tem a dupla tarefa de transmitir o conteúdo da fé e de guiar até ao mistério dessa mesma fé. O catequista é chamado a abrir à verdade sobre o homem e sobre a sua vocação última, comunicando o conhecimento de Cristo e, ao mesmo tempo, a introduzir às várias dimensões da vida cristã, desvelando os mistérios de salvação contidos no depósito da fé e atualizados na liturgia da Igreja;
- c. *acompanhador e educador* daqueles que lhe são confiados pela Igreja; o catequista é um perito da *arte do acompanhamento*⁵, tem competências educativas, sabe escutar e entrar nas dinâmicas do amadurecimento humano, faz-se companheiro de viagem com paciência e sentido da gradualidade, na docilidade à ação do Espírito, num processo de formação, ajudando os irmãos a amadurecer na vida cristã e a caminhar em direção a Deus. O catequista, perito em humanidade, conhece as alegrias e as esperanças do homem, as suas tristezas e angústias (cf. GS 1) e sabe colocá-las em relação com o Evangelho de Jesus.

2. O BISPO, PRIMEIRO CATEQUISTA

114. «O Bispo é o primeiro anunciador do Evangelho por meio das palavras e do testemunho da vida»⁶ e, enquanto primeiro responsável da catequese na diocese, tem a função principal de, juntamente com a pregação, promover a catequese e de predispor as diversas formas de catequese necessárias aos fiéis de acordo com os princípios e as normas emanadas pela Sé Apostólica. Além da preciosa colaboração dos secretariados diocesanos, o Bispo pode fazer-se valer da ajuda de especialistas de teologia, catequética e ciências humanas, como também dos centros de formação e de investigação catequética. O zelo do Bispo pela atividade catequética convida-o a:

- a. zelar pela catequese ocupando-se diretamente da transmissão do Evangelho e conservando a integridade do depósito da fé;
- b. assegurar a inculturação da fé no território dando prioridade a uma catequese eficaz;
- c. elaborar um projeto global de catequese, que esteja ao serviço das exigências do Povo de Deus e em sintonia com os planos pastorais diocesanos e da Conferência episcopal;
- d. suscitar e manter «uma verdadeira paixão pela catequese, uma paixão que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, meios e instrumentos e também os recursos financeiros necessários»⁷;
- e. procurar que «os catequistas se preparem convenientemente para esta missão, de modo que conheçam plenamente a doutrina da Igreja e aprendam teórica e praticamente as leis psicológicas e as ciências pedagógicas» (CD 14)⁸;
- f. verificar com atenção a qualidade dos textos e instrumentos para a catequese.

Pelo menos nos tempos fortes do ano litúrgico, especialmente na quaresma, o Bispo dever sentir a necessidade de convocar à sua catedral o Povo de Deus, para desempenhar o seu múnus de catequista.

3. O PRESBITERO NA CATEQUESE

115. O presbítero, enquanto primeiro colaborador do Bispo e por mandato dele, na qualidade de *educador na fé* (cf. PO 6), tem a responsabilidade de animar, coordenar e dirigir a atividade catequética da comunidade que lhe foi confiada⁹. «A referência ao magistério do Bispo no único presbitério diocesano e a obediência às orientações que, em matéria de catequese e para o bem dos fiéis, são emanadas por cada pastor e pelas Conferências episcopais, constituem para o sacerdote elementos a

⁵ Cf. EG 169-173: o processo formativo, ou seja, o *acompanhamento pessoal dos processos de crescimento*, facilita o amadurecer do ato de fé e a interiorização das virtudes cristãs.

⁶ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* (16 de outubro de 2003), 26. Cf. DGC 222.

⁷ CT 63; cf. também CIC c. 775 § 1; CCEO c. 623 § 1.

⁸ Cf. também CIC c. 780.

⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* (11 de fevereiro de 2013), 65; DGC 224.

serem valorizados na ação catequética»¹⁰. Os presbíteros discernem e promovem a vocação e o serviço dos catequistas.

116. O pároco é o primeiro catequista na comunidade paroquial. As funções próprias do pároco na catequese, e do presbítero em geral, são:

- a. dedicar-se com interesse competente e generoso à catequese dos fiéis confiados ao seu cuidado pastoral, tirando partido de todas as oportunidades que lhe forem dadas pela vida paroquial e pelo ambiente sociocultural para proclamar o evangelho;
- b. cuidar da relação entre a catequese, a liturgia e a caridade, valorizando de modo especial o domingo como dia do Senhor e da comunidade cristã;
- c. suscitar na comunidade o sentido da responsabilidade em relação à catequese e discernir as vocações específicas a este respeito, manifestando gratidão e promovendo o serviço prestado pelos catequistas;
- d. prover à organização da catequese, integrada no projeto pastoral da comunidade, confiando na colaboração dos catequistas. É bom que vivencie as várias fases da análise, da programação, da escolha dos instrumentos, da realização e da avaliação;
- e. assegurar a ligação entre a catequese na sua comunidade e o programa pastoral diocesano, evitando qualquer forma de subjetivismo no exercício do ministério sagrado;
- f. enquanto catequista dos catequistas, cuidar da sua formação, dedicando a esta tarefa a máxima solicitude e acompanhando-os no amadurecimento da fé; valorizando, além disso, o grupo de catequistas como contexto de comunhão e de corresponsabilidade necessário para uma formação autêntica.

4. O DIÁCONO NA CATEQUESE

117. A diaconia da Palavra de Deus, a par da liturgia e da caridade, é um serviço que os diáconos exercem para tornar presente, na comunidade, Cristo que por amor Se fez servo (cf. *Lc 22,27; Fl 2,5-11*). Além de serem admitidos a pregar na homilia, os diáconos são chamados a prestar uma «cuidadosa atenção à catequese dos fiéis nas diversas etapas da existência cristã, de forma a ajudá-los a conhecer a fé em Cristo, reforçá-la com a receção dos sacramentos e exprimi-la na sua vida pessoal, familiar, profissional e social»¹¹. Os diáconos deverão ser envolvidos nos programas catequéticos diocesanos e paroquiais, sobretudo no que diz respeito às iniciativas ligadas ao primeiro anúncio. De igual modo, são chamados a anunciar «a Palavra no seu eventual âmbito profissional, quer mediante a palavra explícita, quer apenas com a presença ativa nos lugares onde se forma a opinião pública, ou onde se aplicam as normas éticas (como os serviços sociais, os serviços a favor dos direitos da família, da vida, etc.)»¹².

118. Nalguns âmbitos é particularmente preciosa a catequese confiada aos diáconos: a vida de caridade e a família. A sua ação pode desdobrar-se entre os reclusos, os doentes, os idosos, os jovens com desvios, emigrantes, etc. Os diáconos têm a função de incluir estas pobrezas na atividade catequética das comunidades eclesiais, de modo a animar todos os crentes em vista de uma verdadeira educação à caridade. Além disso, os diáconos permanentes, que vivem o Matrimónio, devido ao seu estado de vida singular, são particularmente chamados a ser testemunhas credíveis da beleza deste sacramento. Com a ajuda das suas esposas e eventualmente dos filhos, podem comprometer-se na catequese das famílias e no acompanhamento de todas aquelas situações que necessitam de uma particular atenção e delicadeza.

¹⁰ JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes no Congresso «Os presbíteros e a catequese na Europa»* (8 de maio de 2003), 3.

¹¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA – CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos diáconos permanentes* (22 de fevereiro de 1998), 25.

¹² *Ibidem*, 26.

5. OS CONSAGRADOS AO SERVIÇO DA CATEQUESE

119. A catequese representa um terreno privilegiado do apostolado dos consagrados. De facto, na história da Igreja, eles são reconhecidos entre as figuras mais dedicadas à animação catequética. A Igreja convoca, de modo particular, as pessoas de vida consagrada para a atividade catequética, na qual o seu contributo original e específico não pode ser substituído por presbíteros ou leigos. «A primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas. Mais do que com as palavras, elas testemunham essas maravilhas com a linguagem eloquente de uma existência transfigurada, capaz de causar surpresa no mundo»¹³. A primeira catequese que interpela é a própria vida dos consagrados que, vivendo a radicalidade evangélica, são testemunhas da plenitude que a vida em Cristo torna possível.

120. As especificidades do próprio carisma a que pertencem são valorizadas quando alguns consagrados assumem a tarefa da catequese. «Mantendo intacto o carácter próprio da catequese, os carismas das diversas comunidades religiosas conotam esta tarefa comum com características próprias, frequentemente de grande profundidade religiosa, social e pedagógica. A história da catequese demonstra a vitalidade que estes carismas deram à ação educativa da Igreja»¹⁴, sobretudo para quantos imprimiram à catequese o seu ideal de vida. A Igreja continua a fortalecer-se com o seu serviço e tem esperança de um renovado compromisso ao serviço da catequese.

6. OS LEIGOS CATEQUISTAS

121. Mediante a sua inserção no mundo, os leigos prestam um precioso serviço à evangelização: o próprio facto de viverem como discípulos de Cristo é uma forma de anúncio do Evangelho. Eles partilham todas as formas de compromisso com os outros homens, impregnando as realidades temporais com o espírito do Evangelho: a evangelização «adquire um certo carácter específico e uma particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo» (LG 35). Testemunhando o Evangelho em diversos contextos, os leigos têm a oportunidade de interpretar de modo cristão os acontecimentos da vida, de falar de Cristo e dos valores cristãos, de dar razão das suas escolhas. Esta catequese, por assim dizer espontânea e ocasional, é de grande importância porque está imediatamente relacionada com o testemunho de vida.

122. A vocação ao ministério da catequese brota do sacramento do Batismo e é fortalecida pela Confirmação, sacramentos mediante os quais o leigo participa no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo. Além da vocação comum ao apostolado, alguns fiéis sentem-se chamados por Deus a assumir o papel de catequistas na comunidade cristã, ao serviço de uma catequese mais orgânica e estruturada. Este chamamento pessoal de Jesus Cristo e a relação com Ele são o verdadeiro motor da ação do catequista: «Deste conhecimento amoroso de Cristo brota o desejo de O anunciar, de evangelizar e levar os outros ao *sim* da fé em Jesus Cristo»¹⁵. A Igreja suscita e discerne esta vocação divina e confere a missão de catequizar.

123. «Sentir-se chamado a ser catequista e a receber da parte da Igreja a missão para o fazer pode adquirir, efetivamente, diversos graus de dedicação, segundo as características de cada um. Às vezes, o catequista pode colaborar com o serviço da catequese por um período limitado da sua vida, ou até mesmo simplesmente de maneira ocasional; apesar disso, trata-se sempre de um serviço e de uma colaboração preciosos. A importância do ministério da catequese, todavia, aconselha a que, na diocese, exista um certo número de religiosos e de leigos estável e generosamente dedicados à catequese,

¹³ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Vita consecrata* (25 de março de 1996), 20.

¹⁴ DGC 229.

¹⁵ CCE 429.

reconhecidos publicamente, os quais, em comunhão com os sacerdotes e o Bispo, contribuem para dar a este serviço diocesano a configuração eclesial que lhe é própria»¹⁶.

Os pais, sujeitos ativos da catequese

124. «Para os pais cristãos, a missão educativa, radicada na sua participação na obra criadora de Deus, tem uma fonte nova e específica no sacramento do Matrimônio, que os consagra para a educação propriamente cristã dos filhos»¹⁷. Pelo seu exemplo de vida quotidiana, os pais crentes têm a capacidade mais envolvente de transmitir aos seus filhos a beleza da fé cristã. «Para que as famílias possam ser cada vez mais sujeitos ativos da pastoral familiar, requer-se um esforço evangelizador e catequético dirigido à família, que a encaminhe nesta direção»¹⁸. O desafio maior é, neste caso, que os casais, as mães e os pais, sujeitos ativos da catequese, superem a mentalidade tão comum de delegação, segundo a qual a fé está reservada aos especialistas da educação religiosa. Esta mentalidade, por vezes, é favorecida pela própria comunidade que tem dificuldade de organizar a catequese num estilo de família e a partir das próprias famílias. «A Igreja é chamada a colaborar, com uma ação pastoral adequada, para que os próprios pais possam cumprir a sua missão educativa»¹⁹, tornando-se principalmente nos primeiros catequistas para os seus filhos.

Padrinhos e madrinhas, colaboradores dos pais

125. No percurso de iniciação à vida cristã, a Igreja convida a repensar a identidade e a missão do *padrinho* e da *madrinha*, enquanto apoio ao compromisso educativo dos pais. A sua tarefa é «mostrar ao catecúmeno, de modo familiar, a prática do evangelho na vida individual e na convivência social, ajudá-lo nas suas dúvidas e inquietações, dar testemunho acerca dele e velar pelo crescimento da sua vida batismal»²⁰. Estamos conscientes de que, muitas vezes, a escolha dos padrinhos não é motivada pela fé, mas se baseia em costumes familiares ou sociais: isto contribuiu significativamente para a depreciação destas figuras educativas. Em vista da responsabilidade que este papel comporta, a comunidade cristã deve indicar percursos de catequese aos padrinhos com discernimento e espírito criativo, que os ajudem a redescobrir o dom da fé e da pertença eclesial. Aqueles que são indicados para desempenhar este papel, muitas vezes, sentem-se provocados a despertar a fé batismal e a iniciar um renovado caminho de compromisso e testemunho. A eventualidade de recusar que alguém desempenhe esse encargo poderia ter para eles consequências que é necessário avaliar com muita atenção pastoral. Nos casos em que não existam as condições objetivas²¹ para que uma pessoa possa exercer esta tarefa, condições que é forçoso apresentar no diálogo que precede a escolha, de acordo com as famílias e conforme o discernimento dos pastores, poderá encontrar-se padrinhos mesmo entre os agentes de pastoral (catequistas, educadores, animadores), que sejam testemunhas de fé e presença eclesial.

O serviço dos avós para a transmissão da fé

126. São os *avós* que, juntamente com os pais, sobretudo em determinadas culturas, desempenham um papel particular na transmissão da fé aos mais jovens²². Também a Escritura relata a fé dos avós como testemunho para os netos (cf. *2Tm* 1,5). «A Igreja sempre teve em relação aos avós uma atenção particular, reconhecendo-lhes uma grande riqueza sob o perfil humano e social, assim como sob o religioso e espiritual»²³. Diante da crise das famílias, os avós, que muitas vezes têm um maior enraizamento na fé cristã e um passado rico em experiências, tornam-se importantes pontos de referência. Com efeito, não raro muitas pessoas devem precisamente aos avós a sua iniciação na vida cristã. O contributo dos avós é importante na catequese seja pelo maior espaço de tempo que podem

¹⁶ DGC 231.

¹⁷ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Familiaris consortio* (22 de novembro de 1981), 38.

¹⁸ AL 200.

¹⁹ AL 85.

²⁰ RICA 43.

²¹ Cf. CIC c. 874; CCEO c. 685.

²² Cf. FRANCISCO, *Audiência geral* (4 e 11 de março de 2015).

²³ BENTO XVI, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Família* (5 de abril de 2008).

dedicar, seja pela sua capacidade de encorajar as jovens gerações com a sua carga afetiva. A sua sabedoria é, muitas vezes, decisiva para o crescimento da fé. A oração de súplica e o canto de louvor dos avós apoia a comunidade que trabalha e luta na vida.

O grande contributo das mulheres para a catequese

127. As *mulheres* desempenham um papel precioso nas famílias e nas comunidades cristãs, prestando o seu serviço como esposas, mães, catequistas, trabalhadoras e profissionais. Têm como exemplo Maria, «exemplo do amor materno de que devem estar animados todos aqueles que colaboram na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens» (LG 65). Com as suas palavras e gestos, Jesus ensinou a reconhecer o valor da mulher. Efetivamente, quis tê-las consigo como discípulas (cf. *Mc* 15,40-41) e confiou a Maria Madalena e a outras mulheres a alegria de levar aos Apóstolos o anúncio da sua ressurreição (cf. *Mt* 28,9-10; *Mc* 16,9-10; *Lc* 24,8-9; *Jo* 20,18). Na mesma linha, a comunidade primitiva sentiu a exigência de se apropriar do ensinamento de Jesus e acolheu a presença das mulheres na obra de evangelização como um dom precioso (cf. *Lc* 8,1-3; *Jo* 4,28-29).

128. As comunidades cristãs são animadas constantemente pelo génio feminino, a ponto de se reconhecer que o seu contributo é essencial e indispensável para a realização da vida pastoral. A catequese é um destes serviços que leva a reconhecer o grande contributo oferecido pelas catequistas que se dedicam a este ministério com dedicação, paixão e competência. Na sua vida encarnam a imagem da maternidade, sabendo testemunhar, mesmo nos momentos difíceis, a ternura e a dedicação da Igreja. São capazes de compreender, com uma sensibilidade particular, o exemplo de Jesus: servir tanto nas coisas pequenas como nas grandes é a atitude de quem compreendeu o amor de Deus pelo homem até ao fundo, e não pode fazer outra coisa senão derramá-lo sobre o próximo, cuidando das pessoas e das coisas do mundo.

129. Apreciar a sensibilidade específica das mulheres na catequese não significa deixar na sombra a presença igualmente significativa dos *homens*. Pelo contrário, à luz das transformações antropológicas, ela é indispensável. Para um sadio crescimento humano e espiritual, não se pode passar sem as duas presenças, feminina e masculina. Portanto, a comunidade cristã saiba valorizar tanto a presença das catequistas, cujo número é de notória importância para a catequese, como a presença dos catequistas que exercem hoje um papel insubstituível, sobretudo para os adolescentes e os jovens. De modo particular deve apreciar-se a presença de *jovens catequistas*, que dão um contributo especial de entusiasmo, criatividade e esperança. Eles são chamados a sentir-se responsáveis na transmissão da fé.

CAPÍTULO IV

A formação dos catequistas

1. NATUREZA E FINALIDADE DA FORMAÇÃO DOS CATEQUISTAS

130. Ao longo dos séculos, a Igreja nunca deixou de dar prioridade à formação dos catequistas. No início do cristianismo, a formação que se vivia de forma experiencial girava à volta do encontro vital com Jesus Cristo, anunciado com autenticidade e testemunhado com a vida. O carácter testemunhal tornava-se o sinal qualitativo de todo o processo formativo, o qual introduzia progressivamente no mistério da fé da Igreja. Sobretudo num período como o atual, é importante considerar seriamente a rapidez das transformações sociais e a pluralidade cultural com os desafios que dela derivam. Tudo isto torna evidente que a formação dos catequistas requer uma atenção particular, porque a qualidade das propostas pastorais está necessariamente ligada às pessoas que a concretizam. Perante a complexidade e as exigências do tempo em que vivemos, é forçoso que as Igrejas particulares dediquem à formação dos catequistas energias e recursos adequados.

131. A *formação* é um processo permanente que, sob a orientação do Espírito e no seio vivo da comunidade cristã, ajuda o batizado a *tomar forma*, isto é, a desvelar a sua identidade mais profunda que é a de filho de Deus em relação de comunhão profunda com os outros irmãos. O ação formativa age como uma *transformação* da pessoa, que interioriza existencialmente a mensagem evangélica, de modo que esta possa ser luz e orientação para a sua vida e missão eclesial. É um processo que, por acontecer no íntimo do catequista, toca profundamente a sua liberdade e não pode ser reduzido apenas à instrução, à exortação moral ou à atualização de técnicas pastorais. A formação, que se vale também de competências humanas, é, em primeiro lugar, um sábio trabalho de abertura ao Espírito de Deus que, graças à disponibilidade dos sujeitos e ao zelo maternal da comunidade, *configura* os batizados a Jesus Cristo, plasmando no coração deles o seu rosto de Filho (cf. *Gl* 4,19), enviado pelo Pai a anunciar aos pobres a mensagem da salvação (cf. *Lc* 4,18).

132. A formação tem por finalidade, antes de mais, tornar os catequistas conscientes de que, enquanto batizados, são verdadeiros *discípulos missionários*, ou seja, sujeitos ativos de evangelização e, com base neste fundamento, habilitados pela Igreja a *comunicar* o Evangelho e a *acompanhar e educar* na fé. A formação dos catequistas ajuda, portanto, a desenvolver as competências necessárias para a comunicação da fé e para o acompanhamento do crescimento dos irmãos. A finalidade cristocêntrica da catequese modela toda a formação dos catequistas e pede-lhes que saibam animar o percurso catequético, de modo a fazer emergir a centralidade de Jesus Cristo na história da salvação.

2. A COMUNIDADE CRISTÃ, LUGAR PRIVILEGIADO DA FORMAÇÃO

133. «A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo. E é esta mesma comunidade que acolhe aqueles que desejam conhecer o Senhor e comprometer-se numa nova vida»¹. Ela, em cujo seio nasce e cresce para alguns a vocação específica para o serviço da catequese, é uma comunidade real, rica em dons e oportunidades, mas não isenta de limites e fraquezas. Nesta realidade comunitária, em que se faz experiência concreta da misericórdia de Deus, torna-se possível o exercício do acolhimento recíproco e do perdão. A comunidade que experimenta a força da fé e sabe viver e testemunhar o amor anuncia e educa de modo totalmente natural. O lugar por excelência da formação do catequista é, portanto, a comunidade cristã, na

¹ DGC 254.

variedade dos seus carismas e ministérios, qual ambiente habitual em que se transmite e se vive a vida de fé.

134. No âmbito da comunidade tem um papel particular o *grupo de catequistas*: nele se partilha, juntamente com os presbíteros, tanto o caminho de fé como a experiência pastoral; amadurece-se a identidade de catequista; e toma-se cada vez mais consciência do projeto de evangelização. A escuta das exigências das pessoas, o discernimento pastoral, a preparação, realização e avaliação concretas dos itinerários de fé constituem os momentos de um laboratório formativo permanente para cada um dos catequistas. O grupo de catequistas é o contexto real em que cada um pode ser continuamente evangelizado e permanece disponível para novos contributos formativos.

3. CRITÉRIOS PARA A FORMAÇÃO

135. Na formação dos catequistas é necessário ter em conta alguns critérios que servem de inspiração para os projetos formativos. Uma vez que é necessário formar catequistas para a evangelização no mundo atual, será necessário harmonizar com sabedoria a atenção devida às pessoas e às verdades de fé, o crescimento pessoal e a dimensão comunitária, o cuidado com as dinâmicas espirituais e a dedicação ao compromisso a favor do bem comum. Mais especificamente, considerem-se alguns critérios.

- a. *Espiritualidade missionária e evangelizadora*: em todo o processo formativo é vital que se respire a centralidade da experiência espiritual em perspetiva missionária. Para evitar o risco de cair numa azáfama pastoral estéril, o catequista seja formado como discípulo missionário, capaz de partir de novo, sempre a partir da sua experiência de Deus, que o envia para se colocar ao lado dos irmãos. Esta espiritualidade missionária, entendida como encontro com os outros, compromisso no mundo e paixão pela evangelização, alimenta a vida do catequista e salva do individualismo, do intimismo, da crise de identidade e da diminuição do fervor.
- b. *Catequese como formação integral*: trata-se de «formar catequistas que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã integral, desenvolvendo “tarefas de iniciação, de educação e de ensino”. São necessários catequistas que sejam, ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas»². Para tal, também a formação dos catequistas deve saber inspirar-se na experiência catecumenal que se caracteriza, entre os outros elementos, justamente por esta visão de conjunto da vida cristã.
- c. *Estilo do acompanhamento*: a Igreja sente o dever de formar os seus catequistas para a arte do acompanhamento pessoal, seja propondo-lhes a experiência de *ser acompanhados* para crescer no discipulado, seja habilitando-os e enviando-os para *acompanhar* os irmãos. Este estilo requer uma disponibilidade humilde, para se deixar tocar pelas questões e interpelar pelas situações da vida, com um olhar cheio de compaixão, mas também respeitador da liberdade dos outros. A novidade à qual o catequista é chamado está na proximidade, no acolhimento incondicional e na gratuidade com que ele se disponibiliza para caminhar ao lado dos outros para os escutar e explicar as Escrituras (cf. *Lc 24,13-35; At 8,26-39*), sem estabelecer o percurso de antemão, sem pretender ver os frutos e sem reter nada para si.
- d. *Coerência entre os estilos formativos*: «como critério geral, é preciso sublinhar a necessidade de coerência entre a pedagogia global da formação catequética e a pedagogia própria de um processo catequético. Seria muito difícil para o catequista improvisar, na sua ação, um estilo e uma sensibilidade, para os quais não tivesse sido iniciado durante a sua própria formação»³.
- e. *Perspetiva da docibilitas e da autoformação*: as ciências da formação indicam algumas atitudes como condição para um percurso formativo frutuoso. Antes de mais, é necessário que o catequista amadureça a *docibilitas*, ou seja, a disposição para se deixar tocar pela graça, pela vida, pelas pessoas numa atitude serena e positiva perante a realidade para *aprender a*

² DGC 237, cf. também CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Catequístico Geral* (11 de abril de 1971), 31.

³ DGC 237; cf. EG 171: «Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder».

aprender. Além disso, a disponibilidade para a autoformação é o que habilita o catequista a apropriar-se de um método formativo e a saber aplicá-lo a si e ao seu serviço eclesial. Trata-se concretamente de se entenderem como sujeitos sempre em formação e abertos às novidades do Espírito, de saberem preservar e alimentar sozinhos a própria vida de fé, de acolherem o grupo de catequistas como recurso para a aprendizagem, de terem o cuidado de estar atualizados.

- f. *Dinâmica de laboratório*⁴ no contexto de grupo, como prática formativa em que a fé *se aprende fazendo*, ou seja, valorizando o que se vive, os contributos e as reformulações de cada um, em vista de uma aprendizagem capaz de transformar.

4. AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO

136. A formação do catequista compreende várias dimensões. A mais profunda refere-se ao *ser* catequista, ainda antes do *fazer* de catequista. Com efeito, a formação ajuda-o a amadurecer como pessoa, como crente e como apóstolo. Esta dimensão relaciona-se hoje também com a conceção de *saber ser com* que torna evidente até que ponto a identidade pessoal é sempre uma identidade relacional. Além disso, para que o catequista desempenhe a sua função de maneira adequada, a formação estará atenta também à dimensão do *saber*, que implica uma dupla fidelidade à mensagem e à pessoa no contexto em que vive. Por fim, sendo a catequese um ato comunicativo e educativo, a formação não esquecerá a dimensão do *saber fazer*.

137. As dimensões da formação dos catequistas não devem ser consideradas independentes umas das outras; bem pelo contrário, devem ser consideradas em profunda correlação, uma vez que são aspetos da unidade indivisível da pessoa. Para um crescimento harmonioso da pessoa do catequista, é bom que o trabalho de formação esteja atento a não acentuar uma dimensão em relação à outra, mas que procure, pelo contrário, favorecer um desenvolvimento equilibrado, intervindo sobre os aspetos em que houver lacunas mais evidentes.

138. Por outro lado, o esforço para adquirir estas competências não deve levar a pensar nos catequistas como agentes habilitados em várias áreas, mas antes de mais como pessoas que fizeram a experiência do amor de Deus e que, só por ele, se colocam ao serviço do anúncio do Reino. A consciência dos próprios limites não pode levar o catequista a perder a coragem de acolher o chamamento para servir; pelo contrário, pode responder confiando na relação viva com o Senhor e no desejo de viver com autenticidade a vida cristã, e colocando generosamente ao dispor da comunidade os «cinco pães e dois peixes» (cf. *Mc* 6,38) dos seus carismas pessoais. «Devemos procurar simultaneamente uma melhor formação. [...] A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer»⁵.

Ser e saber ser com: maturidade humana, cristã e consciência missionária

139. Na dimensão do *ser*, o catequista é formado para se tornar *testemunha da fé e guardião da memória de Deus*. A formação ajuda o catequista a reconsiderar a sua própria ação catequética como uma oportunidade de crescimento humano e cristão. Com base numa maturidade humana inicial, o catequista é chamado a crescer constantemente num equilíbrio afetivo, sentido crítico, unidade e liberdade interior, vivendo relações que sustentem e enriqueçam a fé. «A verdadeira formação alimenta, sobretudo, a espiritualidade do próprio catequista, de modo que a sua ação nasça verdadeiramente do testemunho da sua própria vida»⁶. A formação sustenta, portanto, a consciência

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso na Vigília de oração no encerramento da XV Jornada Mundial da Juventude* (19 de agosto de 2000): o processo para experimentar concretamente um amadurecimento do ato de fé como elemento de transformação interior foi apresentado por João Paulo II como um *laboratório da fé*.

⁵ EG 121.

⁶ DGC 239.

missionária do catequista, mediante a interiorização das exigências do Reino que Jesus manifestou. O trabalho formativo em vista do amadurecimento humano, cristão e missionário requer um certo acompanhamento no tempo, porque intervém no núcleo que fundamenta o agir da pessoa.

140. A partir deste nível de interioridade germina o *saber ser com*, enquanto aptidão natural necessária para a catequese entendida como ato de educação e comunicação. Na dimensão relacional inerente à própria essência da pessoa (cf. *Gn 2,18*), está enxertada, de facto, a comunhão eclesial. A formação dos catequistas está atenta a revelar e fazer crescer esta capacidade relacional, que se concretiza numa disponibilidade para viver as relações humanas e eclesiais de modo fraterno e sereno⁷.

141. Reiterando o compromisso a favor do amadurecimento humano e cristão dos catequistas, a Igreja chama a atenção para a responsabilidade de procurar com determinação que, na realização da sua missão, seja garantida a todas as pessoas, especialmente aos menores e às pessoas vulneráveis, a proteção absoluta de toda a forma de abuso. «Para que tais fenómenos, em todas as suas formas, não aconteçam mais, é necessária uma conversão contínua e profunda dos corações, atestada por ações concretas e eficazes que envolvam a todos na Igreja, de modo que a santidade pessoal e o empenho moral possam concorrer para fomentar a plena credibilidade do anúncio evangélico e a eficácia da missão da Igreja»⁸.

142. Devido ao seu serviço, o catequista desempenha um papel para com as pessoas que acompanha na fé e é visto por essas mesmas pessoas como uma pessoa de referência, que exerce uma certa forma de autoridade. Torna-se, por isso, necessário que este papel seja vivido com o mais absoluto respeito pela consciência e pela pessoa do outro, de modo a evitar qualquer género de abuso, seja ele de poder, de consciência, económico ou sexual. Nos seus percursos formativos e através de um diálogo honesto com o seu diretor espiritual, os catequistas devem ser ajudados a identificar a modalidade correta para viver a sua autoridade unicamente como serviço dos irmãos. Além disso, para não trair a confiança das pessoas que lhes são confiadas, devem saber distinguir entre *foro externo* e *foro interno* e aprendam a ter grande respeito pela liberdade sagrada do outro, sem a violar nem manipular de modo algum.

Saber: formação bíblico-teológica e conhecimento do homem e do contexto social

143. O catequista é também um *mestre* que ensina a fé. De facto, fazendo do testemunho a sua primeira virtude, ele não se esquece de ser também responsável pela transmissão da fé eclesial. Portanto, na sua formação, dá-se espaço ao aprofundamento e ao estudo da mensagem a transmitir em relação com o contexto cultural, eclesial e existencial do interlocutor. Será necessário não subestimar a exigência deste aspeto da formação, que está intimamente ligado ao desejo de aprofundar o conhecimento d'Aquele que, na fé, o catequista já reconheceu como seu Senhor. A assimilação do conteúdo da fé como *sabedoria da fé* acontece antes de mais através da familiaridade com a Sagrada Escritura e com o estudo do *Catecismo da Igreja Católica*, dos catecismos da Igreja particular e dos documentos do Magistério.

144. Para isto é necessário que o catequista conheça:

- as grandes etapas da história da salvação: Antigo Testamento, Novo Testamento e história da Igreja, à luz do mistério pascal de Jesus Cristo;
- os núcleos essenciais da mensagem e da experiência cristã: o *Símbolo da fé*, a *liturgia* e os *sacramentos*, a *vida moral* e a *oração*;
- os elementos principais do Magistério eclesial acerca do anúncio do Evangelho e da catequese.

Além disso, nalgumas partes do mundo, onde convivem católicos de tradições eclesiais diversas, os catequistas tenham um conhecimento geral da teologia, da liturgia e da disciplina sacramental dos seus irmãos. Por fim, nos contextos ecuménicos e de pluralismo religioso, tenha-se o cuidado de dar a conhecer aos catequistas os elementos essenciais da vida e da teologia das outras Igrejas e

⁷ Acerca deste aspeto particular, cf. nn. 88-89 (*Introduzir à vida comunitária*) deste *Diretório*.

⁸ FRANCISCO, Carta apostólica *Vos estis lux mundi* (7 de maio de 2019).

comunidades cristãs e das outras religiões, para que o diálogo seja autêntico e frutuoso, no respeito pela identidade de cada um.

145. Contudo, na apresentação da mensagem, é necessário estar atentos ao modo de o fazer, para que possa ser acolhida e recebida ativamente. Assim, é necessário conciliar:

- a. o *carácter sintético e querigmático*, de modo que os vários elementos da fé sejam apresentados numa visão unitária e orgânica, e capaz de fazer apelo à experiência humana;
- b. a *qualidade narrativa dos relatos bíblicos*, que «implica sempre abeirar-se das Escrituras na fé e na Tradição da Igreja, de modo que aquelas palavras sejam sentidas vivas [...] para que cada fiel reconheça que a sua vida pessoal pertence também àquela história»⁹;
- c. um *estilo catequético dos conteúdos teológicos*, que avalia as condições de vida das pessoas;
- d. um *conhecimento de tipo apologético*, que mostra que a fé não se opõe à razão e evidencia as verdades de uma antropologia correta, iluminada pela razão natural; sublinha-se o papel dos *preambula fidei* (preâmbulos da fé) para «desenvolver um novo discurso sobre a credibilidade, uma apologética original que ajude a criar as predisposições para que o Evangelho seja escutado por todos»¹⁰.

146. A par da fidelidade à mensagem da fé, o catequista é chamado a conhecer o homem concreto e o contexto sociocultural em que vive. Como todos os cristãos, mais ainda os catequistas «devem viver em estreita união com os outros homens do seu tempo e esforçar-se por compreender perfeitamente o seu modo de pensar e sentir, tal como se exprime na cultura» (GS 62). Chega a este conhecimento por meio da experiência e do regresso a ela por via reflexiva, mas também graças ao precioso contributo das ciências humanas, à luz dos princípios da doutrina social da Igreja. Entre elas, devem ser adequadamente tidas em consideração a psicologia, a sociologia, a pedagogia, as ciências da educação, da formação e da comunicação. A Igreja é convidada a confrontar-se com estas ciências devido ao válido contributo que podem fornecer tanto à formação dos catequistas como à própria ação catequética. De facto, a teologia e as ciências humanas podem enriquecer-se reciprocamente.

147. Alguns critérios orientam o uso das ciências humanas na formação dos catequistas¹¹:

- o *respeito pela autonomia das ciências*: «a Igreja afirma a legítima autonomia da cultura humana e sobretudo das ciências» (GS 59);
- o *discernimento e a avaliação* das diversas teorias psicológicas, sociológicas e pedagógicas para saber apreciar o seu valor e reconhecer os seus limites;
- os contributos das ciências humanas são assumidos *na perspectiva da fé e com base na antropologia cristã*.

Saber fazer: formação pedagógica e metodológica

148. Na dimensão do *saber fazer*, o catequista forma-se para crescer como *educador e comunicador*. «O catequista é um educador que facilita o amadurecimento da fé que o catecúmeno ou o catequizando realizam com a ajuda do Espírito Santo. A primeira realidade que é necessário ter em consideração neste sector decisivo da formação é a de respeitar a pedagogia original da fé»¹². Reconhecendo que o seu interlocutor é um sujeito ativo no qual a graça de Deus atua dinamicamente, o catequista há de apresentar-se como alguém que facilita respeitosamente uma experiência de fé da qual não é o protagonista.

149. A formação pedagógica do catequista tem como objetivo que nele amadureçam algumas atitudes, entre as quais:

⁹ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 74.

¹⁰ EG 132; cf. também SÍNODO DOS BISPOS, XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã, Lista final das propostas* (27 de outubro de 2012), 17.

¹¹ Cf. DGC 243.

¹² DGC 244.

- a. a *capacidade de liberdade interior e gratuidade, de dedicação e coerência* para poder ser testemunha credível da fé;
- b. a *competência na comunicação e na narração da fé* como aptidão para apresentar com vitalidade a história da salvação, para que as pessoas se sintam parte dela;
- c. o *amadurecimento de uma mentalidade educativa*, que implica a disponibilidade para construir relações maduras com as pessoas e a capacidade de guiar as dinâmicas de grupo, favorecendo que se dê início a processos de aprendizagem tanto individuais como comunitários;
- d. a *gestão serena das relações educativas* na sua qualidade afetiva, sintonizando com o mundo interior do outro e dispondo-se de tal modo que possa exprimir as suas emoções;
- e. a *capacidade de predispor um itinerário de fé* que consiste em considerar as circunstâncias socioculturais, elaborar um plano de ação que seja realista, utilizar linguagens, técnicas e instrumentos com criatividade, fazer a avaliação.

O processo educativo, lugar precioso para o crescimento e o diálogo, em que, todavia, também se experimenta os erros e os limites, requer paciência e dedicação. É bom amadurecer a disponibilidade para se deixar educar, enquanto se está a educar. De facto, a própria experiência é um laboratório formativo no qual a aprendizagem é mais profunda.

150. Enquanto educador, o catequista terá também a função de mediar a pertença à comunidade e de viver o serviço catequético num *estilo de comunhão*. De facto, o catequista leva a cabo este processo educativo, não individualmente, mas juntamente com a comunidade e em seu nome. Por este motivo, sabe trabalhar em comunhão, procurando o confronto com o grupo de catequistas e com os outros agentes pastorais. Além disso, é chamado a zelar pela qualidade das relações e a animar as dinâmicas do grupo de catequese.

5. A FORMAÇÃO CATEQUÉTICA DOS CANDIDATOS ÀS SAGRADAS ORDENS

151. Na solicitude da Igreja pela catequese, há uma responsabilidade que compete a todos os que, pelo sacramento da Ordem, são constituídos ministros da Palavra de Deus. De facto, a qualidade da catequese de uma comunidade depende também dos ministros ordenados que cuidam dela. Por este motivo, ao longo do processo formativo dos candidatos às sagradas Ordens, não pode faltar uma instrução específica sobre o anúncio e a catequese (cf. OT 19). Uma adequada formação dos futuros presbíteros e dos diáconos permanentes neste âmbito poderá verificar-se depois em sinais concretos: paixão pelo anúncio do Evangelho; capacidade para catequizar os fiéis; capacidade de diálogo com a cultura; espírito de discernimento; disponibilidade para formar os catequistas leigos e para colaborar com eles; capacidade de conceber com criatividade percursos de educação para a fé. Para os candidatos às sagradas Ordens são válidos os mesmos critérios formativos já enunciados em geral.

152. Portanto, nos seminários e casas de formação é necessário¹³:

- a. através da formação espiritual, permear os candidatos de um espírito missionário que os estimule a anunciar explicitamente o Evangelho a quem não o conhece e a não descurar a educação na fé de todos os batizados;
- b. garantir experiências de primeiro anúncio e exercícios nas várias formas de catequese;
- c. introduzi-los num conhecimento pormenorizado do *Catecismo da Igreja Católica*;
- d. aprofundar o *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*, enquanto instrumento precioso para a catequese e a mistagogia;
- e. dar a conhecer as orientações relativas à catequese da própria Igreja particular;
- f. assegurar, no plano de estudos, o estudo da catequética, do Magistério em matéria da catequética, da pedagogia e das outras ciências humanas.

¹³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O dom da vocação presbiteral. Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* (8 de dezembro de 2016), especialmente os nn. 59, 72, 157b, 177, 181, 185.

153. Os bispos deverão ter o cuidado de integrar as indicações acima mencionadas nos projetos formativos dos seus seminaristas e dos candidatos ao diaconado permanente. Além disso, deverão prestar adequada atenção à formação catequética dos presbíteros, sobretudo no contexto da sua formação permanente. Esta atenção pretende promover essa atualização catequético-pastoral necessária, que favorece nos presbíteros um maior e mais direto enraizamento na ação catequética e, ao mesmo tempo, os ajuda a sentir-se envolvidos na atividade formativa dos catequistas.

6. CENTROS DE FORMAÇÃO

Centros de formação de base dos catequistas

154. Os *Centros de formação de base dos catequistas*, em âmbito paroquial, interparoquial ou diocesano, têm a responsabilidade de propor uma formação sistemática fundamental. É bom que se ofereça uma formação de base sobre os conteúdos fundamentais, apresentados de modo simples, mas com um estilo formativo adequado às exigências atuais. Esta formação – que tem o valor de ser *sistemática*, porque garante um quadro de conjunto geral – é, no entanto, uma formação de *qualidade*, na medida em que é assegurada por formadores especializados e com boa sensibilidade e experiência pastoral. Além disso, na medida em que permitem o conhecimento de outros catequistas e o intercâmbio entre eles, tal formação alimenta a comunhão eclesial.

Centros de especialização para responsáveis e animadores da catequese

155. Os *Centros de especialização*, no âmbito diocesano, interdiocesano ou nacional, têm por objetivo favorecer a formação dos animadores e dos responsáveis da catequese, ou dos catequistas que pretendam especializar-se, porque se dedicam a este serviço de maneira mais estável. O nível formativo destes *Centros* é mais exigente e, portanto, a frequência torna-se mais intensa e prolongada no tempo. Partindo de uma base formativa comum de cariz teológico e antropológico para chegar depois aos laboratórios de formação, de carácter mais experiencial, estes centros cultivam as especializações catequéticas consideradas necessárias para as exigências particulares do território eclesial. Há que ter a particular capacidade de promover a formação de responsáveis que, por sua vez, sejam capazes de assegurar a formação permanente dos outros catequistas e, por este mesmo motivo, sintam-se a necessidade de um acompanhamento personalizado dos participantes. Pode ser oportuno que a oferta destes *Centros*, com a colaboração de outros secretariados pastorais da diocese ou da Igreja particular, se dirija aos responsáveis dos vários sectores pastorais, convertendo-se em *Centros de formação dos agentes pastorais*.

Centros superiores para especialistas em catequética

156. Os *Centros superiores para especialistas em catequética*, no âmbito nacional ou internacional, oferecem a presbíteros, diáconos, consagrados e leigos uma formação catequética de nível superior, com a finalidade de preparar catequistas capazes de coordenar a catequese a nível diocesano ou no âmbito das atividades das congregações religiosas. Além disso, estes *Centros superiores* formam os docentes de catequética para os seminários, as casas de formação ou os centros de formação de catequistas e promovem a investigação catequética. Apresentam-se como verdadeiros *Institutos universitários* em relação à organização dos estudos, à duração dos cursos e às condições para neles ser admitidos. Dada a sua importância para a missão eclesial, é desejável que se potenciem os *Institutos* de formação catequética já existentes e que nasçam outros novos. Os bispos tenham particular cuidado na escolha de pessoas a apoiar e direccionar para estes centros académicos para que nunca falem nas respetivas dioceses pessoas especializadas em catequese.

SEGUNDA PARTE

O processo da catequese

CAPÍTULO V *A pedagogia da fé*

1. A PEDAGOGIA DIVINA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

157. A Revelação é a grande obra educativa de Deus. Com efeito, pode ser interpretada também em chave pedagógica. Nela encontramos os elementos característicos que podem levar a identificar uma *pedagogia divina*, capaz de inspirar profundamente a ação educativa da Igreja. Também a catequese segue os passos da pedagogia de Deus. Desde o início da história da salvação que a Revelação de Deus se manifesta como iniciativa de amor que se exprime em tantas diligências educativas. Deus interpelou o homem, ao qual pediu uma resposta. Pediu a Adão e a Eva uma resposta de fé, na obediência ao que lhes mandou; no seu amor, apesar da desobediência, Deus continuou a comunicar, pouco a pouco e gradualmente, a verdade do seu mistério até à plenitude da Revelação em Jesus Cristo.

158. A finalidade da Revelação é a salvação de todas as pessoas, que se realiza através de uma *pedagogia de Deus* original e eficaz ao longo da história. Na Sagrada Escritura, Deus revela-Se como um pai misericordioso, um mestre, um sábio (cf. *Dt* 8,5; *Os* 11,3-4; *Pr* 3,11-12), que vai ao encontro do homem na condição em que este estiver, e o livra do mal, atraindo-o a si com laços de amor. Progressivamente e com paciência, conduz à maturidade o povo eleito e, com ele, todos os indivíduos que o escutam. O Pai, enquanto genial educador, transforma as vicissitudes do seu povo em lições de sabedoria (cf. *Dt* 4,36-40; 11,2-7), adaptando-se às épocas e situações que estiver a viver. Oferece ensinamentos que serão transmitidos de geração em geração (cf. *Ex* 12,25-27; *Dt* 6,4-8; 6,20-25; 31,12-13; *Js* 4,20-24), adverte e educa também através das provações e do sofrimento (cf. *Am* 4,6; *Os* 7,10; *Jr* 2,30; *Heb* 12,4-11; *Ap* 3,19).

159. Esta pedagogia divina torna-se visível também no mistério da encarnação quando o anjo Gabriel pede a uma jovem de Nazaré a sua participação ativa na força do Espírito Santo: o *fiat* de Maria é a plena resposta da fé (cf. *Lc* 1,26-38). Jesus realiza a sua missão de salvador e torna visível a pedagogia de Deus. Os discípulos experimentaram a *pedagogia de Jesus*, cujas características mais marcantes são contadas nos Evangelhos: o acolhimento do pobre, do simples, do pecador; o anúncio do Reino de Deus como boa notícia; o estilo de amor que liberta do mal e promove a vida. A palavra e o silêncio, a parábola e a imagem tornam-se uma verdadeira pedagogia para revelar o mistério do seu amor.

160. Jesus cuidou atentamente da formação dos seus discípulos em vista da evangelização. Apresentou-se a eles como o único Mestre e, ao mesmo tempo, como amigo paciente e fiel (cf. *Jo* 15,15; *Mc* 9,33-37; 10,41-45). Ensinou a verdade ao longo de toda a sua vida. Provocou-os com perguntas (cf. *Mc* 8,14-21.27). Explicou-lhes com maior profundidade aquilo que proclamava à multidão (cf. *Mc* 4,34; *Lc* 12,41). Introduziu-os à oração (cf. *Lc* 11,1-2). Enviou-os em missão, não sozinhos, mas como pequena comunidade (cf. *Lc* 10,1-20). Prometeu-lhes o Espírito Santo que os haveria de guiar para a verdade completa (cf. *Jo* 16,13), apoiando-os nos momentos de dificuldade (cf. *Mt* 10,20; *Jo* 15,26; *At* 4,31). Assim, o modo de Jesus se relacionar é qualificado com características perfeitamente educativas. Jesus sabe acolher e, ao mesmo tempo, incentivar a Samaritana num caminho de acolhimento gradual da graça e de disponibilidade para a conversão. Ressuscitado, faz-Se próximo dos dois discípulos de Emaús, caminha com eles, dialoga, partilha da sua dor. Ao mesmo tempo, incentiva a abrir o coração, guia até à experiência eucarística e leva a abrir os olhos para o reconhecer; por fim, afasta-se para dar espaço à iniciativa missionária dos discípulos.

161. Jesus Cristo é «o Mestre que revela Deus aos homens e revela o homem a si mesmo; o Mestre que salva, santifica e guia, que está vivo e que fala, desperta, comove, corrige, julga, perdoa e caminha

todos os dias conosco pelos caminhos da história; o Mestre que vem e que há de vir na glória»¹. Em todos os meios que utilizou para dizer quem era, Jesus evocou e suscitou uma resposta pessoal junto de quem o escutava. Esta é a resposta da fé e, mais profundamente ainda, a obediência da fé. Esta resposta, enfraquecida pelo pecado, precisa de uma conversão permanente. De facto, Jesus, enquanto Mestre que está presente e atua na vida do homem, instrui-o a partir do íntimo, levando-o à verdade sobre si mesmo e guiando-o à conversão. «A alegria do Evangelho enche o coração e toda a vida daqueles que se encontram com Jesus. Todos os que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria»².

162. O Espírito Santo, anunciado pelo Filho antes da sua Páscoa (cf. *Jo* 16,13) e prometido a todos os discípulos, é dom e dador de todos os dons. Os discípulos foram guiados pelo Paráclito ao conhecimento da verdade e deram testemunho «até aos confins da terra» (*At* 1,8) de tudo o que tinham ouvido, visto, contemplado e tocado acerca do Verbo da vida (cf. *1Jo* 1,1). A ação do Espírito Santo no homem impele a aderir ao verdadeiro bem, à comunhão do Pai e do Filho, e apoia-o com ação providencial, para que possa corresponder à ação divina. Agindo no íntimo do homem e habitando nele, o Espírito Santo vivifica-o, configura-o ao Filho levando-lhe todos os dons da graça e permeando-o de reconhecimento, que é, ao mesmo tempo, consolação e desejo de realizar de forma cada vez mais profunda a sua semelhança com Cristo.

163. A correspondência à ação do Espírito Santo realiza uma autêntica renovação do crente: depois de ter recebido a unção (cf. *1Jo* 2,27) e de lhe ter sido comunicada a vida do Filho, o Espírito faz dele uma nova criatura. Filhos no Filho, os cristãos recebem um espírito de caridade e de adoção pelo qual confessam a sua filiação, chamando a Deus *Pai*. O homem, renovado e constituído filho, é uma criatura pneumática, espiritual, de comunhão, que se deixa impelir pelo vento do Senhor (cf. *Is* 59,19), que, suscitando nele «o querer e o agir» (*Fl* 2,13), lhe permite corresponder de forma livre ao bem que Deus quer. «O Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo em contracorrente»³. Estas características permitem compreender o valor que a pedagogia divina tem para a vida da Igreja e até que ponto a sua exemplaridade é determinante também na catequese, chamada a deixar-se inspirar e animar pelo Espírito de Jesus e, com a sua graça, a modelar a vida de fé do crente.

2. A PEDAGOGIA DA FÉ NA IGREJA

164. As narrativas dos Evangelhos atestam as características da relação educativa de Jesus e inspiram a ação pedagógica da Igreja. Desde os inícios, a Igreja viveu a sua missão, «como prosseguimento visível e atual da pedagogia do Pai e do Filho. Ela, “sendo nossa Mãe, é também educadora da nossa fé”. São estas as razões profundas pelas quais a comunidade cristã é, em si mesma, uma catequese viva. Por aquilo que é, anuncia e celebra, ela realiza e permanece sempre o lugar vital, indispensável e primário da catequese. A Igreja produziu, ao longo dos séculos, um incomparável tesouro de pedagogia da fé: antes de mais, o testemunho de catequistas e de santos. Uma variedade de vias e formas originais de comunicação religiosa, como o catecumenato, os catecismos, os itinerários de vida cristã; um precioso património de ensinamentos catequéticos, de cultura da fé, de instituições e de serviços da catequese. Todos estes aspetos fazem a história da catequese e entram, de pleno direito, na memória da comunidade e na práxis do catequista»⁴.

165. A catequese inspira-se nas características da pedagogia divina, que acabaram de ser descritos. Deste modo, torna-se ação pedagógica ao serviço do *diálogo da salvação* entre Deus e o homem. Portanto, é importante que se expressem estas características:

¹ CT 9.

² EG 1.

³ EG 259.

⁴ DGC 141; cf. também CCE 169.

- tornar presente a iniciativa de amor gratuito de Deus;
- colocar em destaque o destino universal da salvação;
- evocar a necessária conversão para a obediência da fé;
- assumir o princípio da progressividade da Revelação e a transcendência da Palavra de Deus, como também a sua inculturação nas culturas do homem;
- reconhecer a centralidade de Jesus Cristo, Palavra de Deus que se fez homem, que determina a catequese como *pedagogia da encarnação*;
- valorizar a experiência comunitária da fé, como própria do Povo de Deus;
- compor uma pedagogia dos sinais, em que as ações e as palavras se relacionam reciprocamente;
- recordar que o amor inesgotável de Deus é a razão última de todas as coisas.

166. O caminho de Deus que se revela e salva, unido à resposta de fé da Igreja na história, torna-se fonte e modelo da pedagogia da fé. Por isso, a catequese está configurada como um processo que permite a maturidade da fé através do respeito pelo itinerário de cada crente. A catequese é, portanto, *pedagogia da fé em ação* que realiza uma obra conjunta de *iniciação, educação e ensino*, tendo sempre bem clara a unidade entre o conteúdo e a modalidade com a qual é transmitido. A Igreja está consciente de que, na catequese, atua de maneira eficaz o Espírito Santo: esta presença transforma a Igreja numa original pedagogia da fé.

Crítérios para o anúncio da mensagem evangélica

167. Na sua ação catequética, a Igreja tem o cuidado de ser fiel ao núcleo da mensagem evangélica. «Por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que os fiéis recebem, devido à linguagem que eles mesmos utilizam e compreendem, é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Com a santa intenção de lhes comunicar a verdade sobre Deus e o ser humano, nalgumas ocasiões damos-lhes um falso deus ou um ideal humano que não é verdadeiramente cristão. Deste modo, somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância»⁵. Para evitar este perigo e para que a obra do anúncio do Evangelho seja inspirada pela pedagogia de Deus, é bom que a catequese tenha em conta alguns critérios fortemente relacionados entre si, na medida em que todos eles provêm da Palavra de Deus.

Crítério trinitário e cristológico

168. A catequese é necessariamente trinitária e cristológica. «O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina»⁶. Cristo é o caminho que conduz ao mistério íntimo de Deus. Jesus Cristo não transmite apenas a Palavra de Deus: Ele é a Palavra de Deus. A Revelação de Deus como Trindade é vital para a compreensão não só da originalidade única do cristianismo e da Igreja, mas também do conceito de pessoa como ser em relação e em comunhão. Sem uma mensagem evangélica claramente trinitária, por Cristo ao Pai no Espírito Santo, a catequese trairia a sua peculiaridade.

169. O *cristocentrismo* é aquilo que caracteriza na sua essência a mensagem transmitida pela catequese. Em primeiro lugar, isto significa que, no próprio centro da catequese, está a pessoa de Jesus Cristo vivo, presente e atuante. O anúncio do Evangelho é apresentar Cristo e tudo o resto por referência a Ele. Além disso, uma vez que Cristo é «a chave, o centro e o fim da história humana» (GS 10), a catequese ajuda o crente a inserir-se ativamente nela, mostrando de que forma Cristo é a sua realização e o seu sentido último. Por fim, o cristocentrismo significa que a catequese se compromete a «transmitir aquilo que Jesus ensina a propósito de Deus, do homem, da felicidade, da vida mortal, da morte»⁷, uma vez que a mensagem evangélica não procede do homem, mas é Palavra de Deus. Colocar

⁵ EG 41.

⁶ CCE 234.

⁷ DGC 98.

em evidência o carácter cristocêntrico da mensagem favorece o seguimento de Cristo e a comunhão com Ele.

170. Recebendo a fé dos Padres da Igreja, a catequese e a liturgia deram forma a um modo peculiar de ler e interpretar as Escrituras, que ainda hoje conserva o seu valor iluminador. Esse método é caracterizado por uma apresentação unitária da pessoa de Jesus através dos seus *mistérios*⁸, ou seja, de acordo com os principais acontecimentos da sua vida, compreendidos no seu pleno sentido teológico e espiritual. Estes mistérios são celebrados nas diversas festas do ano litúrgico e estão representados nos ciclos iconográficos que adornam muitas igrejas. Nesta apresentação da pessoa de Jesus, unem-se o dado bíblico e a Tradição da Igreja: este modo de ler a Sagrada Escritura é particularmente precioso na catequese. A catequese e a liturgia nunca se limitaram a ler em separado os livros do Antigo e do Novo Testamento, mas lendo-os em conjunto mostraram até que ponto só uma *leitura tipológica da Sagrada Escritura* consente que se perceba a plenitude do significado dos acontecimentos e dos textos que narram a única história da salvação. Esta leitura indica à catequese um caminho permanente, ainda hoje de grande atualidade, que permite que quem cresce na fé perceba que, com Cristo, não se perde nada da antiga aliança, mas n'Ele tudo encontra a sua realização.

Critério histórico-salvífico

171. O significado do nome de Jesus, «Deus salva», recorda que tudo o que a ele se refere é salvífico. A catequese nunca pode ignorar o mistério pascal mediante o qual a salvação foi oferecida à humanidade e que é o fundamento de todos os sacramentos e a fonte de toda a graça. A redenção, a justificação, a libertação, a conversão e a filiação divina são aspetos essenciais do grande dom da salvação. «A economia da salvação tem um carácter histórico, uma vez que se realiza no tempo. [...] A Igreja, ao transmitir hoje a mensagem cristã a partir da viva consciência que tem desta mensagem, recorda constantemente os acontecimentos salvíficos do passado, narrando-os. À luz deles, interpreta os acontecimentos atuais da história humana, nos quais o Espírito de Deus renova a face da terra, e permanece numa confiante expectativa da vinda do Senhor»⁹. Por esse motivo, a apresentação da fé terá em conta os factos e as palavras com que Deus se revelou a si mesmo ao homem através das grandes etapas do Antigo Testamento, da vida de Jesus Filho de Deus e da história da Igreja.

172. Na força do Espírito Santo, também a história dos homens, dentro da qual está a Igreja, é história de salvação que continua no tempo. De facto, o Senhor Jesus revela que a história tem uma meta, porque transporta dentro de si a presença de Deus. No seu atual peregrinar em direção à realização do Reino, a Igreja é sinal eficaz do fim para onde caminha o mundo. O Evangelho, princípio de esperança para o mundo inteiro e para a humanidade de todos os tempos, oferece uma visão que inclui a confiança no amor de Deus. Por isso, a mensagem cristã deve ser sempre apresentada em relação com o sentido da vida, com a verdade e a dignidade da pessoa. Cristo veio para nossa salvação, para que nós tenhamos a vida em plenitude. «Na realidade, o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado» (GS 22). A Palavra de Deus, mediada pela catequese, ilumina a vida humana, confere-lhe o seu sentido mais profundo e acompanha o homem pelos caminhos do belo, do verdadeiro e do bem.

173. O anúncio do Reino de Deus inclui uma mensagem de libertação e promoção humana, intimamente ligada ao cuidado da criação e à responsabilidade por ela. A salvação, oferecida pelo Senhor e anunciada pela Igreja, diz respeito a todas as questões da vida social. Por isso, é necessário ter em consideração a complexidade do mundo contemporâneo e a íntima relação existente entre cultura, política, economia, trabalho, ambiente, qualidade de vida, pobreza, desordem social, guerras¹⁰. «O Evangelho possui um critério de totalidade que lhe é intrínseco: não cessa de ser Boa-Nova enquanto não for anunciado a todos, enquanto não fecundar e curar todas as dimensões do homem,

⁸ Cf. CCE 512-ss.

⁹ DGC 107.

¹⁰ Cf. FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato si'* (24 de maio de 2015), 17-52.

enquanto não unir todos os homens à volta da mesa do Reino»¹¹. No entanto, o horizonte último do anúncio da salvação deverá ser sempre a vida eterna. Somente nela o esforço pela justiça e o desejo de libertação alcançarão pleno cumprimento.

Critério do primado da graça e da beleza

174. Um outro critério da visão cristã da vida é o primado da graça. Toda a catequese precisa de ser «uma catequese da graça, pois é pela graça que somos salvos e é também pela graça que as nossas obras podem ser frutuosas para a vida eterna»¹². A verdade ensinada começa, portanto, com a iniciativa amorosa de Deus e prossegue com a resposta humana que tem origem na escuta e que é sempre fruto da graça. «A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. *1Jo* 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente»¹³. Mesmo com a consciência de que os frutos da catequese não dependem da capacidade de fazer e de programar, Deus pede certamente uma verdadeira colaboração com a sua graça e, portanto, convida a investir, no serviço da causa do Reino, todos os recursos de inteligência e de operacionalidade de que a ação catequética necessita.

175. «Anunciar Cristo significa mostrar que acreditar n'Ele e segui-lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de preencher a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações»¹⁴. A catequese precisa de transmitir sempre a beleza do Evangelho que nos lábios de Jesus ressoou para todos: pobres, simples, pecadores, publicanos e prostitutas, que se sentiram acolhidos, compreendidos e ajudados, convidados e educados pelo mesmo Senhor. De facto, o anúncio do amor misericordioso e gratuito de Deus que se manifestou plenamente em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, é o coração do *querigma*. Há também aspetos da mensagem evangélica que geralmente são difíceis de receber, especialmente quando o Evangelho chama à conversão e ao reconhecimento do pecado. No entanto, a catequese não é, antes de mais, apresentação de uma moral, mas anúncio da beleza de Deus, da qual se pode fazer experiência, que toca o coração e a mente, transformando a vida¹⁵.

Critério da eclesialidade

176. «A fé tem uma forma necessariamente eclesial, é professada partindo do corpo de Cristo, como comunhão concreta dos crentes»¹⁶. De facto, «quando a catequese transmite o mistério de Cristo, na sua mensagem ressoa a fé de todo o Povo de Deus ao longo do curso da história: a fé dos apóstolos, que a receberam do próprio Cristo e da ação do Espírito Santo; a fé dos mártires, que a confessaram e a confessam com o seu sangue; a fé dos santos, que a viveram e a vivem em profundidade; a fé dos Padres e dos Doutores da Igreja, que a ensinaram luminosamente; a fé dos missionários, que a anunciam continuamente; a fé dos teólogos, que ajudam a compreendê-la melhor; e a fé dos pastores, que a conservam com zelo e amor, e a interpretam com autenticidade. Na verdade, na catequese está presente a fé de todos aqueles que creem e se deixam conduzir pelo Espírito Santo»¹⁷. Além disso, a catequese inicia os crentes no mistério da comunhão vivida, não apenas na relação com o Pai por Cristo no Espírito, mas também na comunidade dos crentes por obra do mesmo Espírito. Educando para a comunhão, a catequese educa para viver na Igreja e como Igreja.

Critério da unidade e da integridade da fé

177. A fé, transmitida pela Igreja, é uma só. Os cristãos estão espalhados pelo mundo inteiro e, no entanto, formam um só povo. Também a catequese, mesmo explicando a fé com linguagens culturais muito diferentes entre si, não faz mais que reiterar um só batismo, uma só fé (cf. *Ef* 4,5). «Aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm direito a receber a *palavra da fé* plena e integral, em todo o seu

¹¹ EG 237.

¹² CCE 1697.

¹³ EG 24.

¹⁴ EG 167.

¹⁵ No n. 165 da EG são explicitadas algumas «características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte».

¹⁶ FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013), 22.

¹⁷ DGC 105.

rigor e em todo o seu vigor»¹⁸. Por isso, um critério fundamental da catequese será também o de exprimir a integridade da mensagem, evitando as suas apresentações parciais ou não conformes. De facto, Cristo não deixou nenhum conhecimento secreto para poucos eleitos e privilegiados (a chamada *gnose*), mas o seu ensinamento é para todos, na medida em que cada um é capaz de o receber.

178. A apresentação da integridade das verdades de fé deve ter em conta o princípio da *hierarquia das verdades* (cf. UR 11): de facto, «todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimirem mais diretamente o coração do Evangelho»¹⁹. A unidade orgânica da fé testemunha a sua essência última e permite que seja anunciada e ensinada na sua imediatez, sem reduções ou diminuições. O ensinamento, ainda que gradual e com adaptações às pessoas e às circunstâncias, não invalida a sua unidade e organicidade.

3. A PEDAGOGIA CATEQUÉTICA

179. Diante dos desafios atuais, é cada vez mais importante a consciência da reciprocidade entre o conteúdo e o método, tanto na evangelização como na catequese. A pedagogia original da fé inspira-se na condescendência de Deus que será resultado concretamente da dupla fidelidade – a Deus e ao homem – e, portanto, da elaboração de uma síntese sábia entre a dimensão teológica e a antropológica da vida de fé. No caminho da catequese, o princípio *evangelizar educando e educar evangelizando*²⁰ recorda, entre outras coisas, que a obra do catequista consiste em encontrar e mostrar os sinais da ação de Deus já presentes na vida das pessoas e, agarrando-se a eles, propor o Evangelho enquanto força transformadora de toda a existência, à qual dará sentido pleno. O acompanhamento de uma pessoa num caminho de crescimento e conversão é marcado necessariamente pela progressividade, na medida em que o ato de acreditar subentende uma descoberta progressiva do mistério de Deus e uma abertura e entrega a Ele que crescem no tempo.

Relação com as ciências humanas

180. A catequese é uma ação essencialmente educativa. Ela sempre foi realizada na fidelidade à Palavra de Deus e na atenção e interação com as práticas educativas da cultura. Graças às investigações e às reflexões das ciências humanas surgiram teorias, abordagens e modelos que renovam profundamente a prática educativa e dão um significativo contributo em vista de um conhecimento aprofundado do homem, das relações humanas, da sociedade e da história. O seu contributo é irrenunciável. Especialmente a pedagogia e a didática enriquecem os processos educativos da catequese. A par delas, também a psicologia assume um valor importante, sobretudo porque ajuda a perceber os dinamismos motivacionais, a estrutura da personalidade, os elementos relativos ao mal-estar e às patologias, os diversos estádios de desenvolvimento e as tarefas evolutivas, as dinâmicas do amadurecimento religioso e as experiências que abrem o homem ao mistério do sagrado. Além disso, as ciências sociais e da comunicação abrem ao conhecimento do contexto sociocultural em que se vive e pelo qual cada um é condicionado.

181. A catequese deve evitar identificar o agir salvífico de Deus com a ação pedagógica humana; como também está atenta a não separar ou contrapor esses processos. Na lógica da encarnação, a fidelidade a Deus e a fidelidade ao homem implicam-se profundamente. Por isso, tenha-se em conta que a inspiração de fé, por si só, ajuda a uma correta valorização dos contributos das ciências humanas. As abordagens e as técnicas elaboradas pelas ciências humanas têm valor na medida em que se colocam ao serviço da transmissão e da educação da fé. A fé reconhece a autonomia das realidades temporais e também das ciências (cf. GS 36) e respeita as suas lógicas que, se forem autênticas, estão abertas à verdade do humano; ao mesmo tempo, porém, inclui esses contributos no horizonte da Revelação.

¹⁸ CT 30.

¹⁹ EG 36.

²⁰ Cf. DGC 147; GE 1-4; CT 58.

CAPÍTULO VI

O Catecismo da Igreja Católica

1. O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

Nota histórica

182. A Igreja, desde os tempos dos escritos do Novo Testamento, assumiu as fórmulas breves e sintéticas mediante as quais professava, celebrava e testemunhava a sua fé. Já no séc. IV tinham sido fornecidas clarificações mais amplas da fé através de sínteses e compêndios. Em dois momentos históricos, depois do Concílio de Trento e nos anos a seguir ao Concílio Vaticano II, a Igreja achou oportuno oferecer uma exposição orgânica da fé mediante um Catecismo de carácter universal, que é instrumento de comunhão eclesial e também ponto de referência para a catequese¹.

183. Em 1985, durante o Sínodo Extraordinário dos Bispos, celebrado por ocasião do vigésimo aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, muitos Padres Sinodais exprimiram o desejo de que fosse redigido um catecismo ou um compêndio da doutrina católica a respeito tanto da fé como da moral. O *Catecismo da Igreja Católica* foi promulgado por João Paulo II a 11 de outubro de 1992, seguido pela edição típica latina a 15 de agosto de 1997. Foi o resultado da colaboração e da consulta de todo o episcopado católico, de numerosas instituições teológicas e catequéticas e de muitos outros peritos e especialistas nas várias disciplinas. O *Catecismo* é, portanto, uma obra colegial e fruto do Concílio Vaticano II.

Identidade, finalidade e destinatários do *Catecismo*

184. O *Catecismo* é «um texto oficial do Magistério da Igreja que, com autoridade, reúne, de forma precisa, sob a forma de síntese orgânica, os acontecimentos e as verdades salvíficas fundamentais, que exprimem a fé comum do povo de Deus e constituem a referência indispensável de base para a catequese»². É expressão da doutrina da fé de sempre, mas difere de outros documentos do Magistério, porque a sua finalidade é oferecer uma síntese orgânica do património de fé, de espiritualidade e de teologia da história eclesial. Se bem que diferente dos catecismos locais, que estão ao serviço de uma parte determinada do Povo de Deus, é, no entanto, o texto seguro e autêntico, que serve de referência para a preparação dos catecismos locais, enquanto «instrumento fundamental para aquele ato com que a Igreja comunica o conteúdo inteiro da fé»³.

185. O *Catecismo* foi publicado, em primeiro lugar, para os pastores e os fiéis e, entre estes últimos, de modo especial para aqueles que, dentro da Igreja, têm uma responsabilidade no ministério da catequese. Tem como finalidade constituir uma «norma segura para o ensino da fé»⁴. Por este motivo, dá uma resposta clara e de confiança ao direito legítimo de todos os batizados, de ter acesso à apresentação da fé da Igreja na sua integridade e de forma sistemática e compreensível. Justamente por dar conta da Tradição católica, o *Catecismo* pode favorecer o diálogo ecuménico e pode ser útil a todos os que, mesmo não sendo cristãos, desejam conhecer a fé católica.

186. Uma vez que a primeira preocupação do *Catecismo* é a unidade da Igreja na única fé, ele não pode ter em conta os contextos culturais específicos. No entanto, «deste texto cada agente de catequese poderá receber uma ajuda válida para mediar, a nível local, o único e perene depósito da fé, procurando conjugar contemporaneamente, com a ajuda do Espírito Santo, a maravilhosa unidade do

¹ Cf. JOÃO PAULO II, Constituição apostólica *Fidei depositum* (11 de outubro de 1992), I; ClgC 11.

² DGC 124.

³ FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013), 46.

⁴ JOÃO PAULO II, Constituição apostólica *Fidei depositum* (11 de outubro de 1992), IV.

mistério cristão com a multiplicidade das exigências e das situações dos destinatários do seu anúncio»⁵. A inculturação será uma atenção importante da catequese nos diversos contextos.

Fontes e estrutura do *Catecismo*

187. O *Catecismo* é oferecido a toda a Igreja «para uma catequese renovada nas fontes vivas da fé»⁶. Entre estas fontes estão, antes de mais, as Sagradas Escrituras divinamente inspiradas, entendidas como um único livro no qual Deus «não diz mais que uma só Palavra, o seu Verbo único, em quem se diz totalmente»⁷, seguindo-se a visão patrística para a qual «um só é o discurso de Deus que se desenvolve em toda a Sagrada Escritura e um só é o Verbo que ressoa na boca de todos os escritores santos»⁸.

188. Além disso, o *Catecismo* bebe na fonte da Tradição que inclui, nas suas formas escritas, uma rica gama de formulações chave da fé, assumidas pelos escritos dos Padres, pelas várias Profissões de fé, pelos Concílios, pelo Magistério pontifício, pelos rituais litúrgicos orientais e ocidentais, como também pelo direito canónico. Encontram-se também ricas citações retiradas de um vasto elenco de escritores eclesiais, santos e doutores da Igreja. Ulteriormente, anotações de tipo histórico e elementos hagiográficos enriquecem a exposição doutrinal, que se vale também da iconografia.

189. O *Catecismo* articula-se em quatro partes à volta das dimensões fundamentais da vida cristã, que têm a sua origem e fundamento na narrativa dos Atos dos Apóstolos: «Eram assíduos ao *ensino* dos Apóstolos, à *comunhão fraterna*, à *fração do pão* e às *orações*» (At 2,42)⁹. Foi à volta destas dimensões que se articulou a experiência do catecumenato da Igreja antiga e se estruturou, depois, a apresentação da fé nos vários catecismos ao longo da história, mesmo se com acentuações e modalidades diferentes. São elas: a *profissão da fé* (o Símbolo), a *liturgia* (os sacramentos da fé), a *vida do discipulado* (os mandamentos), a *oração cristã* (o Pai Nosso). Estas dimensões são as colunas da catequese e o paradigma para a formação para a vida cristã. De facto, a catequese: abre à fé em Deus uno e trino e ao seu plano de salvação; educa para a ação litúrgica e inicia na vida sacramental da Igreja; sustenta a resposta dos crentes à graça de Deus; introduz na prática da oração cristã.

Significado teológico-catequético do *Catecismo*

190. O *Catecismo*, em si mesmo, não é uma proposta de método catequético, não dá indicações a esse respeito, nem deve ser confundido com o processo da catequese, em relação ao qual precisa sempre de uma mediação¹⁰. Apesar disso, a sua própria estrutura «apresenta o desenvolvimento da fé até chegar aos grandes temas da vida diária. Ao longo das suas páginas descobre-se que o que aí se apresenta não é uma teoria, mas o encontro com uma Pessoa que vive na Igreja»¹¹. Tendo como referência a globalidade da vida cristã, o *Catecismo* apoia o processo de conversão e de amadurecimento. Ele cumpre a sua missão quando a inteligência das palavras remete para a abertura do coração, mas também quando, pelo contrário, é a graça da abertura do coração que faz surgir o desejo de conhecer melhor Aquele em quem o crente põe a sua confiança. O conhecimento do qual se trata no *Catecismo* não é, portanto, um conhecimento abstrato: de facto, a sua própria estrutura quadripartida harmoniza fé professada, celebrada, vivida e rezada, ajudando assim ao encontro com Cristo, embora de modo gradual. No entanto, a proposta catequética não segue necessariamente a ordem das partes do *Catecismo*.

⁵ JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Laetamur magnopere* (15 de agosto de 1997).

⁶ JOÃO PAULO II, Constituição apostólica *Fidei depositum* (11 de outubro de 1992), I.

⁷ CCE 102.

⁸ AGOSTINHO DE HIPONA, *Enarratio in Psalmum* 103, 4, 1: CCL 40, 1521 (PL 37, 1378).

⁹ O texto de At 2,42 é citado também no n. 79 deste *Diretório*: das dimensões fundamentais da vida cristã derivam as tarefas da catequese e, portanto, a estrutura do *Catecismo*.

¹⁰ Cf. CCE 24.

¹¹ BENTO XVI, Carta apostólica *Porta fidei* (11 de outubro de 2011), 11.

191. A estrutura sinfónica do *Catecismo* entrevê-se na relação teológica entre os seus conteúdos e as suas fontes, e na interação entre a Tradição ocidental e a oriental. Além disso, reflete a unidade do mistério cristão e a circularidade das virtudes teológicas e manifesta a beleza harmónica que caracteriza a verdade católica. Ao mesmo tempo, conjuga esta verdade de sempre com a atualidade eclesial e social. Evidentemente, o *Catecismo*, assim ordenado, promove a importância do equilíbrio e da harmonia na apresentação da fé.

192. O conteúdo do *Catecismo* é apresentado de modo a manifestar a pedagogia de Deus. A exposição da doutrina respeita plenamente os percursos de Deus e do homem e encarna as sãs tendências da renovação da catequese do século XX. A narração da fé no *Catecismo* reserva um lugar absolutamente relevante a Deus e à obra da graça, que na distribuição da matéria ocupa a maior parte: isto é já, por si só, um anúncio catequético. Na mesma linha, são expostos em filigrana também os outros critérios já apresentados como necessários para o frutuoso anúncio do Evangelho: a centralidade trinitária e cristológica, o relato da história da salvação, a eclesialidade da mensagem, a hierarquia das verdades e a importância da beleza. Em tudo isto pode ler-se que a finalidade do *Catecismo* é suscitar o desejo de Cristo, apresentando o Deus desejável que deseja o bem do homem. Por isso, o *Catecismo* não é uma expressão estática da doutrina, mas um instrumento dinâmico, adequado para inspirar e nutrir o itinerário de fé para a vida de cada pessoa e, enquanto tal, permanece válido para a renovação da catequese.

2. O COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

193. O *Compêndio* é um instrumento que contém a riqueza do *Catecismo* de forma simples, imediata e acessível a todos. Tem como referência a estrutura do *Catecismo* e os seus conteúdos. De facto, o *Compêndio* constitui «uma síntese fiel e segura do *Catecismo da Igreja Católica*. Contém, de maneira concisa, todos os elementos essenciais e fundamentais da fé da Igreja, de forma a constituir [...] uma espécie de “vademecum”, que permita às pessoas, aos crentes e não crentes, abraçar, numa visão de conjunto, todo o panorama da fé católica»¹². Característica peculiar do *Compêndio* é a sua forma dialogal. De facto, repropõe «um diálogo ideal entre o mestre e o discípulo, mediante uma sequência de interrogações que envolvem o leitor, convidando-o a prosseguir na descoberta de aspetos novos da verdade da sua fé»¹³. Além disso, é preciosa a presença de imagens que marcam a articulação do texto. Pelo facto de ser claro e sintético, o *Compêndio* apresenta-se ainda como um auxílio válido para a memorização dos conteúdos básicos da fé.

¹² BENTO XVI, *Motu proprio para a aprovação e publicação do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (28 de junho de 2005).

¹³ COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *Introdução do Card. Joseph Ratzinger* (20 de março de 2005), 4.

CAPÍTULO VII
A metodologia na catequese

1. A RELAÇÃO CONTEÚDO-MÉTODO

194. O mistério da encarnação inspira a pedagogia catequética. Isto tem implicações também para a metodologia da catequese que deve ter como referência a Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, assumir as instâncias autênticas da experiência humana. Trata-se de viver a fidelidade a Deus e ao homem para evitar qualquer tipo de contraposição ou separação ou neutralidade entre método e conteúdo. O conteúdo da catequese, sendo objeto de fé, não pode ser submetido indiscriminadamente a qualquer método, mas requer que este reflita a natureza da mensagem evangélica com as suas fontes e também tenha em conta as circunstâncias concretas da comunidade eclesial e de cada um dos batizados. É importante ter presente que a finalidade educativa da catequese determina as escolhas metodológicas.

A pluralidade dos métodos

195. Mesmo mantendo vivo o primado da graça, a Igreja sente com responsabilidade e sincera paixão educativa a atenção aos processos catequéticos e ao método. A catequese não tem um método único, mas está aberta a valorizar métodos diversos, confrontando-se com a pedagogia e a didática, e deixando-se guiar pelo Evangelho, necessário para reconhecer a verdade do homem. Ao longo da história da Igreja, muitos carismas de serviço da Palavra de Deus geraram diferentes percursos metodológicos, sinal de vitalidade e de riqueza. «A idade e o desenvolvimento intelectual dos cristãos, bem como o seu grau de maturidade eclesial e espiritual e muitas outras circunstâncias pessoais exigem que a catequese adote métodos muito diversos»¹. A comunicação da fé na catequese, que passa também através de mediações humanas, continua a ser, contudo, um acontecimento de graça, realizado pelo encontro da Palavra de Deus com a experiência da pessoa. O apóstolo Paulo declara que «a cada um de nós foi concedida a graça, na medida em que recebeu o dom de Cristo» (Ef 4,7). Portanto, a graça exprime-se tanto através de sinais sensíveis que abrem ao mistério, como por outros caminhos desconhecidos do homem.

196. Uma vez que a Igreja não tem um método próprio para anunciar o Evangelho, é necessário um exercício de discernimento para poder examinar tudo e reter o que é bom (cf. 1Ts 5,21). Tal como se fez várias vezes na história, na catequese podem valorizar-se percursos metodológicos mais centrados nos factos da vida ou mais orientados para a mensagem da fé. Isso depende das situações concretas dos sujeitos da catequese. Tanto num como noutro caso, é importante um *princípio de correlação*, que coloque os dois aspetos em relação. Os acontecimentos pessoais e sociais da vida e da história encontram no conteúdo de fé uma luz interpretativa; por outro lado, este deve ser apresentado sempre de modo a fazer entrever as implicações que possui para a vida. Este procedimento supõe uma capacidade hermenêutica: se a existência for interpretada em relação com o anúncio cristão, manifesta-se na sua verdade; por outro lado, o *querigma* tem sempre um valor salvífico e de plenitude de vida.

2. A EXPERIÊNCIA HUMANA

197. A experiência humana é constitutiva da catequese, tanto na sua identidade e no seu processo, como também nos conteúdos e no método, porque não é apenas o lugar onde se deve fazer ecoar a Palavra de Deus, mas também o espaço em que Deus fala. A experiência de cada pessoa ou de toda a sociedade deve ser abordada com uma atitude de amor, acolhimento e respeito. Deus age na vida de cada pessoa e na história, e o catequista, inspirando-se no estilo de Jesus, deixa-se alcançar por esta presença. Isto impede de pensar a pessoa e a história apenas como destinatários da proposta e abre para uma relação de reciprocidade e de diálogo, à escuta de tudo aquilo que o Espírito Santo já está a realizar silenciosamente.

198. No seu anúncio do Reino, Jesus *procura, encontra e acolhe* as pessoas nas situações concretas das suas vidas. Também quando ensina, parte da observação de acontecimentos da vida e da história, que relê numa ótica sapiencial. A assunção da experiência por parte de Jesus tem algo de espontâneo que

¹ CT 51.

transparece sobretudo nas parábolas. Estas, partindo da constatação de factos e experiências conhecidas por todos, incentivam os interlocutores a questionarem-se e a iniciarem um processo interior de reflexão. De facto, as parábolas não são apenas exemplos para compreender uma mensagem, mas apelos a posicionar-se na vida com disponibilidade e em sintonia com a obra de Deus. Jesus ajudou a viver as experiências humanas reconhecendo nelas a presença e o chamamento de Deus.

199. A exemplo de Jesus, a catequese ajuda a *iluminar e interpretar* as experiências da vida à luz do Evangelho. O homem contemporâneo vive situações fragmentárias cujo sentido unitário até ele tem dificuldade de perceber. Isto pode levar mesmo a viver de modo separado a fé que se professa e as experiências humanas que se vivem. A releitura da existência com os olhos da fé favorece uma visão sapiencial e integral. Se a catequese negligenciar a correlação entre as experiências humanas e a mensagem revelada, cai-se no perigo de justaposições artificiais ou incompreensões da verdade.

200. Jesus serve-se de experiências e situações humanas para *apontar realidades transcendentais* e, ao mesmo tempo, indicar a atitude a assumir. Na explicação dos mistérios do Reino, recorre efetivamente a situações comuns da natureza e da atividade do homem (por exemplo, a semente que cresce, o negociante à procura do tesouro, o pai que prepara o banquete nupcial para o filho...). Para tornar o mistério cristão inteligível, a catequese precisa de valorizar a experiência humana, que permanece como uma mediação prioritária para aceder à verdade da Revelação.

3. A MEMÓRIA

201. A memória é uma dimensão constitutiva da história da salvação. O povo de Israel é constantemente convidado a manter viva a memória, a não esquecer os benefícios do Senhor. Trata-se de guardar no coração os acontecimentos que atestam a iniciativa de Deus, por vezes difíceis de compreender, mas percebidos como acontecimentos salvíficos. Maria sabe conservar tudo no coração (cf. *Lc 2,51*). Portanto, no seu sentido mais profundo, a memória reconduz ao primado da graça, ao reconhecimento dos dons de Deus e à gratidão por eles, ao facto de viver dentro de uma tradição sem cortar as raízes. A catequese valoriza a celebração ou *memória* dos grandes acontecimentos da história da salvação, de modo a ajudar o crente a sentir-se parte desta história. À luz disto, compreende-se o valor da memória na catequese, enquanto chave importante para a transmissão da Revelação. O apóstolo Pedro escreve: «Hei de lembrar-vos sempre estas coisas, ainda que as saibais e estejais confirmados na presente verdade. Mas terei cuidado que, mesmo depois da minha partida, possais conservar sempre a lembrança destas verdades» (*2Pd 1,12.15*). A catequese faz parte da anamnese da Igreja que mantém viva a presença do Senhor. A memória constitui, portanto, um aspeto constitutivo da pedagogia da fé desde o início do cristianismo.

202. Segundo uma tradição que remonta aos primeiros séculos da Igreja, os crentes eram obrigados a aprender de cor a Profissão de fé. Esta não era colocada por escrito, mas permanecia viva na mente e no coração de cada crente, de modo a fazer dela o alimento de cada dia. É importante que a catequese, depois de um percurso em que se torna evidente o valor e a explicação da Profissão de fé, como de outros textos da Sagrada Escritura, da liturgia e da piedade popular, ajude também a fazer que se aprendam de cor para oferecer um conteúdo imediato, que faz parte do património comum dos crentes. «As flores da fé e da piedade cristã, se assim se pode dizer, não crescem nos espaços ermos de uma catequese sem memória. O essencial é que os textos memorizados sejam também interiorizados, compreendidos pouco a pouco na sua profundidade, a fim de se tornarem fonte de vida cristã pessoal e comunitária»².

203. «A aprendizagem das fórmulas da fé e a sua profissão crente devem ser compreendidas no curso do tradicional e profícuo exercício da *traditio* e da *redditio*, pelo qual à entrega da fé na catequese

² CT 55.

(*traditio*) corresponde a resposta do destinatário da catequese, ao longo do caminho catequético e, depois, na vida (*redditio*)»³. Todavia, esta resposta não é automática, uma vez que a fé transmitida e escutada precisa de uma adequada receção (*receptio*) e interiorização. Para superar os riscos de uma memorização estéril ou que seja um fim em si mesma, é bom que seja considerada em relação com outros elementos do processo catequético, como a relação, o diálogo, a reflexão, o silêncio e o acompanhamento.

4. A LINGUAGEM

204. A linguagem, com os seus significados relacionais, é constitutiva da experiência humana. A catequese avalia-se pela diversidade das pessoas, da sua cultura, história ou ambiente, do seu modo e capacidade de compreender a realidade. Ela é uma ação pedagógica que se articula nas diversas linguagens dos sujeitos e que, ao mesmo tempo, é portadora de uma linguagem específica. De facto, «não acreditamos em fórmulas, mas sim nas realidades que as fórmulas exprimem e que a fé nos permite *tocar* [...]. No entanto, é através das fórmulas da fé que nos aproximamos dessas realidades. As fórmulas permitem-nos exprimir e transmitir a fé, celebrá-la em comunidade, assimilá-la e dela viver cada vez mais. A Igreja [...] ensina-nos a linguagem da fé, para nos introduzir na inteligência e na vida da fé»⁴.

205. A catequese exprime-se, por conseguinte, numa linguagem que é expressão da fé da Igreja. Na sua história, a Igreja comunicou a fé através da Sagrada Escritura (*linguagem bíblica*), símbolos e ritos litúrgicos (*linguagem simbólico-litúrgica*), escritos dos Padres, Símbolos da fé, formulações do Magistério (*linguagem doutrinal*) e o testemunho dos Santos e dos Mártires (*linguagem performativa*). Estas são as linguagens principais da fé eclesial que permitem que os fiéis tenham uma língua comum. A catequese valoriza-as, explica o seu significado e a sua relevância na vida dos crentes.

206. Ao mesmo tempo, a catequese assume criativamente as linguagens das culturas dos povos, através dos quais a fé se exprime de modo característico. A catequese ajuda também as comunidades eclesiais a encontrar novas linguagens adaptadas aos interlocutores. A catequese é assim lugar de inculturação da fé. De facto, «a missão é sempre idêntica, mas a linguagem com a qual anunciar o Evangelho deve ser renovada com sabedoria pastoral. Isto é essencial tanto para sermos entendidos pelos nossos contemporâneos, como para que a Tradição católica possa falar às culturas do mundo de hoje, ajudando-as a abrir-se à fecundidade perene da mensagem de Cristo»⁵.

A linguagem narrativa

207. A catequese valoriza todas as linguagens que a ajudam a realizar as suas tarefas; de modo particular, tem uma atenção em relação à *linguagem narrativa* e *autobiográfica*. Nos últimos anos, nota-se em vários âmbitos culturais a redescoberta da *narrativa* não apenas como instrumento linguístico, mas sobretudo como caminho através do qual o homem se compreende a si mesmo e à realidade que o circunda e dá significado àquilo que está a viver. Também a comunidade eclesial toma cada vez mais consciência da identidade narrativa da própria fé, como testemunha a Sagrada Escritura nos grandes relatos das origens, dos patriarcas e do povo eleito, na história de Jesus, narrada nos Evangelhos, e nos relatos dos inícios da Igreja.

208. Ao longo dos séculos, a Igreja tem sido como que uma comunidade familiar que continuou a narrar, de diversas formas, a história da salvação, incorporando em si aqueles que a acolheram. A linguagem narrativa tem a capacidade intrínseca de harmonizar todas as linguagens da fé à volta do seu núcleo central que é o mistério pascal. Além disso, favorece o dinamismo experiencial da fé, pois

³ DGC 155.

⁴ CCE 170-171.

⁵ FRANCISCO, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* (29 de maio de 2015).

envolve a pessoa em todas as suas dimensões: afetiva, cognitiva, volitiva. Assim, é bom que se reconheça o valor da narrativa na catequese, porque acentua a dimensão histórica da fé e o seu existencial carácter significativo, realizando uma interligação profunda entre a história de Jesus, a fé da Igreja e a vida daqueles que a contam e a escutam. A linguagem narrativa é particularmente oportuna para a transmissão da mensagem da fé numa cultura cada vez mais pobre de modelos profundos e eficazes de comunicação.

A linguagem da arte

209. Quando são autênticas, as *imagens* da arte cristã fazem intuir, através da percepção sensível, que o Senhor está vivo, presente e atuante na Igreja e na história⁶. Por esse motivo, elas constituem uma verdadeira linguagem da fé. É celebre a afirmação: «Se um pagão te pedir: “Mostra-me a tua fé” [...], leva-o a uma Igreja e coloca-o diante dos sagrados ícones»⁷. Esse repertório iconográfico, mesmo com a grande e legítima variedade de estilos, foi no primeiro milénio um tesouro comum da Igreja indivisa e desempenhou um papel importante na evangelização, porque, recorrendo à mediação de símbolos universais, tocou os desejos e os afetos mais profundos que são capazes de efetuar uma transformação interior. Na nossa época, as imagens cristãs podem ajudar, portanto, a fazer a experiência do encontro com Deus através da contemplação da sua beleza. São, de facto, imagens que trazem a quem as contempla o olhar de um Outro invisível, dando acesso à realidade do mundo espiritual e escatológico.

210. A valorização das imagens na catequese remete para uma sabedoria antiga da Igreja. Entre outras coisas, elas ajudam a conhecer e a memorizar os acontecimentos da história da salvação de modo mais rápido e imediato. A chamada *biblia pauperum* (“bíblia dos pobres”), um conjunto ordenado, visível para todos, de episódios bíblicos representados em várias expressões artísticas nas catedrais e nas igrejas, é ainda hoje uma verdadeira catequese. Quando as obras de arte são escolhidas de maneira cuidada, podem contribuir para mostrar imediatamente os múltiplos aspetos das verdades da fé, tocando o coração e ajudando à interiorização da mensagem.

211. Também o *património musical* da Igreja, de inestimável valor artístico e espiritual, é veículo da fé e constitui um bem precioso para a evangelização, pois instila no espírito humano o desejo do infinito. O poder da *música sacra* é bem descrito por Santo Agostinho: «Quanto chorei ao ouvir os hinos e os cânticos em tua honra, vivamente comovido com as vozes da tua Igreja, que cantava com suavidade! Aquelas vozes vibravam nos meus ouvidos e a verdade descia ao meu coração, e tudo se transformava em sentimento de amor e me causava tanta alegria, a ponto de me derreter em lágrimas»⁸. Os cânticos litúrgicos possuem também uma riqueza doutrinal que, transmitida juntamente com o som da música, entra mais facilmente na mente e imprime-se mais profundamente no coração das pessoas.

212. A Igreja, que ao longo dos séculos interagiu com diversas expressões artísticas (literatura, teatro, cinema, etc.), é chamada a abrir-se, com o justo sentido crítico, também à *arte contemporânea*, «incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas se tornaram particularmente atraentes para os outros»⁹. Esta arte pode ter o mérito de abrir a pessoa à linguagem dos sentidos, ajudando-a a não ser apenas espectadora da obra de arte, mas a colocar-se em jogo. Estas experiências artísticas, muitas vezes atravessadas por uma forte procura de sentido e de espiritualidade, podem ajudar à conversão dos sentidos, que faz parte do caminho de fé; convidam, além disso, a superar um certo intelectualismo em que a catequese pode cair.

As linguagens e os instrumentos digitais

213. A linguagem da catequese cruza inevitavelmente todas as dimensões da comunicação e os seus instrumentos. As transformações profundas na comunicação, evidentes a nível técnico, produzem

⁶ Cf. JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Duodecimum saeculum* (4 de dezembro de 1987), 11.

⁷ *Adversus Constantinum Caballinum*, 10: PG 95, 325.

⁸ AGOSTINHO DE HIPONA, *Confessiones*, 9, 6, 14: CCL 27, 141 (PL 32, 769-770).

⁹ EG 167.

transformações a nível cultural¹⁰. As novas tecnologias criaram uma nova infraestrutura cultural que influi na comunicação e na vida das pessoas. No espaço *virtual*, que muitos consideram não menos importante que o mundo real, as pessoas adquirem notícias e informações, desenvolvem e exprimem opiniões, comprometem-se em debates, dialogam e procuram respostas para as suas perguntas. Não avaliar estes fenómenos de forma adequada leva ao risco de parecerem insignificantes para muitas pessoas.

214. Na Igreja, muitas vezes, é habitual uma comunicação unidirecional: prega-se, ensina-se e apresentam-se sínteses dogmáticas. Além disso, só com um texto escrito é difícil falar aos mais jovens, habituados a uma linguagem que consiste na convergência da palavra escrita, som e imagens. As formas da comunicação digital oferecem, pelo contrário, maiores possibilidades, na medida em que estão abertas à interação. Por isso, além do conhecimento tecnológico, é necessário aprender modalidades comunicativas eficazes, além de garantir uma *presença na rede* que dê testemunho dos valores evangélicos.

215. As tecnologias de informação e de comunicação, as redes sociais e os dispositivos digitais favorecem os esforços de colaboração e de trabalho em comum, o intercâmbio de experiências e de conhecimento mútuo. «As redes sociais, para além de instrumento de evangelização, podem ser um fator de desenvolvimento humano. Por exemplo, em alguns contextos geográficos e culturais onde os cristãos se sentem isolados, as redes sociais podem reforçar o sentido da sua unidade efetiva com a comunidade universal dos fiéis»¹¹.

216. É bom que as comunidades se comprometam não apenas a enfrentar este novo desafio cultural, mas também a corresponder às novas gerações com os instrumentos que já são de uso comum na didática. É uma prioridade, também para a catequese, educar para o bom uso destes instrumentos e para uma compreensão mais profunda da cultura digital, ajudando a discernir os aspetos positivos dos aspetos ambíguos. Hoje em dia, o catequista deve estar consciente de quanto o mundo virtual pode deixar marcas profundas, especialmente nas pessoas mais jovens ou mais frágeis, e de quanta influência pode ter na gestão das emoções ou no processo de construção da identidade.

217. Contudo, a realidade virtual não pode substituir a realidade espiritual, sacramental e eclesial vivida no encontro direto entre as pessoas: «Nós somos meios e o problema fundamental não é a aquisição de tecnologias sofisticadas, embora necessárias para uma presença atual e válida. Esteja sempre bem claro entre nós que o Deus em quem acreditamos, um Deus apaixonado pelo homem, quer manifestar-se através dos nossos meios, ainda que pobres, porque é Ele que age, é Ele que transforma, é Ele que salva a vida do homem»¹². Para testemunhar o Evangelho, é necessária uma comunicação autêntica, fruto de uma interação real entre as pessoas.

5. O GRUPO

218. A comunidade cristã é o sujeito primário da catequese. Por esta razão, a pedagogia catequética deve canalizar todos os esforços para fazer compreender a importância da comunidade enquanto espaço fundamental para o crescimento pessoal. A forma comunitária é visível também na dinâmica do grupo, lugar concreto para viver «relações novas geradas por Jesus Cristo» que podem «transformar-

¹⁰ Acerca da cultura digital em geral, cf. os nn. 359-372 (*Catequese e cultura digital*) deste *Diretório*.

¹¹ BENTO XVI, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais* (24 de janeiro de 2013).

¹² FRANCISCO, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício das Comunicações Sociais* (21 de setembro de 2013).

se numa verdadeira experiência de fraternidade»¹³. Cuidar das relações de grupo tem um significado pedagógico: desenvolve o sentido de pertença eclesial e ajuda ao crescimento na fé.

219. O grupo é importante nos processos de formação das pessoas. Isto vale para todas as faixas etárias: para os pequeninos, que são ajudados a viver uma boa socialização; para os jovens, que sentem muito a necessidade de relações autênticas; para os adultos desejosos de experimentar partilha e corresponsabilidade na Igreja e na sociedade. O catequista é convidado a fazer viver no grupo a experiência da comunidade como expressão mais coerente da vida da Igreja, que encontra na celebração da Eucaristia a sua forma mais visível. Se for um lugar autêntico de relações entre pessoas, a experiência do grupo é terreno propício para acolher e partilhar a mensagem salvífica. A par do anúncio do Evangelho em forma comunitária, a comunicação da fé exige também o contacto de pessoa a pessoa.

220. A interação construtiva entre pessoas diversas constitui o grupo como lugar no qual floresce um intercâmbio e uma comunicação profunda. Quando ela é intensa e eficaz, o grupo desempenha da melhor maneira a sua função de apoio ao crescimento dos seus membros. Enquanto realidade eclesial, o grupo é animado pelo Espírito Santo, verdadeiro autor de todo o progresso na fé. Contudo, esta abertura à graça não diminui o recurso às disciplinas pedagógicas, que olham para o grupo também como realidade social, com as suas próprias dinâmicas e leis de crescimento. Saber valorizar esses contributos pode constituir uma possibilidade válida para reforçar o sentido de identidade e de pertença, para facilitar a participação ativa de cada membro, para favorecer os processos de interiorização da fé e para gerir de modo positivo as tensões interpessoais. Cada dinâmica de grupo tem o seu vértice na assembleia dominical, onde, na experiência do encontro com o Senhor e da fraternidade com todos os cristãos, o grupo amadurece na disponibilidade para o serviço, especialmente dos mais pobres, e para o testemunho no mundo.

6. O ESPAÇO

221. Cada cultura, sociedade ou comunidade dispõe não apenas de uma linguagem verbal, icónica e gestual, mas exprime-se e comunica-se também através do espaço. De modo semelhante, a Igreja conferiu significados específicos aos seus espaços, usando os elementos da arquitetura em função da mensagem cristã. Ao longo dos séculos, criou espaços adequados para acolher as pessoas e realizar as suas atividades: celebração dos divinos mistérios, partilha fraterna e ensinamento. Por exemplo, nos complexos paleocristãos, o nártex era um espaço, situado geralmente entre as naves e a fachada principal da Igreja, destinado a hospedar penitentes e catecúmenos. Muitas vezes decorado com cenas bíblicas ou representações dos mistérios da fé, o nártex tornava-se, através destas imagens, também um espaço de catequese. Na vida de uma comunidade, a par do espaço dedicado à liturgia, são importantes também os lugares para o apostolado e a formação cristã, para a socialização e a caridade.

222. Os espaços para a catequese são lugares através dos quais a comunidade exprime o seu modo de evangelizar. No atual contexto social e cultural, é oportuna uma reflexão sobre a especificidade dos lugares da catequese como instrumentos de anúncio e de educação para as relações humanas. Portanto, é necessário que esses ambientes sejam acolhedores e cuidados, que façam perceber um clima de familiaridade que favoreça um envolvimento sereno nas atividades comunitárias. Os ambientes, bastante difusos, que fazem lembrar as estruturas escolares não constituem os melhores lugares para a realização das atividades catequéticas. Por isso, é bom que se proceda a uma adequação desses espaços para o sentido efetivo da catequese.

223. Todavia é verdade que a dinâmica da Igreja *em saída*, que atravessa a catequese, tem implicações também no que se refere aos espaços. Devem ser estimuladas as tentativas de uma catequese em lugares diferentes: a casa, o prédio, os ambientes educativos, culturais e recreativos, a prisão, etc. Estes

¹³ EG 87.

lugares, muitas vezes descentrados em relação aos da comunidade cristã, são propícios para a catequese ocasional, porque se criam relações mais familiares e a catequese, nesta relação mais visível com a vida quotidiana, pode tornar-se mais incisiva.

CAPÍTULO VIII

A catequese na vida das pessoas

224. Cada batizado, chamado à maturidade da fé, tem direito a uma catequese adequada. Por isso, é tarefa da Igreja dar uma resposta satisfatória a este direito. O Evangelho não se destina ao homem abstrato, mas a *cada homem*, real, concreto, histórico, enraizado numa situação particular e marcado por dinâmicas psicológicas, sociais, culturais e religiosas, porque «todos e cada um foram compreendidos no mistério da Redenção»¹. Por um lado, a fé não é um processo linear e participa no desenvolvimento da pessoa, e este, por sua vez, influencia o caminho da fé. Não se pode esquecer que cada fase da vida está exposta a desafios específicos e deve fazer face às dinâmicas sempre novas da vocação cristã.

225. Por isso, é razoável oferecer caminhos de catequese que se diversificam com base nas diferentes necessidades, idades dos sujeitos e estado de vida. Portanto, é indispensável respeitar os dados antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, tendo em conta as ciências da educação. Por este motivo é pedagogicamente importante, no processo da catequese, atribuir a cada etapa a sua importância e especificidade. A este respeito, indica-se apenas alguns elementos gerais; para ulteriores considerações remete-se para os Diretórios catequéticos das Igrejas particulares e das Conferências episcopais.

1. CATEQUESE E FAMÍLIA

226. A família é uma comunidade de amor e de vida, constituída por «um complexo de relações interpessoais – vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade – mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na *família humana* e na *família de Deus*, que é a Igreja»². O futuro das pessoas, da comunidade humana e da comunidade eclesial depende em boa parte da família, célula fundamental da sociedade. Graças à família, a Igreja torna-se *família de famílias* e enriquece-se com a vida destas igrejas domésticas. Por isso, «com íntima alegria e profunda consolação, a Igreja olha para as famílias que permanecem fiéis aos ensinamentos do Evangelho, agradecendo-lhes pelo testemunho que dão e encorajando-as. Com efeito, graças a elas, torna-se credível a beleza do Matrimónio indissolúvel e fiel para sempre»³.

Âmbitos da catequese familiar

A catequese na família

227. *A família é um anúncio de fé* enquanto lugar natural onde a fé pode ser vivida de maneira simples e espontânea. Ela «tem uma prerrogativa única: transmite o Evangelho, radicando-o no contexto de profundos valores humanos. Com esta base humana, é mais profunda a iniciação na vida cristã: o despertar para o sentido de Deus, os primeiros passos na oração, a educação da consciência moral e a formação do sentido cristão do amor humano, concebido como reflexo do amor de Deus Criador e Pai. Em resumo, trata-se de uma educação cristã mais testemunhada que ensinada, mais ocasional que sistemática, mais permanente e quotidiana que estruturada em períodos»⁴.

228. A vida conjugal e familiar, vivida segundo o desígnio de Deus, constitui já em si mesma um Evangelho, em que se pode ler o amor gratuito e paciente de Deus pela humanidade. Em virtude do

¹ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptor hominis* (4 de março de 1979), 13.

² JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Familiaris consortio* (22 de novembro de 1981), 15.

³ AL 86.

⁴ DGC 255.

sacramento do Matrimônio, os cônjuges cristãos participam do mistério de unidade e de fecundo amor que se interpõe entre Cristo e a Igreja. Por este motivo, a *catequese na família* tem a tarefa de levar os protagonistas da vida familiar, especialmente os esposos e os pais, a descobrir o dom que Deus lhes concede mediante o sacramento do Matrimônio.

A catequese com a família

229. *A Igreja anuncia o Evangelho à família.* A comunidade cristã é *família de famílias* e ela mesma é família de Deus. A comunidade e a família constituem, uma para a outra, uma referência constante e recíproca: se a comunidade recebe da família uma compreensão da fé imediata e ligada com naturalidade às vicissitudes da vida, já a família, por sua vez, recebe da comunidade uma chave explícita para reler a sua experiência na fé. Consciente deste nexos profundo, a Igreja, no seu zelo evangelizador, anuncia o Evangelho às famílias, levando-as a experimentar que ele é «alegria que enche o coração e a vida inteira, porque, em Cristo, somos libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento»⁵.

230. No tempo atual, a *catequese com as famílias* é atravessada pelo *querigma*, porque também «diante das famílias e no meio delas, deve ressoar sempre de novo o primeiro anúncio, que é o mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário e deve ocupar o centro da atividade evangelizadora»⁶. Além disso, na dinâmica da conversão missionária, a *catequese com as famílias* é caracterizada por um estilo de compreensão humilde e por um anúncio concreto, não teórico e desligado dos problemas das pessoas. No seu compromisso evangelizador e catequético dirigido ao interior das famílias, a comunidade realiza percursos de fé que a ajudem a ter consciência clara da sua identidade e missão: por isso, acompanha-as e apoia-as na sua tarefa de transmitir a vida; ajuda-as no exercício da sua tarefa originária de educar; e promove uma autêntica espiritualidade familiar. Deste modo, a família torna-se consciente do seu papel e torna-se, na comunidade e juntamente com ela, sujeito ativo da obra de evangelização.

A catequese da família

231. *A família anuncia o Evangelho.* Enquanto Igreja doméstica, alicerçada no sacramento do Matrimônio que tem também uma dimensão missionária, a família cristã participa na missão evangelizadora da Igreja e é, por isso, sujeito de catequese. «O exercício de transmitir aos filhos a fé, no sentido de facilitar a sua expressão e crescimento, permite que a família se torne evangelizadora e, espontaneamente, comece a transmiti-la a todos os que se aproximam dela e mesmo fora do próprio ambiente familiar»⁷. Por isso, além de ser chamada ao conatural serviço de educação dos filhos, a família é chamada a contribuir para a edificação da comunidade cristã e a testemunhar o Evangelho na sociedade. «O ministério de evangelização e de catequese da Igreja doméstica deve permanecer em comunhão íntima e deve harmonizar-se responsabilmente com todos os outros serviços de evangelização e de catequese presentes e operantes na comunidade eclesial, quer diocesana quer paroquial»⁸. A *catequese da família* será, portanto, cada contributo específico que as famílias cristãs, com a sensibilidade que lhes é própria, dão aos diversos itinerários de fé que a comunidade propõe.

Indicações pastorais

232. No seu zelo materno, a Igreja acompanha os seus filhos ao longo de todo o arco da existência. Reconhece, contudo, que alguns momentos são passagens decisivas nos quais o homem se deixa tocar mais facilmente pela graça de Deus e se torna disponível para um itinerário de fé. Nesses percursos, será oportuno valorizar a ajuda generosa e preciosa de outros casais, que já vivem a experiência matrimonial há algum tempo. A comunidade estará atenta sobretudo aos momentos a seguir indicados:

⁵ AL 200; cf. também EG 1.

⁶ AL 58; cf. também EG 35 e 164.

⁷ AL 289.

⁸ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Familiaris consortio* (22 de novembro de 1981), 53.

- a. *A catequese dos jovens e dos adultos que se preparam para o Matrimônio*⁹ prevê uma formação remota, uma próxima e outra imediata para a celebração do sacramento do Matrimônio, apresentado como uma verdadeira vocação. Nestes itinerários de fé, graduais e contínuos, na linha da inspiração catecumenal, deve «dar-se prioridade – a par de um renovado anúncio do *querigma* – àqueles conteúdos que, comunicados de forma atraente e cordial, ajudem [os noivos] a comprometer-se num percurso da vida toda. [...] Trata-se duma espécie de *iniciação* ao sacramento do Matrimônio, que lhes forneça os elementos necessários para poderem recebê-lo com as melhores disposições e iniciar com uma certa solidez a vida familiar».¹⁰ É bom que, nos lugares onde ainda estiver em uso, se abandone a denominação de *cursos de preparação para o Matrimônio*, para restituir a este percurso o seu autêntico significado formativo e catequético.
- b. *A catequese dos casais jovens*¹¹ é a catequese que, depois do Matrimônio, se oferece aos jovens esposos sob a forma de mistagogia, para os levar a descobrir aquilo em que se tornaram graças ao sacramento celebrado. É bom que estes itinerários formativos, à luz da Palavra de Deus, orientem a vida dos casais jovens de modo a tomarem cada vez mais consciência do dom e da missão que receberam.
- c. *A catequese dos pais que pedem o Batismo para os filhos*: a comunidade, na pessoa dos catequistas, tenha o cuidado de acolher, escutar e compreender as motivações do pedido dos pais, de predispor um caminho apropriado para que eles possam despertar a graça do dom da fé que receberam. É bom que também os padrinhos sejam envolvidos neste itinerário e que este possa ser realizado num arco de tempo suficiente.
- d. *A catequese dos pais, cujos filhos fazem o percurso de iniciação cristã*: a comunidade favorece o envolvimento dos pais no caminho de iniciação dos filhos, que, para alguns, constitui também um momento de aprofundamento da fé, para outros, um autêntico espaço de primeiro anúncio.
- e. *A catequese intergeracional* prevê que o caminho de fé seja uma experiência formativa que não se dirige a uma idade particular, mas que é partilhada entre diversas gerações dentro de uma família ou de uma comunidade, no percurso traçado pelo ano litúrgico. Esta proposta valoriza o intercâmbio da experiência da fé entre as gerações, inspirando-se nas primeiras comunidades cristãs.
- f. *A catequese nos grupos de esposos e nos grupos de famílias* tem como protagonistas os próprios casais. Estes itinerários de catequese pretendem desenvolver uma espiritualidade conjugal e familiar, capaz de voltar a dar vigor e impulso à vida matrimonial, redescobrando a dimensão sponsal da aliança entre Deus e os homens e o papel da família na construção do Reino de Deus.

Novos cenários familiares

233. A precariedade e a imprevisibilidade dos processos sociais e culturais em curso alteraram, entre outras coisas, também a noção e a realidade da família. Estão a aumentar bastante as crises conjugais e familiares que, muitas vezes, se resolvem dando «origem a novas relações, novos casais, novas uniões e novos casamentos, criando situações familiares complexas e problemáticas para a opção cristã»¹². Apesar das feridas, do esvaziamento do seu significado transcendente e das fragilidades que a caracterizam, há, contudo, uma espécie de saudade de família, dado que são tantos os que, intuindo o seu valor, ainda a procuram e têm desejo de a construir.

234. Com zelo, respeito e solicitude pastoral, a Igreja quer acompanhar aqueles filhos que estão marcados por um amor ferido, que se encontram numa condição mais frágil, voltando a dar-lhes confiança e esperança. «Na perspetiva da pedagogia divina, a Igreja olha com amor para aqueles que participam de modo imperfeito na vida dela: com eles, invoca a graça da conversão; encoraja-os a fazerem o bem, a cuidarem com amor um do outro e a colocarem-se ao serviço da comunidade onde

⁹ Cf. AL 205-216.

¹⁰ AL 207.

¹¹ Cf. AL 217-230.

¹² AL 41.

vivem e trabalham»¹³. É importante que cada comunidade cristã encare com realismo as realidades familiares heterogêneas, com as suas luzes e sombras, para *acompanhar* de modo adequado e *discernir* a complexidade das situações, sem ceder a formas de idealizações e de pessimismo. Substancialmente, «trata-se de integrar a todos, deve-se ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objeto duma misericórdia imerecida, incondicional e gratuita»¹⁴.

235. Acompanhar na fé e introduzir à vida da comunidade as situações chamadas *irregulares* «implica tomar muito a sério cada pessoa e o projeto que Deus tem para ela»¹⁵ com um estilo de proximidade, de escuta e de compreensão. Além do acompanhamento espiritual pessoal, os catequistas devem encontrar caminhos e modos para favorecer a participação destes irmãos também na catequese: em grupos específicos formados por pessoas que partilham a mesma experiência conjugal ou familiar; ou nos outros grupos de famílias ou de adultos que já existam. Deste modo é possível evitar formas de solidão ou discriminação e despertar o desejo de acolher e responder ao amor de Deus.

2. CATEQUESE COM AS CRIANÇAS

236. «Esta fase de idade, tradicionalmente dividida em *primeira infância* ou idade pré-escolar e *infância*, aos olhos da fé e da própria razão, tem como própria a graça do início da vida»¹⁶ caracterizada pela simplicidade e pela gratuidade do acolhimento. Já Santo Agostinho indicava a primeira infância e a infância propriamente dita como tempos em que se aprende o diálogo com o Mestre que fala no íntimo. Desde tenra idade que a criança deve ser ajudada a perceber e a desenvolver o sentido de Deus e a intuição natural da sua existência (cf. GE 3). Com efeito, a antropologia e a pedagogia confirmam que a criança é capaz de Deus e que as suas perguntas acerca do sentido da vida nascem também nos lugares onde os pais estão pouco atentos à educação religiosa. As crianças têm a capacidade de colocar questões de sentido a respeito da criação, da identidade de Deus, do porquê do bem e do mal e são capazes de manifestar alegria diante do mistério da vida e do amor.

237. Os estudos realizados pelas ciências sócio-psico-pedagógicas e da comunicação são uma grande ajuda na hora de delinear a fisionomia concreta das crianças, que têm situações de vida muito variadas nos diversos contextos geográficos. Com efeito, as variáveis sociais e culturais influenciam em muito a condição das crianças (da primeira e da segunda infância), a percepção das suas necessidades por parte dos adultos, os modos de entender e viver as dinâmicas familiares, a experiência escolar, a relação com a sociedade e a relação com a fé. Tenha-se particularmente em conta a condição de *nativos digitais* que caracteriza grande parte das crianças no mundo. É um fenómeno à escala global, cujas consequências ainda não são claramente perceptíveis, mas que está sem dúvida a modificar as modalidades cognitivas e relacionais das novas gerações, influenciando de certa forma também o impulso natural para a experiência religiosa.

238. É também importante considerar que são as muitas crianças (da primeira e da segunda infância) que sentem fortemente o efeito da fragilidade dos laços no interior das famílias, mesmo em situações de bem-estar económico; outras, pelo contrário, vivem ainda hoje em condições ambientais fortemente marcadas pela pobreza, pela violência e pela instabilidade. A estas crianças que, por diversos motivos, sofrem com a falta de referências seguras para a vida, muitas vezes também lhes é reduzida a possibilidade de conhecer e amar a Deus. Quando tal é possível, a comunidade eclesial deve saber dialogar com os pais, apoiando-os na sua função de educar; além disso, procure tornar-se presente e disponível para demonstrar sempre zelo materno e cuidados concretos: este será o primeiro e fundamental anúncio da bondade providente de Deus.

¹³ AL 78.

¹⁴ AL 297.

¹⁵ EG 160.

¹⁶ DGC 177.

239. A *primeira infância*, ou idade pré-escolar, é um tempo decisivo de descoberta da realidade religiosa, em que dos pais e do ambiente de vida se apreende uma atitude de abertura e de acolhimento, ou de aversão e fechamento a Deus. Apreendem-se também os primeiros conhecimentos da fé: uma primeira descoberta do Pai que está nos céus, bom e providente, para o qual voltar o coração e a quem dirigir um gesto de afeto e veneração; o nome de Jesus e de Maria e algumas histórias dos momentos principais da vida do Senhor Jesus; sinais, símbolos e gestos religiosos. Não se deve subestimar, neste contexto, a valorização das principais festividades do ano litúrgico, por exemplo, com a construção do presépio nas famílias, na preparação para o Natal¹⁷, que pode permitir que a criança viva uma forma de catequese através de uma participação direta no mistério da encarnação. Quando, desde pequena, em família ou noutros ambientes de crescimento, a criança está em contacto com os diversos aspetos da vida cristã, aprende e interioriza uma primeira forma de *socialização religiosa* propedêutica em relação às seguintes e ao desenvolvimento da consciência moral cristã. Mais que catequese em sentido próprio, nestas idades trata-se de uma *primeira evangelização e anúncio da fé numa forma eminentemente educativa*, atenta a desenvolver o sentido da confiança, da gratuidade, do dom de si, da invocação e da participação, como condição humana na qual se enxerta a força salvífica da fé.

240. A *idade escolar* (6-10 anos), de acordo com uma tradição consolidada em muitos países, é o período em que se completa na paróquia a iniciação cristã começada com o Batismo. O itinerário global de iniciação cristã tem como finalidade dar a conhecer os acontecimentos principais da história da salvação que serão objeto de reflexão mais aprofundada nas idades sucessivas e a levar a tomar gradualmente consciência da sua identidade de batizado. Com a catequese de iniciação cristã tem-se em vista o primeiro conhecimento da fé (primeiro anúncio) e com o processo de iniciação introduz-se a criança em idade escolar na vida da Igreja e na celebração dos sacramentos. A catequese, não fragmentária, mas articulada ao longo de um itinerário que propõe de forma essencial todos os mistérios da vida cristã e a forma como incidem na consciência moral, está também atenta às condições existenciais das crianças desta fase e às suas interrogações de sentido. Ao longo do itinerário de iniciação, está previsto, de facto, o ensino das verdades da fé, que se reforça com o testemunho da comunidade, a participação na liturgia, o encontro com a palavra de Jesus na Sagrada Escritura, o início do exercício da caridade. Compete às Conferências episcopais estabelecer a duração e as modalidades para realizar o itinerário de iniciação à vida cristã e a administração dos sacramentos.

241. A segunda infância é também a fase da entrada no mundo da escola primária. A criança em idade pré-escolar, e depois em idade escolar, entra numa comunidade maior que a família, onde tem a possibilidade de desenvolver as suas capacidades intelectuais, afetivas, relacionais. Com efeito, em muitos países do mundo, é ministrado ensino religioso específico na escola e, nalguns casos, há também a possibilidade de se dar na escola a catequese de iniciação à vida cristã e aos sacramentos, de acordo com as indicações e as disposições do Bispo local. Nesses contextos, a colaboração entre os catequistas e os professores torna-se um significativo recurso educativo e é uma ocasião favorável para dar visibilidade a uma comunidade de testemunhas adultas da fé.

242. A necessidade de fazer do processo de iniciação cristã uma autêntica introdução experiencial à globalidade da vida de fé leva a olhar para o catecumenato como uma imprescindível fonte de inspiração. Torna-se muito oportuna uma *iniciação cristã configurada segundo o modelo formativo do catecumenato*, mas com critérios, conteúdos e metodologias adequados às crianças desta fase. A articulação do desenvolvimento do processo de iniciação cristã para crianças em idade escolar, inspirado no catecumenato, prevê tempos, ritos de passagem e a participação ativa na mesa eucarística que constitui o cume do processo de iniciação. Na sua realização, os catequistas estão comprometidos em inverter a visão tradicional, que vê a criança em idade escolar principalmente como objeto de cuidados e atenções pastorais da comunidade, e em assumir a perspetiva que o educa

¹⁷ Cf. FRANCISCO, Carta apostólica *Admirabile signum* (1 de dezembro de 2019).

progressivamente, de acordo com as suas capacidades, para ser sujeito ativo dentro e fora da comunidade. A inspiração catecumenal permite, além disso, que se reconsidere o papel primordial da família e de toda a comunidade em relação aos mais pequenos, dando lugar a processos de evangelização recíproca entre os diversos sujeitos eclesiais envolvidos.

243. Cada Igreja local, mediante os secretariados e organismos preestabelecidos, é solicitada a avaliar a situação em que vivem as crianças da segunda infância e a estudar as modalidades e os itinerários de iniciação e de catequese que sejam mais adequados para os tornar conscientes de serem filhos de Deus e membros da Igreja, família de Deus, que se reúne para celebrar a Páscoa no dia dedicado ao Senhor.

3. CATEQUESE NA REALIDADE JUVENIL

244. Existe uma profunda ligação entre a possibilidade de uma renovada proposta de fé aos jovens e a disponibilidade da Igreja para rejuvenescer, ou seja, para se manter num processo de conversão espiritual, pastoral e missionária. «A capacidade [dos jovens] de renovar, reclamar, exigir coerência e testemunho, voltar a sonhar e reinventar»¹⁸ pode ajudar a comunidade eclesial a dar-se conta das transformações culturais do nosso tempo e a fazer crescer a confiança e a esperança. Toda a comunidade tem o dever de transmitir a fé e de testemunhar a possibilidade de caminhar na vida com Cristo. A proximidade do Senhor Jesus com os dois discípulos de Emaús, o facto de caminhar com eles, dialogando, acompanhando e ajudando a abrir os olhos é fonte de inspiração para caminhar *com* os jovens. É dentro destas dinâmicas que se deve anunciar o Evangelho ao mundo juvenil com coragem e criatividade, propor a vida sacramental e o acompanhamento espiritual. Graças à mediação eclesial, os jovens poderão descobrir o amor pessoal do Pai e a companhia de Jesus Cristo e viver esta etapa da vida, particularmente «adequada aos grandes ideais, aos generosos heroísmos, às coerentes exigências de pensamento e de ação».¹⁹

245. A catequese no mundo juvenil deve ser constantemente renovada, reforçada e realizada no contexto mais vasto da pastoral juvenil. Precisa de se caracterizar por dinâmicas pastorais e relacionais de escuta, reciprocidade, corresponsabilidade e reconhecimento do protagonismo juvenil. Embora não haja fronteiras definidas e sejam as abordagens típicas de cada cultura que são determinantes, é útil especificar a idade juvenil entre pré-adolescentes, adolescentes, jovens e jovens-adultos. É decisivo que se aprofunde o estudo do mundo juvenil, valendo-se dos contributos da investigação científica e tendo em conta a situação nos diversos países. Uma consideração de carácter geral diz respeito à questão da linguagem dos jovens. Geralmente, as novas gerações estão bastante marcadas pelas *redes sociais* e pelo chamado mundo virtual. Isto dá oportunidades que as gerações anteriores não tinham, mas ao mesmo tempo comporta alguns riscos. É muito importante considerar de que forma a experiência de relações tecnologicamente mediadas estrutura a conceção do mundo, da realidade e das relações interpessoais. Insiste-se, por isso, na necessidade que a pastoral tem de uma adaptação da catequese com os jovens, sabendo traduzir na sua linguagem a mensagem de Jesus.

Catequese com os pré-adolescentes

246. São muitos os sinais que levam a olhar para a pré-adolescência²⁰ como uma etapa da vida caracterizada pela dinâmica da *passagem* de uma situação conhecida e segura para algo de novo e inexplorado. Por um lado, isto pode suscitar impulso e entusiasmo, mas por outro lado provoca um

¹⁸ ChV 100.

¹⁹ PAULO VI, *Alocução para a beatificação de Nunzio Sulprizio* (1 de dezembro de 1963).

²⁰ O termo *pré-adolescência* assume significados diferentes nas diversas culturas. Aqui indica o tempo que começa com a puberdade e que vai aproximadamente dos 10 aos 14 anos. Noutros lugares, este momento é indicado como *primeira adolescência* (*early adolescence*), ao passo que o termo *preadolescence* indica o último estágio da infância (9-10 anos).

sentimento de confusão e de perda. A pré-adolescência caracteriza-se precisamente por esta mistura de emoções contraditórias e oscilantes que, na verdade, nascem da necessidade de rivalizar, experimentar, pôr-se à prova, para redefinir – como protagonistas e autonomamente – uma identidade que quer renascer. De facto, neste período, acompanhado por um forte desenvolvimento da dimensão física e emocional, começa a tomar forma o processo lento e laborioso de personalização do indivíduo.

247. A pré-adolescência é também o tempo em que se reelabora a imagem de Deus recebida na infância: para isso, é importante que a catequese acompanhe com cuidado esta passagem delicada devido aos seus possíveis desenvolvimentos futuros, mesmo recorrendo a investigações e a instrumentos das ciências humanas. Sem medo de apontar para a essencial, a proposta de fé aos pré-adolescentes há de preocupar-se por semear nos seus corações os germes de uma visão de Deus que, em seguida, poderá amadurecer: o *querigma* falará especialmente do Senhor Jesus como irmão que ama, como amigo que ajuda a viver as relações da melhor maneira, não julga, é fiel, valoriza os recursos e os sonhos, realizando os desejos de beleza e de bem. Além disso, a catequese é convidada a reconhecer o protagonismo dos pré-adolescentes, a criar um contexto de relações significativas de grupo, a dar espaço à experiência, a criar um clima em que se acolhem as questões fazendo-as interagir com a proposta do Evangelho. O pré-adolescente pode entrar mais facilmente no mundo da experiência cristã, descobrindo que o Evangelho toca precisamente as dinâmicas relacionais e afetivas às quais ele é particularmente sensível. O catequista, capaz de confiar e esperar, levará a sério as dúvidas e as inquietudes do pré-adolescente, fazendo-se seu companheiro discreto, mas presente.

Catequese com os adolescentes

248. A adolescência é uma época da vida que vai aproximadamente dos 14 aos 21 anos e que, por vezes, perdura mesmo muito para além disso. Caracteriza-se pelo impulso para a independência e, ao mesmo tempo, pelo medo de começar a distanciar-se do contexto familiar; esta determina contínuas agitações entre impulsos de entusiasmo e retrocessos. «Os adolescentes estão a caminho, em trânsito. [...] Vivem exatamente esta tensão, antes de tudo em si mesmos e depois com quantos os circundam», mas «a adolescência não é uma patologia que devemos combater. Faz parte do crescimento normal e natural da vida dos nossos adolescentes»²¹. Portanto, a comunidade e o catequista deverão ter o cuidado de desenvolver o espaço interior para perceber e acolher sem julgar e com sincera paixão educativa, esta procura da liberdade dos adolescentes, começando a canalizá-la para um projeto de vida aberto e ousado.

249. No seu caminho de fé, os adolescentes precisam de ter ao seu lado testemunhas convictas e envolventes. Um dos desafios da catequese é justamente aquele que se refere ao escasso testemunho de fé vivida no interior das famílias e dos âmbitos de socialização dos quais eles provêm. Além disso, o afastamento da frequência da Igreja que, muitas vezes, tem lugar na idade da adolescência não depende tanto da qualidade daquilo que foi proposto nos anos da infância – por muito que tudo isto seja importante – mas sobretudo da existência de uma proposta alegre e significativa para a idade juvenil. Ao mesmo tempo, os adolescentes colocam duramente à prova a autenticidade das figuras adultas e precisam de presbíteros, de adultos e de jovens mais velhos nos quais vejam uma fé vivida com alegria e coerência. A comunidade terá o cuidado de identificar para este serviço de catequese aquelas pessoas que se mostrarem mais disponíveis para sintonizar com o mundo deles, iluminando-o com a luz e a alegria da fé. É importante que a catequese se realize dentro da pastoral juvenil e com uma conotação fortemente educativa e vocacional, no contexto da comunidade cristã e dos outros ambientes de vida dos adolescentes.

Catequese com os jovens

250. A rápida transformação cultural e social toca também os jovens. Em algumas partes do mundo, os condicionamentos da sociedade consumista e meritocrática impelem muitos a atingir níveis de estudos de especialização para alcançar metas profissionais qualificadas. Por este motivo, muitos jovens sentem a exigência de se deslocar para viver experiências de trabalho e de estudo mais

²¹ FRANCISCO, *Discurso no Congresso pastoral da Diocese de Roma* (19 de junho de 2017).

peculiares. Muitos outros, por sua vez, dada a falta de trabalho, caem num sentimento de insegurança, que facilmente desemboca em desilusão e tédio e, por vezes, vai até à angústia e à depressão. Já em países marcados por um duradouro subdesenvolvimento económico e por conflitos que causam grandes movimentos migratórios, os jovens sentem uma falta geral de esperança em relação ao seu futuro e veem-se obrigados a condições de vida muitas vezes humilhantes.

251. Do ponto de vista da experiência religiosa, nota-se grande variedade. Muitos jovens dão mostras de um impulso para a procura de sentido, a solidariedade, o compromisso social. Muitas vezes, estão abertos a práticas religiosas e sensíveis às diversas espiritualidades. Em relação à experiência eclesial, nesta fase de vida, são muitos os que se afastam da Igreja ou mostram indiferença ou desconfiança em relação a ela. Entre as causas, é preciso considerar a falta de testemunho, de credibilidade, de apoio espiritual e moral por parte da família, ou uma catequese carente e uma comunidade cristã pouco significativa. No entanto, também é verdade que muitos jovens participam ativamente e com entusiasmo na vida da Igreja, nas suas experiências missionárias e de serviço e vivem uma vida de oração autêntica e intensa.

252. O Senhor Jesus, que «santificou a juventude pelo simples facto de a ter vivido»²², quando encontrava jovens ao longo do seu ministério público, manifestava-lhes a benevolência do Pai, interpelava-os e convidava-os para uma vida plena. Manifestando o mesmo zelo de Jesus, a Igreja quer escutar os jovens com paciência, compreender as suas inquietações, dialogar com todo o coração, acompanhá-los no discernimento do seu projeto de vida. Portanto, a pastoral juvenil da Igreja será, antes de mais, *animação de índole humanizadora e missionária*, ou seja, capaz de reconhecer na experiência humana os sinais do amor e do chamamento de Deus. À luz da fé encontram o seu sentido autêntico a procura da verdade e da liberdade, o desejo de amar e de ser amados, as aspirações pessoais e o compromisso apaixonado pelos outros e pelo mundo. Ao ajudar os jovens a descobrir, elaborar e viver o seu projeto de vida segundo Deus, a pastoral juvenil deverá saber assumir novos estilos e estratégias. É necessário «adquirir outra flexibilidade, convidando os jovens para acontecimentos que, de vez em quando, lhes proporcionem um espaço onde não só recebam uma formação, mas lhes permitam também partilhar a vida, festejar, cantar, escutar testemunhos concretos e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo»²³. Portanto, também a catequese com os jovens há de ser redefinida pelas notas deste estilo pastoral.

253. Todo o projeto formativo, que junta formação litúrgica, espiritual, doutrinal e moral, deverá estar «centrado em dois eixos principais: um é o aprofundamento do *querigma*, a experiência fundante do encontro com Deus através de Cristo morto e ressuscitado; o outro é o crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço»²⁴. Portanto, a catequese apresentará o anúncio da Páscoa de Jesus, verdadeira juventude do mundo, como um núcleo de significado à volta do qual se deve construir a resposta vocacional²⁵. A *dimensão vocacional* da catequese juvenil requer que os percursos formativos sejam elaborados tendo por referência as experiências de vida. Há que apreciar o facto de muitas vezes o caminho de fé dos jovens ser mediado também pela pertença a uma associação ou a um movimento eclesial. Com efeito, a dinâmica do grupo permite que a catequese permaneça intimamente ligada à experiência concreta²⁶.

254. Além dos itinerários catequéticos orgânicos e estruturados, deve valorizar-se a catequese feita de modo ocasional nos ambientes de vida dos jovens: escola, universidade, associações culturais e recreativas. Entre as experiências a apontar, além dos eventos diocesanos, nacionais ou continentais, recorda-se a *Jornada Mundial da Juventude*, que constitui uma ocasião para se dirigir a tantos jovens que, de outro modo, seriam inalcançáveis. É bom que, na preparação para a *Jornada* e durante a sua

²² SÍNODO DOS BISPOS, XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *Documento final* (27 de outubro de 2018), 63.

²³ ChV 204.

²⁴ ChV 213.

²⁵ Cf. ChV, capítulo VIII.

²⁶ Cf. ChV 219-220.

realização, os presbíteros e os catequistas desenvolvam percursos que permitam que se viva plenamente essa experiência de fé. Depois, não se deve esquecer o fascínio que a peregrinação exerce sobre muitos jovens: é útil que seja vivida como momento catequético.

255. Deve valorizar-se o contributo, criativo e corresponsável que os próprios jovens dão à catequese. O serviço catequético aos mais pequenos é um desafio ao seu próprio crescimento na fé. Isto convida a comunidade cristã a cuidar de modo particular da formação dos jovens catequistas: «Torna-se necessário também um renovado compromisso a favor dos catequistas, que muitas vezes são jovens ao serviço doutros jovens, praticamente da mesma idade; é importante cuidar adequadamente da sua formação e fazer que o seu ministério seja melhor reconhecido pela comunidade»²⁷.

256. A Igreja, hoje, olha com mais atenção para a passagem da idade juvenil à adulta. Em comparação com um passado ainda bastante recente, a entrada na fase adulta da existência está cada vez mais retardada para muitos jovens, de modo particular em alguns contextos sociais. Esta transição faz com que, muitas vezes, encontremos diante de nós pessoas que, mesmo possuindo todos os requisitos para viver uma vida adulta (idade, título académico, vontade de se empenhar), não encontram condições favoráveis para tornar efetivo o seu desejo de realização, não gozando de uma condição laboral e económica estável que permita a formação de uma família. Esta situação, com certeza, tem repercussões no mundo interior e afetivo. Portanto, deverá pensar-se em novas modalidades de ação pastoral e catequética que ajudem a comunidade cristã a interagir com os *jovens adultos*, apoiando-os no seu caminho.

4. CATEQUESE COM OS ADULTOS

257. A condição de adulto é hoje particularmente complexa. Em relação ao passado, esta idade da vida já não é compreendida como um estado de estabilidade já alcançada, mas como um processo contínuo de reestruturação que tem em conta a evolução da sensibilidade pessoal, a teia de relações, as responsabilidades a que a pessoa é chamada. Neste dinamismo vivo em que se inserem fatores familiares, culturais, sociais, o adulto reformula continuamente a sua identidade, reagindo criativamente aos diversos momentos de transição que está a viver. A dinâmica do *tornar-se adulto* tem a ver inevitavelmente também com a dimensão religiosa, uma vez que o ato de fé é um processo interior intimamente ligado à sua personalidade. Com efeito, nas etapas da idade adulta, a própria fé é chamada a tomar diversas formas, a desenvolver-se e a amadurecer, para que possa ser uma resposta autêntica e contínua às provocações da vida. Por isso, qualquer possível caminho de fé com os adultos requer que as experiências da vida não só sejam tidas em consideração, mas que sejam relidas à luz da fé enquanto oportunidade e, portanto, integradas no próprio percurso formativo.

258. A relação dos adultos com a questão da fé é muito variada, sendo justo que cada pessoa seja acolhida e escutada com a sua peculiaridade. Sem diminuir a peculiaridade de cada situação, é possível considerar algumas tipologias de adultos que vivem a fé de diferentes modos:

- adultos crentes, que vivem a sua fé e desejam aprofundá-la;
- adultos que, apesar de serem batizados, não estão formados adequadamente ou não foram até ao fim da iniciação cristã e podem ser chamados *quase catecúmenos*²⁸;
- adultos batizados que, apesar de não viverem habitualmente a sua fé, procuram, no entanto, um contacto com a comunidade eclesial em alguns momentos particulares da vida;
- adultos que provêm de outras confissões cristãs ou de outras experiências religiosas;
- adultos que voltam à fé católica, depois de terem tido alguma experiência nos novos movimentos religiosos;
- adultos não batizados, a quem se destina o verdadeiro catecumenato.

²⁷ SÍNODO DOS BISPOS, XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *Documento final* (27 de outubro de 2018), 133.

²⁸ CT 44.

259. O esforço de amadurecer a fé batismal é uma responsabilidade pessoal que sobretudo o adulto deve sentir como uma prioridade pelo facto de estar envolvido num processo permanente de formação da sua identidade pessoal. Esta tarefa, própria de cada pessoa, na idade adulta confronta-se com as responsabilidades familiares e sociais a que a pessoa é chamada e que podem provocar momentos de crise, até bastante profundos. É por esta razão que, mesmo nesta idade da vida e com acentuações típicas, são necessários o acompanhamento e o crescimento na fé para que o adulto amadureça aquela sabedoria espiritual que ilumina e dá unidade às múltiplas experiências da sua vida pessoal, familiar e social.

260. A catequese com os adultos configura-se, portanto, como um processo pessoal e comunitário de aprendizagem, com a finalidade de adquirir uma *mentalidade de fé* «até chegar à medida de Cristo na sua plenitude» (Ef 4,13). Por isso, tem como objetivo principal a formação e o amadurecimento da vida no Espírito, de acordo com os princípios da gradualidade e da progressividade, para que a mensagem evangélica seja acolhida na sua dinâmica de transformação e, portanto, seja capaz de incidir na vida pessoal e social. Em última análise, a catequese com os adultos atinge o seu objetivo quando faz com que os próprios adultos sejam capazes de assumir a sua experiência de fé e sintam o desejo de continuar a caminhar e a crescer.

261. A tarefa geral da catequese com os adultos requer uma configuração que tenha como referência as diversas tipologias de pessoas e experiências religiosas com quem nos relacionamos. De facto, as *tarefas* particulares que se seguem, que podem até responder a uma análise cronológica, mostram, na verdade, a tentativa contínua que a comunidade eclesial faz de se situar diante dos adultos, procurando perceber a sua situação existencial concreta e colocando-se em atitude de escuta das exigências e das reais necessidades. Por isso, são tarefas particulares da catequese com os adultos:

- a. *suscitar a fé*, favorecendo um novo início da experiência crente e sabendo valorizar os recursos humanos e espirituais que nunca se apagaram no íntimo de cada pessoa, em vista de um recomeço livre e pessoal da motivação inicial, em termos de atração, gosto e vontade;
- b. *purificar a fé* de representações religiosas parciais, desviantes ou erróneas, ajudando os sujeitos principalmente a reconhecer como são limitadas e a decidir colocar-se à procura de sínteses de fé mais autênticas em vista do caminho para a plenitude de vida a que o Evangelho chama;
- c. *alimentar a fé*, também através de uma vivência de relações eclesiais significativas, promovendo a formação de consciências cristãs maduras, capazes de dar as razões da sua esperança e prontas para um diálogo sereno e inteligente com a cultura contemporânea;
- d. *ajudar a partilhar e a testemunhar a fé*, preparando espaços de partilha e de serviço na Igreja e no mundo como realização da tarefa de ser manifestação do Reino de Deus.

Em síntese, a catequese com os adultos tem a missão de acompanhar e educar a formação das características típicas do cristão adulto na fé, discípulo do Senhor Jesus, dentro de uma comunidade cristã capaz de se constituir em saída, ou seja, inserida nas realidades sociais e culturais pelo testemunho da fé e da realização do Reino de Deus.

262. Para que a catequese com os adultos seja significativa e capaz de atingir os seus objetivos, é importante considerar alguns *critérios*.

- a. É fundamental que esta catequese, inspirando-se na experiência missionária do catecumenato, seja *expressão da comunidade eclesial* na sua totalidade, enquanto seio que gera a fé. Dado que a comunidade cristã é um elemento estrutural do processo catequético do adulto e não apenas a ambientação em que ele acontece, é necessário que seja capaz de renovação, deixando-se tocar e provocar pela sensibilidade dos adultos do tempo atual, além de ser capaz de acolher, estar presente e dar apoio.
- b. Dado que a catequese dos adultos se configura como um processo educativo da *vida cristã na sua totalidade*, é importante que proponha experiências de vida de fé concretas e qualificantes (aprofundamento da Sagrada Escritura e da doutrina; momentos de espiritualidade, celebrações litúrgicas e práticas de piedade popular; experiência de fraternidade eclesial; exercício missionário da caridade e do testemunho no mundo...), que respondam às diversas exigências do homem na sua integridade de afetos, pensamentos e relações.

- c. Os adultos não devem ser considerados destinatários da catequese, mas *protagonistas juntamente com os próprios catequistas*. Assim, é necessário que se faça um acolhimento respeitoso do adulto enquanto pessoa que já desenvolveu experiências e convicções também a nível da fé e que é capaz de exercer a sua liberdade, amadurecendo novos convencimentos no diálogo.
- d. A catequese com os adultos deve estar atenta a reconhecer a sua *situação de homens e mulheres*, tendo em conta a peculiaridade com que cada um vive a experiência da fé; além disso, é importante prestar atenção à *condição laical* dos adultos, chamados mediante o Batismo a «procurar o Reino de Deus, tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (LG 31).
- e. É importante cuidar de uma *coordenação* da catequese com os adultos especialmente com a pastoral familiar e juvenil e com as outras dimensões da vida de fé – a experiência litúrgica, o serviço da caridade, a dimensão sociocultural – com a finalidade de amadurecer uma certa organicidade da pastoral eclesial.

263. Na catequese com os adultos é decisiva a figura do catequista, que se concretiza como alguém que acompanha e, ao mesmo tempo, como um educador capaz de os apoiar mesmo nos processos de crescimento pessoal. Apesar de estar numa relação de sincera fraternidade, aquele que acompanha os adultos mantém conscientemente em relação a eles uma função educativa com a intenção de facilitar neles uma relação adulta com o Senhor, relações eclesiais significativas e escolhas de testemunho cristão no mundo. No momento oportuno, quem acompanha é capaz de se colocar de parte, favorecendo deste modo nos sujeitos a assunção na primeira pessoa da responsabilidade pelo seu próprio percurso de fé. Portanto, é importante que os catequistas dos adultos sejam escolhidos com cuidado e que estejam habilitados para exercer este delicado ministério mediante uma formação específica.

264. A catequese com os adultos apresenta-se numa grande multiplicidade de *formas* e com acentuações muito diferentes:

- catequese como verdadeira iniciação à fé, ou seja, o acompanhamento dos candidatos ao Batismo e aos sacramentos da iniciação mediante a experiência catecumenal;
- catequese como nova iniciação à fé, ou seja, o acompanhamento daqueles que, mesmo sendo batizados, não completaram a iniciação ou não estão efetivamente evangelizados;
- catequese como redescoberta da fé através dos «centros de escuta» ou de outras modalidades, ou seja, uma proposta em chave evangelizadora, destinada aos afastados, como se costuma dizer;
- catequese de anúncio da fé nos ambientes de vida, de trabalho, de lazer ou por ocasião de manifestações de piedade popular ou de peregrinação aos santuários;
- catequese com os casais por ocasião do Matrimónio ou na celebração dos sacramentos dos filhos, que muitas vezes se torna em ponto de partida para ulteriores experiências de catequese;
- catequese para o aprofundamento da fé a partir da Sagrada Escritura ou de um documento do Magistério ou da vida de santos e de testemunhas da fé;
- catequese litúrgica, em vista de uma participação consciente nas celebrações comunitárias;
- catequese sobre temas morais, culturais ou sociopolíticos, em ordem a uma participação na vida da sociedade, que seja ativa e se inspire na fé;
- catequese no âmbito da formação específica dos agentes pastorais, que constitui uma ocasião privilegiada para itinerários de fé.

265. Por fim, há que reconhecer o contributo para a formação cristã dos adultos, prestado por associações, movimentos e grupos eclesiais que garantem um acompanhamento constante e variado. É significativo que, muitas vezes, estas realidades apresentem a vida cristã como um encontro pessoal e existencial com a pessoa viva de Jesus Cristo, no contexto de uma experiência de grupo e de relações fraternas. Precisamente por permitirem mais facilmente o intercâmbio de experiências de vida e a

instauração de relações fraternas e de amizade, os pequenos grupos tornam-se efetivamente uma ocasião preciosa para uma transmissão da fé de pessoa a pessoa²⁹.

5. CATEQUESE COM OS IDOSOS

266. As pessoas idosas são um património de memória e, muitas vezes, guardiãs de valores de uma sociedade. As escolhas sociais e políticas que não reconhecem a sua dignidade de pessoas vão contra a própria sociedade. «A Igreja não pode e não quer conformar-se com uma mentalidade de intolerância, e muito menos de indiferença e de desprezo, em relação à velhice»³⁰. Pelo contrário, ela vê os idosos como um dom de Deus, uma riqueza para a comunidade, e considera o cuidado pastoral deles como sua tarefa importante.

267. A catequese dirigida aos idosos deve ser uma catequese adequada, atenta aos aspetos particulares da sua condição de fé. «O idoso pode ter alcançado a idade em que se encontra, com uma fé sólida e rica: neste caso, a catequese conduz à plenitude o caminho percorrido, em atitude de agradecimento e de confiante expectativa. Outros vivem uma fé mais ou menos obscurecida e uma prática cristã frágil: neste caso, a catequese torna-se momento de nova luz e experiência religiosa. Outras vezes, o idoso chega a essa fase de sua vida com profundas feridas na alma e no corpo: a catequese ajuda-o a viver a sua condição, na atitude de invocação, de perdão e de paz interior. Em cada um dos casos, a condição da pessoa idosa requer uma catequese da esperança que provém da certeza do encontro definitivo com Deus»³¹. Por esta razão, é decisivo que se tenha em conta as diversas condições pessoais e sociais, muitas vezes marcadas pela solidão e pelo sentimento de inutilidade, para que se inicie a uma catequese capaz de fazer com que se sintam acolhidos e reconhecidos na comunidade.

268. A Sagrada Escritura apresenta o idoso crente como símbolo da pessoa rica em sabedoria e temor de Deus e, portanto, como depositário de uma intensa experiência de vida, que, de certo modo, faz dele *catequista natural da comunidade*. A velhice é um tempo de graça no qual o Senhor renova o seu chamamento a conservar e a transmitir a fé, a rezar, especialmente sob a forma de intercessão, a estar próximo de quem está em necessidade. Com o seu testemunho, os idosos transmitem aos jovens o sentido da vida, o valor da tradição e de algumas práticas religiosas e culturais, dão dignidade à memória e aos sacrifícios das gerações passadas, olham com esperança para lá das dificuldades do presente. Reconhecendo o valor das pessoas idosas, a Igreja ajuda-as a colocar-se ao serviço da comunidade. De modo particular, podem assumir funções catequéticas para os pequenos, os jovens e os adultos, partilhando com simplicidade o rico património de sabedoria e de fé que carregam consigo. Por sua vez, a comunidade deve mostrar-se grata por esta presença preciosa e favorecer o diálogo intergeracional entre idosos e jovens. Deste modo, exprime-se o vínculo entre memória e futuro, entre tradição e renovação, criando um genuíno circuito de transmissão da fé de geração em geração.

6. CATEQUESE COM AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

269. A solicitude da Igreja para com as pessoas com deficiência brota do agir de Deus. Seguindo o princípio da encarnação do Filho de Deus, o qual se torna presente em cada situação humana, a Igreja reconhece nas pessoas com deficiência o chamamento à fé e a uma vida boa e cheia de significado. O tema da deficiência é de grande importância para a evangelização e para a formação cristã. As comunidades são chamadas não só a cuidar dos mais frágeis, mas a reconhecer a presença de Jesus que neles se manifesta de modo especial. Isto «requer uma dupla atenção: a consciência da *educabilidade para a fé* da pessoa com deficiência, até grave e gravíssima; e a vontade de a considerar

²⁹ Cf. EG 127-129.

³⁰ FRANCISCO, *Audiência geral* (4 de março de 2015).

³¹ DGC 187.

um *sujeito ativo* na comunidade em que vive»³². Infelizmente, a nível cultural, está difusa uma conceção da vida, muitas vezes narcisista e utilitarista, que não capta a multiforme riqueza humana e espiritual nas pessoas com deficiência, esquecendo-se que a vulnerabilidade pertence à essência do homem e não impede que sejam felizes e se realizem a si mesmas³³.

270. As pessoas com deficiência constituem uma oportunidade de crescimento para a comunidade eclesial que, com a sua presença, é incentivada a superar os preconceitos culturais. Na verdade, a deficiência pode causar incómodo, porque coloca em evidência a dificuldade de acolher a diversidade; pode mesmo suscitar medo, especialmente se for marcada por um carácter de permanência, porque é uma referência à situação radical de fragilidade de cada um, que é o sofrimento e, em última análise, a morte. Justamente por serem testemunhas das verdades essenciais da vida humana, as pessoas com deficiência devem ser acolhidas como um grande dom. A comunidade, enriquecida pela sua presença, fica mais consciente do mistério salvífico da cruz de Cristo e, vivendo relações recíprocas de acolhimento e solidariedade, torna-se geradora de uma vida boa e sinal para o mundo. Por este motivo, a catequese deverá ajudar os batizados a ler o mistério da dor humana à luz da morte e ressurreição de Cristo.

271. Compete às Igrejas locais abrirem-se ao acolhimento e à presença habitual das pessoas com deficiência no âmbito dos percursos de catequese, marcando posição a favor de uma *cultura da inclusão* contra a lógica do descarte. As pessoas com deficiências intelectuais vivem a relação com Deus no imediatismo da sua intuição e é necessário e condigno acompanhá-las na vida de fé. Isso exige que os catequistas procurem novos canais de comunicação e métodos mais adequados para favorecer o encontro com Jesus. Por isso, são úteis as dinâmicas e linguagens de tipo experiencial que impliquem os cinco sentidos e percursos narrativos capazes de envolver todos os sujeitos de maneira pessoal e significativa. Em vista deste serviço, é bom que alguns catequistas recebam uma formação específica. Os catequistas devem estar próximos também das famílias de pessoas com deficiência, acompanhando-as e favorecendo a sua plena inserção na comunidade. A abertura destas famílias à vida é um testemunho que merece grande respeito e admiração³⁴.

272. As pessoas com deficiência são chamadas à plenitude da vida sacramental, mesmo quando se trata de distúrbios graves. Os sacramentos são dons de Deus e a liturgia, ainda antes de ser compreendida racionalmente, pede para ser vivida: portanto, ninguém pode recusar os sacramentos às pessoas com deficiência. A comunidade que sabe descobrir a beleza e a alegria da fé de que estes irmãos são capazes torna-se mais rica. Por isso, são importantes a inclusão pastoral e o envolvimento na ação litúrgica, especialmente dominical³⁵. As pessoas com deficiência podem realizar a dimensão elevada da fé que compreende a vida sacramental, a oração e o anúncio da Palavra. Efetivamente, elas não são apenas destinatárias de catequese, mas protagonistas de evangelização. É desejável que elas próprias possam ser catequistas e transmitir a fé de modo mais eficaz, com o seu testemunho.

7. CATEQUESE COM OS MIGRANTES

273. O fenómeno migratório é um fenómeno mundial; diz respeito a milhões de pessoas e de famílias, envolvidas em migrações internas em cada país, geralmente sob a forma de êxodo rural, ou então na passagem, por vezes perigosa, a novas nações e continentes. Entre as causas, há que recordar os conflitos bélicos, a violência, a perseguição, a violação das liberdades e da dignidade da pessoa, o empobrecimento, as alterações climáticas e a mobilidade dos trabalhadores causada pela globalização. «É um fenómeno impressionante pela quantidade de pessoas envolvidas, pelas problemáticas sociais, económicas, políticas, culturais e religiosas que levanta, pelos desafios dramáticos que coloca à

³² FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso para pessoas com deficiência* (11 de junho de 2016).

³³ Cf. FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso «A catequese e as pessoas com deficiência»* (21 de outubro de 2017).

³⁴ Cf. AL 47.

³⁵ Cf. BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis* (22 de fevereiro de 2007), 58.

comunidade nacional e internacional»³⁶. Todas as Igrejas particulares acabam por estar nele envolvidas, na medida em que pertencem aos países de origem, de trânsito ou de destino dos migrantes. Em não poucos casos, o processo migratório comporta não só graves problemas humanitários, mas muitas vezes também o abandono da prática religiosa e a crise das convicções de fé.

274. A Igreja, qual «mãe sem limites e sem fronteiras»³⁷, acolhe os migrantes e os refugiados, partilhando com eles o dom da fé. A Igreja está envolvida em estruturas de solidariedade e de acolhimento, e também nestes contextos preocupa-se em dar testemunho do Evangelho. «A Igreja promove programas nos campos da evangelização e do acompanhamento dos migrantes ao longo de toda a sua viagem, partindo do país de origem através dos países de trânsito, até chegar ao país de acolhimento, prestando atenção especial a responder às suas exigências espirituais através da catequese, da liturgia e da celebração dos sacramentos»³⁸. A catequese *com os migrantes* no tempo do primeiro acolhimento tem a função de assegurar a confiança na proximidade e na providência do Pai, de modo que as angústias e as esperanças de quem se põe a caminho sejam iluminadas pela fé. Na catequese *com as comunidades de acolhimento*, é preciso estar atentos a motivar para o dever de solidariedade e para combater os preconceitos negativos. «Esta catequese não poderá deixar de referir-se aos graves problemas que antecedem e acompanham o fenómeno migratório, como a questão demográfica, o trabalho e as suas condições (fenómeno do trabalho clandestino), o cuidado de muitos idosos, a criminalidade, a exploração, o tráfico e o contrabando de seres humanos»³⁹. Pode ser proveitoso dar a conhecer à comunidade católica local algumas formas características da fé, da liturgia e da devoção dos migrantes, donde pode nascer uma experiência da catolicidade da Igreja.

275. Onde for possível, a oferta de uma catequese que tenha em conta os modos de compreender e praticar a fé típicos dos países de origem constitui um precioso apoio para a vida cristã dos migrantes, sobretudo para a primeira geração. Reveste-se de grande importância o uso da língua materna porque é a primeira forma de expressão da identidade de cada um. A Igreja tem uma pastoral específica para os migrantes, que tem em conta a sua tipicidade cultural e religiosa. Seria injusto acrescentar aos vários desenraizamentos que eles já viveram, também a perda dos seus ritos e da sua identidade religiosa⁴⁰. Além disso, os migrantes cristãos, vivendo a sua fé, tornam-se anunciadores do Evangelho nos países de acolhimento, enriquecendo deste modo o tesouro espiritual da Igreja local e reforçando a sua missão com a sua tradição cultural e religiosa.

276. Para assegurar o cuidado pastoral no âmbito catequético que melhor corresponde às necessidades específicas dos migrantes, muitas vezes pertencentes às várias Igrejas *sui iuris* com a sua própria tradição teológica, litúrgica e espiritual, são indispensáveis o diálogo e a mais estreita colaboração possível entre Igreja de proveniência e Igreja de acolhimento. Esta colaboração permite receber o material catequético na tradição e na língua materna e ajuda na preparação de catequistas habilitados para a tarefa de acompanhar os migrantes no caminho de fé. Deve seguir-se as normas do *Código de Direito Canónico* e do *Código dos Cânones das Igrejas Orientais*.

8. CATEQUESE COM OS EMIGRANTES

Assistência religiosa nos países de emigração

277. As relações das Igrejas de origem com os seus filhos não se interrompem com a conclusão do processo migratório e a estabilização numa localidade diferente, dentro ou fora das fronteiras do país. Essas relações continuam de diferentes maneiras, mediante a instituição de capelanias, missões ou outras formas de assistência espiritual nos lugares de acolhimento. Com o objetivo de assegurar aos

³⁶ BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), 62.

³⁷ FRANCISCO, *Discurso aos participantes no VII Congresso da pastoral dos migrantes* (21 de novembro de 2014), 6.

³⁸ *Ibidem*, 4. Cf. também JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* (16 de outubro de 2003), 72.

³⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E ITINERANTES, *Erga migrantes charitas Christi* (3 de maio de 2004), 41.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 49.

emigrantes a possibilidade de manter a fé vivida no país de origem e para fornecer assistência espiritual e material, alguns episcopados enviam para o estrangeiro presbíteros, consagrados e leigos animados por espírito missionário, para acompanhar e reunir os fiéis originários do país de cada um. Esta ação desenrola-se em várias modalidades, conforme as possibilidades concedidas pelo direito⁴¹. Compreende, muitas vezes, a proposta de percursos catequéticos para a iniciação cristã e a formação permanente, ministrados na língua e segundo as tradições das Igrejas de origem. Isto constitui um precioso instrumento para a vida cristã das comunidades emigrantes, bem como para a riqueza espiritual das Igrejas de acolhimento. Contudo, a catequese deve ser organizada e gerida totalmente de acordo com o Bispo do lugar, de modo que se desenrole em harmonia com o caminho da Igreja particular e saiba conjugar respeito pela identidade e esforço por se integrar.

Catequese nos países de origem

278. O regresso dos emigrantes, por breves períodos, às localidades de origem coincide frequentemente com as festividades locais tradicionais, muitas vezes caracterizadas por vivas manifestações da piedade popular. Apesar do carácter ocasional, estas circunstâncias devem ser valorizadas para propor a fé, esclarecendo também as problemáticas que a condição de emigrantes pode eventualmente ter gerado em ordem à fé e à moral. Nestas ocasiões, é frequente pedirem para poder celebrar alguns sacramentos, para si mesmos ou para os filhos, por desejarem partilhar a alegria dessas celebrações com as pessoas que lhes são queridas. É preciso reiterar que a receção dos sacramentos requer uma preparação catequética⁴² que deve ser assegurada, preferencialmente, nos países de emigração e de cuja subsistência o pároco deverá certificar-se, mesmo através do pedido de documentação. Caso contrário, deverá providenciar a preparação necessária.

9. CATEQUESE COM AS PESSOAS MARGINALIZADAS

279. Por *peessoas marginalizadas* entendem-se aquelas que estão próximas ou já caíram na marginalização; entre estes pobres, contam-se os refugiados, os nómadas, as pessoas sem residência fixa, os doentes crónicos, os toxicodependentes, os presos, as escravas da prostituição, etc. A Igreja olha «particularmente para a parte da humanidade que sofre e chora, pois a Igreja sabe que estas pessoas lhe pertencem, por direito evangélico»⁴³. «A Igreja deve permanecer vigilante e pronta para identificar novas obras de misericórdia e implementá-las com generosidade e entusiasmo»⁴⁴, porque está consciente que a credibilidade da sua mensagem depende muito do testemunho das obras. A palavra de Jesus (cf. *Mt* 25,31-46) sustenta e motiva o compromisso de todos os que trabalham para o Senhor ao serviço dos mais pequeninos.

280. Além disso, a Igreja reconhece que «a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual»; por isso, «a opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária»⁴⁵. O anúncio da fé às pessoas marginalizadas acontece quase sempre em contextos e ambientes informais e com modalidades ocasionais, pelo que desempenham um papel decisivo a capacidade de ir ao encontro das pessoas nas situações em que se encontram, a disponibilidade para um acolhimento incondicional e a capacidade de se colocar diante delas com realismo e misericórdia. Por isso, em relação ao primeiro anúncio e à catequese, é necessário considerar a diversidade das situações, percebendo as necessidades e as questões de cada

⁴¹ No *Código de Direito Canónico*: missões com cura de almas ou «quase-paróquias» (c. 516); paróquias pessoais (c. 518); capelanias (c. 564-ss.); prelaturas pessoais (c. 294-ss.); sacerdotes e Vigários episcopais (c. 383 §2). No *Código dos Cânones das Igrejas Orientais*: cc. 16. 38. 147-148. 193. 588. 916. Em relação aos fiéis católicos de ritos orientais em territórios latinos, cf. FRANCISCO, Carta apostólica *De concordia inter codices* (31 de maio de 2016).

⁴² Cf. CIC cc. 851. 889. 913-914. 1063.

⁴³ PAULO VI, *Alocução no início da II Sessão do Concílio Vaticano II* (29 de setembro de 1963). Cf. EG 209-212.

⁴⁴ FRANCISCO, Carta apostólica *Misericordia et misera* (20 de novembro de 2016), 19.

⁴⁵ EG 200.

um e apoiando-se na relação interpessoal. A comunidade é chamada a apoiar fraternalmente os voluntários que se dedicam a este serviço.

Catequese na prisão

281. A prisão, tida geralmente como um lugar limite, é uma autêntica terra de missão para a evangelização, mas também laboratório de fronteira para a pastoral que antecipa as orientações da ação eclesial. Com os olhos da fé, é possível vislumbrar Deus a trabalhar entre os reclusos, mesmo em situações de desespero humano. Efetivamente, Ele fala ao coração dos homens em qualquer lugar, dando aquela liberdade cuja privação «é a forma mais pesada da pena que estão a descontar, porque toca a pessoa no seu âmago mais profundo»⁴⁶. Por este motivo, suscitar no coração dos irmãos «o desejo da verdadeira liberdade é uma tarefa a que a Igreja não pode renunciar»⁴⁷, comunicando sem hesitações a bondade e a misericórdia gratuita de Deus.

282. O conteúdo fundamental da catequese entre os reclusos, que assume muitas vezes um carácter ocasional e experiencial, é o *querigma* da salvação em Cristo, entendida como perdão e libertação. O anúncio da fé acontece graças ao encontro direto com a Sagrada Escritura, cujo acolhimento pode consolar e curar até a vida mais devastada pelo pecado, além de abrir espaços para a reeducação e a reabilitação. A par disto, é a própria relação que os reclusos vão estabelecendo com os agentes pastorais que faz perceber a presença de Deus nos sinais do acolhimento incondicional e da escuta cuidadosa. Estas relações fraternas manifestam aos reclusos o rosto materno da Igreja que, muitas vezes, precisamente na prisão, acolhe a conversão ou a redescoberta da fé de muitos dos seus filhos, que pedem para receber os sacramentos da iniciação cristã. A solicitude da Igreja acompanha também todos os que concluem o período de detenção e os seus familiares.

⁴⁶ FRANCISCO, *Homilia na Santa Missa para o Jubileu dos Reclusos* (6 de novembro de 2016).

⁴⁷ *Loc. cit.*

TERCEIRA PARTE

A catequese nas Igrejas particulares

CAPÍTULO IX

A comunidade cristã, sujeito da catequese

1. A IGREJA E O MINISTÉRIO DA PALAVRA DE DEUS

283. Deus quis reunir a sua Igreja em redor da sua Palavra e nutre-a com o Corpo e Sangue do seu Filho. Aqueles que acreditam em Cristo renasceram não a partir de uma semente corruptível, mas incorruptível, que é a Palavra do Deus vivo (cf. *1Pd* 1,23). Contudo, esta regeneração nunca é um facto consumado. A Palavra de Deus é o *pão quotidiano*, que regenera e alimenta ininterruptamente o caminho eclesial. «A Igreja tem o seu fundamento na Palavra de Deus, nasce e vive dela. Ao longo de todos os séculos da sua história, o Povo de Deus encontrou sempre nela a sua força, e também hoje a comunidade eclesial cresce na escuta, na celebração e no estudo da Palavra de Deus»¹. O primado desta Palavra coloca toda a Igreja numa atitude de «escuta com devoção» (DV 1). Modelo do Povo de Deus é Maria, a Virgem da escuta, que «guardava todas estas palavras, meditando-as em seu coração» (*Lc* 2,19). Portanto, o *ministério da Palavra* nasce da escuta e educa para a arte da escuta, porque só quem escuta pode também anunciar. «Toda a evangelização está fundada sobre a Palavra [de Deus], escutada, meditada, vivida celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização»².

284. A Palavra de Deus é dinâmica: cresce e difunde-se por si mesma (cf. *At* 12,24), tendo «uma potencialidade que não podemos prever. O Evangelho fala da semente que, uma vez lançada à terra, cresce por si mesma, inclusive quando o agricultor dorme (cf. *Mc* 4,26-29). A Igreja deve aceitar esta liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas»³. Como Maria, também a Igreja professa: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc* 1,38). Deste modo, coloca-se ao serviço da proclamação da Palavra do Senhor, tornando-se sua fiel guardiã. O próprio Senhor lha confiou, contudo, não para que fique escondida, mas para que resplandeça como luz para todos.

¹ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 3.

² EG 174.

³ EG 22.

Portanto, a Palavra de Deus está na origem da missão da Igreja. «É a própria Palavra que nos impele para os irmãos: é a Palavra que ilumina, purifica, converte; nós somos apenas servidores»⁴.

285. No que se refere à Palavra de Deus, a Igreja exerce, com o seu ministério, uma tarefa de *mediação*: anuncia-a em todo o lugar e em todo o tempo; conserva-a, transmitindo-a integralmente às várias gerações (cf. *2Tm* 1,14); interpreta-a com o carisma próprio do Magistério; proclama-a com fidelidade e confiança, para que «o mundo inteiro, ouvindo acredite, acreditando espere, e esperando ame» (DV 1); agrega a si os novos crentes, que se unem a ela através do acolhimento da Palavra e do Batismo (cf. *At* 2,41).

286. «No dinamismo da evangelização, aquele que acolhe o Evangelho como Palavra que salva, tradu-lo normalmente depois em atitudes sacramentais»⁵. A este propósito, depois de superar a contraposição entre palavra e sacramento, compreende-se que o ministério da Palavra é indispensável também ao ministério dos sacramentos. Santo Agostinho escreve que «se nasce no Espírito mediante a palavra e o sacramento»⁶. A sua ligação íntima atinge a eficácia máxima na liturgia, sobretudo na celebração eucarística, que revela o significado sacramental da Palavra de Deus. «Palavra e Eucaristia correspondem-se tão intimamente que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-Se carne, sacramentalmente, no acontecimento eucarístico. A Eucaristia abre-nos à inteligência da Sagrada Escritura, como esta, por sua vez, ilumina e explica o Mistério eucarístico»⁷.

287. O sujeito unitário da evangelização é o Povo de Deus «peregrino e evangelizador»⁸. O Concílio Vaticano II fala do *povo messiânico*, assumido por Cristo como instrumento de redenção e enviado a todos os homens como luz do mundo e sal da terra (cf. LG 9). A unção do Espírito (*1Jo* 2,20) torna-o participante do múnus profético de Cristo, e dota-o de dons, tais como o *sensus fidei*, que habilita para discernir, testemunhar e proclamar a Palavra de Deus. «Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a anunciar com firmeza (*parresia*) a palavra de Deus» (*At* 4,31). Tal como a evangelização, também a catequese é uma ação pela qual toda a Igreja se sente responsável.

288. A responsabilidade diz respeito a todos. «Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. *Mt* 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da sua função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados, ao passo que o resto do povo fiel seria apenas recetor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados»⁹. Se todos são responsáveis, nem todos, porém, o são do mesmo modo. A responsabilidade diferencia-se nos dons carismáticos e ministeriais, ambos *coessenciais* para a vida e a missão da Igreja¹⁰. Cada um contribui de acordo com o estado de vida e a graça recebida de Cristo (cf. *Ef* 4,11-12).

289. Uma forma concreta no caminho da evangelização é a *prática sinodal*, que se realiza a nível universal e local, e que se exprime nos vários sínodos ou conselhos. Uma renovada consciência da identidade missionária requer hoje uma maior capacidade de partilhar, comunicar, encontrar-se, de modo a caminhar juntos pelo caminho de Cristo e na docilidade ao Espírito. A instância sinodal propõe objetivos importantes para a evangelização: leva a discernir em conjunto os caminhos a percorrer; conduz a agir em sinergia com os dons de todos; impede o isolamento das partes ou de cada sujeito. «Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta

⁴ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 93.

⁵ EN 23.

⁶ AGOSTINHO DE HIPONA, *In Iohannis evangelium tractatus*, 12, 5: CCL 36, 123 (PL 35, 1486).

⁷ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 55.

⁸ EG 111.

⁹ EG 120.

¹⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta *Iuvenescit Ecclesia* (15 de maio de 2016), 10.

recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo»¹¹.

O que foi exposto acerca do *ministério da Palavra* realiza-se concretamente nos âmbitos das diversas tradições eclesiais e Igrejas particulares, nas suas várias articulações.

2. AS IGREJAS ORIENTAIS

290. «A Igreja católica aprecia as instituições, os ritos litúrgicos, as tradições eclesiásticas e a disciplina cristã das Igrejas Orientais. Com efeito, ilustres em virtude da sua veneranda antiguidade, nelas brilha aquela tradição que vem dos Apóstolos através dos Padres e que constitui parte do património divinamente revelado e indiviso da Igreja universal» (OE 1). Estes tesouros contribuem desde sempre para a evangelização. A Igreja Católica afirma repetidamente que «os Orientais têm o direito e o dever de os conservar, de os conhecer e de os viver»¹², evitando, por todos os meios, perder a sua identidade. A catequese tem um papel privilegiado neste esforço por tutelar e transmitir a fé na Tradição eclesial própria de cada um. Portanto, na proposta de catequese, é necessário que «resplandeam a importância da Bíblia e da liturgia, bem como das tradições da própria Igreja *sui iuris*, tal como resplandecem na patrologia, na hagiografia e na própria iconografia»¹³.

291. «Reitera-se que, no Oriente, tal como hoje é recomendado também na Igreja ocidental, a catequese não pode ser separada da liturgia, uma vez que dela retira inspiração, enquanto mistério de Cristo celebrado *in actu*. Este é o método adotado por não poucos Padres da Igreja na formação dos fiéis. Ela exprime-se em *catequese* para os catecúmenos e *mistagogia* ou *catequese mistagógica* para os iniciados aos Mistérios divinos. Deste modo, os fiéis são continuamente guiados à redescoberta alegre da Palavra, da morte e ressurreição do seu Senhor, às quais o Espírito do Pai os introduziu. Da compreensão daquilo que celebrarão e da plena assimilação daquilo que celebraram, eles tiram um projeto de vida: a mistagogia é, portanto, o conteúdo da sua existência redimida, santificada, e que se encontra no caminho da divinização e, enquanto tal, é fundamento da espiritualidade e da moral. Portanto, recomenda-se concretamente que os percursos catequéticos de cada uma das Igrejas católicas orientais tenham como ponto de partida as suas celebrações litúrgias específicas»¹⁴.

292. Todos os clérigos e os candidatos às sagradas Ordens, bem como as pessoas consagradas e os leigos aos quais se confia a missão catequética, juntamente com uma preparação sadia e sólida, prevista pelas normas eclesiásticas gerais, devem ser bem instruídos e formados acerca dos ritos e das normas práticas em matérias inter-rituais, especialmente nos lugares onde, no mesmo território, estão presentes diversas Igrejas *sui iuris* (cf. OE 4). Além disso, «os fiéis cristãos de qualquer Igreja *sui iuris*, também da Igreja latina, que, por razões de ofício, de ministério ou de múnus, tiver relações frequentes com os fiéis cristãos de uma outra Igreja *sui iuris*, sejam cuidadosamente formados no conhecimento e na veneração do rito da sua Igreja, de acordo com o ofício, o ministério ou o múnus que desempenham»¹⁵.

3. AS IGREJAS PARTICULARES

¹¹ FRANCISCO, *Discurso para a comemoração do 50.º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos* (17 de outubro de 2015); cf. também EG 171.

¹² CONGREGAÇÃO PARA AS IGREJAS ORIENTAIS, *Instrução para a aplicação das prescrições litúrgicas do Código dos Cânones das Igrejas Orientais* (6 de janeiro de 1996), 10.

¹³ CCEO c. 621 §2.

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA AS IGREJAS ORIENTAIS, *Instrução para a aplicação*, op. cit., 30.

¹⁵ CCEO c. 41.

293. «O anúncio, a transmissão e a experiência vivida pelo Evangelho realizam-se na Igreja particular ou Diocese»¹⁶. A Igreja particular é a porção do Povo de Deus, «reunida no Espírito Santo [...], na qual está e atua a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica» (CD 11). A razão é que, nela, estão presentes as estruturas constitutivas da Igreja: o Evangelho, os sacramentos, o episcopado, que coadjuvado pelo presbitério preside ao cuidado pastoral. A Igreja particular é «a Igreja encarnada num espaço concreto, dotada de todos os meios de salvação dados por Cristo, mas com um rosto local»¹⁷. Sendo Igreja em plenitude, contudo, ela não o é sozinha, mas na comunhão de todas as Igrejas. Existe, portanto, um só Povo, «um só Corpo, um só Senhor, uma só fé, um só Batismo» (Ef 4,4-5). Dá-se um intenso intercâmbio recíproco e «só uma atenção constante aos dois polos da Igreja permitirá perceber a riqueza desta relação entre Igreja universal e Igrejas particulares»¹⁸.

294. Como a Igreja universal, assim também cada Igreja particular é sujeito da evangelização. Aquilo que a constitui torna-se fonte da sua missão. É até precisamente por meio dela que os homens entram em contacto com uma comunidade, escutam a Palavra de Deus, se tornam cristãos com o Batismo e se reúnem para a assembleia eucarística que, presidida pelo Bispo, é a principal manifestação da Igreja (cf. SC 41).

295. Às Igrejas particulares, munidas pelo Espírito Santo de todos os meios, compete dar continuidade à obra da evangelização, contribuindo para o bem da Igreja universal. Reunidas pela Palavra de Deus, elas são chamadas a proclamá-la e a difundi-la. Acolhendo o desafio evangelizador, a Palavra de Deus pede para chegar às zonas mais distantes, abrindo-se em direção a todas as periferias. Além disso, vivendo num espaço determinado, as Igrejas particulares evangelizam enraizando-se na história, na cultura, nas tradições, nas linguagens e nos problemas do seu povo. A Palavra de Deus «favorece e assume as riquezas, os recursos e estilo de ser dos povos, em tudo aquilo que têm de bom; e assumindo-os, purifica-os, consolida-os e eleva-os» (LG 13). Realiza-se assim o dom do Pentecostes, graças ao qual a Igreja «fala em todas as línguas e todas as línguas entende e abraça na sua caridade, triunfando assim da dispersão de Babel» (AG 4).

296. Cada Igreja particular é convidada a desenvolver da melhor maneira a catequese como expressão evangelizadora dentro do seu contexto cultural e social. Toda a comunidade cristã é responsável pela catequese, ainda que somente alguns **recebam** do Bispo o mandato para serem catequistas. Estes agem e operam sob forma eclesial em nome de toda a Igreja.

297. A proposta catequética realiza-se em contextos que, por vezes, colocam em questão as formas tradicionais de iniciação e educação para a fé. De facto, várias Igrejas particulares e locais, comprometeram-se com processos de avaliação e renovação da pastoral, identificando objetivos, elaborando projetos e colocando em andamento iniciativas diocesanas, nacionais e continentais. Esta renovação requer das comunidades também uma reforma das estruturas. É forte a exigência de colocar tudo em chave evangelizadora, como princípio fundamental que orienta toda a ação eclesial. Também a catequese participa nesta transformação missionária, criando antes de mais espaços e propostas concretas para o primeiro anúncio e para repensar a iniciação cristã em chave catecumenal. Articulando-se de maneira orgânica com as outras dimensões da pastoral e graças a um discernimento pastoral realista, será possível evitar o risco do ativismo, do empirismo e da fragmentação das propostas.

4. AS PARÓQUIAS

¹⁶ DGC 217. Em todo o documento, a expressão *Igreja particular* refere-se à Diocese e às que lhe são equiparadas (CIC c. 368). A expressão *Igreja local* refere-se às agregações de Igrejas particulares, estabelecidas numa região ou nação, ou também num conjunto de nações unidas entre si mediante vínculos particulares.

¹⁷ EG 30.

¹⁸ EN 62.

298. Surgidas da expansão missionária da Igreja, as paróquias ligam-se diretamente à Igreja particular da qual são como que uma célula (cf. AA 10). «Organizadas localmente sob a presidência dum pastor que faz as vezes do Bispo, as paróquias representam, de certo modo, a Igreja visível estabelecida em todo o mundo» (SC 42). Por meio delas, chegam mesmo fisicamente às comunidades dos homens os meios de salvação: destes, os principais são a Palavra de Deus, o Batismo e a Eucaristia. «Em suma, a paróquia está fundada sobre uma realidade teológica, pois ela é uma *comunidade eucarística*»¹⁹. A Eucaristia, vínculo de caridade, impele à solicitude para com os mais pobres, «cuja evangelização é sinal da obra messiânica» (PO 6).

299. As paróquias, fundadas sobre os pilares da Palavra de Deus, dos sacramentos e da caridade, que por sua vez pressupõem uma rede de serviços, ministérios e carismas, oferecem «um exemplo claro de apostolado comunitário, porque congregam na unidade todas as diversidades humanas que aí se encontram e inserem-nas na universalidade da Igreja» (AA 10). As paróquias manifestam o rosto do Povo de Deus que se abre a todos, sem preferência de pessoas. Elas são «o ambiente ordinário no qual se nasce e cresce na fé. Constituem, por isso, um espaço comunitário muito adequado para que o ministério da Palavra que nelas se realiza seja contemporaneamente ensinamento, educação e experiência vital»²⁰.

300. A relevância das paróquias não pode levar a ignorar as dificuldades de hoje, ditadas pela alteração dos espaços históricos, sociais e culturais em que nasceram. Incidem em fenómenos tais como a urbanização, o nomadismo, os fluxos migratórios, a diminuição numérica do clero. É preciso dar início a um processo de *conversão missionária* que não se limita a manter o que já existe, ou a garantir a administração dos sacramentos, mas que avança em direção evangelizadora. «A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser “a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”. Isto supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos»²¹.

301. Hoje, as paróquias estão comprometidas em renovar as dinâmicas relacionais e em tornar as suas estruturas mais abertas e menos burocratizadas. Propondo-se como *comunidade de comunidades*²², devem ser para os movimentos e para os pequenos grupos um apoio e um ponto de referência para viver na comunhão a sua atividade evangelizadora. Em algumas Igrejas, nascem novas formas de organização interna da diocese, denominadas *unidades pastorais*, que preveem a ampliação da participação ministerial. Presentes com várias tipologias, têm o objetivo de colocar em ação a evangelização com uma pastoral orgânica e de conjunto, de modo inovador e criativo.

302. A dinâmica de conversão missionária implica que a paróquia se interrogue acerca do tipo de catequese que propõe, sobretudo nos novos contextos sociais e culturais. Ela continua a ser lugar privilegiado da educação para a fé, mas consciente de não ser o centro de gravitação de toda a função catequética, porque existem outros percursos e propostas eclesiais não ligados estritamente às estruturas existentes. A comunidade paroquial deverá saber entrar em diálogo com essas realidades, reconhecer o seu valor e chegar ao discernimento pastoral acerca de novas modalidades de presença evangelizadora no território.

303. A necessidade de um renovado impulso evangelizador motiva a escolha de repensar em chave missionária todas as ações pastorais da comunidade cristã, até mesmo as mais ordinárias e

¹⁹ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988), 26.

²⁰ DGC 257.

²¹ EG 28; cf. também JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988), 26.

²² JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America* (22 de janeiro de 1999), 41.

tradicionais. Também a catequese é tocada pelas exigências da conversão missionária à qual a paróquia é chamada. Inclusivamente, contribui ela própria para isso quando infunde o primeiro anúncio em todos os seus processos. Para uma renovação da proposta catequética paroquial, é preciso considerar alguns aspetos.

- a. *Comunidade de discípulos missionários*: no centro da proposta evangelizadora da paróquia, não está em primeiro lugar uma estratégia pastoral, nem tampouco um grupo elitista e exclusivo de perfeitos e especialistas, mas uma comunidade de discípulos missionários, homens que fazem experiência viva de Cristo ressuscitado e vivem relações novas por Ele geradas. Uma comunidade cristã que, mesmo na fraqueza dos seus membros e na exiguidade dos seus recursos, vive esta *fraternidade mística*, torna-se ela própria o primeiro e natural anúncio da fé.
- b. *Mentalidade missionária*: trata-se, antes de mais, de amadurecer uma nova visão da realidade, passando de uma proposta pastoral feita de ideias, projetos, esquemas pré-concebidos a uma abertura à ação do Ressuscitado e do seu Espírito que precede sempre os que Lhe pertencem. Nesta linha, também a catequese paroquial pode ser lida à luz de um movimento duplo e recíproco em relação às pessoas e é chamada a interiorizar novos estilos relacionais e comunicativos: passa-se, por exemplo, do acolher ao deixar-se acolher; do ter a palavra, gerindo a comunicação ao dar a palavra, reconhecendo sempre com admiração a livre iniciativa de Deus. Esta tensão convida a catequese a descentrar-se e a colocar-se *à escuta* e *em saída* em direção às experiências de vida das pessoas, iluminando-as com a luz do Evangelho. Esta operação de descentralização, que diz respeito antes de mais às atitudes mentais, pode exprimir-se também do ponto de vista dos espaços físicos: a alegria da Igreja de comunicar Jesus Cristo «exprime-se tanto na sua preocupação por anunciá-lo noutros lugares mais necessitados, como numa constante saída para as periferias do seu território ou para os novos âmbitos socioculturais»²³.
- c. *Propostas formativas de inspiração catecumenal*: a comunidade paroquial deve saber oferecer, especialmente aos jovens e adultos, percursos formativos integrais nos quais seja possível acolher e aprofundar existencialmente o *querigma*, saboreando a sua beleza. Uma proposta catequética que não saiba estar em harmonia com as outras ações da pastoral corre o risco de se apresentar como uma teoria certamente correta, mas pouco relevante para a vida, tendo assim dificuldade em manifestar efetivamente a bondade do Evangelho para os homens do nosso tempo.

5. AS ASSOCIAÇÕES, OS MOVIMENTOS E OS GRUPOS DE FIÉIS

304. O reconhecimento das paróquias não leva a encerrar nelas a experiência eclesial. As *associações*, os *movimentos* e os *diferentes grupos eclesiais*, depois do Concílio Vaticano II, conheceram um novo florescimento. São uma realidade na Igreja que mostra grande capacidade evangelizadora, penetrando em ambientes muitas vezes distantes das estruturas tradicionais. O associativismo dos fiéis tem acompanhado a história cristã e tem sido um recurso de renovação e de apostolado. Por isso, é necessário favorecê-lo, reconhecendo que o Espírito distribui livremente os seus carismas (cf. *1Cor* 12,11). «Os Movimentos representam um verdadeiro dom de Deus para a nova evangelização e para a atividade missionária»²⁴. Apesar de as finalidades e as metodologias serem muito diferentes, emergem alguns elementos comuns: a redescoberta da dimensão comunitária; a consolidação de aspetos da vida cristã, tais como a escuta da Palavra, a prática da piedade, a caridade; a promoção do laicado na missão eclesial e social.

305. A Igreja reconheceu o direito de associação dos fiéis, fundamentando-o na dimensão social da natureza humana e na dignidade batismal. «A razão profunda [...] é eclesiológica, como o Concílio Vaticano II reconhece abertamente, ao apontar o apostolado associado como um “sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo” (AA 18)»²⁵. Por vezes, podem surgir dificuldades, na maior parte das

²³ EG 30.

²⁴ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 72.

²⁵ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988), 29.

vezes inerentes ao risco de um percurso exclusivo, de um excessivo sentido da identificação e de uma insuficiente inserção nas Igrejas particulares, com as quais, pelo contrário, devem cuidar sempre da comunhão. Os *critérios de eclesialidade*²⁶ são uma ajuda importante para superar as dificuldades e dar testemunho de unidade. As agregações eclesiais «são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e sectores. Muitas vezes trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo, que renovam a Igreja. Mas é muito salutar que não percam o contacto com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular»²⁷.

306. As comunidades eclesiais de base, promovidas por várias Conferências episcopais e muito difundidas em alguns países, já adquiriram alguma maturidade. Elas favoreceram a renovação da missão: partindo da escuta da Palavra de Deus, enraizando o Evangelho na cultura e nas situações das populações locais, sobretudo entre os pobres, favorecendo experiências de vida comunitária mais acolhedoras, envolvendo as pessoas numa participação mais consciente na evangelização. «São um sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade, fundada na “civilização do amor”. [...] Se verdadeiramente vivem em unidade com a Igreja, elas representam uma verdadeira expressão de comunhão e um meio eficaz para construir uma comunhão ainda mais profunda. Por isso, são um motivo de grande esperança para a vida da Igreja»²⁸.

307. A fim de cultivar todas as dimensões fundamentais da vida cristã, estas associações, movimentos e grupos eclesiais dão particular importância ao momento formativo. De facto, «têm a possibilidade, cada qual pelos próprios métodos, de oferecer uma formação profundamente inserida na própria experiência de vida apostólica, bem como a oportunidade de integrar, concretizar e especificar a formação que os seus adeptos recebem de outras pessoas e comunidades»²⁹. Os percursos formativos, que aprofundam o carisma específico de cada uma destas realidades, não podem ser uma alternativa à catequese, que permanece essencial na formação cristã. Portanto, é decisivo que as associações, os movimentos ou os grupos reservem ordinariamente um tempo dedicado à catequese.

308. Acerca da catequese dentro destas agregações, é necessário ter em conta alguns aspetos:

- a. a catequese é invariavelmente obra da Igreja e, portanto, o princípio de eclesialidade da catequese precisa de ser sempre evidente. Para isso, as associações, movimentos e grupos particulares coloquem-se em sintonia com os planos pastorais diocesanos;
- b. é necessário respeitar a natureza própria da catequese, desenvolvendo toda a sua riqueza e formando para todas as dimensões da vida cristã, conforme a sensibilidade e o estilo de apostolado peculiares de cada carisma;
- c. a paróquia é chamada a estimar a catequese que se realiza nas agregações, porque muitas vezes envolve de forma mais global as pessoas e ultrapassa os confins paroquiais.

6. A ESCOLA CATÓLICA

309. A escola católica, «não menos que as outras escolas, procura os fins culturais e a formação humana da juventude. É sua característica peculiar, todavia, criar um ambiente de comunidade escolar animado pelo espírito evangélico [...] e ordenar finalmente toda a cultura humana segundo a mensagem da salvação, de tal modo que seja sempre iluminado pela fé o conhecimento que os alunos vão adquirindo gradualmente» (GE 8). Destacam-se, de forma breve, as seguintes características: a

²⁶ *Ibidem*, 30. Os critérios de eclesialidade são: o primado dado à vocação de cada cristão à santidade; a responsabilidade de confessar a fé católica; o testemunho de uma comunhão firme e convicta, em relação filial com o Papa e com o Bispo; a conformidade e a participação no fim apostólico da Igreja; o esforço por uma presença na sociedade humana.

²⁷ EG 29.

²⁸ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 51; cf. também EN 58.

²⁹ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988), 62; cf. DGC 261.

sintonia com a finalidade formativa da escola pública; a originalidade de comunidade educativa permeada pelos valores evangélicos; a atenção aos jovens; o zelo de educar para uma síntese entre fé, cultura e vida.

310. «Uma viragem decisiva na história da escola católica [é] a passagem da escola-instituição à escola-comunidade», onde «a dimensão comunitária enquanto tal não é uma simples categoria sociológica, mas é sobretudo teológica»³⁰. A escola católica é uma *comunidade de fé*, que se baseia num projeto educativo caracterizado pelos valores evangélicos. A dimensão comunitária deve ser vivida concretamente, forjando um estilo relacional sensível e respeitoso. Este projeto comporta o envolvimento de toda a comunidade escolar, inclusive dos pais, colocando sempre no centro os estudantes, que crescem juntos, respeitando os ritmos de cada um. «Lembrem-se os professores de que a eles pertence de modo especial fazer com que a escola católica possa levar a cabo os seus propósitos e iniciativas» (GE 8).

311. A escola católica é *sujeito eclesial*, que torna visível a missão da Igreja sobretudo nos campos da educação e da cultura. Ela tem como ponto de referência a Igreja particular, em relação à qual não é um corpo estranho. Por isso, não se pode excluir ou marginalizar nem a sua identidade católica nem o seu papel na evangelização. «Efetivamente, da identidade católica emergem os traços de originalidade da escola, que se estrutura como sujeito eclesial, lugar de autêntica e específica ação pastoral. Ela partilha a missão evangelizadora da Igreja e é o lugar privilegiado em que se realiza a educação cristã»³¹. O ministério da Palavra pode ser exercido na escola católica de variadas formas, tendo em conta as diversas áreas geográficas, a identidade cultural e os destinatários. Assumem particular relevância o *ensino da religião católica* e a *catequese*.

312. As razões pelas quais os alunos ou as suas famílias preferem a escola católica podem ser diversas. É necessário respeitar o pluralismo das escolhas. Todavia, mesmo quando o motivo da escolha recai na qualidade do projeto formativo, a catequese e o ensino da religião católica devem ser apresentados com todo o seu valor cultural e pedagógico. «Comprometendo-se a promover o homem na sua integridade, a escola católica fá-lo, obedecendo à solicitude da Igreja, na consciência de que todos os valores humanos encontram a sua realização plena e, portanto, a sua unidade em Cristo»³². Num contexto de pluralismo cultural e religioso, compete às Conferências episcopais e a cada Bispo vigiar para que a realização da catequese ou do ensino da religião católica esteja garantido na sua completude e coerência.

7. O ENSINO DA RELIGIÃO CATÓLICA NA ESCOLA

313. O ensino da religião católica na escola tem sofrido variações consideráveis ao longo do tempo. A sua relação com a catequese é uma relação de especificidade na complementaridade. Onde a distinção não é clara, há o perigo de ambas perderem a própria identidade. A catequese «promove a adesão pessoal a Cristo e o amadurecimento da vida cristã. O ensino escolar, por sua vez, transmite aos alunos os conhecimentos sobre a identidade do cristianismo e da vida cristã»³³. «A sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com outras formas do saber. Como forma original do ministério da Palavra, de facto, o ensino religioso escolar torna presente o Evangelho no processo pessoal de assimilação sistemática e crítica da cultura»³⁴. No contexto atual,

³⁰ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Dimensão religiosa da educação na escola católica. Orientações para a reflexão e a revisão* (7 de abril de 1988), 31.

³¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A escola católica no limiar do terceiro milénio* (28 de dezembro de 1997), 11.

³² *Ibidem*, 9.

³³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar para o diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor* (28 de outubro de 2013), 74.

³⁴ DGC 73.

«em muitos casos, isto representa para os estudantes uma ocasião única de contacto com a mensagem da fé»³⁵.

314. Onde é posto em prática, é um serviço ao homem e um precioso contributo para o projeto educativo da escola. «A dimensão religiosa, com efeito, é intrínseca ao facto cultural, contribui para a formação global da pessoa e permite transformar o conhecimento em sabedoria de vida»³⁶. É um direito dos pais e dos estudantes receber uma formação integral, uma vez que o fator religioso é uma dimensão da existência e não pode ser descurado num contexto como o da escola, que tem como propósito o desenvolvimento harmonioso da personalidade. Neste sentido, o ensino da religião católica tem um grande valor educativo e está ao serviço do desenvolvimento da própria sociedade.

315. Como disciplina escolar, é necessário que o ensino da religião católica apresente a mesma exigência de sistematicidade e rigor das outras disciplinas, uma vez que, de modo especial neste âmbito, a improvisação é prejudicial e deve ser rejeitada. É forçoso que os seus objetivos sejam realizados de acordo com as finalidades próprias da instituição escolar. Em relação às outras disciplinas, o ensino da religião católica é chamado a amadurecer a disponibilidade para um diálogo em clima de respeito e abertura, especialmente neste tempo em que as posições facilmente se crispam até desembocar em violentos choques ideológicos. «Através da religião pode passar, portanto, o testemunho-mensagem de um humanismo integral, alimentado pela própria identidade e pela valorização das suas grandes tradições, como a fé, o respeito pela vida humana desde a concepção até ao seu fim natural, pela família, pela comunidade, pela educação e pelo trabalho: ocasiões e instrumentos que não são limitativos, mas de abertura e diálogo com todos e com tudo o que conduz ao bem e à verdade. O diálogo continua a ser a única solução possível, inclusive diante da negação do dado religioso, do ateísmo e do agnosticismo»³⁷.

316. «Não é possível reduzir a uma forma única todos as modalidades de ensino religioso escolar, desenvolvidas historicamente no seguimento de Acordos com os Estados e de deliberações de cada Conferência episcopal. Todavia, é necessário esforçar-se para que, segundo os pressupostos diferenciados, o ensino religioso escolar responda às suas finalidades e características peculiares»³⁸. Tendo em conta as situações locais, as Conferências episcopais (e, em casos particulares, os Bispos diocesanos) poderão discernir as diversas orientações para atualizar o ensino da religião católica. Além disso, pede-se às Conferências episcopais que providenciem para que sejam disponibilizados os livros de texto e, se for oportuno, outros instrumentos e subsídios apropriados.

317. É desejável que as Conferências episcopais tenham análoga atenção ao ensino da religião na escola onde estiverem presentes membros de diferentes confissões cristãs, seja quando este tipo de ensino é confiado a professores de uma confissão específica, seja quando os docentes não têm conotação confessional. Este ensino reveste-se, no entanto, de um valor ecuménico quando a doutrina cristã é apresentada genuinamente. Neste sentido, a disponibilidade para o diálogo, apesar de ser difícil de colocar em prática, deveria inspirar também as relações com os novos movimentos religiosos de matriz cristã e de inspiração evangélica surgidos em época mais recente.

318. Para que o ensino da religião católica na escola seja proveitoso, é fundamental que os docentes sejam capazes de correlacionar fé e cultura, componente humana e religiosa, ciência e religião, escola e outras instâncias educativas. O compromisso do docente é perfeitamente educativo, orientado para o amadurecimento humano dos alunos. Ao mesmo tempo, requer-se que os professores sejam crentes e que estejam comprometidos num crescimento pessoal na fé, inseridos numa comunidade cristã e que tenham o desejo de dar razão da sua fé também através das suas competências profissionais³⁹.

³⁵ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 111.

³⁶ BENTO XVI, *Discurso aos participantes no encontro dos professores de religião católica* (25 de abril de 2009).

³⁷ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar para o diálogo*, op. cit., 72.

³⁸ DGC 74.

³⁹ Cf. CIC c. 804 § 2 e c. 805.

CAPÍTULO X

A catequese diante dos cenários culturais contemporâneos

319. A catequese tem uma intrínseca dimensão cultural e social, na medida em que se coloca numa Igreja inserida na comunidade humana. Nela os discípulos do Senhor Jesus partilham «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje» (GS 1). A tarefa de ler os sinais dos tempos está sempre viva, sobretudo neste tempo, que se afigura como uma viragem epocal e marcado por contradições e, ao mesmo tempo, por anseios de paz e justiça, de encontro e solidariedade. A catequese participa do desafio eclesial de se opor a processos centrados na injustiça, na exclusão dos pobres, no primado do dinheiro para se constituir, pelo contrário, em sinal profético de promoção e de vida plena para todos. Estes não são apenas temas a que se deve dar espaço, mas *atenções constitutivas* da catequese e da pastoral eclesial; são sinais de uma catequese plenamente ao serviço da inculturação da fé. Em seguida serão focadas algumas questões culturais, sociais, religiosas que convidam os cristãos a recordar que «evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo»¹.

1. CATEQUESE EM SITUAÇÃO DE PLURALISMO E DE COMPLEXIDADE

320. A cultura contemporânea é uma realidade muito complexa, uma vez que, devido aos fenómenos da globalização e do uso massivo dos meios de comunicação, aumentaram as conexões e as interdependências entre questões e sectores que, no passado, era possível considerar em separado e que hoje, pelo contrário, requerem uma abordagem integrada. No mundo atual, com efeito, fundem-se continuamente progressos do conhecimento e das tendências culturais, globalização dos modelos de vida e condicionamentos dos sistemas económico-políticos, sentido de pertença étnica e religiosa, questões sociais antigas e novas, gerando situações concretas variadas e flutuantes. Nesta condição de grande complexidade, os homens colocam-se diante da vida e da fé em formas muito diversificadas, dando origem a um pluralismo cultural e religioso particularmente acentuado e dificilmente catalogável.

321. Esta realidade, tão heterogênea e mutável, tanto do ponto de vista sociocultural como religioso, precisa de ser lida de modo que seja perceptível a sua *poliedricidade*² e que cada aspeto mantenha a sua validade e peculiaridade mesmo na relação variada com a totalidade. Esta abordagem interpretativa permite que se leia os fenómenos de pontos de vista diferentes, mas colocando-os em relação entre si. É importante que a Igreja, que quer oferecer a beleza da fé a todos e a cada um, esteja consciente desta complexidade e amadureça um olhar mais profundo e sábio em relação à realidade. Uma condição destas obriga ainda mais a assumir a *perspetiva sinodal* como metodologia coerente com o percurso que a comunidade é chamada a realizar. É um caminho comum no qual confluem presenças e papéis diversos, de modo que a evangelização se realize de modo mais participado.

322. Na *vertente mais estritamente religiosa*, são muitos os contextos locais em que a Igreja vive num ambiente ecuménico ou multi-religioso; mas, muitas vezes, mesmo entre cristãos crescem formas de indiferença e insensibilidade religiosa, relativismo ou sincretismo tendo como pano de fundo uma visão secularizada que nega qualquer abertura à transcendência. Diante dos desafios colocados por uma certa cultura, a primeira reação poderá ser a de se sentir confuso e desorientado, incapaz de se confrontar e de avaliar os fenómenos subjacentes. Isto não pode deixar indiferente a comunidade

¹ EG 176.

² Utiliza-se o *modelo do poliedro*, antes de mais, para explicar a relação entre localização e globalização: cf. EG 236 e FRANCISCO, *Mensagem para o III Festival da Doutrina Social da Igreja* (21 de novembro de 2013). Este modelo pode também iluminar a reflexão sobre o significado dos carismas e dos dons na unidade eclesial: cf. FRANCISCO, *Discurso ao movimento do Renovamento Carismático* (3 de julho de 2015) e ChV 207. Por último, ele acompanha a dinâmica do discernimento pastoral de situações complexas: cf. AL 4. É neste último sentido que é entendido aqui.

cristã, que além de ser chamada a anunciar o Evangelho a quem não o conhece, é também chamada a apoiar os seus filhos na consciência da sua fé. O valor que a cultura atual reconhece à *liberdade* em relação à escolha da fé de cada um pode ser compreendido como uma preciosa oportunidade para que a adesão ao Senhor seja um ato profundamente pessoal e gratuito, maduro e consciente. Por este motivo, torna-se evidente o vínculo profundo que a catequese deve ter com a evangelização. Ela forma nos cristãos uma identidade clara e segura, serenamente capaz de, em diálogo com o mundo, dar razão da esperança cristã com mansidão, respeito e consciência reta (cf. *1Pd* 3,15-16).

323. Do *ponto de vista sociocultural*, é inegável que os processos de comunicação de massa conheceram uma aceleração notável e muito contribuíram para produzir uma mentalidade global que, se por um lado dá a todos e imediatamente a possibilidade de se sentirem membros da grande família humana, partilhando projetos e recursos, por outro lado aplanar e homologa, acabando por tornar as pessoas vítimas de um poder muitas vezes anónimo. Além disso, «vivemos numa sociedade da informação que nos satura indiscriminadamente com dados, todos postos ao mesmo nível, e acaba por nos conduzir a uma tremenda superficialidade, no momento de enquadrar as questões morais. Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores»³.

324. A comunidade eclesial é chamada a olhar com espírito de fé para a sociedade em que vive, a «descobrir o fundamento das culturas, que no seu núcleo mais profundo permanecem sempre abertas, sequiosas de Deus»⁴, a interpretar os significados das alterações culturais em curso para lhes levar o Evangelho da alegria que tudo renova e vivifica. Por esta razão, estará desejosa de entrar naqueles *nós existenciais, âmbitos antropológicos e areópagos modernos* onde se criam as tendências culturais e são modeladas novas mentalidades: a escola, a investigação científica e o ambiente de trabalho; a área das redes sociais e da comunicação; o âmbito dos esforços pela paz, pelo desenvolvimento, pela salvaguarda da criação, pela defesa dos direitos dos mais fracos; o mundo do tempo livre, do turismo, do bem estar; o espaço da literatura, da música e das várias expressões artísticas.

325. O rosto multiforme da realidade, marcada por elementos ambivalentes de pluralismo religioso e cultural é visível, em última análise, em cada homem, cuja fisionomia interior é hoje particularmente dinâmica, complexa e poliédrica. É o serviço ao homem concreto a razão última para a Igreja olhar para as culturas humanas e, em atitude de escuta e diálogo, examinar todas as coisas mantendo o que é bom (cf. *1Ts* 5,21). Será a Igreja particular, e nela cada comunidade cristã ou grupo eclesial, o agente deste discernimento pastoral que visa formular a compreensão do *querigma* mais adequada às várias mentalidades, para que o processo da catequese esteja verdadeiramente inculturado nas múltiplas situações e o Evangelho ilumine a vida de todos. A avaliação pastoral terá ainda em conta alguns *espaços humanos* que têm características típicas: o contexto urbano das grandes cidades, o contexto rural e o das culturas locais tradicionais.

O contexto urbano

326. A realidade da cidade e, de modo especial, dos grandes aglomerados metropolitanos é um fenómeno multiforme e global que se torna cada vez mais determinante para a humanidade, porque, tocando de vários modos o concreto da vida quotidiana, influi na compreensão que o homem tem de si, das relações que experimenta, do próprio sentido da vida. Em relação às culturas rurais ou à situação urbana anterior, nas cidades modernas os modelos culturais são muitas vezes gerados por outras instituições, já não pela comunidade cristã, com «outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus»⁵. Isto não significa que, na vida da cidade, esteja ausente um sentido religioso, ainda que mediado por formas diferentes, que, portanto, é necessário descobrir e apreciar. A Igreja é chamada a seguir com humildade e audácia o rasto da presença de Deus e a «identificar a cidade a partir dum

³ EG 64.

⁴ FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso internacional da pastoral das grandes cidades* (27 de novembro de 2014).

⁵ EG 73.

olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças»⁶, tornando-se, diante das ambivalências e contradições das vivências sociais, «presença profética que saiba levantar a voz em relação a questões de valores e princípios do Reino de Deus»⁷.

327. Na linha de uma presença pastoral que saiba iluminar com a palavra do Senhor o coração da cidade «onde são concebidas as novas histórias e paradigmas»⁸, a proposta catequética deverá ser um anúncio *querigmático* transparente, humanizante e carregado de esperança em relação à segregação, à desumanidade e à violência que emergem frequentemente nos grandes contextos urbanos. «A proclamação do Evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer derramar nas cidades vida em abundância (cf. *Jo 10,10*)»⁹.

328. Se para muitos a vivência urbana pode constituir uma ocasião única para a abertura a novas perspectivas, à partilha fraterna e à realização da vida de cada um, não poucas vezes torna-se paradoxalmente o lugar da maior solidão, desilusão e desconfiança, como também se transforma em espaço onde acabam por conviver várias categorias sociais que se ignoram ou desprezam. Esta é ocasião para voltar a propor de maneira criativa uma catequese inspirada no catecumenato, capaz de oferecer contextos comunitários de fé em que, vencendo o anonimato, se reconhece o valor de cada pessoa e a todos é oferecido o bálsamo da fé pascal para aliviar as feridas. No contexto do processo catequético, podem-se «imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas»¹⁰, por exemplo com a criação de sinais e narrativas que restituem o sentido de pertença à comunidade que, na cidade, pode facilmente vir a faltar. Uma catequese urbana de inspiração catecumenal pode transformar a paróquia em *comunidade de comunidades*, que, fazendo experimentar uma real proximidade fraterna, revela a maternidade da Igreja e dá um testemunho concreto de misericórdia e ternura, que gera orientação e sentido para a própria vida da cidade.

O contexto rural

329. Apesar de o processo de urbanização em curso ser relevante, não se pode esquecer os numerosos contextos rurais em que vivem diversos povos e nos quais a Igreja está presente, partilhando alegrias e sofrimentos. Nos nossos tempos, esta proximidade deve ser reiterada e renovada para ajudar as comunidades do mundo rural a orientar-se diante das transformações que se arriscam a arrastar a sua identidade e os seus valores. A terra é o espaço em que é possível fazer experiência de Deus, lugar em que Ele Se manifesta (cf. *Sl 19,1-7*). Nela – que não é fruto do acaso, mas dom do seu amor (cf. *Gn 1-2*) – o Criador deixa transparecer a sua proximidade, a sua providência e a sua atenção para com todos os seres vivos, em particular para com a família humana. Da sucessão das estações e das vicissitudes do mundo agrícola, o próprio Jesus obteve algumas das suas parábolas e ensinamentos mais belos. Partindo da criação para chegar ao Criador, a comunidade cristã sempre encontrou caminhos de anúncio e de catequese, que é sábio retomar de modo novo.

330. O cultivo da terra, o cuidado das plantas e dos animais, o alternar do dia e da noite, a cadência das semanas, dos meses e das estações são apelos para respeitar os ritmos da Criação, para viver a quotidianidade de modo sadio e natural, reencontrando deste modo o tempo para si mesmos e para Deus. Esta é a mensagem de fé que a catequese ajuda a descobrir, mostrando a sua realização no carácter cíclico do ano litúrgico e nos elementos naturais assumidos pela liturgia. Além disso, a cultura agrícola conserva de maneira mais visível valores aos quais não se incentiva na atual sociedade de consumo – como a simplicidade e a sobriedade no estilo de vida, o acolhimento e a solidariedade nas relações sociais, o sentido do trabalho e da festa, a salvaguarda da Criação – que são uma pista já

⁶ EG 71.

⁷ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (30 de maio de 2007), 518.

⁸ EG 74.

⁹ EG 75.

¹⁰ EG 73.

aberta para o anúncio do Evangelho. A catequese deverá saber valorizar este património, evidenciando o seu sentido cristão. Tudo o que foi dito é um enriquecimento para toda a Igreja que, graças aos seus percursos formativos, é convidada a difundir uma reflexão sobre o cuidado da Criação e sobre os estilos de vida.

As culturas locais tradicionais

331. A tendência da cultura global para uniformizar tudo, a irrupção dos meios de comunicação social e as migrações à procura de melhores condições de vida influenciaram muito as culturas locais tradicionais. Em não raros casos, «a globalização comportou uma acelerada deterioração das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas mas eticamente debilitadas»¹¹. Algumas contradições da cultura atual foram evidenciadas já pelo Concílio Vaticano II, como, por exemplo, a harmonização entre a cultura global e o carácter próprio de cada povo, entre a promoção do que une os povos e a fidelidade às tradições locais (cf. GS 53-62). Esta reflexão é necessária com especial urgência nos lugares onde os êxitos do desenvolvimento técnico-científico devem harmonizar-se com as culturas tradicionais. A Igreja sempre reiterou a necessidade de reservar uma atenção particular às especificidades locais e às diversidades culturais, sujeitas ao risco de ficar comprometidas pelos processos económico-financeiros mundiais.

332. Em vários países, há povos *indígenas* (também chamados *aborígenes* ou *nativos*), que se caracterizam por terem uma língua, ritos e tradições peculiares e por organizarem a vida familiar e comunitária segundo os próprios costumes. Alguns destes grupos acolheram já há muito tempo a fé católica como parte integrante da sua cultura, dando-lhe uma expressão ritual típica. Os agentes de pastoral que sabem partilhar a vida com eles e se esforçam por conhecer e amar estas culturas locais, sem supor que são erróneas ou fruto da ignorância, descubrem «com alegria e respeito as sementes do Verbo nelas latentes» (AG 11). Descobrimo nos povos indígenas a presença do Espírito Santo que atua sempre, a Igreja condu-la ao seu pleno desenvolvimento em Cristo. Por esta razão, «tudo o que de bom se encontra semeado no coração e na mente dos homens ou nos próprios ritos e cultura dos povos, não só não perece, como é purificado, elevado e consumado para glória de Deus» (AG 9).

333. A catequese que tem lugar no contexto das culturas locais tradicionais deverá estar particularmente atenta antes de mais a *conhecer* os homens, com os quais se relaciona num diálogo sincero e paciente, e procurar *examinar* essas culturas à luz do Evangelho, para descobrir a ação do Espírito: «Aqui há que reconhecer muito mais que *sementes do Verbo*, visto que se trata de uma autêntica fé católica com modalidades próprias de expressão e de pertença à Igreja»¹². Por fim, dado que todas as expressões culturais bem como todos os grupos sociais precisam de purificação e de amadurecimento, a catequese deverá saber *manifestar* a plenitude e a novidade do Senhor Jesus, que cura e liberta de algumas fraquezas e distorções.

334. Ser catequista dos povos indígenas exige um humilde esvaziamento de atitudes de orgulho e desprezo em relação a quem pertence a uma cultura diferente. É preciso evitar preconceitos ou condenações prévias, como também juízos simplistas ou elogiosos. Não esquecendo a condição de discípulos missionários do Senhor, é preciso ter a audácia de propor processos de evangelização e de catequese adequados à cultura dos povos indígenas, sem nunca impor a própria cultura. «O Cristianismo não dispõe de um modelo cultural único. [...] Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra “a beleza deste rosto pluriforme”»¹³.

335. Os catequistas, que atuam entre os povos indígenas, terão o cuidado de:

- não ir em nome próprio e sozinhos, mas como enviados pela Igreja local e, melhor ainda, em grupo com outros discípulos missionários;

¹¹ EG 62.

¹² EG 68.

¹³ EG 116; cf. também JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Novo millennio ineunte* (6 de janeiro de 2001), 295.

- apresentar-se como continuadores da obra de evangelização anterior, se houve;
- manifestar desde logo que se deixam mover apenas pela fé e não por intenções políticas ou económicas, exprimindo proximidade sobretudo aos doentes, aos mais pobres e às crianças;
- esforçar-se por conhecer a língua, os ritos, os costumes indígenas, mostrando sempre grande respeito;
- participar nos ritos e celebrações, sabendo intervir no momento oportuno para propor algumas alterações, se forem necessárias, especialmente se houver o perigo de sincretismo religioso;
- organizar a catequese por grupos etários e celebrar os sacramentos, valorizando as festas tradicionais.

A piedade popular

336. A piedade popular, fruto da inculturação da fé do Povo de Deus num determinado contexto, tem assumido múltiplas formas conforme as diversas sensibilidades e culturas. Em algumas comunidades cristãs, qual tesouro precioso que a Igreja possui, há «particulares expressões de procura de Deus e de vida religiosa, carregadas de fervor e de pureza de intenções, por vezes comoventes, que podem ser consideradas como *piedade popular*»¹⁴, mas também «*espiritualidade popular* ou *mística popular*. Trata-se de uma verdadeira “espiritualidade encarnada na cultura dos simples”. Não é vazia de conteúdos, mas descobre-os e exprime-os mais pela via simbólica do que pelo uso da razão instrumental e, no ato de fé, acentua mais o *credere in Deum* que o *credere Deum*»¹⁵. «Para compreender esta realidade, é preciso abordá-la com o olhar do Bom Pastor, que não procura julgar mas amar. Só a partir da conaturalidade afetiva que dá o amor é que podemos apreciar a vida teológica presente na piedade dos povos cristãos, especialmente nos pobres»¹⁶.

337. A piedade popular tem um indubitável significado espiritual, porque «traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes de terem traços de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Suscita ainda atitudes interiores que raramente se observam no mesmo grau noutra lugar: paciência, sentido da cruz na vida quotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção»¹⁷. Além disso, a piedade popular reveste-se também de um significado social, porque é uma possibilidade para curar as fraquezas – como o machismo, o alcoolismo, a violência doméstica, a superstição – que algumas culturas populares, por vezes, apresentam¹⁸.

338. A piedade popular celebra os mistérios da vida de Jesus Cristo, sobretudo a sua paixão, venera com carinho a Mãe de Deus, os mártires e os santos, reza pelos defuntos. Exprime-se mediante a veneração das relíquias, as visitas aos santuários, as peregrinações, as procissões, a via-sacra, as danças religiosas, o rosário, as medalhas e outros exercícios de piedade individuais, familiares e comunitários. «No ambiente de secularização que vivem os nossos povos, [a piedade popular] continua a ser uma poderosa confissão do Deus vivo que atua na história e um canal de transmissão da fé»¹⁹, constituindo uma espécie de reserva de fé e de esperança para uma sociedade que vai perdendo a sua referência a Deus. Neste sentido, a piedade popular, «verdadeira expressão da atividade

¹⁴ DGC 195; cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre piedade popular e liturgia. Princípios e orientações* (17 de dezembro de 2001).

¹⁵ EG 124; cf. também V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (30 de maio de 2007), 262-263.

¹⁶ EG 125.

¹⁷ EN 48.

¹⁸ Cf. EG 69.

¹⁹ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (30 de maio de 2007), 264.

missionária espontânea do Povo de Deus» em que «o protagonista é o Espírito Santo»²⁰, é «um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização»²¹.

339. Não se pode, contudo, desconhecer que ela também precisa de vigilância e purificação, porque se encontra «frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam, por exemplo, as superstições. Além disso, muitas vezes, ela permanece apenas a um nível de manifestações culturais, sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé. Pode, ainda, levar à formação de seitas e pôr em perigo a verdadeira comunidade eclesial»²². Para além disso, as formas da devoção popular estão sujeitas ao desgaste do tempo, pelo que, não raramente, continuam a ser praticadas por tradição por pessoas que, no entanto, perderam a consciência do seu significado original. Estes riscos revelam-se acrescidos pela cultura mediática, levada a acentuar os aspetos emocionais e sensacionalistas dos fenómenos religiosos, por vezes apenas por interesses económicos.

340. A catequese deverá, sobretudo, ter o cuidado de apreciar a força evangelizadora das expressões da piedade popular, integrando-as e valorizando-as no seu processo formativo e deixando-se inspirar pela eloquência natural dos ritos e dos sinais do povo em ordem a conservar a fé e a transmiti-la de uma geração à outra. Neste sentido, muitas práticas da piedade popular constituem um caminho já delineado para a catequese. Além disso, a catequese deverá procurar reconduzir algumas manifestações da piedade popular à sua raiz evangélica, trinitária, cristológica e eclesial, purificando-as de deformações ou atitudes erróneas e fazendo delas ocasião para um novo compromisso na vida cristã. Interpretando com sabedoria os elementos constitutivos das práticas devocionais e reconhecendo o valor dos aspetos preciosos, a catequese mostra a sua ligação com a Escritura e a liturgia, especialmente com a Eucaristia dominical, de modo que elas levem a uma mais sentida pertença eclesial, a um testemunho quotidiano autêntico e a uma caridade efetiva para com os pobres.

O santuário e a peregrinação

341. A visita aos santuários é uma manifestação particular de espiritualidade popular. Os santuários, que têm «na Igreja um grande valor simbólico» e «são ainda percebidos como espaços sagrados rumo aos quais ir como peregrinos para encontrar um momento de descanso, de silêncio e de contemplação na vida, muitas vezes frenética, dos nossos dias», são um «lugar genuíno de evangelização, onde a partir do primeiro anúncio até à celebração dos mistérios sagrados se torna manifesto o poder da ação com a qual a misericórdia de Deus age na vida das pessoas»²³. O serviço pastoral dos santuários constitui uma ocasião propícia para o anúncio e a catequese, relacionados «com a *memória* [...], com a mensagem particular a ele unida e com o *carisma* que o Senhor lhe confiou e que a Igreja reconheceu, e com o *património* muitas vezes riquíssimo das tradições e dos costumes que nele se estabeleceram»²⁴.

342. Relacionada com a pastoral dos santuários está a experiência da peregrinação que, enquanto tal, possui um grande valor. Efetivamente, «a decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor»²⁵. Redescobrimo a raiz bíblica e o significado antropológico do caminho e percorrendo os passos dos numerosos santos peregrinos, a comunidade cristã saberá propor a peregrinação como instrumento fecundo de anúncio e de crescimento na fé.

²⁰ EG 122.

²¹ EG 126.

²² EN 48.

²³ FRANCISCO, Carta apostólica *Sanctuarium in Ecclesia* (11 de fevereiro de 2017).

²⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo* (8 de maio de 1999), 10.

²⁵ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (30 de maio de 2007), 259.

2. CATEQUESE EM CONTEXTO ECUMÊNICO E DE PLURALISMO RELIGIOSO

343. O fenómeno da mobilidade humana, tanto por motivos de estudo e de trabalho como para fugir a situações de violência ou de guerra, tornou efetivamente possível o encontro de povos diversos, mesmo em territórios novos em relação aos que, desde sempre, conheceram presenças de outras Igrejas e comunidades cristãs ou de diferentes religiões. A convivência de diversas crenças nas escolas, nas universidades e nos outros ambientes de vida ou o incremento do número de matrimónios mistos, solicitam a Igreja para reconsiderar a sua pastoral e a sua proposta catequética, em referência às situações concretas que se têm vindo a criar.

Catequese em contexto ecuménico

344. A Igreja, por natureza uma realidade dialógica²⁶ enquanto imagem da Trindade e animada pelo Espírito Santo, está irreversivelmente comprometida na promoção da unidade de todos os discípulos de Cristo. Como todas as ações eclesiais, também a catequese está intrinsecamente marcada por uma *dimensão ecuménica*, na linha do movimento, suscitado pelo Espírito, que impele a Igreja católica a procurar juntamente com as outras Igrejas ou confissões cristãs, a unidade perfeita desejada pelo Senhor, com fundamento no Batismo, na Sagrada Escritura, no património de fé que é comum e, especialmente hoje, na forte experiência da partilha do martírio²⁷. Por um lado, o anúncio do Evangelho e a catequese estão ao serviço do diálogo e da formação ecuménica; por outro, o próprio esforço a favor da unidade dos cristãos é caminho e instrumento credível de evangelização no mundo²⁸.

345. Sobretudo nos contextos em que são mais visíveis as divisões entre cristãos, a catequese terá o cuidado de:

- a. afirmar que a divisão é uma ferida grave que contradiz a vontade do Senhor e que os católicos são convidados a participar ativamente no movimento ecuménico, sobretudo com a oração (cf. UR 1 e 8);
- b. expor com clareza e caridade a doutrina da fé católica «respeitando especialmente a ordem e a hierarquia das verdades (cf. UR 11) e evitando as expressões e os modos de expor a doutrina que poderiam servir de obstáculo ao diálogo»²⁹;
- c. apresentar de modo correto o ensinamento das outras Igrejas e comunidades eclesiais, mostrando o que une os cristãos e explicando, mesmo com breves acenos históricos, o que divide.

Além disso, devido ao seu valor educativo, a catequese tem a função de suscitar nos catequizandos um desejo de unidade, ajudando-os a viver o contacto com as pessoas de outras confissões, cultivando a própria identidade católica no respeito pela fé dos outros.

346. Devido à necessidade da tarefa comum de evangelizar, e não apenas por motivos meramente organizativos, é importante que se prevejam «certas experiências de colaboração no domínio da catequese entre católicos e outros cristãos, como complemento da catequese normal, que, de todas as maneiras, os católicos devem sempre receber»³⁰. Este testemunho de colaboração catequética entre os cristãos, ainda que limitada por causa de divergências especialmente no campo sacramental, pode, todavia, ser proveitosa: «Se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho»³¹.

²⁶ Acerca da natureza dialógica da Igreja, cf. nn. 53-54 (*A catequese como «laboratório» de diálogo*) deste *Diretório*.

²⁷ É o chamado «ecumenismo de sangue»: cf. JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Tertio millennio adveniente* (10 de novembro de 1994), 37; FRANCISCO, *Homilia nas Vésperas na Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo* (25 de janeiro de 2016).

²⁸ Cf. EN 77 e EG 244.

²⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, *Diretório para a aplicação dos princípios e das normas sobre o ecumenismo* (25 de março de 1993), 61. Cf. também JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Ut unum sint* (25 de maio de 1995), 18-20.

³⁰ CT 33.

³¹ EG 246.

Catequese em relação ao judaísmo

347. «A Igreja, povo de Deus na Nova Aliança, ao perscrutar o seu próprio mistério, descobre o vínculo que a une ao povo judaico, “a quem Deus falou primeiro”»³² e, reconhecendo o rico património comum, promove e recomenda o conhecimento recíproco, a amizade e o diálogo (cf. NA 4). De facto, graças às suas raízes judaicas, a Igreja ancora-se na história da salvação. O diálogo judaico-cristão, realizado com honestidade e sem preconceitos, pode ajudar a Igreja a compreender melhor alguns aspetos da sua própria vida, trazendo de novo à luz as riquezas espirituais preservadas no judaísmo. Além disso, o diálogo contará entre os objetivos uma firme tomada de posição contra toda a forma de antissemitismo e o compromisso comum a favor da paz, da justiça, do desenvolvimento dos povos.

348. Por estes motivos, também na catequese se deve dar uma atenção especial à religião judaica e aos temas do judaísmo. Em particular, deve-se ter cuidado de apresentar alguns pontos decisivos:

- a. para os cristãos não é possível considerar o judaísmo simplesmente como mais uma religião, porque o cristianismo tem raízes judaicas e as relações entre as duas tradições são únicas: «Jesus era um judeu, estava envolvido na tradição judaica do seu tempo e foi formado de maneira determinante por aquele ambiente religioso»³³;
- b. «a Palavra de Deus é uma realidade única e indivisa que assume forma concreta no contexto histórico de cada um»³⁴: ela, que tem a sua realização em Jesus Cristo, tem a sua expressão histórica na Torah que exprime a intervenção de Deus a favor do seu povo;
- c. o Antigo Testamento é parte integrante da Bíblia cristã única e a Igreja testemunha a sua fé no único Deus, autor de ambos os Testamentos, rejeitando, portanto, toda a presumível oposição entre os dois;
- d. a Nova Aliança não substitui a Aliança de Deus com Israel, mas pressupõe-na: essa primeira Aliança nunca foi revogada (cf. *Rm* 11,28-29) e permanece com a sua validade, que encontra pleno cumprimento naquela que Jesus realizou com o seu mistério de salvação;
- e. a Igreja e o judaísmo não podem ser apresentados como dois caminhos de salvação: da confissão da mediação salvífica universal e exclusiva de Jesus Cristo, coração da fé cristã, não deriva a exclusão dos judeus da salvação; com efeito, «a Igreja espera aquele dia, conhecido só por Deus, em que todos os povos invocarão o Senhor a uma só voz e “o servirão de comum acordo” (*Sf* 3,9)» (NA 4).

Catequese no contexto de outras religiões

349. O fenómeno do pluralismo religioso não diz respeito apenas às nações em que, desde sempre, o cristianismo foi uma minoria, mas também a muitas outras sociedades, marcadas pelos fluxos migratórios das últimas décadas. Por mais que sejam muitas as variáveis – culturais, étnicas, económicas e sociais – a considerar, de facto há que reconhecer que, juntamente com outros motivos, o encontro com religiões diferentes alterou entre os cristãos o modo de viver a experiência de fé, abrindo os crentes à questão acerca da verdade dos conteúdos de fé e da liberdade da escolha. Esta situação relativamente recente, a par doutra tradicional de quem vive a sua fé cristã em condição de minoria, incentiva a Igreja a considerar o significado da relação com as outras religiões, também em vista da formação catequética dos seus filhos. Nesta reflexão, ela «olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora em muitos pontos estejam em discordância com aquilo que ela própria afirma e propõe, todavia refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens» (NA 2).

³² CCE 839. Cf. COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO, *Orientações e sugestões para se aplicar a declaração conciliar Nostra aetate n. 4* (1 de dezembro de 1974); ID., *Subsídios para uma correta apresentação dos judeus e do judaísmo na pregação e na catequese da Igreja católica* (24 de junho de 1985); ID., «Porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis» (*Rm* 11,29). *Reflexões sobre questões teológicas a respeito das relações católico-judaicas por ocasião do 50º aniversário da Nostra aetate n. 4* (10 de dezembro de 2015). Cf. também EG 247-249.

³³ COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO, «Porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis», op. cit., 14.

³⁴ *Ibidem*, 25.

350. A catequese com os cristãos que vivem em contextos de pluralismo religioso deverá ter em conta alguns aspetos³⁵:

- a. aprofundar e reforçar a *identidade* dos crentes, sobretudo num contexto de minoria, através do conhecimento do Evangelho e dos conteúdos das outras religiões, mediante um profundo processo de inculturação da fé;
- b. ajudar os crentes a acreditar num *discernimento* em relação às outras religiões, reconhecendo e apreciando as sementes do Verbo que estão presentes nelas e deixando de parte o que não é conforme à fé cristã;
- c. encorajar em todos os crentes um *impulso missionário* feito de *testemunho* da fé, de *colaboração* em defesa da dignidade do homem, de *diálogo* afável e cordial e, onde for possível, de *anúncio* explícito do Evangelho.

351. Tenha-se um cuidado especial na relação com os crentes do Islão, especialmente presentes em muitos países de antiga tradição cristã. Perante episódios de fundamentalismo violento, a Igreja, na sua proposta catequética e valendo-se de agentes preparados de forma adequada, deve favorecer o conhecimento e o encontro com os muçulmanos como instrumento oportuno para evitar generalizações superficiais e prejudiciais³⁶.

Catequese no contexto dos novos movimentos religiosos

352. Nas últimas décadas e em áreas cada vez mais vastas do mundo, a Igreja vê-se diante do fenómeno da proliferação de novos movimentos religiosos, que compreende realidades muito distintas que não é fácil classificar. Trata-se de grupos que têm denominações e matrizes muito diferentes: alguns, de diversas maneiras, remetem para o cristianismo, ainda que afastando-se dele por consideráveis diferenças doutrinárias; outros derivam de religiões orientais ou de cultos tradicionais; outros ainda mostram elementos de magia, superstição, neopaganismo, espiritismo, indo até ao satanismo; por fim, há os outros chamados *movimentos do potencial humano* que se apresentam com um rosto humanista e terapêutico. Em não poucos casos, diversos elementos destes novos movimentos religiosos fundem-se em formas sincréticas ainda mais complexas³⁷. Se por um lado estes movimentos são uma «reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista» e vêm colmatar «um vazio deixado pelo racionalismo secularista»³⁸, por outro lado parece que se aproveitam das exigências das pessoas marcadas por tantas formas de pobreza ou por malogros da vida. É necessário reconhecer que nem sempre a comunidade cristã é capaz de se demonstrar significativa para aqueles cristãos que, tendo uma fé pouco radicada, precisam de maior cuidado e acompanhamento e encontram depois nos novos movimentos satisfação das suas necessidades.

353. Diante deste fenómeno que se apresenta como um grande desafio para a evangelização, a Igreja particular é chamada a interrogar-se para interpretar o que impele diversos cristãos a aproximar-se dos novos movimentos religiosos. Para que todos os batizados continuem a abrir-se à Boa Nova do Senhor Jesus, «água viva para a sua sede» (cf. *Jo* 4,5-15), e se enraízem cada vez mais na comunidade cristã, a obra catequética terá que evidenciar alguns elementos:

- a. anunciar o *querigma* de Jesus, Sabedoria de Deus, que, com a sua Páscoa, dá a paz e a alegria verdadeira, como proposta de sentido para o homem que hoje, de modo particular, procura bem-estar e harmonia;

³⁵ Cf. EN 53; JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 55-57; CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO – CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Diálogo e Anúncio. Reflexões e orientações sobre o diálogo inter-religioso e sobre o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo* (19 de maio de 1991); CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Diálogo na verdade e na caridade. Orientações pastorais para o diálogo inter-religioso* (19 de maio de 2014); FRANCISCO – AHAMAD AL-TAYYIBSULLA, *Documento sobre a Fraternidade Humana pela Paz Mundial e a convivência comum* (4 de fevereiro de 2019).

³⁶ Cf. EG 252-254.

³⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA – CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Jesus Cristo portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a «New Age»* (2003).

³⁸ EG 63.

- b. esforçar-se por que a Igreja seja uma verdadeira comunidade de vida e de fé, livre de formalismos vazios e frios, capaz de acolhimento e proximidade, ativamente atenta às pessoas que vivem em sofrimento, pobreza e solidão, disponível para valorizar o contributo precioso de cada um;
- c. garantir um conhecimento bíblico e doutrinal de base, seja tornando a Sagrada Escritura acessível e compreensível a todos, seja por meio de oportunos instrumentos catequéticos de carácter divulgativo;
- d. prestar atenção aos símbolos, aos gestos e aos ritos da liturgia e da piedade popular, não reduzindo a sua carga afetiva que toca mais facilmente o coração do homem.

Uma atenção mais particular dever-se-á a todos os que, desiludidos ou feridos por esta experiência, sentem necessidade de regressar à comunidade cristã. É importante que se sintam acolhidos mais que julgados e que o catequista possa desenvolver uma obra de recuperação e reinserção na comunidade através de um trabalho de esclarecimento e de compreensão.

3. CATEQUESE EM CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS

Catequese e mentalidade científica

354. O contínuo progresso das ciências, cujos resultados são utilizados de forma massiva na sociedade, marcam fortemente a cultura contemporânea. Os homens, impregnados da mentalidade científica, perguntam-se como é que o saber científico se pode conjugar com o dado da fé. Assim afloram as questões sobre a origem do mundo e da vida, o aparecimento do homem na terra, a história dos povos, as leis que governam a natureza, o carácter espiritual que torna a vida humana singular entre os outros seres vivos, o progresso humano e o futuro do planeta. Estas questões, enquanto expressão da procura de sentido, tocam a questão da fé e, por isso, interpelam a Igreja. Vários documentos do Magistério trataram diretamente da relação entre ciência e fé³⁹.

355. Mesmo reconhecendo os desvios ideológicos do reducionismo naturalista e do cientificismo⁴⁰, bem distintos da obra científica enquanto tal, e tendo consciência dos problemas éticos que podem nascer da aplicação de alguns resultados das ciências, o juízo da Igreja sobre a cultura científica é positivo, considerando-a uma atividade com a qual o homem participa no plano criador de Deus e no progresso de toda a família humana. Se, por um lado, «a evangelização está atenta aos progressos científicos para os iluminar com a luz da fé e da lei natural»⁴¹, por outro lado, é verdade que, «quando algumas categorias da razão e das ciências são acolhidas no anúncio da mensagem, tais categorias tornam-se instrumentos de evangelização»⁴². Os aparentes conflitos entre conhecimentos científicos e alguns ensinamentos da Igreja devem ser esclarecidos em sede de exegese bíblica e de reflexão teológica, interpretando a Revelação, aplicando uma correta epistemologia científica, esclarecendo equívocos históricos e iluminando preconceitos e ideologias.

356. A técnica, fruto do engenho do homem, sempre acompanhou a história humana. As suas potencialidades devem ser orientadas para a melhoria das condições de vida e para o progresso da família humana. Todavia, enquanto acompanha e condiciona os estilos de vida, a técnica parece influir na própria visão do ser humano. Além disso, algumas aplicações da investigação tecnológica podem realizar uma transformação do humano em algo de inédito, por vezes sem avaliar adequadamente as consequências. Entre os muitos âmbitos da investigação, os âmbitos da *inteligência artificial* e das

³⁹ Entre todos, assume um lugar de relevo a encíclica *Fides et ratio*, de João Paulo II, dedicada especificamente a este tema. Cf. também algumas páginas do Concílio Vaticano II: GS 5, 36, 57, 62; OT 13, 15 e AA 7; alguns números do CCE: 31-34, 39, 159, 2292-2296, 2417. Além disso, os Pontífices dirigiram múltiplos discursos às universidades, aos cientistas e aos homens de cultura.

⁴⁰ O cientificismo reduz o complexo fenómeno humano apenas aos seus componentes materiais. Segundo esta visão, as realidades espirituais, éticas e religiosas, não sendo empiricamente experimentáveis, não seriam reais e deveriam ficar confinadas à imaginação subjetiva. Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et ratio* (14 de setembro de 1998), 88.

⁴¹ EG 242.

⁴² EG 132.

neurociências colocam questões filosóficas e éticas relevantes. A inteligência artificial pode ajudar o homem e nalguns casos substituí-lo, mas não pode tomar decisões que só a ele competem. No âmbito das neurociências, além disso, um melhor conhecimento do corpo humano, das capacidades e do funcionamento do cérebro, se bem que sejam fatores positivos, nunca poderá explicar completamente a identidade pessoal, nem eliminar a sua responsabilidade diante do Criador. O objetivo da tecnologia é servir a pessoa. Por isso, do progresso deve valorizar-se a intrínseca dimensão humana, da melhoria das condições de vida, do serviço para o desenvolvimento dos povos, da glória a Deus prestada pela técnica quando é utilizada de forma sensata⁴³. Ao mesmo tempo, a Igreja acolhe os desafios antropológicos que derivam do progresso das ciências e faz deles motivo de profundo discernimento.

357. Nos seus percursos habituais de catequese, o catequista terá em conta a influência que a mentalidade científica exerce sobre as pessoas, muitas vezes persuadidas por algumas teorias apresentadas de forma aproximativa, com a cumplicidade de uma certa divulgação científica pouco cuidada e por vezes também de uma pastoral inadequada. Por isso, a catequese deve saber suscitar questões e servir de introdução a temas de particular relevo, como sejam a complexidade do universo, a criação como sinal do Criador, a origem e o fim do homem e do cosmos. Algumas questões históricas de relevo, cuja influência continua ainda presente, devem ser tratadas e expostas para lá das simplificações mediáticas. A abertura à fé, especialmente entre as crianças em idade escolar e os jovens, não raramente depende do facto de se dar a estas questões uma resposta satisfatória ou então de se indicar o caminho adequado para a encontrar. Por esta razão, é de valorizar o testemunho dos cientistas cristãos, na medida em que, com a sua coerência de vida, mostram a harmonia e a síntese entre fé e razão. É preciso dar a conhecer aos catequistas os principais documentos do Magistério que tratam da relação entre fé e razão, entre teologia e ciências. Além disso, deve-se sugerir que se use instrumentos e subsídios para adquirir uma formação adequada nesta matéria.

358. A Igreja é chamada a dar o seu contributo para a evangelização dos homens de ciência, que, muitas vezes, são ricos em qualidades que os agentes pastorais deverão saber valorizar. O homem de ciência é uma testemunha apaixonada pelo mistério; procura a verdade com sinceridade; inclina-se com naturalidade para a colaboração, para a comunicação e para o diálogo; cultiva a profundidade, o rigor e a correção de raciocínio; gosta da honestidade intelectual. São disposições que favorecem o encontro com a Palavra de Deus e o acolhimento da fé. No fundo, trata-se de favorecer uma verdadeira inculturação da fé no mundo científico. Os cristãos que atuam profissionalmente no mundo das ciências desempenham um papel de grande importância. A Igreja dispensar-lhes-á o necessário cuidado pastoral para que o seu testemunho se torne mais eficaz.

Catequese e cultura digital

Características gerais

359. A introdução e o uso dos instrumentos digitais de forma massiva causou alterações profundas e complexas a muitos níveis com consequências culturais, sociais e psicológicas ainda não totalmente evidentes. O *digital*, que não corresponde somente à presença dos meios tecnológicos, caracteriza efetivamente o mundo contemporâneo e a sua influência tornou-se, num breve espaço de tempo, habitual e contínua, a ponto de ser encarada como natural. Vive-se «numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na perceção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros»⁴⁴. Portanto, o *digital* não só faz parte das culturas existentes, como se está a impor como uma nova cultura, modificando antes de mais a linguagem, modelando a mentalidade e reelaborando as hierarquias de valores. E tudo isto à escala global porque, anuladas as distâncias geográficas com a presença generalizada dos dispositivos ligados em rede, envolve as pessoas em todo o planeta.

⁴³ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso à Pontifícia Academia das Ciências* (13 de novembro de 2000).

⁴⁴ ChV 86.

360. A internet e as redes sociais criam «uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao saber. Além disso, o mundo digital é um contexto de participação sociopolítica e de cidadania ativa, podendo facilitar a circulação de uma informação independente capaz de tutelar eficazmente as pessoas mais vulneráveis, revelando as violações dos seus direitos. Em muitos países, a *web* e as *redes sociais* já constituem um lugar indispensável para se alcançar e envolver os jovens nas próprias iniciativas e atividades pastorais»⁴⁵. Entre outros elementos positivos do digital contam-se a extensão e o enriquecimento das capacidades cognitivas do homem. A tecnologia digital pode ajudar a memória, por exemplo, através dos instrumentos de aquisição, arquivamento e restituição de dados. A recolha digital de dados e os instrumentos de apoio às decisões melhoram a capacidade de escolha e consentem que se recolha mais dados para verificar as implicações sobre diversas problemáticas. Em diversos sentidos, pode falar-se positivamente de uma *potenciação* digital.

361. Todavia, é preciso reconhecer que «o ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até ao caso extremo da *dark web*. Os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas. Difundem-se novas formas de violência através das redes sociais, como o *cyberbullying*; a *web* é também um canal de difusão da pornografia e de exploração de pessoas para fins sexuais ou através do jogo de azar»⁴⁶. Além disso, os interesses económicos, que operam no mundo digital, são «capazes de realizar formas de controle que são tão subtis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático»⁴⁷. É preciso lembrar que muitas plataformas favorecem frequentemente «o encontro entre pessoas com as mesmas ideias, dificultando o confronto entre as diferenças. Estes circuitos fechados facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódio»⁴⁸. Os espaços digitais podem criar uma visão distorcida da realidade, até gerar falta de cuidado com a vida interior, visível na perda da identidade e das raízes, no cinismo como resposta ao vazio, na progressiva desumanização e a tendência cada vez maior para as pessoas se fecharem em si mesmas.

Transformação antropológica

362. O efeito da exponencial digitalização da comunicação e da sociedade está a levar a uma verdadeira transformação antropológica. Os chamados *nativos digitais*, ou seja, as pessoas nascidas e crescidas com as tecnologias digitais numa *sociedade de múltiplos ecrãs*, consideram as tecnologias como um elemento natural não sentindo qualquer desconforto em utilizá-las e interagir com elas. Pelo contrário, a situação atual vê a coexistência, especialmente como educadores, mestres e catequistas, dos não nativos digitais, os chamados *emigrantes digitais*, que não nasceram num mundo digital, mas entraram nele mais tarde. A diferença fundamental entre estes sujeitos está nas atitudes mentais diferentes que assumem diante das novas tecnologias e da sua utilização. Há também uma diferença no estilo do discurso, que nos primeiros é mais espontâneo, interativo e participativo.

363. Um *nativo digital* parece privilegiar mais a imagem do que a escuta. Do ponto de vista cognitivo e comportamental, de certo modo é modelado pelo consumo dos *meios de comunicação* a que está sujeito, infelizmente com redução do seu desenvolvimento crítico. Portanto, este consumo de conteúdos digitais não é um processo apenas quantitativo, mas também qualitativo que produz uma outra linguagem e um novo modo de organizar o pensamento. Multitarefa (*multitasking*), hipertextualidade e interatividade são apenas algumas características daquilo que surge como um modo novo e inédito de compreender e de comunicar que caracterizam as gerações digitais. Emerge uma capacidade mais intuitiva e emotiva do que analítica. A arte de contar histórias (*storytelling*), que utiliza os princípios da retórica e a sua própria linguagem adotada pelo *marketing*, é considerada pelos

⁴⁵ ChV 87.

⁴⁶ ChV 88.

⁴⁷ ChV 89.

⁴⁸ ChV 89.

jovens mais convincente e envolvente do que as formas tradicionais de discurso. A linguagem que melhor domina a geração digital é a da narrativa, mais que a da argumentação.

364. Todavia, esta novidade de linguagem transforma as pessoas em meros utilizadoras e não descodificadoras das mensagens: a narrativa de histórias-limite e problemáticas arrisca-se a polarizar o confronto sobre temas complexos sem ter de argumentar ou incluir soluções de mediação. Se a narrativa se torna o único instrumento de comunicação, existe o risco de que cresçam só opiniões subjetivas sobre a realidade. Este subjetivismo arrisca-se a relegar as questões políticas e éticas para a esfera pessoal e privada. A norma moral arrisca-se a ser encarada como autoritária, enquanto as narrativas se tornam verdades que impedem a procura da verdade e do bem. Além disso, o universo narrativo configura-se como uma experiência em que tudo é possível e dizível e a verdade não tem peso existencial. Estes horizontes mostram de que forma o digital e os seus instrumentos são meios potentes para encontrar formas de transmissão da fé, novas e inéditas; mas também é verdade que a ação eclesial deve dar a conhecer as possíveis ambiguidades de uma linguagem sugestiva, mas pouco comunicativa da verdade.

Cultura digital como fenómeno religioso

365. A *cultura digital* apresenta-se também como portadora de crenças que têm características religiosas. A omnipresença dos conteúdos digitais, a disseminação de máquinas que funcionam de forma autónoma com algoritmos e software cada vez mais sofisticados levam a encarar todo o universo como um fluxo de dados, a compreender a vida e os organismos vivos como pouco mais que algoritmos bioquímicos e, nas versões mais radicais, a acreditar que existe para a humanidade a vocação cósmica para criar um sistema abrangente de processamento de dados.

366. Estamos diante de uma modalidade inédita e desafiante que muda as coordenadas de referência no processo da confiança e da atribuição de autoridade. O modo como se pede a um motor de busca, aos algoritmos de uma inteligência artificial ou a um computador algumas respostas sobre questões que dizem respeito à vida privada, mostra uma *atitude fideísta* na relação com as máquinas e com as respostas que elas fornecem. Vai-se criando uma espécie de pseudo-religião universal que legitima uma nova fonte de autoridade e tem todas as componentes dos ritos religiosos: desde o sacrifício ao temor pelo absoluto, até à subordinação a um novo motor imóvel que se faz amar, mas não ama.

367. Com estas componentes técnicas e religiosas, poderia dar-se lugar a uma cultura global que forma, sobretudo, o modo de pensar e de acreditar das próximas gerações de jovens. Elas serão cada vez mais digitais e apresentarão características e modos de pensamento globais, graças às grandes plataformas de partilha e ao seu poder de difusão e de instantaneidade. Além de ser um desafio, isto pode ser uma oportunidade. Desenvolver formas e instrumentos capazes de descodificar as instâncias antropológicas que estão na base destes fenómenos e aperfeiçoar formas inéditas de evangelização permite que se proponha ações pastorais globais, tal como é global a *cultura digital*.

Cultura digital e questões educativas

368. O desenvolvimento tecnológico no campo dos meios de comunicação digitais dá a possibilidade de aceder de modo imediato a todo o tipo de conteúdos desligados de qualquer hierarquia de importância, criando, assim, uma cultura frequentemente marcada pelo imediato, pelo instante e pela fraqueza da memória, causando uma falta de perspetivas e de um quadro de conjunto. Os *meios de comunicação*, pela sua própria natureza, fornecem versões seletivas do mundo, em vez de acesso direto a ele, combinando diversas línguas numa comunicação global e instantaneamente difundida. As novas gerações nem sempre estão formadas e culturalmente preparadas para enfrentar os desafios que a sociedade digital coloca. Portanto, é urgente a *educação para os media*, porque estamos diante de uma forma de analfabetismo digital. Na imensa produção digital os analfabetos contemporâneos serão os que não sabem perceber a diferença de qualidade e de verdade dos diversos conteúdos digitais que encontram pela frente.

369. Cada vez mais se reconhece como as redes sociais, especialmente as de natureza digital, são efetivamente os principais agentes de socialização, chegando quase a substituir os tradicionais como a

família, a Igreja e a escola. Parece que a intersubjetividade está cada vez mais desenvolvida nas redes sociais e cada vez menos nos espaços sociais tradicionais. A um nível operativo é necessário avaliar e compreender os limites das aprendizagens implícitas que a era digital fornece quotidianamente. Muitas *formas de interação* pessoal tornaram-se *virtuais* suplantando totalmente, especialmente entre as jovens gerações, a necessidade de formas de relação tradicionais, impedindo-as de «tomar contacto direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal»⁴⁹.

Anúncio e catequese na era digital

370. A Igreja é chamada a refletir sobre a peculiar modalidade de procura de fé dos jovens digitais e, por conseguinte, a atualizar as suas modalidades de anúncio do Evangelho para a linguagem das novas gerações, convidando-as a criar um novo sentido de pertença comunitário, que inclua e não se esgote naquilo que elas experimentam na rede. Parece que se está a inaugurar uma etapa em que a catequese se torna portadora de instâncias capazes de gerar percursos de aproximação à fé cada vez menos estandardizados e atentos à singularidade de cada um. O desafio pastoral é o de acompanhar o jovem na busca da sua autonomia, o que leva à descoberta da liberdade interior e do apelo de Deus, que o diferencia do rebanho social a que pertence. Outro desafio é, com certeza, o de *clarificar a linguagem* utilizada na rede que muitas vezes tem consonâncias com a linguagem religiosa. Pense-se, por exemplo, no chamamento de Jesus para se ser discípulo, termo este que precisa de ser explicado de modo a evitar que seja confundido com dinâmicas típicas da rede: a dinâmica de ser discípulos não é, na verdade, a mesma que se estabelece entre um *influencer* e os seus seguidores (*follower*) virtuais. Para fazer isto são necessárias figuras com autoridade, que através do acompanhamento pessoal levem cada jovem a redescobrir o seu projeto pessoal de vida. Este caminho requer que se passe da solidão, alimentada pelos *likes*, à realização de projetos pessoais e sociais a realizar em comunidade.

371. No processo do anúncio do Evangelho, a verdadeira questão não é como utilizar as novas tecnologias para evangelizar, mas como se tornar uma *presença evangelizadora no continente digital*. A catequese, que não pode pura e simplesmente digitalizar-se, precisa com certeza de conhecer o poder deste meio e usar tudo o que tem de potencial e de positivo, todavia com a consciência de que não se faz catequese usando apenas os instrumentos digitais, mas oferecendo espaços de experiências de fé. Só assim se evitará uma virtualização da catequese que se arrisca a tornar a ação catequética fraca e sem influência. A geração adulta que quer transmitir a fé tem a tarefa de proporcionar experiências. Só uma catequese que faz o caminho que vai da informação religiosa ao acompanhamento e à experiência de Deus será capaz de oferecer o sentido. A transmissão da fé assenta em experiências autênticas, que não devem ser confundidas com experimentações: a *experiência* transforma e fornece chaves de interpretação da vida, ao passo que a experimentação se reproduz apenas de maneira idêntica. A catequese é chamada a encontrar modos adequados para fazer face às grandes questões sobre o sentido da vida, a corporeidade, a afetividade, a identidade de género, a justiça e a paz, que na era digital são interpretadas de maneira diferente.

372. A catequese na época do digital será personalizada, mas nunca um processo individual: haverá que fazer a transição do mundo individualista e isolado das redes sociais (*social*) para a comunidade eclesial, lugar em que a experiência de Deus se torna comunhão e partilha de experiências. Não se deve subestimar o poder da liturgia para comunicar a fé e introduzir à experiência de Deus. A liturgia é composta por uma pluralidade de códigos de comunicação que se apoia na interação dos sentidos (*sinestesia*), bem como na comunicação verbal. Portanto, é necessário redescobrir as capacidades da liturgia, mas também da arte sacra, para exprimir os mistérios da fé. O desafio da evangelização inclui o da inculturação no continente digital. É importante ajudar a não confundir os meios com os fins, a discernir o modo de navegar na rede, de modo a crescer como sujeitos e não como objetos e a ir para além da técnica para encontrar uma humanidade renovada na relação com Cristo.

⁴⁹ FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato si'* (24 de maio de 2015), 47.

Catequese e algumas questões de bioética

373. A vida e bondade da criação baseiam-se na bênção originária de Deus: «Viu tudo o que tinha feito; era tudo muito bom» (*Gn 1,31*). Esta bênção oferece à humanidade um mundo ordenado, mas a cada um pede um contributo para a sua salvaguarda e o seu crescimento. No âmbito católico, a bioética move-se a nível racional inspirando-se, porém, nos dados da Revelação divina que, por sua vez, fundamenta a antropologia cristã. Portanto, a investigação científica e as suas aplicações não são moralmente neutras e os critérios de orientação não podem ser apenas deduzidos a partir da eficiência técnica, da utilidade ou das ideologias dominantes. Os temas principais tratados pela bioética referem-se ao início da vida (estatuto do embrião humano, procriação medicamente assistida...), ao seu fim (definição de morte, eutanásia, cuidados paliativos...), à saúde e às experimentações no homem (engenharia genética, biotecnologia...).

374. O desenvolvimento científico e as suas aplicações tecnológicas no campo biológico melhoraram as condições de vida do homem. A *genética* ocupa um lugar de particular relevo no interior deste desenvolvimento. A Igreja apoia e está grata a todos os que se dedicam com esforço e compromisso generoso à investigação neste âmbito. Todavia, o cientista, se por um lado é chamado a verificar as possibilidades técnicas, por outro lado deve estar consciente que nem tudo o que é tecnicamente possível é moralmente admissível. É útil considerar a dimensão ética da investigação e das suas aplicações. Com efeito, uma ação tecnicamente eficaz poderia estar em contradição com a dignidade da pessoa.

375. É importante distinguir com atenção a diferença entre *intervenção terapêutica* e *manipulação*. A terapia para corrigir as anomalias genéticas será lícita, desde que promova o bem da pessoa sem afetar a sua identidade e integridade; neste caso, não se altera a natureza humana. A intervenção terapêutica nas linhas somáticas é conforme com a dignidade da pessoa, ao passo que a intervenção nas linhas germinais, alterando a identidade da espécie humana, é incompatível com o respeito pela pessoa.

376. A biotecnologia permite que se intervencione não só em relação aos defeitos, mas também aos outros dados genéticos. É preciso prestar muita atenção às experimentações genéticas, em particular ao risco da *eugenesia*, que é uma prática que – de facto – estabelece uma discriminação entre as pessoas. Além disso, as possibilidades técnicas da chamada engenharia genética tocam o próprio núcleo da antropologia na possibilidade concreta de automanipulação e autodefinição segundo a filosofia do chamado *transumanismo*, dando vida a indivíduos com um património genético diferente e determinado conforme a vontade.

377. Uma orientação difusa daquilo que hoje se apresenta sob a denominação “ideologia do género” (*gender*) coloca em discussão o dado revelado: «Homem e mulher os criou» (*Gn 1,27*). A identidade de género, segundo essa posição, já não é um dado originário que o homem deve acolher e preencher de sentido, mas uma construção social que se decide autonomamente, totalmente desvinculada do sexo biológico. O homem nega a sua própria natureza e decide que é ele quem a cria para si mesmo. Ao invés, segundo a narrativa bíblica da criação, o ser humano foi criado por Deus como homem e como mulher. A Igreja está bem consciente da complexidade das situações pessoais muitas vezes vividas de maneira conflituosa. Ela não julga as pessoas, mas convida a acompanhá-las sempre e em qualquer situação. Contudo, está consciente de que, numa perspetiva de fé, a sexualidade não é apenas um dado físico, mas uma realidade pessoal, um valor confiado à responsabilidade da pessoa. Deste modo, a identidade sexual e a vivência existencial deverão ser uma resposta ao chamamento originário de Deus.

378. As questões de bioética interpelam a catequese e a sua função formativa. Onde se achar oportuno e conforme as circunstâncias, os agentes pastorais promovam itinerários específicos de educação para a fé e para a moral cristã, onde temas como a vida humana como dom de Deus, o respeito e o desenvolvimento integral da pessoa, a ciência e a técnica que se ordenam ao bem do homem tenham um espaço adequado à luz do Magistério da Igreja, expresso também no *Catecismo da Igreja Católica*. A catequese educa os catequistas para formarem a sua consciência em relação às questões da vida,

relembrando a necessidade de prestar atenção aos desafios colocados pelos desenvolvimentos da ciência e da tecnologia e fazendo emergir os elementos fundamentais para o anúncio da fé:

- Deus é a referência inicial e última da vida, desde a sua concepção até à morte natural;
- a pessoa é sempre unidade de espírito e corpo;
- a ciência está ao serviço da pessoa;
- a vida deve ser acolhida em qualquer condição, porque foi redimida pelo mistério pascal de Jesus Cristo.

Catequese e integridade da pessoa

379. Cada pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, é única e tem uma *dignidade* intrínseca e inalienável. Esta encontra o seu fundamento na verdade revelada, que faz emergir aqueles princípios escritos na natureza humana como reconhecimento perene e universal da marca indelével de Deus criador. Toda a Revelação conduz a esta verdade e atesta a igualdade de todos os homens diante de Deus, que é o único garante e juiz da vida. No contexto atual é urgente um compromisso concreto em defesa da vida e da sua dignidade diante das várias expressões da cultura de morte que se torna cada vez mais presente em vastos sectores da sociedade mundial (cf. GS 27). «A defesa da dignidade da vida humana desde o primeiro instante da concepção até à morte natural sempre encontrou, no ensinamento da Igreja, a sua voz coerente e autorizada»⁵⁰.

380. Na sua missão de promover sempre e em toda a parte a vida humana e de a defender quando é ameaçada, a Igreja afirma com clareza que a vida pessoal é sagrada e inviolável. Neste sentido, acolhendo o progresso na doutrina por obra dos últimos Pontífices, «deve afirmar-se energicamente que a *condenação à pena de morte* é uma medida desumana que, independentemente do modo como for realizada, humilha a dignidade pessoal. Em si mesma, é contrária ao Evangelho, porque voluntariamente se decide suprimir uma vida humana que é sempre sagrada aos olhos do Criador»⁵¹. Portanto, a catequese deverá fazer todo o esforço para fazer compreender o ensinamento da Igreja a este respeito e ajudar a criar uma nova cultura. O desafio do respeito pela dignidade e integridade da pessoa permanece, por isso, um cenário atual para o anúncio do amor misericordioso de Deus no mundo contemporâneo.

Catequese e compromisso ecológico

381. Se, por um lado, o crescimento da técnica e da ciência exprime a grandeza do ânimo humano, por outro lado, porém, «não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência»⁵². Um âmbito em que são claramente perceptíveis as consequências de um *excesso antropocêntrico* é o da *crise ecológica*, crise que toca questões que precisam de ser tratadas simultaneamente: poluição e alterações climáticas, uso dos recursos primários e perda da biodiversidade, falta de equidade planetária, deterioração da qualidade da vida humana e degradação social. Diante da aceleração e da complexidade do problema ecológico, os Pontífices⁵³ têm convidado ininterruptamente a uma *conversão ecológica* profunda, capaz de tocar a essência do humano, no lugar onde, em última análise, se instala a raiz do problema e a sua solução.

382. A questão ecológica é posta relevo por pessoas e organizações de variadas proveniências culturais e filosóficas, mas os crentes são chamados a sentir-se interpelados por ela, conscientes de que «a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé»⁵⁴. A visão cristã da criação e da atividade humana oferece «aos cristãos – e, em parte,

⁵⁰ FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Encontro comemorativo do XXVº aniversário do Catecismo da Igreja Católica* (11 de outubro de 2017).

⁵¹ *Loc. cit.*; cf. também CCE 2267 (nova redação de 1 de agosto de 2018).

⁵² FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato si'* (24 de maio de 2015), 105.

⁵³ Cf., de modo particular, PAULO VI, *Octogesima adveniens* (14 de maio de 1971); JOÃO PAULO II, *Centesimus annus* (1 de maio de 1991); BENTO XVI, *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009). Tem um lugar de relevo nesta matéria a encíclica *Laudato si'*, do Papa Francisco.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o XXIII Dia Mundial da Paz 1990* (8 de dezembro de 1989), 15.

também a outros crentes – motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis»⁵⁵, juntamente com critérios alternativos segundo os quais repensar a relação entre economia, salvaguarda da criação, justiça social e escolhas políticas. Portanto, torna-se necessário escutar o grito da terra, que está intimamente relacionado com o grito dos pobres. Neste grito, em que ressoam os gemidos da criação (cf. *Rm* 8,22), esconde-se um apelo que vem de Deus.

383. A catequese sabe reconhecer nestes sinais a voz de Deus e, por este motivo, juntamente com todas as outras ações da pastoral da Igreja, não faltará à sua tarefa de motivar e apoiar entre os crentes uma mentalidade e uma espiritualidade ecológicas, assentes na sabedoria das narrativas bíblicas e no Magistério social da Igreja. Uma catequese sensível à salvaguarda da criação promove uma cultura da atenção tanto ao ambiente como às pessoas que o habitam. Isto significa: favorecer uma atitude de respeito para com todos; ensinar uma correta conceção do ambiente e da responsabilidade do homem; educar para uma vida virtuosa, capaz de assumir estilos de vida humildes e sóbrios, livres do consumismo; colocar em destaque o valor simbólico das realidades criadas, sobretudo nos sinais da liturgia. Trata-se, portanto, de favorecer a aquisição de uma atitude e de consequentes comportamentos atentos à *ecologia integral*, que compreende as diversas facetas da proposta formativa da doutrina social da Igreja: ecologia ambiental, económica, social e política; ecologia cultural; ecologia da vida quotidiana.

384. A catequese terá o cuidado, antes de mais, de ajudar os crentes a tomar consciência de que o compromisso a favor da questão ecológica é parte integrante da vida cristã. Em segundo lugar, anunciará as verdades de fé subjacentes à temática ambiental: Deus Pai onipotente e criador, o mistério da criação como dom que precede o homem, que é o seu vértice e guardião, a correlação e a harmonia de todas as realidades criadas, a redenção realizada por Cristo, primogénito da nova criação⁵⁶. Por fim, em virtude da sua dimensão educativa conatural, deverá acompanhar os cristãos para viverem as exigências morais da fé, identificando as atitudes que dificultam caminhos de solução, oferecendo motivações teológicas e espirituais para a conversão ecológica e apoiando ações concretas para o cuidado da casa comum⁵⁷.

Catequese e opção pelos pobres

385. A opção ou amor preferencial pelos pobres é uma forma especial de primado no exercício da caridade que toca a vida de cada cristão, enquanto imitador de Cristo⁵⁸. O amor da Igreja pelos pobres e por todos aqueles que vivem situações de pobreza pertence à sua constante Tradição⁵⁹: «Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica»⁶⁰. Com efeito, esta opção tem como fundamento o amor de Deus pelos exilados, deserdados, abandonados, viúvas, órfãos, doentes, como narra continuamente a Sagrada Escritura.

386. No Filho unigénito, o próprio Deus fez-Se pobre para enriquecer a humanidade (cf. *Fl* 2,6-8). No anúncio do Reino de Deus, Jesus tem os pobres como destinatários privilegiados (cf. *Lc* 4,18-19; *Mt* 11,5). Ele declara que os pobres são felizes (cf. *Lc* 6,20-21), ensinando deste modo que servir e acolher cada pessoa em situação de pobreza significa reconhecer a presença do próprio Jesus, a ponto de poder identificá-lo com eles: «A mim o fizestes» (*Mt* 25,40). Jesus mostra assim uma forte ligação entre a contemplação de Deus e a relação pessoal com aqueles que estão feridos e são rejeitados, chamando

⁵⁵ FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato si'* (24 de maio de 2015), 64.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*, capítulo II e CCE 279-384.

⁵⁷ Vejam-se, na encíclica *Laudato si'*, indicações sobre as *atitudes que dificultam o caminho*: n. 14; sobre as *motivações*: nn. 62-64 e 216; sobre as *ações concretas*: capítulos V-VI.

⁵⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987), 42.

⁵⁹ Para conhecer o Magistério em relação à opção pelos pobres nos últimos dois séculos, cf. LEÃO XIII, *Rerum novarum* (15 de maio de 1891); PIO XI, *Quadragesimo anno* (15 de maio de 1931); JOÃO XXIII, *Mater et magistra* (15 de maio de 1961); CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et spes* (7 de dezembro de 1965); PAULO VI, *Populorum progressio* (26 de março de 1967); JOÃO PAULO II, *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987); ID., *Centesimus annus* (1 de maio de 1991); CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2 de abril de 2004); BENTO XVI, *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009).

⁶⁰ EG 198.

os seus discípulos não somente a servir os pobres, mas a descobri-lo como realmente presente neles e a encontrar-se, através deles, com o Pai. Para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de mais, uma vocação a seguir Jesus pobre, é uma atitude do coração que impede de pensar nas realidades contingentes como objetivo de vida e condição para a felicidade. Também a Igreja é chamada a viver a pobreza como abandono total a Deus, sem pôr a sua confiança nos meios mundanos.

387. A opção pelos pobres contém um dinamismo missionário que implica um enriquecimento recíproco: libertá-los, mas também ser libertados por eles; curar as suas feridas, mas também ser curados por eles; evangelizá-los, e contemporaneamente ser evangelizados por eles. «Eles têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas e a colocá-los no centro do caminho da Igreja»⁶¹. O encontro com Cristo, meta de todo o percurso de fé, realiza-se de modo especial no encontro com os pobres, graças às experiências de solidariedade e de voluntariado: «Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia»⁶².

388. A catequese deixa-se provocar pela pobreza visto que ela é intrínseca à mensagem evangélica. Uma vez que reconhece o seu valor e, em vista de uma formação integral dos cristãos, saberá educar para a pobreza evangélica e para um estilo de vida sóbrio. Além disso, favorecerá nos fiéis algumas atitudes básicas: respeito pela dignidade da pessoa, apoio ao seu crescimento, promoção da cultura da fraternidade, indignação pelas situações de miséria e de injustiça. Além disso, a catequese recorda que a pobreza é uma virtude que permite usar corretamente os bens materiais, ajudando a viver de modo livre e sadio também os vínculos e os afetos. Pede-se, por isso, aos catequistas que, sobretudo na proximidade do *Dia Mundial dos Pobres*, se esforcem por sensibilizar para que a reflexão catequética seja acompanhada por um compromisso concreto e direto com sinais palpáveis da atenção aos pobres e aos marginalizados.

Catequese e compromisso social

389. A complexidade dos problemas sociais de hoje pode levar os crentes a amadurecer atitudes de desconfiança e falta de compromisso, ao passo que, no coração do Evangelho, se encontra o serviço aos outros, pelo qual «tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais»⁶³. Evidenciando a íntima conexão entre evangelização e desenvolvimento humano integral⁶⁴, reitera que a fé não deve ser vivida como um facto individual, sem consequências concretas para a vida social. «Uma fé autêntica – que nunca é cómoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela»⁶⁵. É parte integrante do caminho de aprofundamento da fé o amadurecimento de uma visão social e política atenta à eliminação das injustiças, à construção da paz e à salvaguarda da criação, à promoção de várias formas de solidariedade e de subsidiariedade.

390. A catequese, com a ajuda da doutrina social da Igreja⁶⁶ e adaptando as propostas à condição dos sujeitos, habilita para um olhar evangélico sobre a realidade e leva a tomar consciência da existência de estruturas de pecado, que têm um impacto negativo no tecido social e no ambiente. Além disso, motiva os fiéis para agirem a favor do bem comum, tanto na esfera da sua quotidianidade, como, em escala mais ampla, no compromisso social e político mais direto. «O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre

⁶¹ EG 198.

⁶² FRANCISCO, *Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres* (13 de junho de 2017), 3.

⁶³ EG 180; cf. também EG 178-185.

⁶⁴ Cf. PAULO VI, Carta encíclica *Populorum progressio* (26 de março de 1967), 14.

⁶⁵ EG 183.

⁶⁶ Para uma visão sintética da doutrina social da Igreja veja-se: CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2 de abril de 2004).

os indivíduos, mas também “as macrorrelações como relacionamentos sociais, económicos, políticos”»⁶⁷.

391. Aos fiéis que têm maiores responsabilidades no campo social, cultural, mediático, económico e político deve ser garantida uma atenção particular. Efetivamente, em virtude da profissão ou do serviço de cada um nas instituições, eles têm grande possibilidade de influir no bem comum. Através das agregações laicais de ambiente ou outras formas de compromisso pastoral, é necessário oferecer uma catequese que apoie a adesão vital à pessoa de Cristo, a capacidade de discernimento evangélico nas situações complexas, a disponibilidade para o diálogo com todos e uma retidão moral que evite a dissociação entre fé e vida, entre pertença eclesial e compromisso no mundo.

Catequese e mundo do trabalho

392. Trabalhando com as suas mãos em Nazaré, o Senhor conferiu ao trabalho uma altíssima dignidade. Mas o homem associa-se à própria obra da redenção de Cristo, oferecendo a Deus o seu trabalho. «É com o seu trabalho que o homem sustenta habitualmente a sua vida e a dos seus [familiares], se une aos seus irmãos e lhes presta serviços, pode exercer uma caridade autêntica e colaborar no aperfeiçoamento da criação divina» (GS 67). Com o seu trabalho livre, criativo e solidário, cada pessoa exprime a dignidade da sua existência, uma vez que «o trabalho é uma das características que distinguem o homem do resto das criaturas»⁶⁸. No contexto da globalização, numerosas complexidades e contradições dizem respeito ao mundo do trabalho. As alterações no mundo do trabalho tornam necessária uma ação de evangelização e formação cristã, dirigida a todos os que estão mais diretamente envolvidos ou detêm maiores responsabilidades.

393. No seu serviço de educação para a fé, a catequese propõe a doutrina social da Igreja como ponto de referência para uma formação cristã capaz de motivar a evangelização das realidades temporais e mais diretamente do trabalho. Uma tal atenção, típica dos percursos de formação das agregações laicais de trabalhadores e da ação pastoral nos ambientes de trabalho, está presente também nos caminhos habituais de catequese com crianças em idade escolar, jovens e adultos: com efeito, ela contribui para uma formação orgânica da personalidade crente. Ao tratar do trabalho humano, a catequese deverá: ilustrar o nobre significado do compromisso humano no mundo; apoiar o testemunho cristão no lugar de trabalho; ajudar os fiéis a ser fermento de reconciliação nas situações de conflito; estimular o compromisso a favor da humanização do trabalho; solicitar a defesa dos direitos dos mais fracos.

⁶⁷ FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato si'* (24 de maio de 2015), 231; cf. também BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), 2.

⁶⁸ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Laborem exercens* (14 de setembro de 1981), 1.

CAPÍTULO XI

A catequese ao serviço da inculturação da fé

394. «As Igrejas particulares profundamente compostas não apenas pelas pessoas, mas também pelas aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano, têm o papel de assimilar o essencial da mensagem evangélica, de a transpor, sem a mínima traição à sua verdade essencial, para a linguagem que esses homens compreendam e, em seguida, de a anunciar nessa mesma linguagem»¹. O serviço de inculturação da fé, ao qual cada Igreja particular é chamada, é sinal da perene fecundidade do Espírito Santo que embeleza a Igreja universal. «Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus, segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si»². Os itinerários catequéticos e os próprios catecismos locais representam um sinal deste frutuoso processo de inculturação.

1. NATUREZA E FINALIDADE DA INCULTURAÇÃO DA FÉ

395. Na obra da evangelização, a Igreja é chamada a imitar o «movimento que levou o próprio Cristo, na encarnação, a sujeitar-se às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu» (AG 10). Esta primeira forma de inculturação da Palavra de Deus permanece como a forma primitiva de toda a evangelização da Igreja. A inculturação não pode ser pensada como uma mera adaptação a uma cultura. É, antes, um caminho profundo, global e progressivo. Trata-se de uma lenta penetração do Evangelho no íntimo das pessoas e dos povos. «O que se deve procurar é que a pregação do Evangelho, expressa com categorias próprias da cultura onde é anunciado, provoque uma nova síntese com essa cultura»³.

396. A catequese «é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas»⁴ e tem uma grande responsabilidade no processo da inculturação da fé. Entender a cultura como lugar hermenêutico da fé oferece à catequese maiores possibilidades de atingir significativamente os seus propósitos de ser educação *para a fé e na fé*. O contributo específico da catequese para a evangelização é a tentativa de entrar em relação com as vivências das pessoas, com os seus modos de viver e os processos de crescimento pessoais e comunitários. No fundo, a inculturação tem por objetivo o processo de interiorização da experiência de fé. Isto é ainda mais urgente no contexto atual em que faltaram os pressupostos culturais para a transmissão do Evangelho, que no passado eram garantidos pela família e pela sociedade; o enfraquecimento desses processos colocou em crise a apropriação subjetiva da fé. Portanto, é importante que a catequese não se concentre apenas na transmissão dos conteúdos da fé, mas tome a peito o *processo de receção pessoal da fé*, para que o ato com o qual se acredita exprima da melhor forma as razões de liberdade e responsabilidade que a própria fé comporta.

¹ EN 63.

² EG 122.

³ EG 129.

⁴ CT 53. Sobre o tema da inculturação da fé nas diversas áreas geográficas, são importantes as exortações apostólicas sucessivas aos Sínodos continentais: JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa* (14 de setembro de 1995); ID., *Ecclesia in America* (22 de janeiro de 1999); ID., *Ecclesia in Asia* (6 de novembro de 1999); ID., *Ecclesia in Oceania* (22 de novembro de 2001); ID., *Ecclesia in Europa* (28 de junho de 2003); BENTO XVI, *Africae munus* (19 de novembro de 2011); ID., *Ecclesia in Medio Oriente* (14 de setembro de 2012); FRANCISCO, *Querida Amazônia* (2 de fevereiro de 2020).

397. Em relação à inculturação da fé, a catequese terá presente as seguintes indicações metodológicas⁵:

- a. conhecer em profundidade a cultura das pessoas, estimulando dinâmicas relacionais marcadas por reciprocidades que favorecem uma nova compreensão do Evangelho;
- b. reconhecer que o Evangelho possui uma dimensão cultural própria, mediante a qual se inseriu nas diversas culturas ao longo dos séculos;
- c. comunicar a verdadeira conversão que o Evangelho, enquanto força transformadora e regeneradora, realiza nas culturas;
- d. fazer compreender que o Evangelho já está presente em germe nas culturas e, todavia, transcende-as e não se esgota nelas;
- e. certificar-se de que, na nova expressão do Evangelho segundo a cultura evangelizada, não falte a integridade dos conteúdos da fé, fator de comunhão eclesial.

398. «A catequese, se por um lado deve evitar toda a manipulação de uma cultura, por outro não pode limitar-se simplesmente a justapor o Evangelho a essa cultura “de maneira decorativa”. Pelo contrário, deverá propô-lo “de maneira vital, em profundidade” e até às suas raízes, da cultura e das culturas do homem. Isto determina um processo dinâmico, feito de diversos momentos que interagem entre si: esforçar-se por *escutar*, na cultura das pessoas, como que o eco (presságio, invocação, sinal...) da Palavra de Deus; *discernir* aquilo que é autêntico valor evangélico ou, pelo menos, está aberto ao Evangelho; *purificar* o que está sob o sinal do pecado (paixões, estruturas do mal...) ou da fragilidade humana; *entrar no coração* das pessoas, estimulando uma atitude de radical conversão a Deus, de diálogo com os outros e de paciente amadurecimento interior»⁶.

399. A inculturação da fé, que é conatural às Igrejas particulares, «deve envolver todo o povo de Deus, e não apenas alguns peritos, dado que o povo reflete aquele sentido da fé que nunca se deve perder de vista. Ela [...] deve ser uma expressão da vida comunitária, ou seja, amadurecida no seio da comunidade, e não fruto exclusivo de investigações eruditas»⁷. Se o Evangelho estiver inculturado num povo, este, mesmo através da sua própria cultura, transmitirá a fé de maneira tão viva que se torna sempre nova e atrativa.

400. A catequese que atua ao serviço da inculturação da fé deverá esforçar-se por avaliar todas as tendências e modalidades culturais com as quais o homem se exprime, tanto as mais tradicionais e locais como as mais recentes e de alcance global⁸, entrando em contacto com as várias realidades concretas com que cada povo manifesta e vive a sua experiência de fé. Por este motivo, a catequese deverá saber valorizar especialmente alguns âmbitos da pastoral eclesial, nos quais é explicitamente chamada a encontrar linguagens e modalidades expressivas novas, das quais transpareça um estilo missionário sereno e alegre: por exemplo, o catecumenato, a iniciação cristã, a pastoral bíblica, a catequese litúrgica. O Evangelho «transmite-se com formas tão diversas que seria impossível descrevê-las ou catalogá-las, nas quais o Povo de Deus, com os seus gestos e sinais inumeráveis, é o sujeito coletivo. Por conseguinte, se o Evangelho se encarnou numa cultura, já não se comunica apenas através do anúncio de pessoa a pessoa. Isto deve fazer-nos pensar que, nos países onde o Cristianismo é minoria, para além de animar cada batizado a anunciar o Evangelho, as Igrejas particulares hão de promover ativamente formas, pelo menos incipientes, de inculturação»⁹.

⁵ Cf. DGC 203; cf. também CT 53.

⁶ DGC 204; cf. também EN 20.

⁷ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 54.

⁸ Sobre os cenários culturais contemporâneos, cf. Capítulo X deste *Diretório*.

⁹ EG 129.

2. OS CATECISMOS LOCAIS

401. Os catecismos locais são instrumentos inestimáveis para a catequese, chamada a levar a novidade do Evangelho às diversas culturas dos povos. Neles, a Igreja comunica o Evangelho de maneira acessível à pessoa porque a encontra no lugar onde ela vive, na sua cultura e no seu mundo. Os catecismos são um ponto de referência para a catequese num determinado contexto, enquanto fruto do processo de inculturação da fé realizado pelas Igrejas locais. Eles manifestam, portanto, a compreensão da fé de um povo, mas são também sua expressão cultural autêntica. Os catecismos locais podem ter carácter *diocesano*, *regional* ou *nacional*. O catecismo diocesano precisa da aprovação do Bispo diocesano¹⁰. Os catecismos regionais ou nacionais, preparados pelas respectivas Conferências episcopais, precisam da aprovação da Sé Apostólica¹¹.

402. Os catecismos definem-se por duas características principais: têm um carácter oficial e são uma síntese orgânica e básica da fé. O *Catecismo local*, que é expressão de um ato do Magistério episcopal, é um *texto oficial* da Igreja. O carácter oficial destes catecismos estabelece uma distinção qualitativa em relação a outros instrumentos úteis na pedagogia catequética, como textos didáticos, catecismos não oficiais, guias para catequistas. Além disso, cada *Catecismo* é uma *síntese orgânica e básica da fé*, em que se apresentam os acontecimentos e as verdades fundamentais do mistério cristão. Ele é um conjunto estruturado de documentos da Revelação e da Tradição cristã, mas composto com uma atenção pedagógica que tem em conta as situações mais concretas. Apesar de ser um instrumento de primeira ordem, todavia não é único: com efeito, são necessários outros instrumentos de trabalho mais imediatos.

403. O *Catecismo da Igreja Católica* é o texto que, por sua natureza, se posiciona como referência para o *Catecismos locais*. Estes, todavia, apesar de estarem relacionados, são de ordem diversa. Os catecismos locais, que nos conteúdos se referem ao *Catecismo da Igreja Católica*, evocam também todas as outras dimensões do processo catequético. Medem-se com as problemáticas do contexto, tomando a seu cargo a inculturação da mensagem em relação aos sujeitos da catequese; contêm sugestões para ajudar à preparação de itinerários catequéticos. Portanto, não são uma mera síntese do *Catecismo da Igreja Católica*.

404. Um *Catecismo local* deverá apresentar a fé em referência à cultura em que os seus destinatários estão imersos. É importante estar atentos à forma concreta de viver a fé numa determinada sociedade. Por esse motivo, o *Catecismo* deverá incorporar todas aquelas «expressões originais de vida, de celebração e de pensamento que sejam cristãos»¹², surgidas da sua tradição cultural e que são fruto do trabalho e da inculturação da Igreja local. Um *Catecismo local* deverá estar atento a que o mistério cristão seja apresentado de modo coerente com a mentalidade e com a idade do sujeito, tendo em conta as experiências fundamentais da sua vida, e com atenção aos dinamismos de crescimento próprios de cada pessoa. Por esta razão, o *Catecismo* será um instrumento adequado para proporcionar itinerários de formação, apoiando os catequistas na arte de acompanhar os crentes em vista a uma maturidade da vida cristã.

405. É bom que a Igreja local, considerando justamente a sua responsabilidade na inculturação da fé, proceda à publicação do seu catecismo. Confia-se ao discernimento pastoral da Igreja local e à sua criatividade a decisão de modular a apresentação das quatro dimensões da vida cristã¹³, estruturando

¹⁰ Cf. CIC c. 775 § 1.

¹¹ Cf. CIC c. 775 § 2.

¹² CT 53.

¹³ Sobre as quatro dimensões da vida cristã, cf. nn. 79-87 (*Funções da catequese*) e n. 189 (*Fontes e estrutura do Catecismo*) deste *Directorio*. Alguns catecismos têm uma estruturação trinitária ou estão configurados segundo os momentos da história da salvação ou segundo um tema bíblico ou teológico (por ex. *Aliança, Reino de Deus...*). Outros estão organizados segundo as virtudes teologais ou conforme os tempos do ano litúrgico. Outros ainda, por sua vez, articulam-se com as grandes questões de sentido ou com as etapas do crescimento humano e espiritual ou com algumas situações particulares de vida dos sujeitos.

os conteúdos e articulando as suas partes segundo modalidades particulares, na forma que melhor ajudar ao acolhimento e ao crescimento da fé dos seus filhos. O mesmo vale também para as diversas modalidades com que se exprime a mensagem de fé e para os instrumentos operativos.

406. No tempo da nova evangelização, o Espírito Santo convida os cristãos a ter a ousadia de « encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra»¹⁴, com a serena consciência de que «Cristo é o “Evangelho eterno” (Ap 14,6), sendo “o mesmo ontem, hoje e pelos séculos” (Heb 13,8), mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis. Ele é sempre jovem, e fonte de constante novidade. [...] Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar a frescura original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual»¹⁵.

Indicações para obter a necessária aprovação da Sé Apostólica para os *Catecismos* e os outros escritos relativos à instrução catequética

407. O procedimento para receber a aprovação da Sé Apostólica é um serviço recíproco entre as Igrejas particulares e a Igreja universal. Por um lado, dá a possibilidade à Sé Apostólica de dar as sugestões e de fazer as observações que, no seu entender, poderiam melhorar a qualidade geral de um texto catequético e, por outro lado, permite que as Igrejas locais informem e esclareçam a Sé Apostólica acerca do contexto da catequese e dos principais pontos de interesse num determinado território. «A *aprovação prévia da Sé Apostólica* – que se requer para os *Catecismos* emanados das Conferências episcopais – deve ser entendida no sentido de serem documentos mediante os quais a Igreja universal, nos diferentes espaços socioculturais aos quais é enviada, anuncia e transmite o Evangelho e gera as Igrejas particulares, manifestando-se nestas. A aprovação de um *Catecismo* é o reconhecimento de se tratar de um texto da Igreja universal para uma determinada situação e cultura»¹⁶.

408. Com a Carta apostólica *Fides per doctrinam*, a competência sobre a Catequese é confiada ao *Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* que concede a necessária aprovação da Sé Apostólica para os *catecismos* e para os outros escritos relativos à instrução catequética. A aprovação da Sé Apostólica é necessária para as seguintes tipologias de textos:

- os *Catecismos* nacionais;
- os *Diretórios* nacionais para a catequese ou textos semelhantes de igual valor;
- os *Catecismos* e os *Diretórios* regionais;
- as traduções do *Catecismo da Igreja Católica* nas línguas nacionais;
- os textos escolares nacionais nos territórios em que o ensino da religião católica tem um valor catequético ou onde esses textos se destinam ao uso catequético.

¹⁴ EG 167.

¹⁵ EG 11.

¹⁶ DGC 285.

CAPÍTULO XII

Os organismos ao serviço da catequese

1. A SANTA SÉ

409. «O mandato de Cristo de pregar o Evangelho a toda a criatura afeta-os, primária e imediatamente a eles [os Bispos], com Pedro e sob Pedro» (AG 38). A este último, o Senhor confere a missão de confirmar os irmãos na fé (cf. *Lc* 22,32). Por essa razão, o anúncio e a transmissão do Evangelho constitui para o Sucessor de Pedro, juntamente com o colégio episcopal, uma tarefa fundamental. Além de desempenhar esta tarefa através dos ensinamentos e homilias, o Romano Pontífice fá-lo também através das suas catequese.

410. No que se refere à catequese, o Romano Pontífice age ordinariamente por meio do *Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* que tem a tarefa de vigiar «sobre o relevante instrumento de evangelização que representa para a Igreja, tanto a Catequese como o ensinamento catequético nas suas diversas manifestações, de maneira a realizar uma ação pastoral mais orgânica e eficaz. [Ele] poderá oferecer às Igrejas locais e aos Bispos diocesanos um serviço adequado nesta matéria»¹. Com base nas competências que lhe foram conferidas em ordem à catequese, o Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização:

- cuida da promoção da formação religiosa dos fiéis de todas as idades e condições;
- tem a faculdade de emitir normas oportunas, a fim de que a catequese seja feita de maneira conveniente, em conformidade com a Tradição constante da Igreja;
- tem a tarefa de vigiar para que a formação catequética seja levada a cabo corretamente, no respeito pelas metodologias e pelas finalidades, segundo as indicações do Magistério;
- concede a aprovação prescrita da Sé Apostólica para os catecismos e para os outros escritos relativos à instrução catequética;
- assiste os Secretariados de catequese no âmbito das Conferências episcopais, acompanha as suas iniciativas relativas à formação religiosa com carácter internacional, coordena as suas atividades e, eventualmente, oferece-lhes a ajuda necessária.

2. OS SÍNODOS DOS BISPOS OU OS CONSELHOS DOS HIERARCAS DAS IGREJAS ORIENTAIS

411. Compete ao *Sínodo dos Bispos* das respetivas Igrejas Patriarcais ou das Igrejas Arquiepiscopais Maiores ou ao *Conselho dos Hierarcas* das Igrejas Metropolitanas *sui iuris*, dentro do próprio território, «emitir as normas sobre a instrução catequética que devem ser recolhidas de forma ordenada num Diretório catequético»². É importante que cada Igreja católica oriental *sui iuris*, valorizando a sua tradição, leve a cabo a redação do seu catecismo, adaptado aos vários grupos de fiéis e acompanhado de subsídios e instrumentos³. O Sínodo dos Bispos, mesmo por meio de uma *comissão catequética*, tem o dever de promover e coordenar as várias iniciativas catequéticas⁴. Além disso, deverá cuidar das estruturas e das instituições, que se dedicam à transmissão da fé, salvaguardando o património litúrgico e teológico da sua Igreja e tendo em conta o ensinamento da Igreja universal.

¹ BENTO XVI, Carta apostólica *Fides per doctrinam* (16 de janeiro de 2013).

² CCEO c. 621 § 1.

³ Cf. CCEO c. 621 § 3.

⁴ Cf. CCEO c. 622.

3. A CONFERÊNCIA EPISCOPAL

412. O Código de Direito Canônico estabelece que «junto da Conferência episcopal pode constituir-se um secretariado para a catequese, cujo múnus principal seja o de prestar auxílio às várias dioceses em matéria catequética»⁵, realidade já bem consolidada quase por toda a parte. «Há que ter em conta o facto essencial de as Conferências episcopais, com as suas comissões e secretariados, existirem para ajudar os Bispos, e não para ocupar o lugar deles»⁶. O *Secretariado Nacional de Catequese* (ou *Centro Nacional da Catequese*) é, portanto, um organismo de serviço às dioceses do seu território.

413. Em primeiro lugar, o Secretariado Nacional de Catequese procederá à *análise da situação* da catequese no seu território, valendo-se também das investigações e dos estudos dos centros académicos ou científicos e dos especialistas na matéria. Esta análise tem como objetivo a *elaboração de um projeto nacional de catequese* e, para isso, é necessária uma *coordenação das suas atividades* com as de outros secretariados nacionais da Conferência episcopal. Este projeto nacional pode implicar, antes de mais, a definição de linhas diretrizes e orientações catequéticas, instrumentos de carácter reflexivo e orientativo, que são de grande inspiração para a catequese das Igrejas locais e constituem também um ponto de referência para a formação dos catequistas⁷. Além disso, a partir das orientações, o Secretariado de Catequese ocupará-se da preparação de verdadeiros catecismos locais.

414. Em relação às dioceses, o Secretariado Nacional de Catequese, de acordo com as necessidades e as possibilidades, providenciará à *formação dos diretores dos secretariados diocesanos*, também por meio de congressos, seminários de estudo e publicações. Além disso, organizará os eventos referentes à catequese para o território nacional, coordenará as atividades dos secretariados diocesanos e apoiará especialmente as dioceses com mais necessidade em matéria de catequese. Por fim, cuidará das relações com os editores e autores, assegurando-se que o material publicado corresponde às exigências da catequese no seu país.

415. Também a nível internacional e continental, surgiram, nos Conselhos das Conferências episcopais, organismos de comunhão e colaboração com a finalidade de ajudar à reflexão e à animação pastoral. Nestes organismos eclesiais estão ativos também os departamentos de catequese com o objetivo de servir de apoio aos Bispos e às Conferências episcopais.

4. A DIOCESE

416. A Igreja particular, manifestação concreta da única Igreja num lugar do mundo, sob a guia do seu Bispo, é o sujeito da evangelização. Enquanto tal, «é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica, já que é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus [...] que sempre transcende toda a necessária expressão institucional»⁸. Ao serviço deste povo evangelizador está a Cúria diocesana nas suas diversas articulações (secretariados, conselhos, comissões...), que ajuda a discernir e a ordenar as prioridades pastorais, a partilhar os objetivos, a elaborar estratégias de ação, evitando a fragmentação das propostas.

O Secretário Diocesano de Catequese e as suas tarefas

417. Na Cúria diocesana, o cuidado e a promoção da catequese são confiados ao *Secretário Diocesano de Catequese*⁹. A catequese é uma atividade tão fundamental para a vida de uma Igreja particular que

⁵ CIC c. 775 § 3.

⁶ JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Apostolos suos* (21 de maio de 1998), 18.

⁷ Cf. DGC 282. Estes textos são chamados de diversas maneiras: *Diretório catequético, Orientações catequéticas, Documento de base, Texto de referência...*

⁸ EG 111.

⁹ O secretariado diocesano de catequese (*officium catechetikum*) foi instituído com o decreto *Provido Sane*: cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CONCÍLIO, Decreto *Provido Sane* (12 de janeiro de 1935); cf. CIC c. 775 § 1.

se exige a cada diocese que tenha o seu Secretariado de Catequese. Deverá ser orientado por um responsável, possivelmente um especialista em catequética, apoiado por pessoas competentes, de modo que as diversas problemáticas sejam tratadas com a devida responsabilidade. É oportuno que este serviço diocesano seja composto por presbíteros, pessoas consagradas e leigos. O Secretariado Diocesano de Catequese interage com o Secretariado Nacional da Catequese da Conferência episcopal e com outros organismos nacionais. Cultiva, além disso, relações de colaboração com outras dioceses. Entre as suas tarefas, o Secretariado Diocesano de Catequese ocupar-se-á em fazer a análise da situação, em coordenação com toda a pastoral diocesana, em elaborar o projeto de catequese e o seu programa de ação, e em empenhar-se na formação dos catequistas.

Análise da situação

418. Ao organizar a atividade catequética, o Secretariado de Catequese partirá da análise da situação. Esta tomada de consciência da realidade diz respeito aos aspetos socioculturais e religiosos em vista de uma interpretação pastoral para a inculturação da fé. Esta análise da situação constitui um primeiro auxílio de carácter informativo, que é oferecido aos catequistas. A *análise do contexto sociocultural* ajuda a compreender as transformações em curso na sociedade que condicionam a vida de cada pessoa. Do mesmo modo, a *análise da situação religiosa* estuda «o sentido do sagrado, isto é, daquelas experiências humanas que, pela sua profundidade, tendem a abrir ao mistério; o sentido religioso, ou seja, as modalidades concretas que um povo determinado utiliza para compreender Deus e comunicar com Ele; e as situações de fé com os diversos tipos de crentes»¹⁰. Estas análises permitem entrever também os *valores* que as pessoas aceitam ou rejeitam como tais. Na compreensão do contexto sociocultural e religioso, serão úteis os estudos realizados por instituições científicas e por centros especializados de investigação.

419. Estes contributos ajudam o Secretariado de Catequese na sua tarefa de *avaliar o estado da catequese dentro do processo da evangelização*. Em concreto, trata-se de examinar o equilíbrio e a articulação dos percursos de catequese e procurar compreender como é que efetivamente se desenrolam (conteúdos, estilo, método, instrumentos...). Além disso, é importante ter em consideração a condição dos catequistas e da sua formação. Contudo, é preciso não resvalar para «um *excesso de diagnóstico*, que nem sempre é acompanhado por propostas de execução realmente aplicáveis. Por outro lado, também não nos seria de grande proveito um olhar puramente sociológico»; no entanto, é proveitoso «um *discernimento evangélico*. É o olhar do discípulo missionário»¹¹ que, com espírito de fé e numa atitude de escuta e diálogo, apreciando serenamente o que existe, acompanha com paciência o crescimento da fé.

Coordenação da catequese

420. É importante que a catequese esteja coordenada com as outras dimensões da pastoral da Igreja particular. Isto «não é um facto meramente estratégico, em vista de uma maior eficácia incisiva da ação evangelizadora, mas possui uma dimensão teológica de fundo. A ação evangelizadora deve ser bem coordenada porque tem como objetivo a *unidade da fé*, que, por sua vez, sustenta todas as ações da Igreja»¹². A catequese tem uma relação estreita com a pastoral familiar, juvenil e vocacional, como também com a pastoral escolar e universitária. Mesmo se a ação pastoral da Igreja é mais ampla que a catequese, esta, por sua vez – em virtude da sua função iniciática –, vivifica-a e torna-a fecunda. A acentuação *querigmática* e missionária da catequese no tempo atual favorece a conversão pastoral e, portanto, a transformação missionária da Igreja.

421. A necessidade de uma pastoral orgânica requer que a catequese esteja coordenada com as outras atividades de evangelização. Isto poderia tornar oportuno, por exemplo, que na Igreja particular se organize uma *comissão de iniciação à vida cristã*, na qual convergem a pastoral do primeiro anúncio e a catequese, a pastoral litúrgica e a Cáritas, as associações e os movimentos laicais. Esta comissão

¹⁰ DGC 279.

¹¹ EG 50.

¹² DGC 272.

poderia oferecer à pastoral diocesana orientações comuns para a iniciação à vida cristã, quer sob a forma de catecumenato para não batizados, quer como inspiração catecumenal da catequese para os batizados, sendo importante que todas as propostas pastorais tenham a mesma inspiração de fundo.

Projeto diocesano de catequese

422. É necessário que a diocese leve a cabo uma ação pastoral orgânica, de modo que os diversos carismas, ministérios, serviços, estruturas e organizações se articulem no mesmo projeto evangelizador. No contexto mais amplo do *Projeto pastoral diocesano*, «o *Projeto diocesano de catequese* é a oferta catequética global de uma Igreja particular, que integra, de modo articulado, coerente e coordenado, os diversos processos catequéticos»¹³. Os diversos percursos catequéticos não devem ser organizados separadamente, mas na sua complementaridade recíproca, tendo em conta que «o princípio organizador, que dá coerência aos diversos processos de catequese propostos por uma Igreja particular, é a atenção à catequese dos adultos. Este é o eixo em torno do qual gira e se inspira a catequese»¹⁴ das outras idades. Não se trata, portanto, de acrescentar algumas atividades destinadas aos adultos a par da catequese das crianças da primeira e da segunda infância, mas de uma nova compreensão de toda a atividade catequética.

423. Normalmente, o Projeto é estruturado segundo as *idades da vida*. Esta modalidade de organizar a catequese permanece certamente válida, mas hoje torna-se necessário ter em conta também outros critérios. Com efeito, o Projeto pode ser elaborado, tendo em consideração as *etapas de crescimento na fé*: com efeito, alguns estão a dar os primeiros passos na procura de Deus; outros, apesar de praticarem a fé, não estão suficientemente catequizados; outros, ainda, pedem para ser acompanhados num aprofundamento da fé. Outro critério pode ser o de considerar a *situação existencial* dos sujeitos: namorados, pessoas que vivem situações de fragilidade, profissionais, etc. A estruturação diversificada da proposta formativa do Secretariado de Catequese deve respeitar os processos pessoais e os ritmos comunitários. Por mais importante que seja, o *Projeto diocesano de catequese* nunca substitui o acompanhamento pessoal, mas deverá estar ao serviço de cada uma destas situações, fornecendo as indicações necessárias para que os catequistas possam tornar-se próximos dos seus irmãos na parte de caminho que estão a percorrer.

Programa de ação

424. Se o *Projeto diocesano de catequese* é um plano orgânico de orientações de fundo e a longo prazo, o *programa de ação* é a sua realização concreta para uma situação específica e para um tempo determinado. «A experiência diz que o programa de ação é de grande utilidade para a catequese, uma vez que, ao definir alguns objetivos comuns, leva a congregar esforços e a trabalhar numa perspetiva de conjunto. Por isso, a sua primeira condição deve ser o realismo, unido à simplicidade, concisão e clareza»¹⁵. Portanto, este programa determina os conteúdos, indica os objetivos intermédios – claros, graduais, avaliáveis –, predispõe atividades e técnicas, elabora ou indica subsídios e materiais, determina os tempos. Além disso, na redação do programa, deverá dar-se importância ao momento da avaliação, que permite fazer memória do caminho e abrir-se a alterações e melhorias.

Formação dos catequistas

425. O Secretariado Diocesano de Catequese deverá ter um cuidado particular com a formação dos catequistas¹⁶, sabendo bem que o Espírito Santo se serve da sua preciosa e competente colaboração para que o Evangelho seja acolhido por todos. Avaliando as exigências reais dos catequistas e com um estilo adequado aos tempos e à sensibilidade contemporânea, o Secretariado procura preparar uma oferta formativa que corresponda às dimensões do *ser*, do *saber ser com*, do *saber*, do *saber fazer*,

¹³ DGC 274.

¹⁴ DGC 275.

¹⁵ DGC 281.

¹⁶ Sobre os princípios gerais da formação dos catequistas, cf. Capítulo IV deste *Diretório*.

evitando acentuar indevidamente uma só dimensão em detrimento das outras. O objetivo, que se pode perseguir melhor em *Centros para a formação* apropriados, seja o de fornecer aos catequistas uma formação de base e permanente seja o de providenciar uma formação especializada para os responsáveis e coordenadores da catequese com base nas escolhas e exigências da Igreja particular. Por esta razão, é importante que o Secretariado de Catequese colabore com os outros secretariados e organismos diocesanos e cultive uma relação de confiança, apoio e colaboração com os leigos e os presbíteros das comunidades paroquiais, nas quais tem lugar efetivamente a formação ordinária dos catequistas.

CONCLUSÃO

426. A comunhão com Jesus Cristo, morto e ressuscitado, vivo e sempre presente, é o fim último de toda a ação eclesial e, portanto, também da catequese. Com efeito, a Igreja transmite sempre aquilo que, por sua vez, recebeu: «Que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e que apareceu a Cefas e depois aos Doze» (1Cor 15,3-5). Esta primeira profissão de fé no mistério pascal é o coração da fé da Igreja. De facto, como recorda o Apóstolo, «se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é vã e também é vã a vossa fé» (1Cor 15,14). Da Páscoa de Cristo, testemunho supremo do seu Evangelho, brota uma esperança que vai para além dos horizontes visíveis do imanente para olhar fixamente a eternidade: «Se é só para a vida presente que temos posta em Cristo a nossa esperança, somos os mais miseráveis de todos os homens» (1Cor 15,19). A catequese, eco da Páscoa no coração do homem, convida incessantemente a sair de si para ir ao encontro daquele que vive, Aquele que dá a vida em plenitude.

427. Jesus Cristo, Alfa e Ómega, é a chave de toda a história. Ele faz-se acompanhar por cada pessoa para revelar o amor de Deus. O Crucificado Ressuscitado está no centro do fluxo do tempo para redimir toda a criação e o homem nela. Do lado trespassado de Jesus crucificado, é derramado o Espírito Santo sobre o mundo e nasce a Igreja. A evangelização, sustentada pelo Paráclito, visa fazer participantes deste grande e vivificante mistério todos os homens sem qualquer discriminação. A catequese, momento essencial neste processo, conduz ao encontro mais consciente e íntimo com o Redentor do homem. O *Diretório para a Catequese* é um contributo para esta grande missão. Pretende encorajar e apoiar aqueles que tomam a peito a transmissão da fé, que é sempre obra de Deus. Poder colaborar com Ele, além de consolar, serenar e confirmar na esperança, é motivo de grande alegria, porque o Senhor de toda a criação escolhe ter as suas criaturas como colaboradores.

428. Sobre a alegre tarefa que a Igreja tem de evangelizar, resplandece sempre Maria, a Mãe do Senhor que, plenamente dócil à ação do Espírito Santo, soube escutar e acolher em si a Palavra de Deus, tornando-se «a mais pura realização da fé»¹. Assegurando um clima doméstico de humildade, ternura, contemplação e cuidado para com os outros, Maria educou Jesus, o Verbo feito carne, para o caminho da justiça e da obediência à vontade do Pai. Por sua vez, a Mãe aprendeu a seguir o Filho, tornando-se a primeira e mais perfeita dos seus discípulos. Na manhã de Pentecostes, a Mãe da Igreja presidiu com a sua oração ao início da evangelização, sob a ação do Espírito Santo, e hoje continua a interceder para que os homens do tempo presente possam encontrar Cristo e, mediante a fé nele, ser salvos, recebendo em plenitude a vida dos filhos de Deus. Maria Santíssima resplandece como catequese exemplar, pedagoga da evangelização e modelo eclesial para a transmissão da fé.

Sua Santidade o Papa Francisco, na Audiência concedida ao abaixo assinado Presidente a 23 de março de 2020, Memória litúrgica de São Turíbio de Mogrovejo, aprovou este Diretório para a Catequese e autorizou a sua publicação.

✠ Salvatore Fisichella
Arcebispo titular de Voghenza
Presidente

✠ Octavio Ruiz Arenas
Arcebispo emérito de Villavicencio
Secretário

¹ CCE 149.

ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

BENTO XVI

- Carta apostólica *Fides per doctrinam* (16 de janeiro de 2013): AAS 105 (2013), 136-139
- Carta apostólica *Porta fidei* (11 de outubro de 2011): AAS 103 (2011), 723-734
- Carta apostólica *Ubicumque et semper* (21 de setembro de 2010): AAS 102 (2010), 788-792
- Carta encíclica *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009): AAS 101 (2009), 641-709
- Carta encíclica *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005): AAS 98 (2006), 217-252
- *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais* (28 de fevereiro de 2011): AAS 103 (2011), 188-191
- *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Família* (5 de abril de 2008): AAS 100 (2008), 275-278
- *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* (30 de maio de 2011): AAS 103 (2011), 400-402
- *Discurso aos participantes no Encontro dos Professores de Religião Católica* (25 de abril de 2009): *Insegnamenti di Benedetto XVI, V/1* (2010), 660-663
- Exortação apostólica pós-sinodal *Africae munus* (19 de novembro de 2011): AAS 104 (2012), 239-314
- Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Medio Oriente* (14 de setembro de 2012): AAS 104 (2012): 751-796
- Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis* (22 de fevereiro de 2007): AAS 99 (2007), 105-180
- Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30 de setembro de 2010): AAS 102 (2010), 681-787
- *Homilia na Santa Missa de conclusão da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos* (28 de outubro de 2012): AAS 104 (2012), 888-891
- *Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe* (13 de maio de 2007): AAS 99 (2007), 433-438
- *Meditação durante a primeira Congregação Geral do Sínodo dos Bispos* (8 de outubro de 2012): AAS 104 (2012), 895-900
- *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais* (24 de janeiro de 2013): AAS 105 (2013), 181-185
- *Motu proprio para a aprovação e a publicação do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (28 de junho de 2005): AAS 97 (2005), 801-802

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (11 de outubro de 1992)

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (25 de janeiro de 1983)

CÓDIGO DOS CÂNONES DAS IGREJAS ORIENTAIS (18 de outubro de 1990)

COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO

- *Orientações e sugestões para se aplicar a declaração conciliar Nostra aetate n. 4* (1 de dezembro de 1974): AAS 67 (1975), 73-79
- «*Porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis*» (Rm 11,29). *Reflexões sobre questões teológicas a respeito das relações católico-judaicas, por ocasião do 50.º aniversário da Nostra aetate n. 4* (10 de dezembro de 2015)
- *Subsídios para uma correta apresentação dos judeus e do judaísmo na pregação e na catequese da Igreja Católica* (24 de junho de 1985)

COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (28 de junho de 2005)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II

- Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium* (21 de novembro de 1964): AAS 57 (1965), 5-75
- Constituição dogmática sobre a Revelação divina *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965): AAS 58 (1966), 817-836
- Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et spes* (7 de dezembro de 1965): AAS 58 (1966), 1025-1120
- Constituição sobre a sagrada liturgia *Sacrosanctum concilium* (4 de dezembro de 1963): AAS 56 (1964), 97-138
- Declaração sobre a educação *Gravissimum educationis* (28 de outubro de 1965): AAS 58 (1966), 728-739
- Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad gentes* (7 de dezembro de 1965): AAS 58 (1966), 947-990
- Decreto sobre a formação sacerdotal *Optatam totius* (28 de outubro de 1965): AAS 58 (1966), 713-727
- Decreto sobre as Igrejas orientais, *Orientalium ecclesiarum* (21 de novembro de 1964): AAS 57 (1965), 76-89
- Decreto sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs *Nostra aetate* (28 de outubro de 1965): AAS 58 (1966), 740-744
- Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem* (18 de novembro de 1965): AAS 58 (1966), 837-864
- Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis redintegratio* (21 de novembro de 1964): AAS 57 (1965), 90-112

- Decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes *Presbyterorum ordinis* (7 de dezembro de 1965): AAS 58 (1966), 991-1024
- Decreto sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja *Christus Dominus* (28 de outubro de 1965): AAS 58 (1966), 673-701

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

- *Documento de Aparecida* (30 de maio de 2007)

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ

- Carta *Iuvenescit Ecclesia* (15 de maio de 2016)
- Instrução *Donum veritatis* (24 de maio de 1990): AAS 82 (1990), 1550-1570

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA

- *A escola católica no limiar do terceiro milénio* (28 de dezembro de 1997)
- *Dimensão religiosa da educação na escola católica. Orientações para a reflexão e a revisão* (7 de abril de 1988)
- *Educar para o diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor* (28 de outubro de 2013)

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA – CONGREGAÇÃO PARA O CLERO

- *Diretório para o ministério e a vida dos diáconos permanentes* (22 de fevereiro de 1998): AAS 90 (1998), 879-927

CONGREGAÇÃO PARA AS IGREJAS ORIENTAIS

- *Instrução para a aplicação das prescrições litúrgicas do Código dos Cânones das Igrejas Orientais* (6 de janeiro de 1996)

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO

- *Diretório Catequístico Geral* (11 de abril de 1971): AAS 64 (1972), 97-176
- *Diretório Geral para a Catequese* (15 de agosto de 1997)
- *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* (11 de fevereiro de 2013)
- *O dom da vocação presbiteral. Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* (8 de dezembro de 2016)

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS

- *Diretório sobre piedade popular e Liturgia. Princípios e orientações* (17 de dezembro de 2001)

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA

- *A Via pulchritudinis, caminho de evangelização e de diálogo* (2006)

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA – CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

- *Jesus Cristo, portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a «New Age»* (2003)

CONSELHO PONTIFÍCIO DA JUSTIÇA E PAZ

- *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2 de abril de 2004)

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES

- *Erga migrantes charitas Christi* (3 de maio de 2004): AAS 96 (2004), 762-822
- *O Santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo* (8 de maio de 1999)

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

- *Enchiridion della nuova evangelizzazione. Testi del Magistero pontificio e conciliare 1939-2012* (2012)

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS

- *Diretório para a aplicação dos princípios e das normas sobre o ecumenismo* (25 de março de 1993): AAS 85 (1993), 1039-1119

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

- *Diálogo na verdade e na caridade. Orientações pastorais para o diálogo inter-religioso* (19 de maio de 2014)

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO – CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS

- *Diálogo e Anúncio. Reflexões e orientações sobre o diálogo inter-religioso e sobre o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo* (19 de maio de 1991): AAS 84 (1992), 414-446

FRANCISCO

- *Audiência geral* (15 de janeiro de 2014)
- *Audiência geral* (4 de março de 2015)
- *Audiência geral* (11 de março de 2015)
- Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus* (11 de abril de 2015): AAS 107 (2015), 399-420
- Carta apostólica *Admirabile signum* (1 de dezembro de 2019)
- Carta apostólica *Aperuit illis* (30 de setembro de 2019)
- Carta apostólica *De concordia inter codices* (31 de maio de 2016): AAS 108 (2016), 602-606
- Carta apostólica *Misericordia et misera* (20 de novembro de 2016): AAS 108 (2016), 1311-1327

- Carta apostólica *Sanctuarium in Ecclesia* (11 de fevereiro de 2017): AAS 109 (2017), 335-338
- Carta apostólica *Vos estis lux mundi* (7 de maio de 2019)
- Carta encíclica *Laudato si'* (24 de maio de 2015): AAS 107 (2015), 847-945
- Carta encíclica *Lumen fidei* (29 de junho de 2013): AAS 105 (2013), 555-596
- *Discurso ao movimento do Renovamento Carismático* (3 de julho de 2015): AAS 107 (2015), 637-642
- *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais* (21 de setembro de 2013): AAS 105 (2013), 894-896
- *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* (14 de outubro de 2013): AAS 105 (2013), 965-967
- *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* (29 de maio de 2015): AAS 107 (2015), 542-544
- *Discurso aos participantes no Congresso «Catequese e pessoas com deficiência»* (21 de outubro de 2017): AAS 109 (2017), 1206-1208
- *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades* (27 de novembro de 2014): *Insegnamenti di Francesco*, II/2, 659-665
- *Discurso aos participantes no Congresso para pessoas com deficiência* (11 de junho de 2016): AAS 108 (2016), 735-737
- *Discurso aos participantes no Encontro comemorativo do 25.º aniversário do Catecismo da Igreja Católica* (11 de outubro de 2017): AAS 109 (2017), 1192-1197
- *Discurso aos participantes no VII Congresso Mundial para a Pastoral dos Migrantes* (21 de novembro de 2014): *Insegnamenti di Francesco*, II/2 (2016), 583-586
- *Discurso no Congresso Pastoral da Diocese de Roma* (19 de junho de 2017): AAS 109 (2017), 729-737
- *Discurso para a comemoração do 50.º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos* (17 de outubro de 2015): AAS 107 (2015), 1138-1144
- *Documento sobre a Fraternidade Humana pela Paz Mundial e a convivência comum* [assinado pelo Papa Francisco juntamente com o Grão Iman de Al-Azhar, Ahamad al-Tayyibsulla] (4 de fevereiro de 2019)
- Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013): AAS 105 (2013), 1019-1137
- Exortação apostólica *Gaudete et exsultate* (19 de março de 2018)
- Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia* (19 de março de 2016): AAS 108 (2016), 311-446
- Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (25 de março de 2019)
- Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia* (2 de fevereiro de 2020)

- *Homilia na Santa Missa para a Jornada dos Catequistas por ocasião do Ano da Fé* (29 de setembro de 2013): AAS 105 (2013), 880-882
- *Homilia na Santa Missa para o Jubileu dos reclusos* (6 de novembro de 2016): AAS 108 (2016), 1340-1342
- *Homilia nas Vésperas na Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo* (25 de janeiro de 2016): AAS 108 (2016), 110-112
- *Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres* (13 de junho de 2017): AAS 109 (2017), 768-773
- *Mensagem para o III Festival da Doutrina Social da Igreja* (21 de novembro de 2013): AAS 105 (2013), 1176-1178
- *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais* (24 de janeiro de 2014): AAS 106 (2014), 113-116

JOÃO XXIII

- Carta encíclica *Mater et magistra* (15 de maio de 1961): AAS 53 (1961), 401-464
- *Discurso de abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II* (11 de outubro de 1962): AAS 54 (1962), 786-796

JOÃO PAULO II

- Carta apostólica *Apostolos suos* (21 de maio de 1998): AAS 90 (1998), 641-658
- Carta apostólica *Duodecimum saeculum* (4 de dezembro de 1987): AAS 80 (1988), 241-252
- Carta apostólica *Laetamur magnopere* (15 de agosto de 1997): AAS 89 (1997), 819-821
- Carta apostólica *Novo millennio ineunte* (6 de janeiro de 2001): AAS 93 (2001), 266-309
- Carta apostólica *Tertio millennio adveniente* (10 de novembro de 1994): AAS 87 (1995), 5-41
- Carta encíclica *Centesimus annus* (1 de maio de 1991): AAS 83 (1991), 793-867
- Carta encíclica *Fides et ratio* (14 de setembro de 1998): AAS 91 (1999), 5-88
- Carta encíclica *Laborem exercens* (14 de setembro de 1981): AAS 73 (1981), 577-647
- Carta encíclica *Redemptor hominis* (4 de março de 1979): AAS 71 (1979), 257-324
- Carta encíclica *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990): AAS 83 (1991), 249-340
- Carta encíclica *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987): AAS 80 (1988), 513-586
- Carta encíclica *Ut unum sint* (25 de maio de 1995): AAS 87 (1995), 921-982
- Constituição apostólica *Fidei depositum* (11 de outubro de 1992): AAS 86 (1994), 113-118
- *Discurso à Academia Pontifícia das Ciências* (13 de novembro de 2000): AAS 93 (2001), 202-206
- *Discurso aos participantes no congresso «Os presbíteros e a catequese na Europa»* (8 de maio de 2003): *Insegnamenti di Giovanni Paolo II, XXVI/1* (2005), 680-682

- *Discurso na Vigília de oração no encerramento da XV Jornada Mundial da Juventude* (19 de agosto de 2000): *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXIII/2 (2002), 207-213
- Exortação apostólica *Catechesi tradendae* (16 de outubro de 1979): AAS 71 (1979), 1277-1340
- Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988): AAS 81 (1989), 393-521
- Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (14 de setembro de 1995): AAS 88 (1996), 5-82
- Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America* (22 de janeiro de 1999): AAS 91 (1999), 737-815
- Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Asia* (6 de novembro de 1999): AAS 92 (2000), 449-528
- Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (28 de junho de 2003): AAS 95 (2003), 649-719
- Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Oceania* (22 de novembro de 2001): AAS 94 (2002), 361-428
- Exortação apostólica pós-sinodal *Familiaris consortio* (22 de novembro de 1981): AAS 73 (1981), 81-191
- Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* (16 de outubro de 2003): AAS 96 (2004), 825-924
- Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* (25 de março de 1996): AAS 88 (1996), 377-486
- *Homilia durante a Santa Missa no Santuário da Santa Cruz em Mogila, Nowa Huta* (9 de junho de 1979): AAS 71 (1979), 864-869
- *Mensagem para o XXIII Dia Mundial da Paz 1990* (8 de dezembro de 1989): AAS 82 (1990), 147-156

LEÃO XIII

- Carta encíclica *Rerum novarum* (15 de maio de 1891): ASS 23 (1891), 641-670

PAULO VI

- *Alocução no início da II Sessão do Concílio Vaticano II* (29 de setembro de 1963): AAS 55 (1963), 841-859
- *Alocução para a beatificação de Nunzio Sulprizio* (1 de dezembro de 1963): AAS 56 (1964), 17-22
- Carta apostólica *Octogesima adveniens* (14 de maio de 1971): AAS 63 (1971), 401-441
- Carta encíclica *Ecclesiam suam* (6 de agosto de 1964): AAS 56 (1964), 609-659
- Carta encíclica *Populorum progressio* (26 de março de 1967): AAS 59 (1967), 257-299

- Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (8 de dezembro de 1975): AAS 68 (1976), 5-76

PIO XI

- Carta encíclica *Quadragesimo anno* (15 de maio de 1931): AAS 23 (1931), 177-228

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS, ed. portuguesa do *Ordo Initiationis Christianae Adultorum*, Editio Typica, Typis Polyglottis Vaticanis, Città del Vaticano 1972

SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CONCÍLIO

- Decreto *Provido Sane* (12 de janeiro de 1935): AAS 27 (1935), 145-154

SÍNODO DOS BISPOS

- XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã, Lista final das propostas* (27 de outubro de 2012)
- XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *Documento final* (27 de outubro de 2018)

ÍNDICE TEMÁTICO

Os números deste *índice temático* referem-se aos do *Diretório para a Catequese*, onde o tema é tratado ou mencionado. Os números fundamentais estão evidenciados em **negrito**. A seta (→) remete para outros temas afins.

A

Abuso

141-142

Acompanhamento (Acompanhar)

3; 50; 55; 64; 68; 85; 111; **113**; 118; 132; **135**; 139; 155; 179; 203; 234-235; 244; 252; 259; 261; 263-265; 271; 352; 370-371; 404; 419; 423

→ *Amadurecimento (Maturidade); Catequistas; Pedagogia*

Adolescentes → *Jovens*

Adultos

77; 219; 232; 249; 256; **257-265**; 303; 371; 393; 422

Afetividade (Afetivo)

5; 59; 64; 66; 76; 106; 126; 139; 149; 208; 209; 241; 247; 256; 262; 336; 353; 371; 388

→ *Fraternidade (Fraterno); Relação (Relacional)*

Alegria

4; 41; 59; 68; 82; 84; 109; 161; 175; 211; 229; 249; 272; 324; 353; 427-428

Amadurecimento (Maturidade)

1; 3-4; 33; 50; 56; 64; 67; **77**; 80; **113**; 116; 136; **139**; 148-149; 158; 166; 180; 190; 224; 257; **259-260**; 313; 318; 323; 333; 389; 398; 404

→ *Acompanhamento (Acompanhar); Gradualidade (Gradual); Interiorização; Processo pessoal (Processo interior)*

Ano litúrgico

82; 98; 114; 170; 232; 239; 330; 405 (nota)

→ *Liturgia*

Antigo Testamento → *Sagrada Escritura*

Anúncio (Anunciar)

1-2; **13-16**; 38; 41; 48-52; 57-60; 68; 75; 92-93; 101; 108; 131; 133; 159; 163; **167-178**; 192; 196; 219; 227; 229; 231; 239; 280; 282; 285; 293; 303; 327; 342; 346; 350; 355; 370; 378; 389

→ *Catequese; Evangelização (Evangelizar); Missão (Missionário); Primeiro anúncio*

Apologética

145

Apóstolos

79; 93; 127; 176; 189

Arte

105; 109; **209-212**; 372

→ *Beleza (Belo)*

Associações e movimentos eclesiais

253; 265; 301; **304-308**; 421

Ato de fé

4; 21; 78; 113 (nota); 135 (nota); 157; 179; 257; 322; 336; 396

→ *Fé; Processo pessoal (Processo interior); Profissão de fé; Resposta de fé*

B

Batismo

1; 21; 41; 61; 69-70; 78; 83; 110; 122; 177; 232; 240; 262; 264; 285; 288; 294; 298; 305; 344

→ *Sacramentos; Vida nova*

Beleza (Belo)

5; 13; 41; 47; 57; 84; 104-105; **106-109**; 124; 159; 172; **175**; 191-192; 209; 212; 230; 247; 272; 303; 334; 406

→ *Arte*

Bíblia → *Sagrada Escritura*

Bispos

10; 24; 93; 110; **114**; 115; 123; 153; 156;
241; 277; 289; 294; 296; 298; 312; 316;
401; 409-410; 411; 412; 416

→ *Igreja particular; Magistério*

C

Caridade

1; 31; 34-35; 65; 72; 74; 84; 100; 116;
117-118; 240; 262; 299; 304; 340; 385;
390; 421

→ *Testemunhas (Testemunho)*

Carisma

64; 85; 120; 133; 138; 195; 288; 299;
304; 307-308; 321 (nota); 341; 422

Catecismo da Igreja Católica

6; 143; 152; **182-193**; 378; 403; 408

Catecismos

143; 184; 189; 394; **401-408**; 410; 411;
413

Catecumenato

31; 34; **61-65**; 189; 242; 258; 262; 264;
421

→ *Catequese; Inspiração catecumenal da catequese*

Catecúmenos

63; 98; 125; 148; 221; 258; 291

Catequese

1-3; 34; **55-74**; 110; 133; 157; 164-166;
179-181; 189; 194; 197; 225; 297; 303;
313; 319; **396-398**; 426

→ *Anúncio (Anunciar); Catecumenato; Comunicação da fé; Educação da fé; Ensino e catequese; Evangelização (Evangelizar); Formação (Formativo); Iniciação à vida cristã; Iniciação cristã; Itinerários (Percursos); Pedagogia; Processo da catequese; Transmissão da fé*

- **C. e missão** 3; 5; **48-50**; 55; 65; 66; 139; 230; 252; 262; 297; **302-303**; 350; 400; 420

→ *Evangelização (Evangelizar); Missão (Missionário)*

- **C. mistagógica** 2; **64**; 74; **97-98**; 113; 232; 29

→ *Catecumenato; Inspiração catecumenal da catequese; Mistagogia*

C. nos contextos **319**; 325; 328; 330; 333; 340-341; 345-346; 348; 350; 353; 357; 370-372; 378; 380; 383-384; 388; 390-391; 393

→ *Cultura (Contesti socio-culturali)*

- **C. ocasional** 121; 223; 227; 254; 264; 278; 280; 282

- **C. querigmática** 2; **57-60**; 65; 66; 230; 232; 247; 253; 282; 303; 325; 327; 353; 420

→ *Anúncio (Anunciar); Primeiro anúncio; Querigma (Querigmático)*

- **Finalidade da c.** 3; **75-78**; 132; 194; 396; 426

→ *Comunhão com Cristo; Encontro com Cristo*

- **Fontes da c.** 27; 90-109

- **Interlocutores da c.** → *Pessoa; Soggetti*

- **Tarefas da c.** 79-89

Catequética

101; 114; 152; 156; 190-191; 417

Catequistas

4; 58; 64; **110-129**; 130-156; 164; 179; 186; 197; 216; 219; 232; 235; 241-242; 247-249; 254-255; 262-263; 268; 271-272; 296; 334-335; 353; 357; 362; 378; 388; 404; 413; 417-419; 423; 425

→ *Acompanhamento (Acompanhar); Bispos; Comunidade (Comunitário); Consagrados; Diáconos; Educadores; Família; Formação (Formativo); Leigos; Pais; Presbíteros (Sacerdotes); Mestres; Testemunhas (Testemunho)*

Ciência (Científico)

45-46; 53; 318; **354-358**; **373-378**; 381

Ciências humanas

114; 135; 146-147; 152; **180-181**; 225; 237; 247

→ *Educação (Educar; Educativo); Formação (Formativo); Pedagogia*

Comunhão

- **C. com Cristo** 3; 15; 18; 50; **75**; **77-78**; 79; 112; 122; 138; 169; 303; 322; 391; 426

→ *Encontro com Cristo*

- **C. eclesial** 4; 21; 31; 50; 64; 79; 88-89; 93; 123; 131; 140; 150; 154;

176; 182; 189; 293; 301; 305-306;
328; 372; 397; 415
→ *Igreja; Comunidade (Comunitário);
Sínodo (Sinodal)*

Comunicação (Comunicar)

47; 208; 213-215; 217; 220; 271; 303;
323-324; 359; **362-364**; 372

→ *Linguagem*

- **C. da fé** 14; 27; 33; 64; 81; 83; 101;
113; 132; 136; 140; 148-149; 164;
184; 195; 205; 219; 372; 400; 401
- **Meios de c.** 45; 47; 245; 320; 324;
331; 361; 368-369

Comunidade (Comunitário)

2; 4; 28; 33-34; 41; 63-65; 71; 73; 76; **88-
89**; 111; 116; 131; **133-134**; 150; 160;
164; 174; 176; 208; 218-219; 226; 229;
231-232; 234-235; 242; 244; 248-249;
251; 255; 261-262; 268; 269-270; 283;
294; 296-297; 298-303; 304; 306; 309-
310; 322; 328-329; 339; 352-353; 370;
372; 399

→ *Associações e movimentos eclesiais; Comunhão
eclesial; Escola católica; Grupo; Igreja; Paróquia*

Confirmação

70; 110; 122

→ *Sacramentos*

Confissão de fé → *Profissão de fé*

Conhecimento

4; 6; 17; 22; 34; 74; **79-80**; 81; 94; 113;
117; 122; 133; **143-147**; 152; 162; 177;
180; 185; 190; 210; 238-240; 309; 313-
314; 322; 350; 353; 397

Consagrados

111; 119-120; 277; 292; 417

Consciência

84; 142; 227; 239-240; 261; 322; 361;
378; 381

→ *Moral (Ética); Pessoa; Vida cristã*

Conteúdos

4; 58; 60; 80; 92; 93; 101; 113; 143; 145;
154; 166; 179; 184; 193; 194; 196; 197;
202; 242; 282; 336; 349; 396-397; 403

→ *Depósito da fé; Doutrina; Mensagem*

Contextos → *Catequese nos contextos; Cultura
(Contextos socioculturais)*

Conversão

15; 19-20; 31; 33-35; 61; 63-64; 66; 73;
77; 141; 160-161; 165; 171; 175; 179;
190; 212; 234; 282; 381; 384; 397-398

- **C. pastoral** (C. missionária) 5; 40;
49; 230; 244; 297; 300-303; 420

Coordenação

115; 156; 262; 410; 411; 413-414; 417;
420-421

Credo → *Símbolo da fé*

Criação

91; 106; 109; 173; 236; 329-330; 357;
373; 377; **381-384**; 427

→ *Pai (Criador)*

Crianças (primeira e segunda infância)

98; 219; **236-243**; 268; 357; 422

Criatividade (Criativo)

40; 64; 129; 149; 151; 206; 244; 257;
300-301; 328; 405-406

Cristo → *Jesus Cristo*

Cristocentrismo

102; 132; 165; 169; 192; 427

→ *Jesus Cristo*

Cultura (Contextos socioculturais)

5; 31; **42-49**; 53; 73; 116; 143; 146; 151;
173; 180; 186; 206; 208; 213-216; 237;
250; 256; 269; 271; 289; 295-296; 302;
306; 309-312; 313-314; 318; **319**; **320-
342**; **354-393**; 395-398; 401; 404; 407;
418

→ *Inculturação*

- **C. cristã** **102-105**; 164
- **C. digital** → Digital

D

Deficiência → *Pessoas com deficiência*

Depósito da fé

44; 93-94; 113; 114; 186
→ *Conteúdos; Doutrina; Mensagem; Tradição*

Deus

2; **11-15**; 18-19; 23; 30; 33; 36; 50; 58 (nota); 64; 91; 105-106; 112; 157-158; 165; 168; 171; 174; 179; 187; 192; 197; 217; 236; 247; 271; 281; 283; 324; 326; 336-337; 347-348; 373; 378; 379; 382-383; 386; 427

→ *Espírito Santo; Jesus Cristo (Filho; Ressuscitado; Senhor; Verbo); Pai (Criador); Pedagogia de Deus; Revelação; Trindade (Trinitário)*

Diáconos

117-118; 151-153

Diálogo

31; 33; 41; **53-54**; 58; 89; 149; 151; 160; 165; 197; 203; 244; 252; 261; 268; 305; 315; 322; 325; 333; 358; 360; 391; 398; 419

→ *Anúncio (Anunciar); Escuta; Reciprocidade (Recíproco); Relação (Relacional)*

- **D. ecuménico** → *Ecumenismo*
- **D. inter-religioso** → *Religiões*
- **D. judaico-cristão** 347

Digital

213-217; 237; 245; **359-372**

Diocese → Igreja particular

Discernimento (Discernir)

33; 42; 64; 73; 84-85; 108; 122; 134; 147; 196; 216; 234; 252; 287; 289; 297; 302; 321 (nota); 325; 350; 356; 372; 391; 398; 405; 416; 419

→ *Sinais dos tempos*

Discípulos

1; 16; 21; 33-34; 42; 79; 86; 112; 121; 127; 135; 159-160; 162; 177; 261; 319; 344; 370; 386

→ *Seguimento de Cristo; Vida nova*

- **D. missionários** 4; 40; 50; 68; 89; 132; 135; 288; 303; 334-335; 419
→ *Alegria; Criatividade (Criativo); Evangelização (Evangelizar); Missão (Missionário); Testemunhas (Testemunho)*

Doutrina

12; 28-29; 44; 69; 80; 114; 183-184; 192; 205; 211; 253; 262; 317; 345; 353; 380

→ *Conteúdos; Depósito da fé*

- **D. social da Igreja** 146; 383; 390; 393

→ *Pobres; Sociedade (Social); Trabalho (Profissão)*

E

Eclesialidade

176; 192; 305; 308

→ *Igreja; Comunhão eclesial*

Ecologia → Criação

Ecumenismo (Ecuménico)

144; 185; 317; 322; **343-346**

Educação (Educar; Educativo)

55; 64; 77; 80; 105; 113; 118; 120; 124-125; 132; 133; 135; 136; 140; 149; 157-160; 164; 166; 176; **179-181**; 189; 194-195; 216; 227; 230-231; 238-239; 242; 249; 262; 299; 309-312; 314-315; 318; 323; 345; 368-369; 378; 384; 388

→ *Ciências humanas; Formação (Formativo)*

- **E. da fé** 31; 35; 74; 79-89; 98; 152; 269; 302; 393; 396

Educadores

113; 115; 125; 135; 148; 150; 158; 263; 362

→ *Acompanhamento (Acompanhar); Catequistas; Mestres*

Encarnação

29; 91; 159; 165; 172; 181; 194; 239; 269; 395

→ *Jesus Cristo (Filho; Ressuscitado; Senhor; Verbo)*

Encontro com Cristo

4; 29; 34; 48; 56; 63-65; 68; **75-76**; 97; 113; 130; 161; 190; 198; 220; 252-253; 265; 271; 387; 426-428

→ *Comunhão com Cristo*

Ensino

- **E. da religião católica** 37; 241; **311-312**; **313-318**; 408

→ *Escola*

- **E. de Deus e da Igreja** 30; 37; 127; 158; 164; 177-178; 185; 198; 226; 329; 355; 379-380; 409; 411
- **E. e catequese** 68; 79; 135; **166**; 189; 240; 299; 410

Escola

41; 241; 254; 309; 313-318; 324; 343; 369; 420

→ *Ensino da religião católica*

- **E. católica** 309-312

Esperança

28; 31; 72; 107; 113; 172; 244; 267-268; 327; 338; 426-427

Espírito Santo

2; 4; 12; **16**; 19-20; 22-24; 26; 31; 33; 36; **39**; **42**; 58; 78; 84; 86; 92-93; 110; 112; 131; **162-163**; **166**; 168; 171; 176; 197; 220; 260; 287; 289; 293; 295; 303; 304-305; 332-333; 338; 344; 394; 406; 425; 427-428

→ *Deus; Pentecostes; Trindade (Trinitário)*

Espiritualidade (Espiritual)

3-4; 24; 32; 34; 38; 40; 43; 71; 76; 88; 129; 135; 139; 142; 152; 163; 170; 184; 212; 217; 230; 232; 235; 244; 251; 253; 259; 262; 276; 277; 280; 291; 336-337; 341; 347; 354; 383

→ *Comunhão com Cristo; Encontro com Cristo; Formação (Formativo); Oração; Transformação (Transformar); Vida cristã*

Escuta

28; 58-59; 73; 84; 92; 134; 174; 197; 235; 245; 252; 258; 261; 282; **283**; **289**; 303; 304; 306; 325; 398; 419

→ *Anúncio (Anunciar); Diálogo; Reciprocidade (Recíproco); Relação (Relacional)*

Eucaristia

70; 81; 96-98; 160; 219; 242; 286; 294; 298; 340; 387

→ *Liturgia; Sacramentos*

Evangelho

1; 23; 31; 33; 41; 43-44; **58-59**; 66; 69; 74; 92; 99; 103; 107; 159; 164; 167; **172-173**; 175; 178; **179**; 207; 224; 227-228;

247; 284; 286; 293; 306; 313; 324; 327; 350; 380; 389; **395-400**; 406; 426

→ *Querigma (Querigmático); Mensagem; Palavra de Deus; Sagrada Escritura*

Evangelização (Evangelizar)

1; 5-6; 16; 23; **28-48**; 60; 63; **66-74**; 88; 101; 109; 121; 132; 135; 160; 179; 230-231; 239; 242; 272; 274; 281; 283; 286-289; 290; 294-295; 300-303; 304-306; 311; 319; 321-322; 340-341; 344; 353; 387; 389; 393; 395-396; 410; 416; 420; 427-428

→ *Anúncio; Catequese; Missão (Missionário); Processo da evangelização*

- **E. da cultura 42-44**; 355; 358; 367; 371-372; 393; 397

→ *Cultura (Contextos socioculturais)*

- **Nova e.** 5-6; **38-41**; 48; 51; 54; 66; 288; 304; 338; 387; 406

Experiência

2-3; 5; 24; 42; 46; 56; 63-64; 74; 76; 80-81; 95-96; 135; 138; 144-146; 148-149; 159-160; 165; 175; 189; 194-196; **197-200**; 204; 208-209; 212; 219-220; 232; 242; 247; 252-254; 257; 260; 262; 265; 268; 293; 299; 303; 369; **371-372**; 400

→ *Comunhão com Cristo; Encontro com Cristo; Formação (Formativo); Pessoa; Vida cristã*

F

Família

117-118; 124-127; **226-235**; 238-239; 242; 249; 271; 300; 420

→ *Matrimônio; Pais*

Fé

2; **17-21**; 33-35; 43-44; 51; 56-57; 72; 79-80; 85; 88; 101; 113; 164-166; 176-178; 184; 199; 203; 204; 224; 227; 257; 261; 267; 287; 299; 318; 322; 333; 336; 354; 357; 370; 389; 394; 396; 399; 401; 426; 428

→ *Ato de fé; Comunicação da fé; Depósito da fé; Educação da fé; Inculturação; Interiorização; Mentalidade de fé; Mistério; Profissão de fé; Resposta de fé; Símbolo da fé; Transmissão da fé*

Finalidade da catequese → *Catequese*

Fontes da catequese → *Catequese*

192; 201; 208; 210; 240; 347; 406
(nota)

Formação (Formativo)

2-3; 4-6; 50; 55; **63-64**; 71; **75**; 79-89;
97; 113; **131**; 160; 189; 219; 232; 253;
260; 265; 291; 306-307; 309; 314; 340;
344; 378; 383; 388; 393; 404; 410

→ *Ciências humanas; Educação (Educar; Educativo); Transformação (Transformar)*

- **F. dos catequistas** 116; **130-156**;
255; 263; 271; 276; 292; 357; 378;
413-414; 417; 419; 425

→ *Catequistas*

- **F. permanente** 56; **73-74**; 259; 277

Fraternidade (Fraterno)

14; 31; 34; 89; 105; 140; 218; 220; 226;
263; 265; 303; 328; 388

→ *Afetividade (Afetivo); Relação (Relacional)*

G

Graça

14; 19; 135; 148; 160; 162-163; 171;
174; 189; 192; 195; 220; 232; 234; 288

- **Primado da g.** 33; 109; **174**; 195;
201

Gradualidade (Gradual)

53; 61; 63-64; 71; 77; 98; 113; 157; 160;
178; 179; 190; 195; 232; 240; 242; 260;
424

→ *Amadurecimento (Maturidade); Pedagogia*

Grupo

116; 134; 135; 149-150; **218-220**; 232;
235; 247; 253; 265; 304-308; 325

→ *Comunidade (Comunitário); Relação (Relacional)*

H

Hierarquia das verdades

178; 192; 345-346

História (Histórico)

21; 22; 42; 55; 73; 91; 100; 102; 144-145;
169; 171-172; 176; 180; 195-196; 197-
198; 208; 295; 338; 348; 354-356; 427

- **H. da salvação** 12; 74; 113; 132;
144; 149; **157-163**; 170; **171-173**;

I

Idosos

266-268

Igreja

1; 4; 11; **21-29**; 64; 67; 69; 78; 89; 92-94;
100; 110-113; 122-123; 128; 130; 132;
141; 164-167; 171-172; **176**; 177; 182;
186; 195-196; 204-205; 208; 214; 219;
226; 229; 231-232; 234; 244; 252; 256;
266; 269; 274-275; 279-280; 282; **283-
289**; 290; 293-296; 299-300; 305-306;
308; 311; 319; 325; 331-334; 344; 347-
348; 355; 370; 377; 380; 385-386; 389;
394-395; 401; 407; 410; 411; 416; 426-
428

→ *Comunhão eclesial; Comunidade (Comunitário);
Eclesialidade; Povo de Deus*

- **I. local** 243; 271; 275; 293 (nota);
335; 401, 404-405; 407; 410; 413

- **I. particular** 10; 114; 123; 130;
143; 152; 155-156; 225; 273; 276;
277; 289; **293-297**; 298; 301; 305;
311; 325; 353; 394; 399-400; 407;
412; 414; **416-425**

→ *Bispos*

Igrejas orientais

144; 276; 277 (nota); 289; **290-292**; 411

Inculturação

3; 10; 42-43; 64; 114; 165; 186; 206; 319;
325; 336; 350; 358; 372; **394-406**; 418

→ *Cultura (Contextos socioculturais);
Evangelização (Evangelizar)*

Iniciação à vida cristã

61; 65; 125-126; 240-242; 421

→ *Catequese; Inspiração catecumenal da
catequese; Vida cristã*

Iniciação cristã

4; 31; 34; 56; **61-65**; **69-72**; 79; 81; 98;
112; 135; 166; 176; 189; 227; 232; 240-
243; 264; 277; 282; 297

→ *Catequese; Liturgia; Sacramentos; Vida cristã;
Vida nova*

Inspiração catecumenal da catequese

2; **61-65**; 135; 232; 242; 262; 297; 303; 328; 421

→ *Catecumenato; Catequese; Iniciação à vida cristã; Mistagogia*

Instrumentos

114; 116; 149; 192-193; 222; 247; 316; 353; 357; 364; 371; 401-402; 404-405; 407-408; 411; 413; 424

Interiorização

3; 71; 73; **76-77**; 105; 113 (nota); **131**; 139; 202-203; 210; 220; **396**

→ *Amadurecimento (Maturidade); Processo pessoal (Processo interior)*

Interlocutores da catequese → Pessoa; Sujeitos

Itinerários (Percursos)

31; 33-35; 41; 63-65; 69-70; 98; 116; 117; 125; 149; 151; 195-196; 225; 230-232; 240; 243; 253; 257; 262; 271; 277; 291; 303; 307; 330; 357; 370; 378; 393; 394; 403-404; 417; 419; 422; **424**

J

Jesus Cristo (Filho; Ressuscitado; Senhor; Verbo)

1-4; **11-18**; 22; 27; 29; 33-37; 38; 51; 55; 58; 75-76; 78; 83-84; 86; 91-93; 96; 101-102; 107; 110; 112-113; 117; 122; 131-132; 143; 157; **159-165**; **168-173**; 174-177; 187; 198-200; 201; 209; 218; 239; 244; 247; 252-253; 260; 269; 279; 283; 287-289; 303; 327; 329; 332-333; 338; 344-345; 348; 350; 353; 384-387; 392; 395; 406; 409; 426-428

→ *Comunhão com Cristo; Cristocentrismo; Deus; Encarnação; Encontro com Cristo; Páscoa (Pascal); Seguimento de Cristo; Trindade (Trinitário)*

Jovens

126; 129; 214; 216; 219; 232; **244-256**; 268; 303; 309; 357; 360; 362-363; 367-370; 393; 420

K

Kerygma (Kerygmático) → *Querigma (Querigmático)*

L

Laboratório

134-135; 149; 155

Leigos

111; **121-129**; 262; 277; 292; 304-308; 391; 393; 417; 421; 425

Liberdade (Livre)

17-19; 39; 47; 59; 85; 102; 131; 135; 139; 142; 149; 163; 248; 252; 261-262; 281; 322; 349; 370; 387; 396

→ *Pessoa*

Libertação (Libertar)

58; 78; 107; 158; 161; 171; 173; 229; 281-282; 333

→ *Salvação (Salvífico)*

Linguagem

41; 44; 98; 149; 167; **204-217**; 221; 245; 271; 326; 359; 363-364; 370; 394; 400

→ *Arte; Comunicação (Comunicar); Narrativa (Narrativo); Símbolos (Simbólico)*

- **L. digital** → *Digital*

Liturgia

1; 34; 63-65; 74; 76; 81-82; 87; **95-98**; 109; 110; 113; 116; 144; 170; 188-189; 202; 205; 211; 240; 253; 262; 272; 286; 290-291; 340; 353; 372; 421

→ *Ano litúrgico; Eucaristia; Sacramentos*

M

Magistério

26-27; 89; **93-94**; 144; 152; 184; 188; 205; 264; 285; 354; 357; 378; 383; 402; 410

→ *Depósito da fé; Romano Pontífice; Bispos*

Maria

87; 99-100; 109; 127; 159; 201; 239; 283-284; 338; 428

Mártires (Martírio)

99-100; 176; 205; 338; 344

Matrimônio

118; 124; 226; 228; 231-232; 264

→ *Família; Pais; Sacramentos*

Memória (Memorização)

113; 139; 164; 171; 193; **201-203**; 210; 266; 268; 360; 368

Mensagem

36; 53; 73; 80; 91; 105; 131; 136; 143-145; **167-178**; 194; 196; 199-200; 206; 208; 219; 260; 309; 313; 330; 388; 394; 403

→ *Conteúdos; Depósito da fé; Doutrina; Palavra de Deus; Tradição; Evangelho*

Mentalidade de fé

3; 34; 65; 71; **77**; **260**

→ *Fé; Moral (Ética); Vida cristã; Vida nova*

Mestres

24; 82; 93; 100; 113; 135; 143; 158; 160-161; 193; 236; 362

→ *Catequistas; Educadores*

Método

4; 38; 41; 179; 190; **194-196**; 197; 242; 271; 307; **397**

Ministério

- **M. da catequese** 110-111; 122-123; 185; 231; 255; 263

→ *Catequese; Catequistas*

- **M. da Palavra de Deus** 36-37; 55; 110; 112; **283-289**; 299; 311; 313

→ *Anúncio (Anunciar); Catequese*

Misericórdia

14-15; **51-52**; 58; 133; 158; 175; 234; 279-281; 328; 341; 380

Missão (Missionário)

3; 5; 16; 20-21; **22-23**; 28; 31; 33; 40-41; 44; 48-50; 55; 61; 64-65; **66-67**; 69; 75; 79; 92; 98; 110; 112-113; 135; 139; 159-160; 164; 206; 231; 252; 277; 281; 284;

289; 294; 298; **303**; 306; 311; 338; 350; 387; 400

→ *Catequese e missão; Conversão pastoral (Conversão missionária); Discípulos missionários; Evangelização (Evangelizar)*

Mistagogia

35; **63-64**; 98; 113; 152; 232; 291

→ *Catequese mistagógica; Inspiração catecumenal da catequese; Liturgia*

Mistério

2; 4; 6; 11-12; 14; 19; 25; 37; 51; 53; 55; 63-64; 71; 79; 81-82; 96-98; 113; 130; 144; 157; 159; 168; 170-172; 176; 179-180; 186; 191; 194-195; 200; 208; 221; 224; 228; 236; 239-240; 270; 286; 291; 338; 341; 347-348; 358; 372; 378; 384; 402; 404; 418; 426-427

Moral (Ética)

38; 79; **83-85**; 93; 141; 144; 169; 183; 253; 264; 291; 323; 355-356; 364; 373-374; 378; 383-384; 391

→ *Consciência; Vida cristã*

Movimentos eclesiais → *Associações e movimentos eclesiais*

N**Narração (Narrativo)**

59; 145; 149; 171; 192; **207-208**; 271; 328; 363-364

→ *Linguagem*

Novo Testamento → *Sagrada Escritura*

O**Oração**

35; 79; 82; **86-87**; 126; 144; 160; 189; 227; 251; 268; 272; 328; 338; 345; 394; 428

→ *Liturgia; Espiritualidade (Espiritual)*

Ordem sagrada → *Bispos; Diáconos; Presbíteros (Sacerdotes)*

P

Padres da Igreja

92; 97; 170; 176; 188; 205; 290-291

Pai (Criador)

12; 22; 52; 58; 75; 78; 86; 91; 109; 112; 131; 158; 163; 164; 168; 227; 239; 244; 252; 274; 329; 357; 379-380; 384; 428

→ *Criação; Deus; Trindade (Trinitário)*

Pais

124-125; 228; 232; 236; 238-239; 310; 314

→ *Família; Matrimônio*

Palavra de Deus

17; 23; **25-27**; 36; 55; 65; 74 (nota); **90-92**; 93-94; 117; 151; 165; 167-169; 172; 180; 194-195; 197; **283-287**; 291; 294-295; 298-299; 304, 306; 327; 347-348; 358; 395; 398; 406; 428

→ *Ministério da Palavra de Deus; Sagrada Escritura; Tradição*

Paróquia

116; 154; 240; 277 (nota); **298-303**; 304-305; 308; 328; 425

→ *Igreja particular; Comunidade (Comunitário)*

Páscoa (Pascal)

14; 55; 60; 63-64; 98; 107; 113; 144; 162; 171; 208; 243; 253; 291; 328; 353; 378; 426

→ *Jesus Cristo (Filho; Ressuscitado; Senhor; Verbo)*

Pecado (Pecadores)

12-15; 33; 64; 107; 159; 161; 175; 229; 282; 390; 398; 426

Pedagogia

114; 135; **146-147**; 149; 152; **180-181**; 195; 204; 220; 225; 236-237; 312; 402

→ *Acompanhamento (Acompanhar); Ciências humanas; Educação (Educar; Educativo); Formação (Formativo); Gradualidade (Gradual)*

- **P. da fé** 52; 65; 148-150; **164-166**; 179; 194; 201; 218; 402

→ *Educação da fé*

- **P. de Deus** 79; **157-165**; 167; 192; 234

→ *História da salvação*

Penitência → *Conversão*

Pentecostes

67; 295; 428

→ *Espírito Santo*

Pessoa

17-18; 21; 47-48; 54; 64-65; **75-77**; 102; 105; 131; 136-142; 168; 172; 179-180; 195; 197-198; 204; 208; 212; 213; 219-220; **224**; 226; 235; 246; 248; 252; 256; **257-263**; 265; 267-268; 269; 273; 279; 281; 314; 325; 328; 352-353; 356; 360-361; **362-364**; 370; 373-378; **379-380**; 381; 388; 392; **396**; 404; 418

→ *Consciência; Experiência; Liberdade (Livre); Sujeitos; Processo pessoal (Processo interior)*

Pessoas com deficiência

269-272

Piedade popular

37; 82; 202; 262; 264; 278; **336-342**; 353

Pluralismo religioso → *Religiões*

Pobres

15; 131; 159; 175; 279-280; 298; 306; 319; 335; 336-337; 340; 382; **385-388**

Povo de Deus

21; 93-94; 96; 110; 114; 158; 165; 176-177; 184; 283; **287-289**; 293; 299; 336; 338; 347-348; 394; 399-400; 416

→ *Igreja*

Pré-adolescentes → *Jovens*

Presbíteros (Sacerdotes)

110; **115-116**; 123; 134; **151-153**; 249; 254; 277; 292; 293; 298; 417; 425

Primeiro anúncio

31; 33; 37; 41; 56-58; 63; **66-68**; 78; 117; 152; 230; 232; 238; 240; 280; 297; 303; 341; 421

→ *Catequese querigmática; Querigma (Querigmático)*

Processo

- **P. da catequese** 3; 63-74; 75; 135; 150; **166**; 180; 190; 197; 203; 225; 242; 262; 325; 328; 372; 398; 403; 422
→ *Catequese*
- **P. da evangelização** 4-6; **31-37**; 39; 43; 56; **66-74**; 286; 303; 334; 419; 427
→ *Evangelização (Evangelizar)*
- **P. pessoal** (P. interior) 3; 43; 78; 113 (nota); 130; 149; 190; 198; 216; 220; 224; 246; **257**; 259-260; 313; 396
→ *Acompanhamento (Acompanhar); Amadurecimento (Maturidade); Interiorização; Mentalidade de fé; Pessoa*

Profissão de fé

34; 58; 69; 78; 188-189; 202-203; 338; 342; 348; 426
→ *Ato de fé; Fé; Processo pessoal (Processo interior); Resposta de fé; Símbolo da fé*

Programa de ação → Itinerários (Percursos)

Projeto

43; 114; 116; 134-135; 253; 274; 297; 413; 417; **422-424**

Q

Querigma (Querigmático)

2; 33; **57-60**; 63; 71; 145; 175; 196; 230; 232; 247; 253; 282; 303; 325; 327; 353; 420
→ *Anúncio (Anunciar); Catequese querigmática; Primeiro anúncio; Evangelho*

R

Reciprocidade (Recíproco)

33; 58; 133; 146; 179; 197; 229; 242; 245; 270; 289; 293; 303; 387; 397; 407
→ *Diálogo; Escuta*

Reforma das estruturas

40; 297; 300-302
→ *Conversão pastoral (Conversão missionária)*

Reino de Deus

15; 37; 50; 75; 79; 85; 138-139; 159; 172-174; 198; 200; 232; 261-262; 319; 326; 386

Relação (Relacional)

5; 17; 21; 47; 59; 76; 131; 136; **139-140**; 149-150; 164; 168; 176; 180; 197; 203; 204; **218-220**; 222-223; 226; 237; 241; 245; 247; 257; 261-263; 265; 270; 280; 282; 301; 303; 310; 326; 359; 361; 369; 386; 390; 397
→ *Afetividade (Afetivo); Diálogo; Grupo; Pessoa*
- **R. com Cristo** → *Comunhão com Cristo*

Religiões

33; 37; 43; 144; 258; 317; 320; 322; 325; 335; 343; **349-353**

Resposta de fé

3; 19; 21; 28; 33; 64; 73; 157; 159; 161; 166; 174; 189; **203**; 253
→ *Ato de fé; Fé; Processo pessoal (Processo interior); Profissão de fé*

Ressurreição → Páscoa (Pascal)

Revelação

11-30; 36; 40; 51-53; 93-94; 101; 157-158; 165; 168; 171; 178; 200; 201; 290; 355; 373; 377; 379; 402
→ *Deus*

Romano Pontífice

93; 289; 354 (nota); 380; 381; 409-410
→ *Magistério*

S

Sacramentos

16; 31; 34-35; 56; 62-63; 69-70; 74; 81; 83; 96; 98; 117; 122; 144; 171; 189; 240-241; 244; 264; 272; 274; 278; 282; 286; 293; 299; 335
→ *Batismo; Confirmação; Eucaristia; Iniciação cristã; Liturgia; Matrimônio*

Sagrada Escritura

25-27; **58**; 72; 74; 80; 87; **90-94**; 106-107; 135; 143-145; 158; 170; 171; 182; 187; 202; 205; 207; 240; 262; 264; 268;

282; 283; 286; 290; 340; 344; 348; 353;
383; 385; 426

→ *Palavra de Deus; Evangelho*

Salvação (Salvífico)

2; 11-16; 22; 25; **30**; 53; 58-59; 75; 85;
93-94; 98; 110; 113; 131; 158-159; 161;
165; **171-173**; 174; 181; 184; 189; 196;
201; 219; 239; 270; 282; 286; 293; 298;
348; 387; 428

→ *Libertação (Libertar); História da salvação*

Santos

99-100; 109; 164; 176; 188; 205; 264;
338; 342

Secretariado de catequese

243; 410; 412-414; 417-425

→ *Coordenação; Formação dos catequistas;
Instrumentos; Itinerários (Percurso); Projeto*

Seguimento de Cristo

18; 31; 83; 169

→ *Conversão; Discípulos; Vida cristã*

Símbolo da fé

21; 63; 78; 80; 144; 189; 205

→ *Profissão de fé*

Símbolos (Simbólico)

64; 82; 205; 209; 239; 326; 336; 341;
353; 383; 406

→ *Arte; Linguagem; Liturgia*

Sinais dos tempos

5; 42; 319

Sínodo (Sinodal)

289; 321

→ *Comunhão eclesial*

Sociedade (Social)

16; 20; 43; 45-46; 53-54; 60; 73; 103;
173; 180; 196; 220; 226; 231; 237; 250;
259; 264; 266; 273; 304; 306; 314; 319-
320; 323-324; 326-328; 330; 337; 352;
354; 359-362; 379; 381-383; **389-391**;
404; 418

→ *Cultura (Contextos socioculturais); Doutrina
social da Igreja*

Sujeitos

4; 40; 77; 89; 111; 124; 132; 135; 148;
196; 203; 204; 218; 230-231; 242; 247;
261-263; 269; 287-288; 294; 311; 390;
396; 400; 403-404; 416; 423

→ *Adultos; Catecúmenos; Crianças (de primeira e
segunda infância); Comunidade (Comunitário);
Família; Idosos; Jovens; Pais; Pessoa; Pessoas com
deficiência; Povo de Deus; Pobres*

T

Tarefas da catequese → *Catequese*

Teologia

37; 72; **101**; 114; **143-145**; 155; 176;
184; 190-191; 225; 355; 357; 411

Testemunhas (Testemunho)

16; 23; 31; 33; 51; **58-59**; 64-65; 74; 88;
97; 99-100; 110; **112-113**; 130; 135;
139; 143; 162; 164; 205; 227; 240; 244;
249; 261; 268; 270-272; 279; 287; 315;
328; 346; 350; 357; 393

→ *Anúncio; Caridade; Vida cristã*

Trabalho (Profissão)

20; 117; 173; 250; 256; 264; 274; 318;
358; 391; **392-393**

Tradição

24-27; 72; 80; 91-95; 98; 112; 145; 170;
185; 188; 191; 206; 290; 385; 402; 410

→ *Depósito da fé; Mensagem; Palavra de Deus;
Transmissão da fé*

Transformação (Transformar)

3; 20; 55; 71; **76**; 96; 98; **131**; 135; 175;
179; 209; 260; 314; 371

→ *Espiritualidade (Espiritual); Formação
(Formativo); Interiorização*

- **T. missionária** → *Conversão pastoral
(Conversão missionária)*

Transmissão da fé

5; 21; **22-28**; 36; 74; 91; 93; 100; 112-
113; 114; 124; 126; 143; 158; 167; 169;
175-177; 181; 201; 203; 204; 227; 231;
265; 268; 285; 290; 293; 338; 340; 371;
396; 399-400; 406; 409; 426-428

→ *Anúncio (Anunciar); Evangelização
(Evangelizar); Fé; Tradição*

Trindade (Trinitário)

14; 51; 75; 78; 88; **168**; 189; 192; 344

→ *Deus; Jesus Cristo (Filho; Ressuscitado; Senhor; Verbo); Pai (Criador); Revelação; Espírito Santo*

V

Verdade

14-15; 17-19; 22-23; 41; 50-51; 59; 80; 83; 94; 101; 109; 113; 135; 145; 157; 160-162; 167; 172; 174; **178**; 181; 184; 191; 193; 195-196; 199-200; 210; 240; 252; 270; 315; 349; 358; 364; 379; 384; 394; 402

Via pulchritudinis → *Beleza (Belo)*

Vida

- **V. consagrada** → *Consagrados*

- **V. cristã** 4; 31; 34-35; 61; 63-65; 70-71; 73-74; 75; 77; 79; 86; 88; 95-96; 98; 113; 126; 135; 138; 189-190; 227; 239-240; 262; 265; 304; 313; 384; 405

→ *Consciência; Espiritualidade (Espiritual); Experiência; Iniciação à vida cristã; Iniciação cristã; Mentalidade de fé; Moral (Ética); Seguimento de Cristo; Testemunha (Testemunho)*

- **V. eterna** 12-13; 35; 85; 173-174; 426

- **V. nova** 1; 4; 13-14; 20; 56; 64-65; 76; 83-84; 113; 133; 163; 426; 428

→ *Batismo; Discípulos; Iniciação cristã; Mentalidade de fé*

Vocação (Chamamento)

14; 17; 35; 83; **85**; **110-113**; 115-116; 122; 133; 138; 198; 224; 232; 249; 252-253; 370; 377; 386

ÍNDICE GERAL

SIGLAS E ABREVIATURAS

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO (1-10)

PRIMEIRA PARTE

A catequese na missão evangelizadora da Igreja

CAPÍTULO I

A Revelação e a sua transmissão

1. **Jesus Cristo, revelador e revelação do Pai (11-16)**
 - A Revelação do desígnio providencial de Deus
 - Jesus anuncia o Evangelho da salvação
2. **A fé em Jesus Cristo: a resposta a Deus que se revela (17-21)**
3. **A transmissão da Revelação na fé da Igreja (22-37)**
 - Revelação e evangelização
 - O processo da evangelização
4. **A evangelização no mundo contemporâneo (38-54)**
 - Uma nova etapa evangelizadora
 - Evangelização das culturas e inculturação da fé
 - A catequese ao serviço da nova evangelização
 - *A catequese «em saída missionária»*
 - *A catequese sob o sinal da misericórdia*
 - *A catequese como «laboratório» de diálogo*

CAPÍTULO II

A identidade da catequese

1. **Natureza da catequese (55-65)**
 - Relação íntima entre *querigma* e catequese
 - O catecumenato, fonte de inspiração para a catequese
2. **A catequese no processo da evangelização (66-74)**
 - Primeiro anúncio e catequese
 - Catequese de iniciação cristã
 - Catequese e formação permanente para a vida cristã
3. **Finalidade da catequese (75-78)**
4. **Tarefas da catequese (79-89)**
 - Levar ao conhecimento da fé
 - Iniciar à celebração do mistério
 - Formar para a vida em Cristo
 - Ensinar a rezar
 - Introduzir à vida comunitária
5. **Fontes da catequese (90-109)**
 - A Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição
 - O Magistério
 - A liturgia
 - O testemunho dos santos e dos mártires

- A teologia
- A cultura cristã
- A beleza

CAPÍTULO III

O catequista

1. **A identidade e a vocação do catequista (110-113)**
2. **O Bispo, primeiro catequista (114)**
3. **O presbítero na catequese (115-116)**
4. **O diácono na catequese (117-118)**
5. **Os consagrados ao serviço da catequese (119-120)**
6. **Os leigos catequistas (121-129)**
 - Os pais, sujeitos ativos da catequese
 - *Padrinhos e madrinhas, colaboradores dos pais*
 - O serviço dos avós para a transmissão da fé
 - O grande contributo das mulheres para a catequese

CAPÍTULO IV

A formação dos catequistas

1. **Natureza e finalidade da formação dos catequistas (130-132)**
2. **A comunidade cristã, lugar privilegiado da formação (133-134)**
3. **Critérios para a formação (135)**
4. **As dimensões da formação (136-150)**
 - *Ser e saber ser com*: maturidade humana, cristã e consciência missionária
 - *Saber*: formação bíblico-teológica e conhecimento do homem e do contexto social
 - *Saber fazer*: formação pedagógica e metodológica
5. **A formação catequética dos candidatos às sagradas Ordens (151-153)**
6. **Centros de formação (154-156)**
 - Centros de formação de base dos catequistas
 - Centros de especialização para responsáveis e animadores da catequese
 - Centros superiores para especialistas em catequética

SEGUNDA PARTE

O processo da catequese

CAPÍTULO V

A pedagogia da fé

1. **A pedagogia divina na história da salvação (157-163)**
2. **A pedagogia da fé na Igreja (164-178)**
 - Critérios para o anúncio da mensagem evangélica
 - *Critério trinitário e cristológico*
 - *Critério histórico-salvífico*
 - *Critério do primado da graça e da beleza*
 - *Critério da eclesialidade*
 - *Critério da unidade e da integridade da fé*
3. **A pedagogia catequética (179-181)**
 - Relação com as ciências humanas

CAPÍTULO VI

O Catecismo da Igreja Católica

1. **O Catecismo da Igreja Católica (182-192)**
 - Nota histórica

- Identidade, finalidade e destinatários do *Catecismo*
 - Fontes e estrutura do *Catecismo*
 - Significado teológico-catequético do *Catecismo*
- 2. O Compêndio do Catecismo da Igreja Católica (193)**

CAPÍTULO VII

A metodologia na catequese

- 1. A relação conteúdo-método (194-196)**
 - A pluralidade dos métodos
- 2. A experiência humana (197-200)**
- 3. A memória (201-203)**
- 4. A linguagem (204-217)**
 - A linguagem narrativa
 - A linguagem da arte
 - As linguagens e os instrumentos digitais
- 5. O grupo (218-220)**
- 6. O espaço (221-223)**

CAPÍTULO VIII

A catequese na vida das pessoas

- 1. Catequese e família (224-235)**
 - Âmbitos da catequese familiar
 - *A catequese na família*
 - *A catequese com a família*
 - *A catequese da família*
 - Indicações pastorais
 - Novos cenários familiares
- 2. Catequese com as crianças (236-243)**
- 3. Catequese na realidade juvenil (244-256)**
 - Catequese com os pré-adolescentes
 - Catequese com os adolescentes
 - Catequese com os jovens
- 4. Catequese com os adultos (257-265)**
- 5. Catequese com os idosos (266-268)**
- 6. Catequese com as pessoas com deficiência (269-272)**
- 7. Catequese com os migrantes (273-276)**
- 8. Catequese com os emigrantes (277-278)**
 - Assistência religiosa nos países de emigração
 - Catequese nos países de origem
- 9. Catequese com as pessoas marginalizadas (279-282)**
 - Catequese na prisão

TERCEIRA PARTE

A catequese nas Igrejas particulares

CAPÍTULO IX

A comunidade cristã, sujeito da catequese

- 1. A Igreja e o ministério da Palavra de Deus (283-289)**
- 2. As Igrejas orientais (290-292)**
- 3. As Igrejas particulares (293-297)**
- 4. As paróquias (298-303)**

5. **As associações, os movimentos e os grupos de fiéis (304-308)**
6. **A escola católica (309-312)**
7. **O ensino da religião católica na escola (313-318)**

CAPÍTULO X

A catequese diante dos cenários culturais contemporâneos

1. **Catequese em situação de pluralismo e de complexidade (319-342)**
 - O contexto urbano
 - O contexto rural
 - As culturas locais tradicionais
 - A piedade popular
 - *O santuário e a peregrinação*
2. **Catequese em contexto ecumênico e de pluralismo religioso (343-353)**
 - Catequese em contexto ecumênico
 - Catequese em relação ao judaísmo
 - Catequese no contexto de outras religiões
 - Catequese no contexto dos novos movimentos religiosos
3. **Catequese em contextos socioculturais (354-393)**
 - Catequese e mentalidade científica
 - Catequese e cultura digital
 - *Características gerais*
 - *Transformação antropológica*
 - *Cultura digital como fenómeno religioso*
 - *Cultura digital e questões educativas*
 - *Anúncio e catequese na era digital*
 - Catequese e algumas questões de bioética
 - Catequese e integridade da pessoa
 - Catequese e compromisso ecológico
 - Catequese e opção pelos pobres
 - Catequese e compromisso social
 - Catequese e mundo do trabalho

CAPÍTULO XI

A catequese ao serviço da inculturação da fé

1. **Natureza e finalidade da inculturação da fé (394-400)**
2. **Os Catecismos locais (410-408)**
 - Indicações para obter a necessária aprovação da Sé Apostólica para os *Catecismos* e os outros escritos relativos à instrução catequética

CAPÍTULO XII

Os organismos ao serviço da catequese

1. **A Santa Sé (409-410)**
2. **Os Sínodos dos Bispos ou os Conselho dos Hierarcas das Igrejas orientais (411)**
3. **A Conferência episcopal (412-415)**
4. **A diocese (416-425)**
 - O Secretariado diocesano de catequese e as suas tarefas
 - *Análise da situação*
 - *Coordenação da catequese*
 - *Projeto diocesano de catequese*
 - *Programa de ação*
 - *Formação dos catequistas*

CONCLUSÃO (426-428)

ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

ÍNDICE TEMÁTICO

ÍNDICE GERAL